



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

EDNA RANIELLY DO NASCIMENTO FERNANDES

**METAPLASMOS POR SUPRESSÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: casos de
apócope e monotongação no Sítio Arisco – Lagoa de Dentro\PB**

Recife
2019

EDNA RANIELLY DO NASCIMENTO FERNANDES

METAPLASMOS POR SUPRESSÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: casos de apócope e monotongação no Sítio Arisco – Lagoa de Dentro\PB

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Letras.

Área de concentração: Linguística

Orientador: Prof. Dr. Vicente Masip Viciano

Recife
2019

Catálogo na fonte
Bibliotecária Jéssica Pereira de Oliveira, CRB-4/2223

F363m Fernandes, Edna Ranielly do Nascimento
Metaplasmos por supressão do português brasileiro: casos de apócope e monotongação no Sítio Arisco – Lagoa de Dentro\PB / Edna Ranielly do Nascimento Fernandes. – Recife, 2019.
262f.: il.

Orientador: Vicente Masip Viciano.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Letras, 2019.

Inclui referências, anexos e apêndices.

1. Metaplasmos. 2. Apócope. 3. Monotongação. 4. Sociolinguística. I. Viciano, Vicente Masip (Orientador). II. Título.

410 CDD (22. ed.)

UFPE (CAC 2019-85)

EDNA RANIELLY DO NASCIMENTO FERNANDES

METAPLASMOS POR SUPRESSÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: casos de apócope e monotongação no Sítio Arisco – Lagoa de Dentro\PB

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Letras.

Aprovada em: 21/02/2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Vicente Masip Viciano (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. José Alberto Miranda Poza (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a. Dr^a. Cristina Bongestab (Examinadora Externa)
Universidade Federal de Pernambuco

AGRADECIMENTOS

A Deus, o dono da minha existência. Aquele que “amou o mundo de tal maneira que deu o seu filho unigênito, para que todo aquele nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (João 3:16).

A Jesus, o senhor da minha vida. O homem que “tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si; e nós o reputamos por aflito, ferido de Deus e oprimido. Mas ele foi ferido pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e, pelas suas pisaduras fomos sarados” (Isaías 53:4,5).

Ao Espírito Santo, o meu fiel conselheiro. “[...] O Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo que tenho vos dito” (João 14:26).

À minha mãe, Maria das Dores, por me ensinar que a educação é sempre o melhor caminho. “Honra o teu pai e a tua mãe, como o SENHOR, teu Deus, te ordenou, para que se prolonguem os teus dias e para que te vá bem na terra que te dá o SENHOR, teu Deus” (Deuteronômio 5:16).

Ao meu esposo, José Leonardo, por me amar quando eu já não me suporto. “Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos e não tivesse amor, seria como o metal que soa ou como o sino que tine” (1Coríntios 13:1).

Aos meus irmãos, Neire Carla e Nielson, pela constante preocupação com os efeitos colaterais de uma dissertação. “Mas, se alguém não tem cuidado dos seus e principalmente dos da sua família, negou a fé e é pior do que o infiel” (1Timóteo 5:8).

Ao meu orientador, Professor Doutor Vicente Masip Viciano, pelo apoio, ética e orientação.

À banca examinadora, Professor Doutor José Alberto Miranda Poza e Professora Doutora Cristina Bongestab, pelas contribuições e comentários acerca dessa pesquisa.

Às Professoras Doutoradas, Stella Telles e Cristina Corral Esteves, pela participação como membros suplentes internos e externos.

Aos professores do PPGL, pelas discussões, leituras e conhecimentos transmitidos.

À minha turma de mestrado, por compartilhar comigo angústias, medos e alegrias.

À coordenação do PPGL, pela dedicação e ética profissional.

Aos doze falantes entrevistados, pela paciência, disponibilidade e empatia.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior (CAPES), pelo financiamento dessa pesquisa, conforme a oferta de bolsa de estudo.

RESUMO

O Sítio Arisco, situado em Lagoa de Dentro\PB, é constituído por um público relevante para o património linguístico brasileiro, dado que os integrantes dessa comunidade carregam, em suas falas, marcas da língua utilizada em contextos reais ou, ainda, marcas estruturais e sociais que definem o português oral do Brasil. Diante da importância linguística desse povo, nossos objetivos são: descrever as variações fonéticas\fonológicas, a partir dos casos de Metaplasmos por Apócope e Monotongação; analisar as propriedades acústicas\articulatórias do som; detectar quais mecanismos internos ocasionam os metaplasmos por Apócope e Monotongação; e, detectar quais mecanismos externos (faixa etária ou escolaridade) são mais significativos para as ocorrências desses fenômenos. Utilizamos como procedimentos metodológicos a pesquisa em campo, a partir de entrevistas realizadas com 12 falantes, selecionados conforme a faixa etária (1: 16 a 30 anos; 2: 31 a 70 anos), o nível escolar (analfabeto, semianalfabeto, fundamental I, fundamental II, médio e superior) e a naturalidade; a análise acústica do som, a partir das representações no PRAAT; a análise articulatória do som, a partir das transcrições fonéticas\fonológicas; a análise social, a partir da quantificação dos fenômenos no Excel. Quanto aos pressupostos teóricos adotados, utilizamos aportes sobre os modelos fonológicos em Linguística (Bisol, 2005; Chomsky e Halle, 1979; Hora e Voegley, 2017; Jakobson e Halle, 1980; Saussure, 2012; Trubetzkoy, 1973, etc.), sobre a Sociolinguística (Bagno, 2017; Labov, 2008; Weinreich, Labov e Herzog, 2006, etc), sobre a história da Língua portuguesa (Cardeira, 2006; Coutinho, 1976, etc.), sobre os Metaplasmos (Bagno, 2007; Coutinho, 1976; Masip, 2003, etc.), sobre a Fonética articulatória (Cristófar-Silva, 2003; Silveira, 1982, etc.) e sobre a Fonética acústica: PRAAT (Jubran, 2004; Masip, 2015; Oca, 2001, etc.). A pesquisa nos permitiu detectar que os casos de Apócope e Monotongação são afetados, estruturalmente, pelo Princípio de economia linguística, assimilação, estrutura silábica do Português brasileiro, entre outros. As estratificações sociais (faixa etária e escolaridade), de um modo geral, influenciam, na mesma proporção, os casos de Metaplasmos por Apócope. Nos casos de Metaplasmos por Monotongação, a influência do fator faixa etária prevalece.

Palavras-chave: Metaplasmos. Apócope. Monotongação. Sociolinguística.

RESUMEN

El Sitio Arisco, situado en Lagoa de Dentro, PB, es constituido por un público relevante para el patrimonio lingüístico brasileño, dado que los integrantes de esa comunidad cargan, en sus palabras, marcas de la lengua utilizada en contextos reales o, aún, marcas estructurales y sociales que definen el Portugués oral de Brasil. Ante la importancia lingüística de ese pueblo, nuestros objetivos es describir las variaciones fonéticas \ fonológicas, a partir de los casos de Metaplasmos por Apócope y Monotongación; analizar las propiedades acústicas y articulatorias del sonido; detectar qué mecanismos internos causan los metaplasmos por Apócope y Monotongación; y, detectar qué mecanismos externos (grupo de edad o escolaridad) son más significativos para las ocurrencias de estos fenómenos. Utilizamos como procedimientos metodológicos o trabajo de campo, a partir de entrevistas realizadas con 12 hablantes, seleccionados de acuerdo con lo grupo de edad (1: 16 a 30 años, 2: 31 a 70 años), con el nivel escolar (analfabeto, semianalfabeto, fundamental I, fundamental II, medio y superior) y con la naturalidad; el análisis acústico del sonido, a partir de las representaciones en el PRAAT; el análisis articulatorio del sonido, a partir de las transcripciones fonéticas y fonológicas; el análisis social, a partir de la cuantificación de los fenómenos en Excel. En cuanto a los presupuestos teóricos adoptados, utilizamos aportes sobre los modelos fonológicos en Lingüística (Bisol, 2005; Chomsky y Halle, 1979; Hora y Vogeley, 2017; Jakobson y Halle, 1980; Saussure, 2012; Trubetzkoy, 1973, etc.), sobre la Sociolingüística (Bagno, 2017; Labov, 2008, Weinreich, Labov y Herzog, 2006, etc); sobre la historia de la Lengua portuguesa (Cardeira, 2006; Coutinho, 1976, etc.), sobre los Metaplasmos (Bagno, 2007; Coutinho, 1976; Masip, 2003, etc.), sobre la Fonética articulatoria (Cristófaro-Silva, 2003; Silveira, 1982, etc.) y sobre la Fonética acústica: PRAAT (Jubran, 2004, Masip, 2015, Oca, 2001, etc.). La investigación nos ha permitido detectar que los casos de apócope y monoptongación se ven afectados, estructuralmente, por el Principio de economía lingüística, asimilación, la estructura silábica do Portugués brasileño, entre otros. Las estratificaciones sociales (grupo de edad y escolaridad), en general, influyen, en la misma proporción, los casos de Metaplasmos por Apócope. En los casos de Metaplasmos por Monotongación, la influencia del factor grupo de edad prevalece.

Palabras clave: Metaplasmos. Apócope. Monoptongación. Sociolingüística.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Traços acústicos do Português brasileiro.....	59
Imagem 2 - Fonemas portugueses segundo a Fonologia Gerativa.....	68
Imagem 3 - Esquema fonêmico das vogais latinas segundo Back (1968).....	111
Imagem 4 - Reduções das vogais: Latim clássico X Latim vulgar.....	111
Imagem 5 - Metaplasmos em inscrições lapidares.....	114
Imagem 6 - Sítio Arisco: área da vila ou bairro São José.....	119
Imagem 7 - “O aparelho fonador e os articuladores passivos e ativos, as cavidades oral, nasal, faringal e a glote (cordas vocais)”.....	124
Imagem 8 - “Símbolos fonéticos consonantais relevantes para transcrição do português”	125
Imagem 9 - Vogais do Português brasileiro.....	127
Imagem 10 - Falante ALDS – pronúncia fonética da palavra plantando.....	156
Imagem 11 - Falante JADS – pronúncia fonética da palavra vivendo.....	156
Imagem 12 - Falante SG – pronúncia fonética da palavra precisando.....	157
Imagem 13 - Falante MFDS – pronúncia da palavra vivendo.....	157
Imagem 14 - Falante MWFDS – pronúncia da palavra botando.....	157
Imagem 15 - Falante RAE – pronúncia da palavra faltando.....	158
Imagem 16 - Falante MDDDC – pronúncia da palavra formando.....	158
Imagem 17 - Barra de vozeamento – fonema \d\.....	160
Imagem 18 - Fonema oclusivo vozeado e desvozeado.....	160
Imagem 19 - Trecho acústico da última sílaba da palavra vivendo.....	161
Imagem 20 - Exemplo acústico do fonema nasal /n/.....	165
Imagem 21 - Diferença entre as ondas sonoras da oclusiva [d] e da nasal [n].....	165
Imagem 22 - Diferenças de energia entre os formantes do som nasal [n].....	167
Imagem 23 - Falante ALDS – pronúncia da palavra jogaram.	167
Imagem 24 - Falante JADS – pronúncia da palavra viram.....	168
Imagem 25 - Falante JFDS – Pronúncia da palavra falam.....	168
Imagem 26 - Falante JLFDS – Pronúncia da palavra dizem.....	168
Imagem 27 - Falante SG – Pronúncia da palavra brincarem.....	169
Imagem 28 - Falante MFDS – Pronúncia da palavra dizem.....	169
Imagem 29 - Falante MWFDS – Pronúncia da palavra vieram.....	169
Imagem 30 - Falante NCCDS – Pronúncia da palavra denominaram.....	170
Imagem 31 - Falante RAE – Pronúncia da palavra botaram.....	170

Imagem 32 - Falante MDDDC – Pronúncia da palavra colocaram.....	170
Imagem 33 - Características acústicas das vogais orais do Português brasileiro.....	178
Imagem 34 - Falante ALDS – Pronúncia do verbo estar.....	180
Imagem 35 - Falante JADS – Pronúncia da palavra cortar.....	180
Imagem 36 - Falante JFDS – Pronúncia da palavra passar.....	181
Imagem 37 - Falante JLFDS – Pronúncia da palavra brincar.....	181
Imagem 38 - Falante SG – Pronúncia da palavra pregar.....	181
Imagem 39 - Falante MFDS – Pronúncia da palavra explicar.....	182
Imagem 40 - Falante MWFDS – Pronúncia da palavra botar.....	182
Imagem 41 - Falante NCCDS – Pronúncia da palavra dançar.....	182
Imagem 42 - Falante RAE – Pronúncia da palavra calçar.....	183
Imagem 43 - Falante MDDDC – Pronúncia da palavra falar.....	183
Imagem 44 - Falante REDS – Pronúncia da palavra buscar.....	183
Imagem 45 - Falante JRCDS – Pronúncia da palavra lembrar.....	184
Imagem 46 - Falante ALDS – Pronúncia da palavra dizer.....	184
Imagem 47 - Falante JADS – Pronúncia da palavra viver.....	184
Imagem 48 - Falante JFDS – Pronúncia da palavra ler.....	185
Imagem 49 - Falante SG – Pronúncia da palavra correr.....	185
Imagem 50 - Falante MFDS – Pronúncia da palavra fazer.....	185
Imagem 51 - Falante MWFDS – Pronúncia da palavra trazer.....	186
Imagem 52 - Falante NCCDS – Pronúncia da palavra ser.....	186
Imagem 53 - Falante RAE – Pronúncia da palavra querer.....	186
Imagem 54 - Falante MDDDC – Pronúncia da palavra comer.....	187
Imagem 55 - Falante REDS – Pronúncia da palavra ter.....	187
Imagem 56 - Falante JRCDS – Pronúncia da palavra locomover.....	187
Imagem 57 - Trecho acústico da sílaba tar.....	192
Imagem 58 - Falante ALDS – Pronúncia da palavra difícil.....	193
Imagem 59 - Falante JADS – Pronúncia da palavra fácil.....	193
Imagem 60 - Falante ALDS – Pronúncia da palavra qualquer.....	194
Imagem 61 - Falante JFDS – Pronúncia da palavra macaxeira.....	194
Imagem 62 - Falante JLFDS – Pronúncia da palavra virou.....	194
Imagem 63 - Falante SG – Pronúncia da palavra brincadeira.....	195
Imagem 64 - Falante MFDS – Pronúncia da palavra transformou-se.....	195
Imagem 65 - Falante MWFDS – Pronúncia da palavra negócio.....	195

Imagem 66 - Falante NCCDS – Pronúncia da palavra deixou.....	196
Imagem 67 - Falante RAE– Pronúncia da palavra salário.....	196
Imagem 68 - Falante MDDDC – Pronúncia da palavra salário.....	196
Imagem 69 - Falante REDS – Pronúncia da palavra outro.....	197
Imagem 70 - Falante JRCDS – Pronúncia da palavra levou.....	197
Imagem 71 - Trecho acústico [siw] da palavra difícil.....	212
Imagem 72 - Trecho acústico [kuaw] da palavra “qualquer”.....	213
Imagem 73 - Trecho acústico da vogal [e] (Falante JFDS).....	214
Imagem 74 - Trecho acústico da vogal [o] (Falante JLFDS).....	215
Imagem 75 - Trecho acústico da vogal [u] (Falante RAE).....	216
Imagem 76 - Trecho acústico da vogal [i] e da vogal[u].....	216
Imagem 77 - Trecho acústico da vogal [a] (Falante MWFDS).....	217

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Traços de sonoridade do Português brasileiro.....	57
Quadro 2 - Traço de tonalidade do Português brasileiro.....	59
Quadro 3 - Classificação gerativa dos fonemas portugueses.....	66
Quadro 4 - Tipos de metaplasmos por adição.....	103
Quadro 5 - Tipos de metaplasmos por queda ou supressão.....	104
Quadro 6 - Tipos de metaplasmos por substituição\permuta.....	107
Quadro 7 - Tipos de metaplasmos por transformação.....	108
Quadro 8 - Exemplos de síncope entre o Português do século XIII e XIV e o Português do século XXI.....	112
Quadro 9 - Metaplasmos no Appendix.....	113
Quadro 10 - Mudanças nos ditongos do Latim Clássico.....	115
Quadro 11 - Estratificação social dos falantes.....	119
Quadro 12 - “Classificação fonética do PB- lugar de articulação”.....	123
Quadro 13 - Ocorrências de Apócope (Verbos no gerúndio)- falante ALDS.....	133
Quadro 14 - Ocorrências de Apócope (Verbos no gerúndio)- falante JADS.....	133
Quadro 15 - Ocorrências de Apócope (Verbos no gerúndio)- falante JFDS.....	133
Quadro 16 - Ocorrências de Apócope (Verbos no gerúndio)- falante JLFDS.....	133
Quadro 17 - Ocorrências de Apócope (Verbos no gerúndio)- falante SG.....	134
Quadro 18 - Ocorrências de Apócope (Verbos no gerúndio)- falante MFDS.....	134
Quadro 19 - Ocorrências de Apócope (Verbos no gerúndio)- falante MWFDS.....	134
Quadro 20 - Ocorrências de Apócope (Verbos no gerúndio)- falante NCCDS.....	134
Quadro 21 - Ocorrências de Apócope (Verbos no gerúndio)- falante RAE.....	135
Quadro 22 - Ocorrências de Apócope (Verbos no gerúndio)- falante MDDDC.....	135
Quadro 23 - Ocorrências de Apócope (Verbos no gerúndio)- falante REDS.....	135
Quadro 24 - Ocorrências de Apócope (Verbos no gerúndio)- falante JRCDS.....	135
Quadro 25 - Ocorrências de Apócope (Verbos na terceira pessoa do plural)-falante ALDS.....	136
Quadro 26 - Ocorrências de Apócope (Verbos na terceira pessoa do plural)-falante JADS.....	136
Quadro 27 - Ocorrências de Apócope (Verbos na terceira pessoa do plural)-falante JFDS.....	136

Quadro 28 - Ocorrências de Apócope (Verbos na terceira pessoa do plural)-falante	
JLFDS.....	136
Quadro 29 - Ocorrências de Apócope (Verbos na terceira pessoa do plural)- falante SG.....	136
Quadro 30 - Ocorrências de Apócope (Verbos na terceira pessoa do plural)- falante	
MFDS.....	137
Quadro 31 - Ocorrências de Apócope (Verbos na terceira pessoa do plural)- falante	
MWFDS.....	137
Quadro 32 - Ocorrências de Apócope (Verbos na terceira pessoa do plural)- falante	
NCCDS.....	137
Quadro 33 - Ocorrências de Apócope (Verbos na terceira pessoa do plural)- falante RAE...	137
Quadro 34 - Ocorrências de Apócope (Verbos na terceira pessoa do plural)- falante	
MDDDC.....	138
Quadro 35 - Ocorrências de Apócope (Verbos na terceira pessoa do plural)- falante	
REDS.....	138
Quadro 36 - Ocorrências de Apócope (Verbos na terceira pessoa do plural)- falante	
JRCDS.....	138
Quadro 37 - Ocorrências de Apócope (Verbos no infinitivo-1ª conjugação)- falante	
ALDS.....	138
Quadro 38 - Ocorrências de Apócope (Verbos no infinitivo-1ª conjugação)- falante	
JADS.....	139
Quadro 39 - Ocorrências de Apócope (Verbos no infinitivo-1ª conjugação)- falante	
JFDS.....	139
Quadro 40 - Ocorrências de Apócope (Verbos no infinitivo-1ª conjugação)- falante	
JLFDS.....	139
Quadro 41 - Ocorrências de Apócope (Verbos no infinitivo-1ª conjugação)- falante SG.....	139
Quadro 42 - Ocorrências de Apócope (Verbos no infinitivo-1ª conjugação)- falante	
MFDS.....	140
Quadro 43 - Ocorrências de Apócope (Verbos no infinitivo-1ª conjugação)- falante	
MWFDS.....	140
Quadro 44 - Ocorrências de Apócope (Verbos no infinitivo-1ª conjugação)- falante	
NCCDS.....	140
Quadro 45 - Ocorrências de Apócope (Verbos no infinitivo-1ª conjugação)- falante RAE...	141
Quadro 46 - Ocorrências de Apócope (Verbos no infinitivo-1ª conjugação)- falante	
MDDDC.....	141

Quadro 47 - Ocorrências de Apócope (Verbos no infinitivo-1ª conjugação)- falante REDS.....	142
Quadro 48 - Ocorrências de Apócope (Verbos no infinitivo-1ª conjugação)- falante JRCDS.....	142
Quadro 49 - Ocorrências de Apócope (Verbos no infinitivo-2ª conjugação)- falante ALDS.....	142
Quadro 50 - Ocorrências de Apócope (Verbos no infinitivo-2ª conjugação)- falante JADS.....	143
Quadro 51 - Ocorrências de Apócope (Verbos no infinitivo-2ª conjugação)- falante JFDS.....	143
Quadro 52 - Ocorrências de Apócope (Verbos no infinitivo-2ª conjugação)- falante JLFDS.....	143
Quadro 53 - Ocorrências de Apócope (Verbos no infinitivo-2ª conjugação)- falante SG.....	143
Quadro 54 - Ocorrências de Apócope (Verbos no infinitivo-2ª conjugação)- falante MFDS.....	143
Quadro 55 - Ocorrências de Apócope (Verbos no infinitivo-2ª conjugação)- falante MWFDS.....	144
Quadro 56 - Ocorrências de Apócope (Verbos no infinitivo-2ª conjugação)- falante NCCDS.....	144
Quadro 57 - Ocorrências de Apócope (Verbos no infinitivo-2ª conjugação)- falante RAE.....	144
Quadro 58 - Ocorrências de Apócope (Verbos no infinitivo-2ª conjugação)- falante MDDDC.....	145
Quadro 59 - Ocorrências de Apócope (Verbos no infinitivo-2ª conjugação)- falante REDS.....	145
Quadro 60 - Ocorrências de Apócope (Verbos no infinitivo-2ª conjugação)- falante JRCDS.....	145
Quadro 61 - Ocorrências de Monotongação (Ditongo OU)-falante ALDS.....	145
Quadro 62 - Ocorrências de Monotongação (Ditongo OU)-falante JADS.....	146
Quadro 63 - Ocorrências de Monotongação (Ditongo OU)-falante JFDS.....	146
Quadro 64 - Ocorrências de Monotongação (Ditongo OU)-falante JLFDS.....	146
Quadro 65 - Ocorrências de Monotongação (Ditongo OU)-falante SG.....	146
Quadro 66 - Ocorrências de Monotongação (Ditongo OU)-falante MFDS.....	147
Quadro 67 - Ocorrências de Monotongação (Ditongo OU)-falante MWFDS.....	147

Quadro 68 - Ocorrências de Monotongação (Ditongo OU)-falante NCCDS.....	147
Quadro 69 - Ocorrências de Monotongação (Ditongo OU)-falante RAE.....	147
Quadro 70 - Ocorrências de Monotongação (Ditongo OU)-falante MDDDC.....	147
Quadro 71 - Ocorrências de Monotongação (Ditongo OU)-falante REDS.....	148
Quadro 72 - Ocorrências de Monotongação (Ditongo OU)-falante JRCDS.....	148
Quadro 73 - Ocorrências de Monotongação (Ditongo EI)-falante ALDS.....	148
Quadro 74 - Ocorrências de Monotongação (Ditongo EI)-falante JADS.....	149
Quadro 75 - Ocorrências de Monotongação (Ditongo EI)-falante JFDS.....	149
Quadro 76 - Ocorrências de Monotongação (Ditongo EI)-falante JLFDS.....	149
Quadro 77 - Ocorrências de Monotongação (Ditongo EI)-falante SG.....	149
Quadro 78 - Ocorrências de Monotongação (Ditongo EI)-falante MFDS.....	149
Quadro 79 - Ocorrências de Monotongação (Ditongo EI)-falante MWFDS.....	150
Quadro 80 - Ocorrências de Monotongação (Ditongo EI)-falante NCCDS.....	150
Quadro 81 - Ocorrências de Monotongação (Ditongo EI)-falante RAE.....	150
Quadro 82 - Ocorrências de Monotongação (Ditongo EI)-falante MDDDC.....	150
Quadro 83 - Ocorrências de Monotongação (Ditongo EI)-falante REDS.....	151
Quadro 84 - Ocorrências de Monotongação (Ditongo EI)-falante JRCDS.....	151
Quadro 85 - Ocorrências de Monotongação (Ditongo IU)-falante ALDS.....	151
Quadro 86 - Ocorrências de Monotongação (Ditongo IU)-falante JADS.....	151
Quadro 87 - Ocorrências de Monotongação (Ditongo IU)-falante JFDS.....	151
Quadro 88 - Ocorrências de Monotongação (Ditongo IU)-falante JLFDS.....	152
Quadro 89 - Ocorrências de Monotongação (Ditongo IU)-falante SG.....	152
Quadro 90 - Ocorrências de Monotongação (Ditongo IU)-falante MFDS.....	152
Quadro 91 - Ocorrências de Monotongação (Ditongo IU)-falante MWFDS.....	152
Quadro 92 - Ocorrências de Monotongação (Ditongo IU)-falante NCCDS.....	152
Quadro 93 - Ocorrências de Monotongação (Ditongo IU)-falante RAE.....	153
Quadro 94 - Ocorrências de Monotongação (Ditongo IU)-falante MDDDC.....	153
Quadro 95 - Ocorrências de Monotongação (Ditongo IU)-falante REDS.....	153
Quadro 96 - Ocorrências de Monotongação (Ditongo IU)-falante JRCDS.....	153
Quadro 97 - Ocorrências de Monotongação (Ditongo UA e tritongo UAU)-falante ALDS.....	153
Quadro 98 - Ocorrências de Monotongação (ocorrências raras)-falante JADS.....	154
Quadro 99 - Ocorrências de Monotongação (ocorrências raras)-falante JFDS.....	154
Quadro 100 - Ocorrências de Monotongação (ocorrências raras)-falante JLFDS.....	154

Quadro 101 - Ocorrências de Monotongaço (ocorrências raras)-falante SG.....	154
Quadro 102 - Ocorrências de Monotongaço (ocorrências raras)-falante MFDS.....	154
Quadro 103 - Ocorrências de Monotongaço (ocorrências raras)-falante MWFDS.....	155
Quadro 104 - Ocorrências de Monotongaço (ocorrências raras)-falante NCCDS.....	155
Quadro 105 - Ocorrências de Monotongaço (ocorrências raras)-falante RAE.....	155
Quadro 106 - Ocorrências de Monotongaço (ocorrências raras)-falante MDDDC.....	155
Quadro 107 - Ocorrências de Monotongaço (ocorrências raras)-falante REDS.....	155
Quadro 108 - Ocorrências de Monotongaço (ocorrências raras)-falante JRCDS.....	156
Quadro 109 - Ditongos decrescentes.....	198
Quadro 110 - Ditongos crescentes.....	199

LISTA DE DIAGRAMAS

Diagrama 1 - Configuração dos nós.....	72
Diagrama 2 - Tipos de segmentos.....	73
Diagrama 3 - Exemplo de elisão e ressilabificação no Português brasileiro.....	74
Diagrama 4 - Representação geométrica das consoantes e das vogais.....	75
Diagrama 5 - Estrutura de representação silábica- Kahn.....	78
Diagrama 6 - Estrutura de representação silábica – Clements e Keyser	78
Diagrama 7 - Estrutura de representação silábica –Selkirk	79
Diagrama 8 - Estrutura de representação silábica-Hyman.....	79
Diagrama 9 - Estrutura de representação silábica do Português brasileiro.....	80
Diagrama 10 - Representação do fonema de supressão – verbo “vivendo”.....	162
Diagrama 11 - Representação do fenômeno de supressão – verbo “Vieram”	171
Diagrama 12 - Representação do fenômeno de supressão – verbo “Dizem”.....	174
Diagrama 13 - Representação do fenômeno de supressão – verbo “Falam”.....	176
Diagrama 14 - Representação do fenômeno de supressão – verbo “botar”	188
Diagrama 15 - Representação do fenômeno de supressão – verbo “locomover.....	189
Diagrama 16 - Representação do fenômeno de monotongação – ditongo IU (Falante ALDS).....	200
Diagrama 17 - Representação do fenômeno de monotongação – tritongo UAU (Falante ALDS)	202
Diagrama 18 - Representação do fenômeno de monotongação – ditongo EI (Falante JFDS).....	204
Diagrama 19 - Representação do fenômeno de monotongação – ditongo OU (Falante JLFDS).....	206
Diagrama 20 - Representação do fenômeno de monotongação – ditongo IU (Falante RAE).....	207
Diagrama 21 - Representação do fenômeno de monotongação – ditongo IU (Falante MWFDS).....	209

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Apócope em verbos no gerúndio – Critério: escolaridade.....	219
Gráfico 2 - Apócope em verbos no gerúndio – Critério: faixa etária.....	219
Gráfico 3 - Apócope em verbos na terceira pessoa do plural – Critério: escolaridade.....	221
Gráfico 4 - Apócope em verbos na terceira pessoa do plural – Critério: faixa etária.....	221
Gráfico 5 - Apócope em verbos do infinitivo na 1ª conjugação – Critério: escolaridade.....	224
Gráfico 6 - Apócope em verbos do infinitivo na 1ª conjgação– Critério: faixa etária.....	224
Gráfico 7 - Apócope em verbos do infinitivo na 2ª conjugação – Critério: escolaridade.....	225
Gráfico 8 - Apócope em verbos do infinitivo na 2ª conjugação – Critério: faixa etária.....	226
Gráfico 9 - Monotongação do ditongo OU – Critério: escolaridade.....	227
Gráfico 10 - Monotongação do ditongo OU – Critério: faixa etária.....	227
Gráfico 11 - Monotongação do ditongo EI – Critério: escolaridade.....	229
Gráfico 12 - Monotongação do ditongo EI – Critério: faixa etária.....	230
Gráfico 13 - Monotongação do ditongo IA ou IU – Critério: escolaridade.....	231
Gráfico 14 - Monotongação do ditongo IA ou IU– Critério: faixa etária.....	232
Gráfico 15 - Monotongação (ocorrências raras) – Critério: escolaridade.....	233
Gráfico 16 - Monotongação (ocorrências raras) – Critério: faixa etária.....	234

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - A Espanha Romana.....	97
Mapa 2 - Localização geográfica de Lagoa de Dentro no mapa da Paraíba.....	116
Mapa 3 - Destaque aproximado da localização geográfica de Lagoa de Dentro no mapa da Paraíba.....	117
Mapa 4 - Mapa municipal de Lagoa de Dentro-PB.....	118

SIGLAS

CV Consoante e vogal

CVC consoante, vogal e consoante

C consoante

F1 Formante um

F2 Formante dois

IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPA International Phonetic Alphabet

LC Latim clássico

LE Latim escrito

LV Latim vulgar

MA Metaplasmos por adição

MS Metaplasmos por subtração

MP Metaplasmos por substituição ou permuta

MTR Metaplasmos por transformação

MT Metaplasmos por transposição

PB Português brasileiro

PSS Princípio de sequência de sonoridade

SPE The Sound Pattern of English

V vogal.

VC vogal e consoante

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	22
2 MODELOS FONOLÓGICOS EM LINGUÍSTICA.....	27
2.1 O ESTUDO DA ORALIDADE: FORMALISMO ESTRUTURAL E GERATIVO.....	27
2.1.1 Ferdinand Saussure.....	27
2.1.2 Nikolay Sergeyevich Trubetzkoy.....	38
2.1.3 Roman Jakobson e Morris Halle.....	49
2.1.4 Noam Chomsky e Halle.....	60
2.1.5 Novas teorias.....	68
2.2 O ESTUDO DA ORALIDADE: CONTRIBUIÇÕES DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA.....	81
2.2.1 Pesquisas realizadas por Labov.....	90
2.3 UM POUCO DE HISTÓRIA.....	95
2.3.1 Metaplasmos.....	102
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	116
3.1 DESCRIÇÃO DO ESPAÇO E DOS PARTICIPANTES.....	116
3.1.1 Local da pesquisa.....	116
3.1.2 Participantes.....	119
3.2 MÉTODOS E PROCEDIMENTOS DA COLETA DE DADOS.....	121
3.2.1 Fonética articulatória	121
3.2.2 Fonética acústica: Programa PRAAT.....	127
3.2.3 Coleta de dados e análise sociolinguística quantitativa no EXCEL.....	130
4 RESULTADOS ALCANÇADOS.....	133
4.1 TRANSCRIÇÃO FONÉTICA E FONOLÓGICA DOS DADOS COLETADOS.....	133
4.1.1 Supressões fonéticas - casos de Apócope.....	133
4.1.2 Supressões fonéticas - casos de Monotongaço.....	145
4.2 ESTUDO FONÉTICO EXPERIMENTAL NO PRAAT.....	156
4.2.1 Supressões fonéticas - casos de Apócope.....	156
4.2.2 Supressões fonéticas - casos de Monotongaço.....	193
4.3 ESTRATIFICAÇÃO SOCIAL DOS DADOS - QUANTIFICAÇÃO NO EXCEL.....	218
4.3.1 Supressões fonéticas - casos de Apócope.....	219

4.3.2 Supressões fonéticas - casos de Monotongaço.....	227
5 SÍNTESE GERAL.....	235
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	243
REFERÊNCIAS.....	250
APÊNDICE A - FICHA DO INFORMANTE.....	255
APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO DAS ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS.....	256
ANEXO A – MAPA: DISTRIBUIÇÃO DAS PRINCIPAIS LÍNGUAS ROMÂNICAS.....	261
ANEXO B – MAPA: CRONOLOGIA DA RECONQUISTA.....	262

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A comunicação constitui a própria condição humana, integrando o homem enquanto ser social no mundo. É sabido, ainda, que essa comunicação se dá por diferentes vias, seja através de gestos, sons, contato físico, entre outros (SAUSSURE, 2012; MASIP, 2014). Sabemos, também, que a escrita no ocidente assume maior espaço e prestígio, apesar de termos estudiosos que discorrem sobre a existência de inúmeras línguas ágrafas no mundo, a citar, por exemplo, Masip (2014).

Mesmo que não possuamos estatísticas precisas sobre o percentual de línguas e variantes dialectais ágrafas existentes no mundo, uma observação superficial nos permite afirmar que facilmente pode chegar a 90%. Basta considerar a realidade brasileira: apenas o português e o Tupi possuem sistemas ortográficos consolidados, em compensação, quantas línguas indígenas ágrafas existem no país? (MASIP, 2014, p.2)

É perceptível o quanto ainda desconhecemos as línguas do nosso país e o quanto ignoramos que a oralidade antecede a escrita, afinal, existem inúmeras línguas ágrafas no mundo, e o homem existe há um milhão de anos, conseqüentemente fala desde esse período, enquanto a escrita tem aproximadamente nove mil anos de existência (BAGNO, 1999).

Diante do que já foi elucidado, alertamos sobre a importância de estudar a língua oral e de descrevê-la através de mecanismos científicos. Por isso nos propomos a estudar a oralidade a partir dos metaplasmos por Apócope e Monotongação no Sítio Arisco/Lagoa de Dentro-PB, visto que a comunidade permite compreender a língua enquanto sistema real, modificada por fatores estruturais e sociais.

O metaplasmo “[...] é uma mudança na estrutura de uma palavra, ocasionada por acréscimo, remoção ou deslocamento dos sons de que ela é composta” (BAGNO, 2007, p.8). Estamos falando, portanto, de uma modificação fonética de um dado léxico, através da adição, apagamento ou mudança de posição de um determinado som, independente da sua aceitação ou não no sistema escrito.

Os metaplasmos por acréscimo ou adição são subdivididos em prótese, epêtese, paragoge e alargamento (COUTINHO, 1976; MASIP, 2003); os metaplasmos por remoção ou subtração são classificados em aférese, apócope, síncope, sinalefa, haplologia e eclipse (COUTINHO, 1976; MASIP, 2003) e os metaplasmos por deslocamento ou substituição\permuta são distribuídos em assimilação, crase, sonorização, vocalização, consonantização, dissimilação e apofonia (COUTINHO, 1973; MASIP, 2003).

Botelho e Leite (2006) categoriza os metaplasmos por permuta como metaplasmos por transformações e os agrupa em degeneração, desnasalação, rotacismo, lambdacismo, monotongação, metafoia, nasalação e despalatização.

Em concordância com os autores citados, é notável a amplitude classificatória dos metaplasmos, por isso o nosso objeto de estudo é furto de dois recortes. O primeiro recorte é feito ao escolhermos o metaplasmo por supressão (MS) e o segundo, é realizado ao restringirmos o MS à apócope e monotongação¹.

A pesquisa no Sítio Arisco parte dos seguintes questionamentos: *quais são os fenômenos ocorrentes no Sítio Arisco, dentro do recorte da nossa pesquisa? Como se efetua as variações fonéticas na comunidade?*

Temos como objetivo geral *descrever um conjunto de variações fonéticas do Sítio Arisco, situado no município de Lagoa de Dentro\PB* e como objetivos específicos *analisar as propriedades acústicas/ articulatórias do som, detectar quais mecanismos internos ocasionam os metaplasmos por Apócope e Monotongação e detectar quais mecanismos externos, dentro do recorte da pesquisa, são mais significativos para as ocorrências dos fenômenos.*

Sob o viés dos mecanismos internos, para a *apócope*, consideramos a hipótese de que há uma tendência em transformar as sílabas finais dos verbos no infinitivo em sons vocálicos orais, através da supressão do arquifonema \R\. Até mesmo alguns segmentos nasais caminham para um apagamento e oralização no português brasileiro falado. Acreditamos também que, os verbos no gerúndio são marcados pela perda do fonema /d/. Para a *monotongação*, conjecturamos, a princípio, que os ditongos pronunciados pela comunidade caminham para um processo de “destongação” no Português brasileiro oral.

Sob o viés dos mecanismos externos, acreditamos que todos os fenômenos coletados são marcados intensamente pelo fator escolaridade.

Com a finalidade de tornar esse trabalho o mais didático possível, ele é organizado em cinco capítulos.

O **primeiro capítulo** consiste nessas considerações iniciais.

O **segundo capítulo** consiste na fundamentação teórica, que é dividida em quatro temáticas: *a Fonética\Fonologia, a Sociolinguística variacionista, a gramática histórica e os metaplasmos.*

¹ A monotongação, apesar de ser classificada por Botelho e Leite (2006) como um metaplasmo por transformação, na nossa pesquisa é tratada como um tipo de MS.

A Fonética\Fonologia será dividida em teorias tradicionais e teorias modernas. Nas teorias tradicionais, inseriremos o estruturalismo de Saussure (2012), Trubetzkoy (1973) e Jakobson e Halle (1980) e o gerativismo de Chomsky e Halle (1968). Nas teorias modernas, teremos a Fonologia autosegmental, a Geometria dos traços e a Teoria da sílaba.

Em Saussure (2012) discutiremos as suas dicotomias (língua x fala; significado x significante; sintagma x paradigma; sincronia x diacronia); a sua percepção sobre o que chama de linguística interna e linguística externa; de Fonética e Fonologia; a sua descrição do aparelho vocal; do papel dos órgãos; da classificação do som e sua relação com a noção de valor; a sua discussão sobre a natureza do signo linguístico e seus princípios (arbitrariedade e linearidade).

Na teoria de Trubetzkoy (1973; 1981), apontaremos as suas discussões sobre oposições distintivas e não distintivas; sons mutáveis e imutáveis; sobre os conceitos de arquifonema e fonema; significante da língua; particularidades pertinentes e não pertinentes. Debateremos, ainda, sobre a classificação das oposições distintivas (bilaterales, multilaterales, aisladas, proporcionais, privativas, graduales, equipolentes, constantes e neutralizables); sobre as diferenças e semelhanças entre a Fonética e a Fonologia, entre outros.

Com Jakobson e Halle (1980), aprofundaremos algumas noções já abordadas por Saussure (2012) ou por Trubetzkoy (1973; 1981), a citar: a linearidade do som, a diferença entre Fonética e Fonologia, o valor linguístico, os traços distintivos, a unidade significativa e a unidade distintiva. Além disso, apresentaremos algumas discussões que não estão presentes nos textos de Trubetzkoy (1973; 1981), como, por exemplo, a relação hierárquica entre o fonema, os traços distintivos e a sílaba; o vínculo entre contrastes de traços e estrutura silábica; a noção de centralidade das vogais e lateralidade das consoantes e assim por diante.

No gerativismo de Chomsky e Halle (1968), versaremos a respeito de conceitos distintos daqueles discutidos pela corrente estruturalista. A título de exemplo, exploraremos a noção de gramática, universais linguísticos, representações fonéticas, sistema modular, competência, desempenho e Fonética universal. Exploraremos, também, a relação entre léxico, sintaxe e fonologia; o papel e classificação dos traços distintivos; os níveis de representações (profundo ou superficial); a classificação gerativa de fonemas, entre outros.

Nas teorias modernas da Fonética e Fonologia, a partir da Fonologia autosegmental (BISOL, 2005; CEDEÑO y MORALES-FRONT, 1999; HORA e VOGELLEY, 2017; MATZENAUER, 2014, entre outros), discutiremos a não linearidade dos processos

fonológicos; a contraposição a ideia de bijetividade; a relação de independência entre os traços e os segmentos; a hierarquia dos traços, entre outros.

Em conformidade com a Geometria dos traços (BISOL, 2002, 2005; HORA e VOGLEY, 2017, etc.), discutiremos sobre a organização da hierarquia dos traços, propostas pela Fonologia autosegmental, ou seja, a organização dos segmentos em nós intermediários e nós terminais; sobre os tipos de segmentos (simples, complexos e de contorno); sobre o processo de elisão e ressilabificação no Português brasileiro e assim sucessivamente.

De acordo com a Teoria da sílaba (ALVES, 2017; COLLISCHONN, 2005; KELLER, 2010, entre outros), analisaremos a organização da sílaba e sua relação com o caráter distintivo ou alofônico; os tipos de abordagens silábicas (fonético-articulatórias e fonológica); os tipos de representações silábicas (com estrutura interna, sem estrutura interna, com unidades de peso), os modelos silábicos (KAHN, 1976; CLEMENTS E KEYSER, 1983; SELKIRK, 1982; HYMAN, 1985); a estrutura silábica do Português brasileiro (BISOL, 1999); os princípios e restrições silábicas (Princípio de sequência de sonoridade - PSS, lei de contato silábico, princípio de licenciamento prosódico), dentre outros.

A segunda área, Sociolinguística variacionista (BAGNO, 2017; CAVELT, 2002; CEZARIO E VOTRE, 2011; LABOV, 2007, 2008; PRETI, 2003; WEEDWOOD, 2002; WEINREICH, LABOV & HERZOG, 2006, etc.), permitirá discutir sobre a quebra da exclusividade de forças internas (estruturais) para a explicação das mudanças linguísticas e sobre a inserção dos fatores externos; as mudanças e variações linguísticas e suas relações com a sociedade e com a continuidade (com o tempo); a diferença entre mudança e variação; os estágios da mudança linguística (origem, propagação e término); os tipos de pressões sociais (mudança de baixo para cima e mudança de cima para baixo); os tipos de variações extralinguísticas (geográficas, sociológicas e contextuais) e assim por diante.

Discutiremos, também, sobre a pesquisa realizada por Labov (2008) em Martha's Vineyard acerca da centralização do ditongo \ay\ e \aw\ e a pesquisa realizada acerca das estratificações do \r\ pós vocálico, em lojas de Nova Iorque.

Com a gramática histórica (CARDEIRA, 2006; CASTILHO, 2009a, 2009b; COUTINHO, 1976; MASIP, 2003; TEYSSIER, 2001, etc.) dialogaremos a respeito da formação da Língua Portuguesa desde o Latim; descreveremos os processos de ocupações e divisões territoriais que contribuíram com a constituição da nossa língua; discursaremos sobre existência significativa de povos para a nossa história, como, por exemplo, os romanos e os

árabes. Além do mais, relataremos a divisão linguística do Latim em literário (arcaico, clássico e imperial) e Latim vulgar.

O tópico de Metaplasmos (BAGNO, 2007; BOTELHO E LEITE, 2006; COUTINHO, 1976; MASIP, 2003 entre outros) será desenvolvido em conformidade com discussões sobre o conceito, as classificações e as subclassificações dos fenômenos; bem como, apontaremos as ocorrências de metaplasmos desde o latim até a formação da línguas românicas, desde o Português antigo até o Português atual.

O **terceiro capítulo** faz referência aos procedimentos metodológicos que foram divididos em duas partes.

Na primeira parte, faremos uma descrição da comunidade (espaço geográfico, situação econômica, história, cultura local, religiosidade, áreas de lazer, infraestrutura, etc.) e dos participantes (característica dos informantes, critério de escolha e estratificações sociais utilizadas).

Na segunda parte, abordaremos os métodos e procedimentos de coleta de dados (Fonética articulatória, fonética acústica\PRAAT e análise sociolinguística).

O **quarto capítulo** consiste na análise dos dados, através das apresentações do som nos espectrogramas do PRAAT, dos gráficos no Excel, e das transcrições fonéticas e fonológicas.

O **quinto capítulo** será composto por uma síntese geral da fundamentação teórica utilizada e da sua relevância para o nosso objeto de estudo.

Por fim, temos o **sexto capítulo** que abrangerá as nossas considerações finais acerca dessa pesquisa.

2 MODELOS FONOLÓGICOS EM LINGUÍSTICA

2.1 O ESTUDO DA ORALIDADE: FORMALISMO ESTRUTURAL E GERATIVO

2.1.1 Ferdinand Saussure

De acordo com Lyons (1979, p.1) “a Linguística pode ser definida como o estudo científico da língua”. Ele acrescenta que “[...] por estudo científico da língua se entende a investigação dela por meio de observações controladas e verificáveis empiricamente e com referência a uma teoria geral da sua estrutura” (LYONS, 1979, p.1).

Atualmente o reconhecimento da Linguística já está consolidado, entretanto, para alcançarmos tal reconhecimento um longo percurso precisou ser trilhado, e conceitos teóricos precisaram ser elaborados. Falar desses conceitos e não mencionar Ferdinand de Saussure seria incoerente ou até mesmo antiprofissional, uma vez que as ideias defendidas pelo genebrino representam um importante divisor de águas nos estudos linguísticos.

Em 1916, Charles Bally e Albert Sechehaye reuniram as principais ideias de Saussure e as publicaram com o título de *Cours de Linguistique Générale* (Curso de Linguística Geral). O livro é um conjunto de anotações do teórico e de alguns dos seus alunos. As anotações foram compiladas a partir das ideias propagadas pelo autor nos três cursos da cadeira de Linguística da Universidade de Genebra.

O professor, no campo de estudos linguísticos, é conhecido como o pai da linguística moderna. Tal título nos parece justo, dado que seus estudos revelam uma nova percepção de língua, linguagem e, até mesmo, de fazer científico. Apesar de Saussure não se aprofundar nos estudos fonéticos e fonológicos, seu texto é indispensável para qualquer pesquisador que assuma a língua como objeto de pesquisa.

No primeiro capítulo, Saussure (2012) discorre sobre alguns aspectos gerais da história da Linguística. Ele critica os estudos realizados pelos gregos, a Filologia e a Gramática comparada, porque ambas não conseguem atingir o verdadeiro objeto da linguística.

A Gramática abordada pelos gregos é muito mais voltada para a lógica e para a delimitação de regras do que para a língua propriamente dita. “[...] É uma disciplina normativa, muito afastada da pura observação e cujo ponto de vista é forçosamente estreito” (SAUSSURE, 2012, p.31). Para Saussure, portanto, as ideias defendidas pelos gregos carecem de rigor científico e de maior amplitude.

A filologia, por conseguinte, é ampla demais. “A língua não é o único objeto da Filologia, que quer, antes de tudo, fixar, interpretar, comentar os textos; [...]” (SAUSSURE, 2012, p.31). Ela usa as questões linguísticas como uma espécie de instrumento para a sua metodologia crítica e para a consecução dos seus objetivos: comparar textos, especificar tipos de linguagens, decifrar certos escritos e assim sucessivamente.

A Gramática comparada ou Filologia comparativa surgiu numa fase de efervescência dos estudos comparativos entre as línguas, em busca das possíveis aproximações e distanciamentos. Estudos significativos na área foram solidificados, a saber: as pesquisas de Franz Bopp sobre as relações entre o Grego, o Latim e o Sânscrito; os estudos germânicos de Jacob Grimm, as pesquisas etimológicas de Pott, etc.

É bem verdade que os estudos comparados permitiram estabelecer as relações entre as línguas e reconstruir as famílias linguísticas, entretanto:

Tal escola, [...], que teve o mérito incontestável de abrir um campo novo e fecundo, não chegou a constituir a verdadeira ciência da Linguística. Jamais se preocupou em determinar a natureza do seu objeto de estudo. Ora, sem essa operação elementar, uma ciência é incapaz de estabelecer um método para si própria (SAUSSURE, 2012, p.34).

A Filologia comparativa instaurou um novo modelo de estudo, porém, não estabeleceu ou definiu o seu objeto. Muitos resultados eram alcançados, mas não se questionavam as implicações que tais descobertas causariam. Não havia uma explicação da língua enquanto estrutura, mas das línguas enquanto fonte de comparação.

Após as críticas, Saussure (2012) delimita o seu objeto de estudo e discorre sobre as suas famosas dicotomias. No capítulo III ele nos questiona sobre o objeto da Linguística. Qual seria?

O autor afirma que a Linguística não trabalha com objetos previamente e que não podemos considerar o mesmo objeto sobre diferentes pontos de vista. “Bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto, [...]” (SAUSSURE, 2012, p.39). Não há objeto antes de um ponto de vista bem estabelecido, afinal, o olhar do pesquisador é a lente que permite a construção do objeto; se esse olhar mudar, conseqüentemente, o objeto tornar-se-á outro.

O fenômeno linguístico é composto por duas faces que dialogam constantemente. Uma não pode ser concebida sem a outra. Citemos, por exemplo, o som e a articulação vocal; o som dotado pelo acústico-vocal (físico) e pela ideia (mental); a linguagem constituída pelo individual e pelo social, pelo passado e pelo presente.

Mediante essas dualidades, Saussure (2012) alerta acerca da necessidade de assumirmos certa cautela ao pisarmos em terrenos tão escorregadios e ambíguos. O autor propõe, como solução, assumirmos a língua como exclusivo objeto de estudo, em detrimento de outras manifestações da linguagem.

Aqui é possível observarmos que **língua e linguagem** são tomadas como coisas distintas. “Mas o que é a língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente” (SAUSSURE, 2012, p. 41). A língua é uma parte específica de um elemento maior que é a linguagem. É a primeira que a linguista precisa se dedicar, pois, ela, ao contrário da linguagem, é homogênea e passível de classificação.

Se a língua é apenas uma parte da linguagem, nos resta saber o lugar que ela ocupa neste elemento de maior globalidade. Saussure (2012) afirma que para compreender a língua, é preciso compreender o circuito da fala.

De modo resumido, o circuito da fala consiste em duas pessoas que conversam e acionam procedimentos psíquicos e físicos. Tudo se inicia com um conceito presente no cérebro de um determinado falante (falante A); esse conceito, por sua vez, gera uma imagem acústica também psíquica; e a imagem acústica, por conseguinte, necessita de processos físicos para ser propagada até o outro falante (falante B), e assim o ciclo é retomado. O circuito da fala pode, portanto, conforme Saussure (2012), ser entendido assim: uma parte interior e outra exterior; uma parte psíquica e outra não psíquica; uma parte ativa e outra passiva.

É nessa perspectiva que Saussure (2012) discorre sobre a sua primeira dicotomia: Fala (Parole) *versus* Língua. A **fala** (Parole) é dotada de um processo físico que nos é perceptível, em contraposição ao psíquico que é incompreensível. A língua, por sua vez, é marcada pelo psíquico que se faz presente na mente das grandes massas de pessoas. “Com o separar a língua da fala, separa-se, ao mesmo tempo, 1 – o que é social do que é individual; 2 – o que é essencial do que é acessório e mais ou menos acidental” (SAUSSURE, 2012, p. 45).

Para Saussure (2012), cabe à Linguística estudar a língua, pois, ela é marcada pelo essencial e social, em oposição à fala que é individual e acessória ou acidental. A língua apresenta maior nível de cientificidade, dado que, “[...] não constitui, [...] uma função do falante: é produto que o indivíduo registra passivamente. A fala é, ao contrário, um ato individual, de vontade e inteligência [...]” (SAUSSURE, 2012, p.45), ou seja, conforme o autor, é inviável que a fala carregue algum tipo de cientificidade, visto que ela é perpassada pela vontade e pela individualidade.

A língua:

É um objeto bem definido no conjunto heteróclito dos fatos da linguagem [...]. Ela funciona com base em um contrato social [...]. A língua, distinta da fala, é um objeto que pode se estudar separadamente [...]. Enquanto, a linguagem é heterogênea, a língua assim delimitada, é de natureza homogênea. A língua, não menos que a fala, é um objeto de natureza concreta, o que oferece grande vantagem para o seu estudo. Além disso, os signos da língua são, por assim dizer, tangíveis (SAUSSURE, 2012, p.46).

É evidente, a esta altura da dissertação, que o objeto de estudo que Saussure defende para a linguística é a Língua e que a mesma é apenas um elemento dentro de um “todo” maior: a linguagem. Uma leitura mais dedicada nos permite destacar, também, que Saussure se preocupa em discorrer argumentos que fundamentem o seu ponto de vista acerca da língua como objeto da Linguística.

Um dos pontos marcantes é que a língua é homogênea, já que podemos defini-la sempre como uma imagem acústica associada a um conceito, ao contrário da linguagem que é heterogênea; a língua tem como base um contrato social, isto é, o indivíduo sozinho não pode modificá-la, dado que uma espécie de contrato social precisa ser estabelecido.

A língua pode, também, em detrimento de todas as outras manifestações da linguagem, ser estudada de modo separado; ela é homogênea, pois, um sistema de signos, sempre será o resultado da união de um sentido a uma imagem acústica; ela é tão concreta quanto à fala, já que os signos linguísticos, apesar de psíquicos, não se revelam como abstrações, mas como realidades linguísticas presentes no cérebro de cada falante. Além do mais, os signos linguísticos da língua podem ser alcançados através de procedimentos da escrita.

A partir desses argumentos, podemos dizer que a preocupação de Saussure (2012) está em estudar a Linguística da língua e não a Linguística da Fala. A primeira assume posição superior perante a segunda.

O estudo da linguagem comporta, portanto, duas partes: uma, essencial, tem por objeto a língua, que é social em sua essência e independente do indivíduo- esse estudo é unicamente psíquico; outra, secundária, tem por objeto a parte individual da linguagem, vale dizer, a fala inclusive, a fonação – é psicofísica (SAUSSURE, 2012, p. 51).

A linguagem é constituída por duas partes, apenas uma das quais é essencial: o estudo da língua. A segunda parte, o estudo da fala, para Saussure, é algo superficial e que não deve deter muitas atenções científicas. A língua é essencial, pois, carrega o social e o psíquico, em contraposição à fala, que é dotada da individualidade e da psicofísica.

No capítulo V, Saussure (2012) discorre sobre os elementos internos e externos da língua. O teórico, nesse contexto, não está preocupado com os elementos externos, mas com aquilo que está dentro do sistema da língua.

É por se preocupar e, ao mesmo tempo, defender o estudo da língua na perspectiva interna, que Saussure faz questão de estabelecer distinções entre o que é interno e o que é externo na língua. A princípio, ele afirma que a sua definição de língua elimina dela “tudo o que lhe seja estranho ao organismo, ao seu sistema: tudo quanto se designa pelo termo Linguística Externa” (SAUSSURE, 2012, p, 53).

Na perspectiva de Língua que o autor defende não cabe incluir, portanto, outras ciências que dialogam com a Linguística: Etnologia e História Política, por exemplo, tendo em vista que isso implicaria recorreremos ao fator externo que tanto se almeja apagar.

Para melhor compreensão distintiva entre Linguística Interna e Linguística Externa, Saussure (2012) faz uma alusão ao jogo de Xadrez. Ele menciona que, no jogo de Xadrez, não importa para a Linguística Interna o fato do jogo ter passado da Pérsia à Europa², mas o sistema do jogo e as suas respectivas regras, dado que são esses elementos que pertencem à ordem interna. Mas como detectar o que pertence à ordem interna?

² Tal preocupação seria, segundo Saussure (2012), da responsabilidade da Linguística Externa.

Se eu substituir as peças de madeira por peças de marfim, a troca será indiferente para o sistema; mas se eu reduzir ou aumentar o número de peças, essa mudança atingirá profundamente a “gramática” do jogo. Não é menos verdade que certa atenção se faz necessária para estabelecer distinções dessa espécie. Assim, em cada caso, formular-se-á a questão da natureza do fenômeno, e, para resolvê-la, observar-se-á esta regra: é interno tudo que provoca mudança do sistema em qualquer grau (SAUSSURE, 2012, p. 56).

No caso do jogo de Xadrez, a mudança do material das peças não afeta o sistema do jogo, ao contrário do aumento ou redução das peças que acarretaria numa modificação significativa no jogo. Em resumo, da referida citação podemos depreender que um elemento somente será considerado da ordem interna se provocar modificações leves ou profundas no sistema da língua. Caso o elemento não provoque mudança no sistema, devemos considerá-lo como parte de outra ordem: a externa.

No capítulo VII, Saussure (2012) disserta sobre a Fonologia. Atualmente já sabemos que muitos dos conceitos saussurianos são considerados ultrapassados, especialmente algumas noções da área fonológica, contudo, nós acreditamos na coerência de apontar seus estudos dentro da trajetória teórica no qual nosso trabalho está inserido.

Vale salientar que, para Saussure (2012) o conceito de Fonética e Fonologia não é o mesmo que conhecemos atualmente, afinal, o teórico trata a Fonologia como sinônimo do que se conhece hoje por Fonética Articulatória; a Fonética é abordada por ele como sinônimo do estudo diacrônico dos sons.

Conforme o teórico, “a Fonética é uma ciência histórica [...]. A Fonologia se coloca fora do tempo [...]” (SAUSSURE, 2012, p.67) e cabe, portanto, à Linguística estudar somente a segunda. Após delimitar que apenas a Fonologia é importante para a Língua, Saussure (2012) elenca alguns princípios dessa área.

Muitos fonologistas se aplicam quase exclusivamente ao ato de fonação, vale dizer, à produção dos sons pelos órgãos (laringe, boca, etc.), e negligenciam o lado acústico. Esse método não é correto: não somente a impressão produzida no ouvido nos é dada tão diretamente quanto à imagem motriz do órgão, como também é ela a base de toda teoria (SAUSSURE, 2012, p.75).

A citação acima nos permite detectar um Saussure preocupado com a Fonética Acústica³. Ele defende que a produção dos sons pelos órgãos não é o único elemento importante. É preciso valorizar o lado acústico, ou seja, não é válido negligenciar as impressões que nos é gerada via ouvido. Ambas, Fonética Articulatória e Fonética Acústica, devem ter o seu espaço nos estudos científicos, pois, cada uma tem um papel importante a desempenhar.

Ainda na temática dos princípios de Fonologia, Saussure (2012) traz a seguinte definição de fonema: “é a soma das impressões acústicas e dos movimentos articulatorios da unidade ouvida e da unidade falada, das quais uma condiciona a outra; portanto, trata-se já de uma unidade complexa, que tem um pé em cada cadeia” (SAUSSURE, 2012, p.77).

Observe como a noção de fonema para Saussure está intrinsecamente perpassada pelo princípio de relação. É Fonema o conjunto das impressões acústicas mais os movimentos necessários para a produção do som, tanto do ponto de vista articulatorio quanto do ponto de vista acústico.

Além da definição de Fonema, podemos apontar outros tópicos importantes discutidos pelo autor. Um deles é a descrição minuciosa feita pelo teórico acerca do aparelho vocal, dos órgãos e do papel dos órgãos.

Saussure (2012) defende que o aparelho vocal é constituído pela cavidade bucal, pela cavidade nasal, pela laringe e pela glote, e, ainda, pelas cordas vocais.

A glote E, formada por dois músculos paralelos ou cordas vocais, se abre ou fecha conforme elas se separam ou juntam [...]. Quanto à abertura, ela pode ser mais larga ou mais estreita. No primeiro caso, o ar passa livremente e as cordas vocais não vibram; no segundo a passagem do ar determina as vibrações sonoras. Não há outra alternativa na emissão normal dos sons (SAUSSURE, 2012, p. 78).

A glote é composta pelas cordas vocais que apresentam duas configurações significativas para o aparelho vocal: a abertura (separação) e o fechamento (junção). Conforme o grau de abertura, as cordas vocais vibram ou não, de modo que quanto mais estreita for a abertura maior será as vibrações sonoras das referidas cordas.

³ O termo “acústico” utilizado por Saussure (2012, p. 75) está atrelado ao que hoje se entende por Fonética auditiva e não a Fonética acústica propriamente dita.

Na cavidade bucal, precisamos ter noção de alguns elementos distintos um do outro. Na boca, temos os lábios: superiores e inferiores; a língua: ápice e todo o resto; os dentes superiores; o palato: parte anterior (óssea e inerte), parte posterior (mole e móvel) ou véu palatal e a úvula.

Além desses elementos, há, ainda, a cavidade nasal (SAUSSURE, 2012). Uma cavidade sem qualquer movimentação, visto que apenas recebe ou não o impedimento da passagem que conduz até ela, via levantamento, ou não, da úvula (SAUSSURE, 2012).

Saussure (2012) acrescenta, ainda, que a cavidade bucal é dotada de heterogeneidade, em oposição à laringe e a cavidade nasal, que são homogêneas.

A seguir, Saussure (2012) discorre sobre a produção de som. Advoga que a expiração e a articulação bucal são essenciais para a produção do som; em contrapartida, a vibração da laringe e a ressonância nasal são elementos dispensáveis. Mas como classificar os sons de acordo com a articulação bucal?

Para Saussure (2012) os sons são classificados em:

- Oclusivos⁴: tipo labial (p, b, m), dental (t, d, n) e gutural (k, g, n);

Conforme Saussure (2012), no tipo labial, a articulação se dá com os dois lábios; no tipo dental, a extremidade da língua toca o palato na parte frontal (anterior) e, no tipo gutural, o dorso da língua entra em contato com a parte posterior do palato.

- Fricativos ou Expirantes⁵;
- Líquidos: articulação lateral⁶ e articulação vibrante⁷;

Após tratar dos sons consonantais, Saussure (2012) aborda os sons vocálicos e faz os seguintes apontamentos:

- Vogal i, u, ü: com relação às outras vogais, esses sons supõem um fechamento bastante próximo do fechamento das consoantes. Isso explica o fato de que sejam chamadas de semivogais.
- Vogal e, o, ö: Emissão com maior abertura que i, u, ü.
- Vogal a: abertura máxima.

⁴ “Essa classe abrange todos os fonemas obtidos pelo fechamento completo, a oclusão hermética, mais momentânea, da cavidade bucal” (SAUSSURE, 2012, p. 82).

⁵ “São caracterizadas por um fechamento incompleto da cavidade bucal, que permite a passagem do ar” (SAUSSURE, 2012, p. 83).

⁶ Na articulação lateral “a língua se apoia contra a parte anterior do palato, deixando, porém, uma abertura à direita e à esquerda” (SAUSSURE, 2012, p. 84).

⁷ Na articulação vibrante “a língua se coloca menos próxima do palato [...], mas vibra com um número variável de golpes [...] e assim, se obtém um grau de abertura equivalente ao das laterais” (SAUSSURE, 2012, p.84).

Ao finalizar as descrições dos sons consonantais e vocais, Saussure (2012) passa para as discussões acerca do Fonema na cadeia falada. O autor alega que é preciso analisar o som numa cadeia de fala perpassada pelas relações que um som estabelece com outros sons.

“A ciência dos sons não adquire valor enquanto dois ou mais elementos não se achem implicados numa relação de dependência interna; pois existe um limite para as variações de um conforme as variações do outro” (SAUSSURE, 2012, p. 88), ou seja, os sons e suas respectivas variações estão afetados pela relação que compartilham com outros sons. Isso nos leva a afirmar, pautados em Saussure (2012, p.88), que o som isolado é diferente dos sons combinados. Neste caso, há uma possibilidade de discordância entre o efeito procurado e o efeito produzido.

Essas são as últimas informações introdutórias que consideramos relevantes para a pesquisa. As informações seguintes referem-se aos princípios gerais abarcados por Saussure (2012).

O autor inicia os princípios gerais discorrendo sobre a natureza do signo linguístico. Para ele a língua não se reduz a meras nomenclaturas, pois, o que vincula um nome a uma coisa não é uma operação simples. “O signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. Esse não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão (empreinte) psíquica desse som [...]” (SAUSSURE, 2012, p.106).

Conforme o próprio teórico, a imagem acústica não consiste num som material, mas na impressão psicológica que esse som nos causa, gerada através de um conceito também psíquico. O signo linguístico, por conseguinte, nada mais é do que a combinação do conceito com a imagem acústica. O conceito é mais precisamente o conteúdo do signo. A imagem acústica, por sua vez, fica no plano da forma do signo.

“Propomo-nos a conservar o termo signo para designar o total e a substituir conceito e imagem acústica respectivamente por significado e significante” (SAUSSURE, 2012, p. 107). Em síntese, o signo⁸ é a totalidade dos dois termos que formam a unidade da língua. O conceito é tomado como significado e a imagem acústica como significante.

De acordo com Saussure (2012), o signo linguístico é dotado de alguns princípios que precisam ser ressaltados.

- **Primeiro princípio:** o signo linguístico é arbitrário.

⁸ Os apontamentos feitos por Saussure (2012) sobre o signo linguístico dão origem à famosa dicotomia saussuriana: Significado X Significante.

Não há nenhuma relação lógica que determine que uma ideia (significado) seja representada por uma dada sequência de sons (significante). Por exemplo: não há uma regra lógica que determine a relação entre a ideia de cadeira e a sequência de sons: C-A-D-E-I-R-A. A ideia de cadeira poderia ser representada por qualquer outra sequência de sons, pois, o signo é arbitrário.

Vale ressaltar que, “a palavra *arbitrário* [...] não deve dar a ideia de que o significado dependa da livre escolha do que fala[...], queremos dizer que o significante é imotivado, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural de realidade” (SAUSSURE, 2012, p. 109).

A ideia de arbitrariedade defendida por Saussure consiste na relação entre significado e significante e não na relação entre significado e escolhas do falante, visto que o significado não depende da livre escolha do falante, pois, como já foi mencionada anteriormente, a língua é constituída através de um contrato social; assim é também a relação significado e significante.

- **Segundo princípio:** caráter linear do significante.

“O significante, sendo de natureza auditiva, desenvolve-se no tempo, unicamente, e tem as características que toma do tempo: a) representa uma extensão, e b) essa extensão é mensurável numa só dimensão: é uma linha” (SAUSSURE, 2012, p.110).

Como o significante dá-se por vias auditivas, ele segue as mesmas características do tempo, isto é, apresenta uma linearidade (o som se apresenta um após outro, numa linha que é a cadeia da fala, marcada pelo tempo).

No capítulo III (princípios gerais), Saussure (2012) aborda mais uma das suas famosas dicotomias: Diacronia X Sincronia. Ele alega que todas as ciências deveriam se preocupar com os eixos que o seu objeto de estudo ocupa. Na Linguística não é diferente, basta ver que os eixos afetam o tipo de Linguística com o qual se trabalha.

O autor chama de Linguística Estática aquilo que faz parte do eixo horizontal e de Linguística Evolutiva aquilo que faz parte do eixo vertical. “O eixo das simultaneidades, concernente às relações entre coisas coexistentes, de onde toda intervenção do tempo se exclui e, [...] o eixo das sucessões sobre o qual não se pode considerar mais que uma coisa por vez [...]” (SAUSSURE, 2012, p.121).

Na Linguística estática (plano sincrônico⁹) está inscrita as relações entre termos que coexistem dentro do sistema interno, sem a intervenção do tempo. Não há, nesse caso, uma

⁹ “A Linguística Sincrônica se ocupará das relações lógicas e psicológicas que unem os termos coexistentes e que formam sistemas, tais como são percebidos pela consciência coletiva” (SAUSSURE, 2012, p.142).

preocupação com o estudo da língua sob o viés histórico, mas com a relação entre vários elementos concomitantemente. A Linguística Evolutiva (plano diacrônico¹⁰) considera que as coisas não coexistem dentro do sistema. Elas sofrem, na verdade, entre si, processos de substituições pautadas no tempo. Nesse caso o foco do estudo é a evolução da língua, ou seja, estuda-se um elemento por vez, ao longo de tempos históricos distintos.

Finalizo este subtópico da dissertação com algumas observações sobre a noção de valor linguístico criado por Saussure (2012). Tal valor nos conduz a última dicotomia Saussuriana, porém, não menos importante: paradigma x sintagma.

Em consonância com Saussure (2012, p.158), a noção de valor linguístico está atrelada aos dois elementos que compõem a unidade linguística: as ideias e os sons. É inatingível a compreensão do sistema linguístico enquanto valor, quando a compreensão ideia e som se faz ausente.

A língua funciona como uma espécie de articuladora que permite unir ideia e som, ao mesmo tempo, em que se constitui através da relação que articulou. “A Linguística trabalha [...] no terreno limítrofe em que os elementos de duas ordens se combinam: essa combinação produz uma forma, não uma substância” (SAUSSURE, 2012, p. 160).

Ao falar em forma e não em substância Saussure (2012) delimita para a língua uma união concreta e dotada de significado. Uma forma carregada de sentidos para o falante através de um processo que vai além da mera união entre um som e um conceito. É nesse limiar que surge a noção de valor.

Os termos linguísticos só assumem valor ou conceitos através da relação com outros termos. Um signo (significado+ significante) sempre precisará se relacionar com outros signos para significar dentro do sistema linguístico, estabelecendo, assim, uma ideia de valor seja pelo viés da dessemelhança com outro signo ou pelo viés da semelhança.

Materialmente, “o que importa na palavra não é o som em si, mas as diferenças fônicas que permitem distinguir essa palavra de todas as outras, pois, são elas que levam a significação” (SAUSSURE, 2012, p. 165). Não importa a substância do som, mas a sua forma distintiva que permite a existência de um valor para si. Um valor que o diferencia de outros inúmeros sons.

¹⁰ “A Linguística Diacrônica estudará, [...], as relações que unem termos sucessivos não percebidos por uma mesma consciência coletiva e que se substituem uns aos outros sem formar sistema entre si.” (SAUSSURE, 2012, p.142).

Agora que já está clara a existência de certas relações; resta-nos discorrer os tipos de relações e, ao mesmo tempo, explicar a dicotomia Sintagma X Paradigma. Segundo Saussure (2012), há dois tipos de relações: as sintagmáticas e as associativas (paradigmáticas).

A relação sintagmática existe *in praesentia*; repousa em dois ou mais termos igualmente presentes numa série efetiva. Ao contrário, a relação associativa une termos *in absentia* numa série mnemônica virtual (SAUSSURE, 2012, p. 172).

No eixo sintagmático, o valor de um termo se dá em relação com o termo anterior ou posterior, ambos presentes, por isso Saussure fala de uma relação *in praesentian*. No eixo paradigmático, por sua vez, o valor do termo se dá por relações associativas, numa relação ausente, por isso o uso do termo *in absentia*.

2.1.2 Nikolay Sergejevich Trubetzkoy

Estudar Fonética e Fonologia nos leva, enquanto pesquisadores da área, a utilizar Trubetzkoy como um importante aporte teórico, afinal, seus estudos delimitam e diferenciam a Fonética e a Fonologia como a conhecemos atualmente.

No livro *Principios de Fonologia*, publicado pela editora Cincel em 1973, Trubetzkoy traz importantes conceitos sobre o campo da Fonética e da Fonologia. Um deles é a noção de oposição distintiva.

La idea de diferencia supone la idea de **oposición**. Una cosa puede diferenciarse de otra solo en la medida en que ambas se opongan entre sí, es decir, en la medida en que exista entre ambas una relación de oposición. La función distintiva, por lo tanto, solo puede ser desempeñada por una particularidad fónica en la medida en que ella se oponga a otra particularidad fónica. Las oposiciones fónicas que en la lengua de que se trata pueden diferenciar las significaciones intelectuales de dos palabras serán llamadas fonológicas [...]. Las oposiciones fónicas que, por el contrario, no poseen esta facultad serán designadas no pertinentes desde el punto de vista fonológico y no distintivo (TRUBETZKOY, 1973, p. 29, grifo nosso).

A citação acima nos permite dizer que só é possível distinguirmos uma coisa de outra por meio de uma relação opositiva¹¹. A mesma relação é necessária para que particularidades fônicas sejam estabelecidas, com qualidades distintivas ou não. As particularidades fônicas

¹¹ Ideia já defendida por Saussure (2013).

que apresentam caráter distintivo, ou seja, que afetam a semântica das palavras, são denominadas de oposições fonológicas. Aquelas que, por sua vez, não provocam mudanças semânticas não pertencem à área fonológica. Tal informação nos leva a indagar sobre qual área estas últimas particularidades fônicas pertencem?

O autor (1973), a seguir, discute sobre os sons mutáveis e imutáveis e consequentemente acaba por responder a nosso questionamento anterior. Para ele, o primeiro consiste em sons que podem ser encontrados num mesmo contexto fonológico, em uma determinada língua. O segundo é marcado pela ausência de tal capacidade. Em conformidade com o autor, podemos afirmar que “los sonidos impermutables no pueden formar, en principio, oposiciones fonológicas (o distintivo) [...]” (TRUBETZKOY, 1973, p. 29), ou seja, além de não compactuar um mesmo contexto fonológico, os sons imutáveis não exercem função distintiva nas palavras.

“Los sonidos permutables, por su parte, pueden formar tanto oposiciones distintivas como oposiciones no distintivas. Esto depende exclusivamente de la función que la desempeñan tales sonidos en la lengua de que se trata” (TRUBETZKOY, 1973, p.30), ou seja, em algumas línguas, determinados traços vão afetar a semântica da palavra, pois está no plano fonológico, enquanto em outras línguas o sentido não será afetado; estaremos diante, portanto, de marcas fonéticas¹² (não distintivas).

Por oposición fonológica (directa o indirecta) entendemos toda oposición fónica que, en la lengua de que se trata, puede diferenciar las significaciones intelectuales. Cada uno de los términos de una oposición fonológica será llamado unidad fonológica (o distintiva) [...]” (TRUBETZKOY, 1973, p.31).

Vale ressaltar, mais uma vez, a relação intrínseca entre a Fonologia e a Semântica (significaciones intelectuales). Essa relação, em conjunto com a estrutura, vai definir o que pertence ao campo fonológico e o que pertence ao campo fonético (TRUBETZKOY, 1973). Elementos que pertencem à Fonologia dialogam com outros elementos fonológicos, estabelecendo uma relação opositiva. Tais elementos são chamados, pelo autor, de unidade fonológica ou de unidade distintiva.

“A Fonologia atual dedica enorme atenção ao estudo das oposições fonológicas” (TRUBETZKOY, 1981, p.20), efetivadas através da disjunção ou por meio da correlação.

¹² Eis aqui a resposta para o questionamento feito no último parágrafo da página 1: A qual área pertence às particularidades fônicas que não provocam distinções ou mudanças semânticas nas palavras? Pertence a área fonética.

A propriedade de correlação consiste na oposição da presença e da ausência de uma qualidade fonológica que distingue vários pares de unidades fonológicas [...]. Quando duas (ou várias) unidades fonológicas pertencentes ao mesmo sistema se opõem uma a outra sem formar entre si um par de correlações, dizem-se disjuntas, e sua oposição é chamada disjunção [...] (TRUBETZKOY, 1981, p.20).

Observe como é nítida a ideia de relação e de valor na citação acima. A oposição por correlação dar-se-á sempre por meio de características presentes ou ausentes num dado fonema, quando comparado com outro fonema. Isso implica dizer que não é possível ignorarmos o processo de relação aí presente; não podemos ignorar que o fonema é parte de um todo, contudo, há contextos em que a oposição entre os sons não se efetua mediante a presença ou ausência de qualidades fonológicas. Nesse caso, estaremos diante de oposições por disjunção e não por correlação.

A relação opositiva é indispensável para instituímos o que é ou não um fonema. “Uma qualidade fonológica só existe como termo de uma oposição fonológica” (TRUBETZKOY, 1981, p.23). Se não houver este traço de oposição, estaremos diante de uma qualidade fonética, uma particularidade da língua, que não afeta o significante linguístico.

Las unidades fonológicas que, desde el punto de vista de la lengua tratada, no pueden ser analizadas en unidades fonológicas aún más pequeñas y sucesivas, serán llamadas fonemas. El fonema es, de este modo, la unidad fonológica más pequeña de la lengua de que se trata. La faz significativa de cada palabra puede ser analizada en fonema y ser representada como una serie determinada de fonemas” (TRUBETZKOY, 1973, p.31-33).

A partir do texto acima, é possível tomar posse de novas informações relevantes para a temática desse estudo. Anteriormente, Trubetzkoy disse que cada oposição fonológica é uma unidade fonológica distintiva; agora, ele afirma que a menor unidade fonológica distintiva de uma língua é o fonema e que esse ou uma série de fonemas constituem o significante das palavras.

Cada palabra es más bien una totalidad fónica, una forma y es reconocida como tal por los auditores, [...]. El reconocimiento de la forma supone, sin embargo, su diferenciación, y esta es posible solamente si las formas se distinguen unas de otras por medio de ciertas marcas. Los fonemas son, precisamente, las marcas distintivas de la forma de las palabras. Cada palabra debe contener tantos fonemas y en un orden tal, que se distinga de

toda otra palabra. El conjunto de fonemas es un determinado orden, que caracteriza a una palabra no es propio sino de esta palabra; pero cada fonema individualmente aparece, como marca distintiva, también en otras palabras (TRUBETZKOY, 1973, p.33).

É bem verdade que o ouvinte não assimila uma palavra em suas particularidades, mas em sua totalidade fônica, contudo, não se deve negar que para reconhecer uma forma de uma dada palavra precisamos diferenciá-la de outras formas, detectando assim, as especificidades da totalidade. O autor defende que isso só é possível através de certas marcas e, a partir dessa informação, podemos apontar um dos elementos mais importantes da Fonologia estruturalista de Trubetzkoy: as marcas distintivas.

Conforme Trubetzkoy (1973), a marca distintiva, que estabelece a forma de uma dada palavra, nada mais é do que o fonema de uma língua. A palavra, portanto, precisa conter fonemas/marcas distintivas específicas em uma ordem estabelecida, para que possa assim, distinguir-se de outras formas.

Após as discussões sobre o fonema e as marcas distintivas, Trubetzkoy (1973) discorre sobre outro importante elemento para os estudos fonológicos: o significante da língua ou a imagem acústica.

La misma imagen fónica¹³ puede ser al mismo tiempo término de una oposición fonológica (o distintiva) y de una oposición no distintiva. Si esto es posible, es solo porque una imagen fónica contiene siempre varias particularidades acústico-articulatorias y no se distingue de otras imágenes fónicas por todas estas particularidades, sino solamente por algunas (TRUBETZKOY, 1973, p.34).

A partir de Trubetzkoy (1973), é possível notar que não há no seu discurso quaisquer indícios que nos leve a restringir a imagem fônica exclusivamente as oposições fonológicas, dado que as particularidades de uma imagem podem desempenhar ou não função distintiva. Para explicar essa dualidade, o autor argumenta que as particularidades acústico-articulatórias não são tomadas no seu todo para diferenciar uma imagem fônica em detrimento de outra.

Las imágenes fónicas toman parte en las oposiciones fonológicas (distintivas) solo por medio de sus particularidades fonológicamente pertinentes. Y puesto que todo fonema debe ser miembro de una oposición fonológica, se deduce que el fonema no debe coincidir con una imagen

¹³ Num ato de interpretação perante o texto de Trubetzkoy (1973) e o texto de Saussure (2012), certificamos que a imagem fônica e o significante são tomadas como sinônimos.

fónica concreta, sino solo con las particularidades fonológicamente pertinentes de esta (TRUBETZKOY, 1973, p.34).

Uma imagem fônica pertence ao campo da oposição distintiva e utiliza apenas uma pequena fração do total das particularidades acústico-articulatórias, isto é, ela toma para si apenas as particularidades que alteram o significado linguístico. Diante disso, podemos concluir que o fonema não é constituído pela imagem fônica propriamente dita, mas pelas particularidades pertinentes dessa imagem. “Puede decirse pues, que el fonema es el conjunto de las particularidades fonológicamente pertinentes de una imagen fónica” (TRUBETZKOY, 1973, p.34).

Cada uno de los sonidos concretos producidos y percibidos en el acto de palabra, presenta además de las particularidades fonológicamente pertinentes, muchas otras fonológicamente no pertinentes. En consecuencia, ninguno de estos sonidos puede ser considerado sin más como un fonema. [...]. Los fonemas se realizan en los sonidos de que está constituido todo acto de palabra. Estos sonidos no son nunca el fonema mismo, puesto que un fonema no contiene ningún rasgo fonológicamente no pertinente, y esto es imposible para un sonido realmente pronunciado. Los sonidos concretos que hablamos en el habla son, más bien, solo los símbolos materiales del fonema (TRUBETZKOY, 1973, p.34).

O excerto assinalado evidencia o esforço realizado pelo autor para que o leitor possa captar a diferença entre fonema e som e, ao mesmo tempo, possa absorver a ideia de fonema como particularidade fonológica. O som agrega todas as particularidades acústico-articulatórias, independente da sua relevância para o significado linguístico. Em contraponto, o fonema seleciona apenas as particularidades com pertinência semântica.

Não podemos negar a materialização do fonema no som, contudo podemos afirmar que eles não são sinônimos, dado que o som funciona como o código linguístico e o fonema como signo do código (MASIP, 2014).

El conjunto de todas las particularidades, tanto pertinentes como no pertinentes, que aparecen en un determinado punto de la corriente sonora en el cual se realiza un fonema, será designado con el nombre de sonido del lenguaje (o sonido del habla). Cada sonido del lenguaje incluye, pues, por una parte, particularidades fonológicamente no pertinentes, cuya elección y aparición está condicionada por una serie de causas (TRUBETZKOY, 1973, p.35).

Após a distinção de fonema e som, Trubetzkoy (1973) alerta para a maleabilidade acústico-articulatória dos sons da linguagem. Eles comportam em si diferentes modos de

materialização da linguagem, afinal, em algumas situações, a profundidade do significado é atingida; em outros contextos, os sons flutuam apenas no plano fonético. Nesse último caso, as particularidades não pertinentes assumem o papel de variantes fonéticas de um só fonema.

Observe como ao longo desse texto o termo fonema aparece com maior frequência, contudo, não se deve criar a ilusão de que é possível definir tal termo sem arcar com extrema dificuldade.

De acordo com Trubetzkoy (1981), o dialetólogo J. Winteler, com seu estudo sobre o patoá suíço-alemão, foi o primeiro a apontar a necessidade de se fazer distinções entre duas espécies de oposições fônicas. Enquanto umas afetariam o campo semântico e gramatical da língua, outras não realizariam tal interferência linguística. Apesar de o dialetólogo suíço ter renunciado estudos que seriam solidificados alguns anos posteriores, suas ideias foram relegadas ao esquecimento.

Mais tarde, uma ideia análoga foi formulada pelo célebre foneticista inglês H.Sweet, sem que, entretanto, se possa supor uma relação qualquer entre ele e J. Winteler. O princípio de distinção de duas classes de oposições fônicas, conforme sejam ou não utilizadas para diferenciar a significação das palavras (TRUBETZKOY, 1981, p. 15).

A citação nos possibilita notar a ausência de relação entre o foneticista e o dialetólogo, porém, suas ideias parecem convergir. Ambos defendem a existência de oposições fônicas distintas, todavia tanto o primeiro quanto o segundo não ultrapassam o plano fonético.

A seguir, Trubetzkoy (1981) aponta os estudos Saussurianos e alega que no Curso de Linguística Geral há uma melhor distinção do que é som material e do que é significante imaterial. O problema reside no fato de que Saussure não delimita o que é Fonologia e o que é Fonética; o que está para o material, e o que está para o imaterial.

É somente com J. Baudouin de Courtenay que essa delimitação se efetua, já que ele defende a necessidade de instituição de duas ciências: uma voltada para os sons da língua e, outra para as “imagens fônicas de que se compõem a palavra” (TRUBETZKOY, 1981, p.16). Para Courtenay o fonema “el equivalente psíquico de los sonidos da lenguaje” (TRUBETZKOY, 1973, p. 35).

Esta definición era insostenible, puesto que a un mismo fonema pueden corresponder, como variantes, varios sonidos del lenguaje, cada uno de los cuales posee un “equivalente psíquico” propio, constituido por las

correspondientes representaciones acústicas y motrices (TRUBETZKOY, 1973, p.35).

É insustentável o conceito de fonema abordado por Courtenay, dado que múltiplas variantes podem corresponder a um único fonema e cada variante tem uma representação psíquica distinta, com suas respectivas representações acústicas e motoras.

A crítica que Trubetzkoy (1981) faz as ideias de Courtenay consiste exatamente na estreita relação que este último estabelece entre físico e Fonética, psicológico e Fonologia. Como se não houvesse a possibilidade do físico e do psicológico ocorrerem simultaneamente em um mesmo fenômeno linguístico, como se o caráter diferencial entre fonema e som estivesse restrito ao psicológico e não ao valor¹⁴ que cada fonema assume, quando relacionado com outros fonemas: “el sonido del lenguaje sólo puede ser definido por su relación com el fonema” (TRUBETZKOY, 1973, p.35).

De acordo com Trubetzkoy (1973), o fonema é um conceito linguístico e não psicológico. É mais precisamente, um conceito funcional.

El fonema no puede ser definido satisfactoriamente ni por su naturaliza psicológica ni tampoco por su relación con las variantes fonéticas, sino única y exclusivamente por su función en la lengua [...] (TRUBETZKOY, 1973, p.38).

A definição de fonema não deve ter como base o caráter psicológico, nem as múltiplas variantes fonéticas que podem lhe ocorrer, mas a sua função na língua, isto é, o seu valor de modificador semântico, quando comparado e relacionado com outros fonemas.

Em síntese, até aqui discutimos acerca dos seguintes elementos: diferença entre Fonética e Fonologia; oposições distintas; sons mutáveis e imutáveis; imagens fônicas; definição de fonema e som; particularidades pertinentes e não pertinentes; definições de fonemas.

Além disso, resta-nos discorrer sobre as regras necessárias para determinar os fonemas. Afinal:

[...] O conteúdo do fonema, definido sempre como o conjunto das oposições fonológicas das quais participa, pode mudar de acordo com a posição desse fonema. Daí a necessidade de estudar as regras de emprego dos fonemas, as condições segundo as quais uma oposição fônica dada possui um valor fonológico, e as combinações de fonemas admitidas a língua dada (TRUBETZKOY, 1981, p. 23).

¹⁴ Ideia de valor linguístico defendido por Saussure (2013).

Nem sempre o fonema apresentará o mesmo valor fonológico em qualquer contexto ou posição que ocupa em uma dada palavra. Ora ele poderá ser verdadeiramente um fonema, com traços distintivos, ora poderá exercer apenas uma função fonética¹⁵. Isso nos leva a concordar com o autor sobre a relevância de se estudar e de compreender as regras de emprego dos fonemas. Sem tal estudo corremos o risco de não compreender os limites e aspectos de cada área.

O primeiro conjunto de regras que Trubetzkoy (1973) discorre refere-se àquelas que possibilitam distinguir os fonemas das variantes.

¹⁶1ª REGLA: Cuando dos sonidos de la misma lengua aparece exactamente en el mismo contexto fónico y pueden ser reemplazados el uno por el otro sin que esto provoque una diferencia en la significación intelectual de la palabra, dichos sonidos son solo variantes fonéticas facultativas de un fonema único (TRUBETZKOY, 1973, p.41).

Na primeira regra, o que determina a distinção entre fonemas e variantes é o contexto fônico e o modo como os sons se relacionam dentro dele. Sons que compartilham o mesmo contexto fônico e não conseguem modificar o sentido de uma palavra através do processo de permuta são chamados de variantes facultativas de um fonema.

Tais variantes facultativas subdividem-se em “generales y [...] individuales” (TRUBETZKOY, 1973, p. 41). As variantes gerais são aquelas que já estão solidificadas dentro da esfera da normalidade e não são, portanto, consideradas erros da linguagem; pode, assim, ser usada por todos. As variantes facultativas são modelos distribuídos distintamente dentro de uma comunidade. Esses modelos substituem a norma e acaba por ser tomada como desvio ou erro linguístico.

¹⁷2ª REGLA: Cuando dos sonidos aparecen exactamente en la misma posición fónica y no pueden ser reemplazados el uno por el otro sin modificar con ello la significación de las palabras o convertir a estas en irreconocibles, dichos sonidos son realizaciones fonéticas de dos fonemas distintos (TRUBETZKOY, 1973, p. 43).

¹⁵ Em tais situações, a relação opositiva entre os fonemas sofre neutralização. “Aquellas oposiciones que pierden su valor distintivo en determinadas posiciones fónicas se consideran neutralizables, esto es, la validez diferencial entre los miembros de la oposición cesa en determinadas posiciones” (OBEDIENTE, 2007, p.30).

¹⁶ Exemplo no Português Brasileiro: /'maR/ = ['mah] ou ['maɪ] (CRISTÓFARO-SILVA, 2003, p.161).

¹⁷ Exemplo no Português Brasileiro: /'faka/ = ['faka] X /'vaka/ = ['vaka] (CRISTÓFARO-SILVA, 2003, p.126).

Ao contrário da primeira regra, esta segunda trata de sons que aparecem na mesma posição fônica e não podem sofrer permuta, pois, causariam alterações semânticas nas palavras. Por isso, não estamos mais falando de variações de um único fonema, mas de fonemas opostos.

¹⁸³ REGLA: Cuando dos sonidos de una lengua emparentados acústica o articulariamente no se presentan nunca en el mismo contexto fónico, deben ser considerados como variantes combinatorias del mismo fonema (TRUBETZKOY, 1973, p.43).

A terceira regra trata de dois sons que apresentam certas proximidades do ponto de vista acústico e articulatorio, porém, não compartilham o mesmo contexto fônico. Nesse caso, nem todos os ambientes fônicos de um som podem ser preenchidos pelo som semelhante, o que acarreta contextos específicos para cada um. Diante disso, podemos dizer que há entre eles uma relação de complementaridade (CRISTÓFARO-SILVA, 2003, p.131) não de oposição distintiva. São, portanto, variantes combinatorias ou posicionais (CALLOU e LEITE, 2009, p.43) de um mesmo fonema.

¹⁹⁴ REGLA: Dos sonidos, aunque se ajusten a las condiciones de la 3ª Regla, no deben ser considerados como variantes de un mismo fonema cuando pueden, en la lengua de que se trata, hallarse contiguos el uno al otro, es decir, formar un grupo fónico en las posiciones en que también uno de ellos puede aparecer aislado (TRUBETZKOY, 1973, p.45).

A quarta regra alerta que nem sempre os sons com as características declaradas na regra 3 devem ser compreendidos como variantes combinatorias de um mesmo fonema, pois, há contextos em que um determinado som semelhante consegue preencher todos os ambientes fônicos do som base. Nesse caso, é necessário tratar os referidos sons como fonemas distintos, tendo em vista que além de ocupar o mesmo contexto fônico, o som semelhante passa a contrastar semanticamente com outros fonemas.

¹⁸ Exemplo no Português Brasileiro: /'tia/ = [ˈtʃia] ou [ˈtʃiã]. “Do ponto de vista da análise fonêmica, dizemos que [t] e [tʃ] são **alofones** de um mesmo fonema. A ocorrência de um alofone é previsível pelo contexto ou ambiente determinado pela análise de distribuição complementar: [tʃ] ocorre diante de [i] e suas variantes e [t] ocorre nos demais ambientes” (CRISTÓFARO-SILVA, 2003, p.131).

¹⁹ Exemplo no Português Brasileiro- dialeto de alguns falantes de Cuiabá (MT): /'tia/ = [ˈtʃia] ou [ˈtʃiã]. “Temos também o dialeto de alguns falantes de Cuiabá (MT) em que [tʃ] ocorre diante de qualquer vogal - chapa, cheque, cheiro, china, chove, choro, chuva - (o [tʃ] corresponde ao **ch** ortográfico). Neste caso, [tʃ] deve ser analisado ao estar em oposição fonêmica a outros sons foneticamente semelhantes como [t] e [s]. As palavras “tapa, sapa, chapa” ilustram pares mínimos que demonstram o status de fonema de /t, s, tʃ/ para estes falantes de Cuiabá” (CRISTÓFARO-SILVA, 2003, p.131).

Além desse primeiro conjunto de regras, vale acrescentar os apontamentos realizados por Trubetzkoy (1973) acerca da classificação das oposições distintivas. Segundo o autor a respectiva classificação dá-se por três modos. Estes são:

- 1) A sua relação com outras oposições;
- 2) A sua relação com um dos seus membros;
- 3) A sua relação com a extensão da sua capacidade distintiva.

No primeiro modo, as oposições classificam-se em “oposiciones bilaterales y oposiciones multilaterales; oposiciones aisladas y oposiciones proporcionais” (TRUBETZKOY, 1973, p. 60).

Nas *oposiciones bilaterales*²⁰, as particularidades que diferenciam dois fonemas pertencem exclusivamente aos dois dentro de todo o sistema. Nas *oposiciones multilaterales*²¹, ocorre o inverso, isto é, as particularidades não são exclusivas de dois fonemas, dado que eles pertencem a outros membros do sistema. Nas *oposiciones proporcionais*²², a relação entre dois membros é detectada em outras relações de outros membros do sistema, enquanto que, nas *oposiciones aisladas*²³, a relação de oposição entre dois membros não é detectável em nenhuma outra relação do sistema.

No segundo modo, as oposições classificam-se em “oposiciones privativas, oposiciones graduales y oposiciones equipolentes” (TRUBETZKOY, 1973, p.66). Nas *oposiciones privativas*²⁴, um dos membros apresenta uma marca ausente no outro membro, em contrapartida, nas *oposiciones graduales*²⁵, os membros se distinguem através de traços graduais de uma mesma particularidade. Por fim, nas *oposiciones equipolentes*²⁶, os dois membros apresentam equivalência.

²⁰ “Há oposição bilateral entre [t]-[d] em Alemão, Francês e Português, já que estas são as duas únicas oclusivas linguodentais dessas línguas” (LOPES, 1980, p.140).

²¹ “Em Francês e Português há oposição multilateral entre [b]-[d], porque essas línguas conhecem outro fonema [g], no qual os traços comuns a [b]-[d], o serem consoantes sonoras, encontram-se também presentes em [g]” (LOPES, 1980, p.140).

²² “Há oposição proporcional entre [p]-[b], no Francês e Português, porque o mesmo parcial diferente que as opõe (isto é, surda/sonora), reaparece nos pares [t]-[d] e [k]-[g]” (LOPES, 1980, p.140).

²³ “As oposições que não são proporcionais constituem oposições isoladas. A oposição [r]-[r̄], em Português, é isolada porque nenhum outro par de fonemas apresenta a mesma relação interna, a razão vibrante simples/vibrante múltipla” (LOPES, 1980, p.141).

²⁴ “Em Português, [t]-[d] estão em oposição privativa, pois o segundo elemento se caracteriza por apresentar vibrações das cordas vocais que o primeiro elemento não possui: a particularidade possuída por um termo (termo marcado) está ausente do outro (termo não marcado)” (LOPES, 1980, p.141).

²⁵ “A diferença [e]-[ɛ] é gradual em Francês e Português, porque essas línguas possuem vários graus de abertura [...]” (LOPES, 1980, p.142).

²⁶ “Em (Inglês) foot/feet “pé” /” pés”, não há nem marca nem ausência de marca” (LOPES, 1980, p.142).

No terceiro modo, as oposições classificam-se em “oposiciones constantes e oposiciones neutralizables” (TRUBETZKOY, 1973, p. 68). Nas *oposiciones constantes*²⁷, as oposições entre dois membros permanecem intactas em seus respectivos contextos. Nas *oposiciones neutralizables*²⁸, ocorre o inverso, isto é, oposições entre dois membros são apagadas (neutralizadas) em determinados contextos.

Por conseguinte, Trubetzkoy (1973) não apenas traz o conceito de *oposiciones neutralizables*, como aprofunda a noção através do termo *archifonema*.

En la posición de neutralización uno de los miembros de la oposición se convierte por lo tanto en representante del archifonema de dicha oposición, entendiéndose por ‘archifonema’ al conjunto de particularidades distintivas que son comunes a dos fonemas. De esto se deduce que solamente pueden ser neutralizables las oposiciones bilaterales (TRUBETZKOY, 1973, p.70).

Em conformidade com autor, o arquifonema²⁹ é o nome atribuído ao fenômeno linguístico que causa a perda da qualidade distintiva entre dois fonemas em um ambiente específico.

Em resumo, Trubetzkoy (1981) tece discussões sobre o que é Fonologia e Fonética, com o cuidado de quem aborda áreas tão próximas e, ao mesmo tempo tão díspares.

A Fonética atual se propõe estudar os fatores materiais dos sons da fala humana: seja as vibrações do ar que a eles correspondem, seja as posições e movimentos dos órgãos que os produzem. Em troca o que a Fonologia quer estudar não são os sons, mas os fonemas, isto é, os elementos constitutivos do significante linguístico, elementos imateriais, uma vez que o próprio significante o é (segundo F. de Saussure) (TRUBETZKOY, 1981, p.18).

²⁷ “São aquelas em que os significados diferentes se traduzem sempre por significantes diferentes: em “como” / “comemos”, a primeira pessoa do singular e a do plural (significados diferentes), possuem significantes diferentes” (LOPES, 1980, p. 147).

²⁸ “Há oposição neutralizável quando os significados nem sempre têm significantes diferentes. É o caso da 3ª pessoa do singular/3ª pessoa do plural em Português, nos verbos do tipo (tem/têm), (vir/vêm) e seus compostos” (LOPES, 1980, p.142).

²⁹ Exemplo de Arquifonema no Português Brasileiro: /s/ - “certos segmentos que apresentam contraste fonêmico [...] podem apresentar a perda do contraste fonêmico em um ambiente específico. Temos em português a oposição fonêmica entre /s,z,ʃ,3/. Os pares mínimos “assa, asa, acha, haja” caracterizam o contraste fonêmico dos fonemas /s, z, ʃ,3/ em posição intervocálica. Os pares mínimos “(ele)seca, Zeca, (ele)checa, jeca” caracterizam o contraste fonêmico dos fonemas /s, z, ʃ,3/ em início de palavra. Note que caso haja a troca de um fonema pelo outro haverá mudança de significado da palavra. Observe, contudo, que em posição final de sílaba, o contraste fonêmico dos fonemas /s, z, ʃ,3/ desaparece. Queremos dizer com isto que em posição final de sílaba qualquer um dos segmentos [s, z, ʃ,3] pode ocorrer sem causar prejuízo de significado” (CRISTÓFARO-SILVA, 2003, p.157).

Ao tomarmos as palavras do autor, é possível distinguir a linha tênue que separa a Fonética da Fonologia. A primeira pertence ao campo da materialidade da língua, posto que ela está preocupada com as questões físicas do som, isto é, detém-se aos mecanismos acústico-articulatórios que são acionados para a efetuação do som.

A Fonologia, por sua vez, não trabalha com o som físico, mas com questões semânticas, uma vez que ela não se interessa por todo som material da fala, mas por sons (fonemas) específicos, dotados de características distintivas; sons que ocupam o espaço imaterial da língua e constitui o significante linguístico. Ao optarmos pelo estudo dos sons ou dos fonemas, estamos conseqüentemente lidando com áreas distintas³⁰.

Trubetzkoy (1981) vai mais além e afirma que não é apenas o objeto de estudo que distingue a Fonética da Fonologia, mas a metodologia.

A Fonética, individualista e atomista por natureza, estuda os fenômenos fônicos isolados; a Fonologia, universalista por natureza, parte de um sistema como de um todo orgânico, cuja estrutura ela estuda (TRUBETZKOY, 1981, p. 20).

Enquanto a Fonética estuda o som isolado, a Fonologia, por ter como objeto elementos distintivos (dotados de valor), precisa estudar os fonemas dentro de uma rede de relações. Um elemento, para a Fonologia, será sempre visto como parte de um todo.

2.1.3 Roman Jakobson e Morris Halle

Como vimos no tópico 2.1.1, Saussure (2012) aponta elementos importantes para o campo da Fonética e da Fonologia, entretanto, os seus estudos revelam apenas a ponta do *iceberg*.

É com a instauração do Círculo de Praga, em 1926, que uma nova parte do *iceberg* nos é revelado, pois, foi somente a partir dos debates desenvolvidos pelo referido Círculo que a Fonética e a Fonologia ganharam maior destaque nas discussões científicas. Tal destaque se inicia em 1928, quando é realizado o primeiro Congresso de Linguística em Haia, no qual se anuncia com menor timidez uma proposta de estudo dos sistemas de sons.

³⁰ Dizer que são áreas distintas não significa afirmar que ambas não possam atuar juntas, pelo contrário, raramente se faz um estudo exclusivo da Fonética ou exclusiva da Fonologia.

Após o já mencionado Congresso, o Círculo de Praga passou a se preocupar com a temática; passou a desenvolver estudos importantes para a Fonética e Fonologia da época. Tais estudos ecoam até hoje, interferindo no modo como são conduzidas as investigações fonético-fonológicas na atualidade.

O desenvolvimento da Fonética e da Fonologia no Círculo de Praga é marcado por diversos protagonistas, entre eles estão Trubetzkoy (1973) e Jakobson e Halle (1980). Trubetzkoy, ao escrever a obra *Principios de fonología* (1973), é o primeiro do círculo a desenvolver noções indispensáveis para a constituição da Fonética e da Fonologia como, por exemplo, as noções acerca das oposições distintivas, dos sons imutáveis e mutáveis, dos fonemas, entre outros.

Jakobson e Halle, na obra *Fundamentos del lenguaje* (1980), por sua vez, dão continuidade aos estudos de Trubetzkoy, com a profundidade necessária. Eles iniciam o seu texto citando os diversos apelidos existentes em Nova Iorque: Bitter, Chitter, Ditter, Fitter, Gitter entre outros. Os autores usam o exemplo para mostrar que, enquanto falantes de uma dada língua³¹, quando ouvimos um determinado som captamos uma corrente sonora. Essa corrente, por sua vez, é formada por unidades que aparecem uma após a outra. “En cuanto hablante del inglés, usted divide fácilmente y sin darse cuenta la corriente sonora continua en un número determinado de unidades sucesivas” (JAKOBSON e HALLE, 1980, p.11).

A corrente e linearidade sonora possibilitam ao ouvinte, mesmo inconscientemente, a detecção de valores diferenciais entre os sons numa rede de correlações. Tal valor é o cerne das discussões dos teóricos, tendo em vista que eles defendem a existência de traços distintivos e buscam discutir o papel que eles exercem na cadeia sonora, a sua estrutura, a classe à qual pertencem, entre outros.

Ao adentrarem nas discussões acerca da estrutura dos traços distintivos, os autores mencionam que:

El análisis lingüístico desmonta gradualmente las unidades complejas del discurso en morfemas, los componentes últimos del mismo dotados de significado propio, y desmenuza estos vehículos semánticos mínimos hasta llegar a los últimos de sus elementos constitutivos capaces de diferenciar unos morfemas de otros. Estos elementos son los llamados rasgos distintivos (JAKOBSON y HALLE, 1980, p.12).

³¹ No livro, Jakobson e Halle (1980) usam o Inglês como referência.

Ao analisar uma língua é possível fragmentá-la numa unidade mínima significativa, o morfema; contudo, há também uma unidade ainda menor, o traço distintivo, capaz de fragmentar o morfema e de diferenciá-lo numa rede de correlações com outros morfemas.

Uma leitura mais atenta nos permite constatar que a unidade significativa e os traços distintivos não são tomados como sinônimos pelos teóricos. Por isso, Jakobson e Halle (1980, p.12) alertam sobre a necessidade de se estabelecer dois níveis de linguagem e de análise linguística: o nível semântico e o nível dos traços distintivos.

O nível dos traços distintivos “corresponde a las unidades simples y complejas cuya función consiste ten solo en diferenciar, agrupar, delimitar o poner de relieve las diversas unidades significativas” (JAKOBSON y HALLE, 1980, p.13). Observe que os traços distintivos são unidades ainda menores que o morfema, entretanto, não é uma unidade mínima significativa, dado que a sua função não é transparecer sentidos, mas estabelecer distinções, agrupamentos, delimitações e destaques das unidades significativas. Os traços são, na verdade, unidades que ficam em segundo plano, porém, não menos importantes que as unidades de primeiro plano, os morfemas; já que sem o segundo plano seria inviável fragmentar e diferenciar o primeiro plano.

Cada traço distintivo é constituído por dois termos que estão inseridos em uma oposição distintiva específica. Tal especificidade possibilita a distinção das propriedades dessa oposição perante as propriedades de outras oposições (JAKOBSON e HALLE, 1980, p. 13).

Os traços distintivos estão, na verdade, imersos numa rede de relações que exigem “una decisión afirmativa o negativa” (JAKOBSON y HALLE, 1980, p.13). Isso implica dizer que, ao nos depararmos com um determinado som, precisamos afirmar ou negar uma determinada propriedade para detectar o traço distintivo.

El oyente tiene que elegir, bien entre dos cualidades polares de una misma categoría, como en el caso de la oposición grave/agudo, bien entre la presencia y la ausencia de una determinada cualidad, como en las oposiciones sonoro/sordo, nasalizado/no nasalizado [...] (JAKOBSON y HALLE, 1980, p.13-14).

A citação acima reforça a ideia de que os traços distintivos são constituídos pela afirmação ou negação de uma propriedade. O ato de afirmar ou negar pode ocorrer tanto entre particularidades de uma mesma categoria (grave/agudo) quanto pela ausência ou presença de uma qualidade em categorias distintas (nasal/não nasal, sonoro/surdo).

A princípio, diante das informações anteriores, podemos acreditar, conforme Jakobson e Halle (1980), na ilusão de que as relações são sempre marcadas pelo sistema de oposição, assim entendido no sentido abordado por Saussure (2012); porém, os autores preferem defender a existência de um sistema de oposição e de um sistema de contraste. “[...] Oposición y contraste son dos diferentes manifestaciones del principio de polaridad, desempeñando ambas un papel importante en el plano fonológico del lenguaje” (JAKOBSON y HALLE, 1980, p. 14).

Eles preferem adotar termos distintos para as manifestações do princípio de polaridade, isto é, para eles, os traços distintivos sempre serão marcados por dois polos opostos, entretanto, a oposição propriamente dita será aquela em que há a ausência ou presença de uma qualidade (afirmação ou negação) em dois termos de natureza distinta; quando dois termos da mesma natureza diferirem apenas em grau, estaremos diante de um contraste e não uma oposição.

Até aqui sabemos que a língua é constituída por traços distintivos e que eles estão permeados por relações de oposição e contraste; os traços, como unidades mínimas distintivas, carregam em si a capacidade de diferenciar as unidades mínimas significativas. Porém, além dessas qualidades, os traços distintivos são elementos indispensáveis para a compreensão de uma determinada mensagem, dado que:

Si el oyente recibe un mensaje en una lengua conocida, lo refiere al código del que dispone, el cual comprende todos los rasgos distintivos que han de manejarse, todas las combinaciones admisibles de estos en haces de rasgos concurrentes llamados fonemas y todas las reglas para el encadenamiento de series de fonemas [...] (JAKOBSON e HALLE, 1980, p.14-15).

Uma mensagem sempre está atrelada a um código, que por sua vez tem como um dos seus elementos constituintes o traço distintivo. Um falante A dirige uma mensagem ao ouvinte B. O ouvinte recorre ao código da sua língua para compreender a mensagem proposta por A. Como já foi dito, os traços distintivos fazem parte do código do ouvinte B; conseqüentemente, se o ouvinte recebe uma mensagem que foge, em sua língua, dos padrões de combinações de fonemas (feixes) e das regras de uso desses fonemas, a mensagem lhe soará equivocada ou, no mínimo, estranha, resultando, muitas vezes, na incompreensão.

Ao contrário do ouvinte que se vê diante de uma mensagem estrangeira, há inúmeras mensagens que são compreensíveis, pois estão dentro do padrão de traços da língua do ouvinte, contudo, Jakobson e Halle (1980) alertam para o alto índice de elipse nos traços, na fala e nas mensagens.

Dado que en diversas circunstancias la eficacia distintiva de los fonemas se ve reducida de cara al oyente, el hablante en su vez se encuentra dispensado de ejecutar todas las distinciones sonoras de su mensaje: el número de rasgos que se borran, fonemas que se omiten y series que se simplifican puede ser considerable en un habla descuidada y rápida. La configuración sonora del habla puede no ser menos elíptica que su composición sintáctica (JAKOBSON y HALLE, 1980, p.16).

Os traços distintivos jamais serão assimilados em sua plenitude pelo ouvinte, bem como, raramente, na mensagem, os traços serão executados pelo falante em toda sua extensividade. Isso ocorre porque a fala é dotada de elipse, ou seja, ela é marcada por omissões e simplificações, dado que nem sempre o contexto de fala será cuidadoso e lento.

Após esse alerta sobre a elipse presente nos traços distintivos, os autores discorrem sobre “las diversas clases de rasgos y su estudio lingüístico” (JAKOBSON y HALLE, 1980, p.19). O tópico consiste na busca pelo esclarecimento do que é Fonologia e Fonemática e como elas são tratadas no campo da Linguística.

De acordo com Jakobson e Halle (1980), a Fonêmica (Fonemática) é o nome atribuído pelos ingleses para designar a disciplina linguística que tem como objeto de estudo o material sonoro. O termo Fonologia é mais utilizado no continente europeu, porém, ambos se referem a uma mesma disciplina com o mesmo objeto de estudo. A mudança concerne apenas à escolha da terminologia.

Mientras que la fonética trata de recoger la información más exhaustiva posible sobre la materia sonora y sus propiedades fisiológicas y físicas, la fonemática, y la fonología en general, aplican criterios estrictamente lingüísticos para cribar y clasificar el material que proporciona la fonética (JAKOBSON e HALLA, 1980, p.20).

A citação anterior nos auxilia não apenas a compreender o objeto de estudo da Fonologia, como também contribui para a compreensão do objeto da Fonética. Isso acaba por resultar na distinção e delimitação entre uma área (Fonologia) e outra (Fonética). A Fonética lida com o material sonoro físico, com todas as possibilidades sonoras de uma língua. A Fonologia ou Fonêmica lida com traços sonoros que funcionam em uma língua como veículos distintivos.

É incontestável a importância dos traços distintivos para a constituição da Fonologia e para a diferenciação entre Fonética e Fonologia. Mas, como tais traços são organizados na língua? “Los rasgos distintivos se agrupan en haces simultáneos llamados fonemas; los fonemas se encadenan en secuencias; el esquema elemental en torno al cual se constituyen todo agrupamiento de fonemas es la sílaba” (JAKOBSON e HALLE, 1980, p. 41), ou seja, os traços são conjuntos de feixes simultâneos, denominados de fonemas que estão organizados numa sequência chamada de sílaba.

A sílaba, assim como os traços distintivos, apresenta uma organização que vale a pena ser mencionada. Há uma ordem que explica não apenas a estrutura da sílaba como também a estrutura dos fonemas e dos traços distintivos, isto é, em primeiro lugar, há os traços distintivos, que são uma unidade menor de outra maior, o fonema; em segundo lugar, há o fonema propriamente dito, que é uma unidade menor que a sílaba; por último, temos a sílaba, uma unidade menor entre as formas livres. A forma livre, por sua vez, nada mais é do que “[...] una secuencia que pueda dividirse por medio de pausas” (JAKOBSON e HALLE, 1980, p.42).

Vale mencionar que a sílaba é estruturada a partir de múltiplos contrastes de traços; um deles é o contraste vogal/consoante.

Hay lenguas en que toda sílaba se compone de una consonante y de una vocal que le sigue (CV): en tal caso es posible, a partir de cualquier punto de la secuencia predecir la clase de fonema siguiente. En lenguas con mayor variedad de tipos silábicos, la probabilidad de aparición de una clase de fonemas tiene diferentes grados. Además de CV pueden darse otros esquemas: CVC, V, VC. A diferencia de C, el elemento V ni puede omitirse ni figurar dos veces en la misma sílaba (JAKOBSON e HALLE, 1980, p.115).

As ideias dos autores, expressas anteriormente, nos permitem afirmar que quanto maior for a variabilidade de configuração das sílabas de uma língua, maiores serão as configurações dos fonemas numa dada sequência. Há línguas nas quais é mais fácil detectar o fonema componente de uma dada estrutura silábica: línguas que apresentam apenas estruturas silábicas CV; há outras que apresentam maior dificuldade em predizer um dado fonema, dado que as suas configurações silábicas não se restringem a CV.

“Los fonemas que constituyen las partes V y C de la sílaba pueden llamarse respectivamente fonemas centrales o cimeros [...] y fonemas laterales [...]” (JAKOBSON y HALLE, 1980, p.42). Os autores utilizam o termo fonemas *centrales* para as vogais, visto que uma sílaba não pode ser constituída sem vogal; utilizam também, o termo fonemas *laterales*

para as consoantes, dado que as consoantes funcionam como uma espécie de fonema de auxílio que pode, ou não, acompanhar o fonema indispensável.

Além da estrutura dos traços distintivos e das relações que estabelecem com outros elementos (fonemas, sílabas e morfemas), os traços distintivos “[...] se dividen en dos grupos: 1) prosódicos y 2) inherentes” (JAKOBSON e HALLE, 1980, p.44).

Os traços prosódicos são classificados de acordo com o “tono, intensidad y cantidad” (JAKOBSON e HALLE, 1980, p.45).

O primeiro subtópico se refere à altura/entonação³² da voz: “en la variedad intersilábica de los rasgos tonales, el rasgo de altura musical (level feature), diferentes núcleos silábicos de una misma secuencia vienen a contrastar por su registro, agudo o grave” (JAKOBSON e HALLE, 1980, p.45). No caso dos traços tonais em sílabas diferentes, o contraste entre as sílabas dar-se-á conforme a altura de cada ápice silábico: + alto ou +baixo.

“La variedad intrasilábica de los rasgos tonales, el rasgo de modulación, da lugar a que contraste el registro más agudo de una parte de un fonema con el más grave de otra parte del mismo [...]” (JAKOBSON e HALLE, 1980, p.46). No caso dos traços tonais em uma mesma sílaba, deve-se analisar a altura (+ alto ou + baixo) entre as partes dos fonemas e não entre os ápices de sílabas distintas.

O segundo subtópico se refere à força³³ da voz: “la variedad intersilábica de los rasgos intensivos, el acento, crea el contraste entre un núcleo silábico acentuado, más energético, y los núcleos menos energéticos de las otras sílabas no acentuadas de la misma secuencia [...]” (JAKOBSON e HALLE, 1980, p.47).

Numa dada língua, haverá sempre um ápice silábico que apresentará maior força\energia em contraste com outro ápice silábico. Isso, considerando o contexto intersilábico.

“En la variedad intrasilábica de los rasgos intensivos [...] contrastan entre sí dos fracciones contiguas del fonema acentuado” (JAKOBSON e HALLE, 1980, p.47). No contexto intrasilábico, os submúltiplos da força de um fonema são comparados com outros submúltiplos do mesmo fonema.

O terceiro e último subtópico refere-se à duração³⁴ da voz:

³² “A entonação é o conjunto de variações de altura ou frequência que se produzem no ato da fala” (MASIP, 2014, p.81).

³³ “O Português possui um perfil de intensidade, de índole prosódica, paroxítono: normalmente, as penúltimas sílabas das palavras ortográficas se destacam sobre as demais” (MASIP, 2014, p.106).

³⁴ “O Português se caracteriza pela diacronia silábica: as sílabas tônicas duram mais do que as átonas quanto estão situadas no fim da palavra ou grupo fônico, antes de pausa [...]. Além do mais, a duração portuguesa é enfática” (MASIP, 2014, p.114).

La variedad intersilábica de los rasgos cuantitativos, el rasgo de cantidad, hace que contraste un fonema normal, breve, que no puede alargarse en el interior del núcleo silábico, con los fonemas largos de otras sílabas de la misma secuencia, y/o un fonema normal, breve pero firme con otro puntual, reducido y pasajero. La segunda variedad de rasgos cuantitativos, el rasgo de contacto, se basa en la diferente distribución de la duración que cabe entre una vocal y la consonante siguiente: en el caso del llamado contacto estrecho [...] la vocal se abrevia en favor de la consonante siguiente, que aparece bruscamente, mientras que en el contacto abierto [...] la vocal se realiza por completo antes del arranque de la consonante (JAKOBSON e HALLE, 1980, p.47).

No contexto intersilábico, um fonema contrasta com outro através do traço “duração”. Enquanto um fonema dentro de uma sílaba está restrito a brevidade, outro fonema, numa mesma sequência em outra sílaba, é perpassado pelo alongamento. No contexto intrasilábico, o critério de contraste também é o traço “duração”, contudo, o contraste se dá entre a vogal e a consoante posterior de uma mesma sílaba. Em algumas situações, a vogal torna-se mais breve em favor da consoante posterior (*contacto estrecho*); em outros contextos ocorre o oposto, ou seja, a vogal sofre alongamento por causa da consoante seguinte (*contacto abierto*).

Os traços inerentes, por conseguinte, são classificados em traços de tonalidade e traços de sonoridade (JAKOBSON e HALLE, 1980, p.56).

Os traços de sonoridade relacionam-se com os traços prosódicos de força e quantidade, bem como, “[...] se caracterizan por basarse en la cantidad y la densidad de la energía en el espectro y en el tiempo” (JAKOBSON e HALLE, 1980, p.56).

De acordo com Jakobson e Halle (1980, p. 57-59), os traços de sonoridade dividem-se em: vocálico/não vocálico, consonantal/não consonantal, denso/difuso, tenso/frouxo, sonoro/surdo, nasal/oral, interrupto/contínuo, estridente/doce e brusco/fluyente. Vale salientar que, na divisão proposta pelos autores, é utilizado o critério acústico e articulatório para a definição de todas as especificidades dos traços de sonoridade.

Diante da demanda da nossa pesquisa, demarcaremos, em vermelho, os traços que não são relevantes para o Português brasileiro. Para tal feito, utilizaremos como aporte teórico os estudos realizados por Masip (2014) acerca dos traços distintivos, proposto por Jakobson e Halle (1980). Segue abaixo o quadro³⁵ com as informações acústicas e articulatórias de cada traço.

³⁵ Ao analisar o quadro, é preciso interpretá-lo sob o viés binário, isto é, a presença de uma qualidade em um traço implica a ausência da mesma qualidade no traço oposto.

Quadro 1 - Traços de sonoridade do Português brasileiro

	Definição acústica	Definição articulatória
Vocálico Não vocálico	“Estrutura formântica definida” (MASIP, 2014, p.136).	“Ausência de obstáculos” (MASIP, 2014, p.136).
Consonantal Não consonantal	“Presença de zonas de não ressonância no espectro” (MASIP, 2014, p.135).	“Presença de obstáculos” (MASIP, 2014, p.135).
Denso Difuso	“Concentração mais elevada de energia em uma zona” (MASIP, 2014, p. 135).	“O ressoador anterior tem a forma de um chifre estreito” (MASIP, 2014, p.135).
Tenso Frouxo Redundante em Português	“Zonas de ressonância mais claramente definidas no espectro” (MASIP, 2014, p.136).	“Precisão; deformação da cavidade” (MASIP, 2014, p. 136).
Sonoro Surdo	“Formante de baixa frequência na parte inferior” (MASIP, 2014, p.136).	“Vibração das cordas vocais” (MASIP, 2014, p.136).
Nasal Oral	“Redução da intensidade no primeiro formante (nas vogais); aparição de zonas de formantes em determinadas frequências	“Abertura do véu do palato” (MASIP, 2014, p.135).

	(nas consoantes)” (MASIP, 2014, p. 135).	
Interupto Contínuo	“Momento de silêncio” (MASIP, 2014, p.135).	“Fechamento do aparelho fonador; vibração ou vibrações” (MASIP, 2014, p. 135).
Estridente Doce	“Total irregularidade das ondas sonoras” (MASIP, 2014, p.135).	“Ruído devido à constrição” (MASIP, 2014, p. 135).
Brusco Fluente Redundante em Português	“Elevada descarga de energia em pouco tempo” (MASIP, 2014, p.135).	“Compressão e oclusão rápida da glote” (MASIP, 2014, p.135).

Fonte: Masip (2014, p.135-136). Adaptações realizadas pela autora.

Os traços de tonalidade relacionam-se com os traços prosódicos do tom e dividem-se em: grave/agudo, suspenido/ não suspenido e bemolizado/não bemolizado (JAKOBSON e HALLE, 1980, p.60-61).

O mesmo procedimento utilizado para explicar os traços de sonoridade será utilizado para explicar os traços de tonalidade, isto é, conforme a temática da pesquisa, nós demarcaremos, em vermelho, os traços de tonalidades não relevantes para o Português brasileiro, apontado em Masip (2014). Segue abaixo o quadro com as informações acústicas e articulatórias de cada traço.

Quadro 2 - Traço de tonalidade do português brasileiro.

Agudo Grave	Definição acústica “Destaque da parte alta do espectro” (MASIP, 2014, p. 134).	Definição articulatória “Cavidade bucal dividida” (MASIP, 2014, p.134).
Sustenido Não sustenido Redundante em Português)	“Elevação do segundo formante” (MASIP, 2014, p.134).	“Dilatação do orifício anterior do ressonador bucal” (MASIP, 2014, p.134).
Bemolizado Não bemolizado Redundante em Português)	“Descenso da linha de frequência” (MASIP, 2014, p.134).	“Redução do orifício anterior ou posterior do ressonador” (MASIP, 2014, p.134).

Fonte: Masip (2014, p.134). Adaptações realizadas pela autora.

Imagem 1 - Traços acústicos do Português brasileiro

	i	e	ɛ	a	ɔ	o	u	p	b	t	d	k	g	f	v	s	z	ʃ	ʒ	m	n	ɲ	l	ʎ	r	R
Vocálico – não vocálico	+	+	+	+	+	+	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	+	+	+
Consonantal – não consonantal	-	-	-	-	-	-	-	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
Denso – difuso	-	-	+	+	+	-	-	-	-	-	-	+	+	-	-	+	+	+	+	-	-	+	-	+		
Grave – agudo	-	-	-	+	+	+	+	+	+	-	-	+	+	+	+	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-
Nasal – oral	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	+	+	-	-	-	-
Contínuo – interrupto	+	+	+	+	+	+	+	-	-	-	-	-	-	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	-
Sonoro – surdo	+	+	+	+	+	+	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	+	+	+	+	+	+	+
Estridente – doce								-	-	-	-	-	-	-	+	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-

Fonte: MASIP (2014, p.136).

2.1.4 Noam Chomsky e Halle

Noam Chomsky e Morris Halle, ao escreverem o texto *The Sound Pattern of English*³⁶ (1968), não apenas desenvolveram novas informações no campo de estudo da Fonologia, como também instauraram um novo paradigma de “fazer científico”.

Antes da publicação do referido livro, os estudos científicos da língua pautavam-se na corrente estruturalista instaurada pelo genebrino Ferdinand de Saussure, a partir da sua obra póstuma *Cours de linguistique générale* (1916) - *Curso de linguística geral* (2012). Após o texto de Chomsky e Halle (1979), o modelo gerativo é instaurado como uma teoria capaz de explicar a língua por outro caminho; conseqüentemente, a Fonologia é descrita e explicada a partir de pressupostos teóricos e metodológicos diferenciados.

Enquanto Saussure (2012) explicava/descrevia a língua através de mecanismos estruturais e delimitava o objeto de estudo da linguística, Chomsky e Halle (1979) tinham como principal objetivo “[...] explicitar o conhecimento linguístico/faculdade da linguagem do falante-ouvinte de cada língua [...]” (LEE, 2017, p.31). No critério fonético-fonológico, o gerativismo está constantemente à procura dos “universais fonéticos essenciais” (MASIP, 2014, p.149), pois, eles são elementos indispensáveis para “o estudo da faculdade apriorística da linguagem, que possibilita a aquisição da linguagem” (MASIP, 2014, p.149).

A Fonologia gerativa é marcada por palavras-chave que norteiam todo o percurso teórico construído pelos autores. Estas são: **gramática, universais linguísticos, representação fonética**, entre outros. Através delas, é possível discorrer com maior clareza e organização sobre o modelo fonético-fonológico proposto pelos linguistas.

De acordo com Chomsky e Halle (1979), para entendermos o conceito de **gramática**, é preciso ter em mente que:

El estudio descriptivo de una lengua tiene por objeto la construcción de una gramática. Podemos considerar la lengua como un conjunto de oraciones, cada una de ellas con una forma fonética ideal y asociada a una interpretación semántica intrínseca. La gramática de la lengua es el sistema de reglas que especifica esta correspondencia sonido-significado (CHOMSKY e HALLE, 1979, p. 33).

³⁶ Nós optamos por utilizar a tradução feita por José Antônio Millán em 1979. Na versão traduzida, o texto é intitulado *Princípios de fonologia generativa*. O texto é uma tradução “de las partes 1ª y 4ª de *The Sound Pattern of English*. La obra original está dividida en cuatro partes relativamente independientes, que forman dos secciones. Así, mientras la primera y la cuarta abordan problemas generales de fonología, la segunda y la tercera se centran en la fonología de la lengua inglesa, desde el punto de vista sincrónico y diacrónico, respectivamente” (MILLAN e CALVO, 1979, p.11).

A citação nos permite dizer que a preocupação dos teóricos não é delimitar o objeto de estudo da linguística, pois, isso já foi feito por Saussure (2012) e aprofundado por Trubetzkoy (1973) e Jakobson e Halle (1980). A preocupação de Chomsky e Halle (1979) está voltada para a delimitação do objeto de estudo da língua: a construção de uma gramática.

A língua, enquanto um conjunto de orações dotadas de forma fonética e de significado, necessita de regras que possam mediar e explicar a relação entre som e sentido. Tais regras só poderão ser estabelecidas através da construção de uma gramática, por isso a importância desta última para a língua, tomando para si a responsabilidade de funcionar como o principal objeto de estudo da área. No contexto fonético e fonológico, podemos dizer que a gramática funciona como um conjunto de regras internalizadas que determinam quais formas fonéticas são pertinentes nas línguas e como elas podem se organizar nas frases.

O sistema de regras é considerado pela teoria gerativa como algo modular, isto é, a gramática é entendida como:

[...] Um sistema modular que consiste em léxico, Sintaxe e Fonologia. O léxico é um componente no qual as informações não previsíveis e idiossincráticas estão guardadas e é dado pela gramática universal junto com o sistema de regras (regras de reescritas (sintáticas)); a Sintaxe é responsável pela ordem das sentenças por meio da transformação; a Fonologia é responsável pela estrutura sonora que se aplica na saída da Sintaxe e converte as informações sintáticas e semânticas em formas fonéticas (LEE, 2017, p.31).

A ideia proposta anteriormente mostra que a Gramática universal é composta por diferentes partes que constituem o “todo”, por isso o uso do termo modular. Ela é composta pelo módulo lexical, sintático e fonológico.

Cada módulo desempenha uma função indispensável para o bom funcionamento do sistema de regras e da própria existência das línguas. O Léxico carrega os inúmeros itens arbitrários que constituem os vocábulos e expressões idiomáticas de uma língua; a Sintaxe responde pela organização das sentenças e a Fonologia responde pela organização estrutural dos sons.

Como recurso para fortalecer suas proposições acerca da gramática, Chomsky e Halle (1979) destacam a organização da mensagem. Eles alegam que a mensagem está atrelada a um código linguístico; esse código é constituído por orações compostas por dois itens, som e

significado, que estão ligados pela gramática. Nessa proposta, o traço distintivo está implícito no som, e não mais é um acesso³⁷ direto ao código e à compreensão da mensagem; entretanto, continua apresentando função relevante dentro do corpo linguístico. Não podemos omitir o novo protagonista responsável por realizar mediações em prol da boa formação dos sintagmas, da compreensão do código e da mensagem: a gramática. Eis que ela assume mais uma vez uma posição de destaque dentro do corpo teórico dos autores.

Na propagação de uma mensagem, por exemplo, o pronunciamento de uma oração por um falante A exige que o ouvinte B recorra ao seu ³⁸conhecimento da gramática para conseguir fazer uma conexão entre o som e o significado, permitindo, assim, que a oração seja dotada de sentido e faça parte do código estabelecido pelos dois, falante e ouvinte; isso implica dizer que, se o conhecimento da gramática é compartilhado entre os protagonistas da mensagem, conseqüentemente, o código será acessível aos dois e, por fim, a compreensão ocorrerá. Esse conhecimento compartilhado da gramática é denominado por Chomsky e Halle (1979) de **competência**³⁹.

Mediante as afirmações anteriores, nos é permitido afirmar que Chomsky e Halle (1979) utilizam o termo *gramática* para designar a competência linguística do falante/ouvinte e, ao mesmo tempo, recorrem ao termo para fazer referência a teoria linguística⁴⁰ que tem como finalidade descrever a já referida competência.

A segunda palavra-chave do gerativismo são os universais linguísticos⁴¹. Segundo Chomsky e Halle (1979), para compreender os universais linguísticos, precisamos ter em mente que o gerativismo busca “desarrollar una teoría de las lenguas naturales en cuanto tales, un sistema de hipótesis sobre las propiedades esenciales de cualquier lengua humana” (CHOMSKY e HALLE, 1979, p.35), ou seja, o foco gerativo consiste em desenvolver uma

³⁷ Ideia defendida por Jakobson e Halle (1980).

³⁸ O falante, neste exemplo intitulado de falante A, também precisa recorrer ao seu conhecimento da gramática para produzir a mensagem proferida ao ouvinte; neste caso, intitulado de ouvinte B.

³⁹ “A competência linguística é a capacidade humana que torna fundamentalmente possível que todo ser humano seja capaz de interiorizar um ou vários sistemas linguísticos, isto é, uma ou várias gramáticas (MIOTO, SILVA e LOPES, 2016, p.18).” Quando o falante põe em uso a competência para produzir as sentenças que ele fala, o resultado é o que chamamos tecnicamente de **desempenho** (ou desempenho) (MIOTO, SILVA e LOPES, 2016, p.17, grifos do autor).

⁴⁰ Teoria propostas pelos próprios autores.

⁴¹ Os universais linguísticos que o gerativismo trabalha são aqueles dados de modo inato, isto é, a teoria trabalha com a ideia de que existe uma capacidade linguística que nasce com o indivíduo e que possibilita a este indivíduo a compreensão, a produção e o reconhecimento estrutural de cada frase constituinte da sua língua.

teoria das línguas naturais, no qual um conjunto de ideias é acionado em busca daquilo que é essencial em todas as línguas, por isso, o uso do termo *universal*.

Os autores acrescentam, ainda, que:

Resulta útil dividir los universales lingüísticos en dos grandes categorías. Para empezar, existen ciertos "universales formales" que determinan la estructura de las gramáticas y la forma y organización de las reglas. Además, están los "universales sustantivos" que definen el conjunto de elementos que pueden figurar en las gramáticas particulares (CHOMSKY e HALLE, 1979, p.36).

Os universais formais determinam o modo como a estrutura das línguas pode se organizar, bem como definem as regras e condições que devem ser aplicadas a elas. Já os universais substantivos referem-se aos conjuntos de elementos possíveis para a constituição de qualquer particularidade linguística. Podemos concluir que os universais formais e substantivos funcionam como um ponto de partida, sem o qual o passo seguinte (construção de gramáticas particulares) não pode ser dado; são como partículas de um átomo com características específicas, funcionando em nome de um bem comum.

Chomsky e Halle (1979) explicam que a obra se propõe a estudar os universais fonéticos e as "representaciones fonéticas posibles" (CHOMSKY e HALLE, 1979, p.37). Mas, o que seria uma representação fonética?

Para responder esse questionamento, Chomsky e Halle (1979) afirmam que é preciso supor que a Fonética universal define o enunciado como segmentos discretos e que tais segmentos são subconjuntos de grupos particulares de traços fonéticos.

Más específicamente, una representación fonética tiene la forma de una matriz bidimensional, cuyas filas contienen los rasgos fonéticos particulares y las columnas los segmentos consecutivos del enunciado generado; las entradas de la matriz determinan el carácter de cada segmento en relación a los rasgos (CHOMSKY e HALLE, 1979, p.38).

Numa matriz bidimensional, as linhas recolhem os traços fonéticos particulares de cada língua; as colunas, as partes do enunciado. É no cruzamento entre os dois elementos que os segmentos do enunciado vão sendo delineados em conformidade com os traços fonéticos.

A representação fonética é, na verdade, uma matriz que só pode ser construída através do diálogo entre o particular e o universal, entre o concreto e o abstrato.

Vale salientar, a partir de Chomsky e Halle (1979), que as representações ocorrem em dois níveis: no nível profundo e no nível superficial. Para compreendermos os níveis de representação é preciso destringir os componentes da gramática.

Como já dissemos, a gramática é composta pelo módulo lexical, sintático e fonológico. A sintaxe consiste em um “sistema finito de reglas” (CHOMSKY e HALLE, 1979, p.41) que produz inúmeras orações. Cada oração é formada por uma estrutura superficial⁴², fonética e por uma estrutura profunda⁴³, semântica⁴⁴.

É evidente que já temos algumas noções sobre os componentes da gramática; apesar disso, precisamos absorver de modo claro os elementos significativos para o estudo. Os teóricos apresentam como foco das suas investigações as “estructuras de superficie, [...] las representaciones fonéticas y [...] las reglas que asignan una representación fonética” (CHOMSKY e HALLE, 1979, p.42).

Las estructuras de superficie que genera el componente sintáctico tienen las siguientes características. Cada una de ellas está compuesta por una secuencia de elementos mínimos que llamaremos “formantes⁴⁵”. Cada formante se asigna a varias categorías que determinan su forma abstracta subyacente⁴⁶, las funciones sintácticas que puede cumplir, y sus propiedades semánticas (CHOMSKY e HALLE, 1979, p.42-43).

Anteriormente discorremos sobre a existência de dois níveis de estruturas: a estrutura de superfície e a estrutura profunda. Agora, após a citação acima, já temos maiores esclarecimentos sobre a estrutura que nos cabe estudar. A estrutura de superfície sempre estará organizada em pequenas sequências (formantes). Tais sequências não ocorrem de modo

⁴² A estrutura superficial refere-se aos elementos tal como são apresentados numa dada oração.

⁴³ A estrutura profunda refere-se a noções abstratas. Ela marca também, em parte, a estrutura superficial.

⁴⁴ Na estrutura profunda está a representação fonológica.

⁴⁵ Um formante é uma sequência de consoantes e núcleos vocálicos (CHOMSKY e HALLE, 1979, p.87).

⁴⁶ “Na Fonologia Gerativa, a representação subjacente, também chamada na literatura de representação fonêmica sistemática ou forma básica, é uma representação abstrata e corresponde à saída da sintaxe, que inclui as propriedades morfológicas e as classes lexicais, além das propriedades fonológicas como os traços distintivos [...]” (LEE, 2017, p.32).

aleatório, tendo em vista que elas assumem algumas categorias⁴⁷ já estabelecidas e, ao realizarem tal ato, os formantes acabam por ter a sua forma abstrata subjacente delimitada.

“La estructura superficial de una oración es precisamente la parentización propia de una secuencia de formantes, cuyas subsecuencias parentizadas (los sintagmas) se asignan a categorías pertenecientes a un corto conjunto universal fijo de categorías” (CHOMSKY e HALLE, 1979, p.44). Em primeiro plano, temos uma oração cuja estrutura superficial é construída a partir das uniões entre os formantes. Os formantes, por sua vez, organizam-se em sintagmas que são delimitados por algumas características fixas (categorias universais). O mesmo acontece, conforme Chomsky e Halle (1979), com as categorias da Fonética universal: elas delimitam as formas fonéticas das orações a partir das inúmeras possibilidades de representações fonéticas que estabelecem.

Mediante todas as informações já discutidas, “la lingüística general debe dar definiciones independientes de toda lengua particular para las nociones representación fonética posible y estructura superficial posible” (CHOMSKY e HALLE, 1979, p. 44-45). Mais uma vez os autores reforçam que não é objetivo da linguística geral estudar as particularidades das línguas, visto que o foco precisa recair sobre as possibilidades de representações fonéticas e de estruturas superficiais, isto é, deve haver um estudo científico sobre o que é ou não permitido nas línguas, ancorado em princípios gerais.

É preciso alertar que o foco de estudo do gerativismo não exclui a importância e existências das particularidades linguísticas, afinal “a faculdade da linguagem é composta por **princípios** que são leis gerais válidas para todas as línguas naturais; e por **parâmetros** que são propriedades que uma língua pode ou não exibir [...]” (MIOTO, SILVA e LOPES, 2016, p.21-22, grifos nossos). O que o gerativismo propõe é um olhar mais preocupado cientificamente para os princípios que regem os parâmetros das línguas.

A Fonologia gerativa, portanto, está interessada nos traços universais e nas regras que eles impõem as estruturas superficiais das línguas, numa rede de relação binária e opositiva (ausência ou presença de uma qualidade).

Segundo Chomsky e Halle (1979, p.164) e Masip (2014, p.150-152) os fonemas são classificados de acordo com os seguintes traços⁴⁸:

⁴⁷ As categorias, além de determinar a forma subjacente dos formantes, elas estabelecem quais funções sintáticas os formantes podem assumir. E quais aspectos semânticos podem apresentar (CHOMSKY e HALLE, 1979, p.43).

Quadro 3 - Classificação gerativa dos fonemas portugueses

CONCEITOS BÁSICOS	
Posição neutra	“Posição característica do aparelho fonador, sobretudo da língua, imediatamente antes de falar” (MASIP, 2014, p.150).
Vibração espontânea das cordas vocais	“As cordas vocais vibram sempre no ato da fala, de modo tenso ou relaxado segundo o fonema” (MASIP, 2014, p.150).
TRAÇOS DE CLASSE MAIOR	
Soante Não soante	Soantes são aqueles sons produzidos por uma configuração da cavidade oral que possibilita a sonorização espontânea; não soantes são produzidos por uma configuração da cavidade oral que torna impossível a sonorização espontânea (MASIP, 2014, p.150).
Vocálico Não vocálico	“Mede o grau de abertura ou fechamento das soantes” (MASIP, 2014, p.150).
Consonantal Não consonantal	Mede o grau de obstrução das soantes e não soantes. As vogais se produzem quando o dorso da língua está situado a certa distância do palato. Quando o dorso da língua está próximo o suficiente do palato para produzir a obstrução requerida, o resultado é uma autêntica consoante ou líquida ⁴⁹ (MASIP, 2014, p.150).
TRAÇOS DE CAVIDADE	
Coronal Não coronal	Traço “relacionado com o ápice ou dorso da língua” (MASIP, 2014, p.151).
Anterior Não anterior	Traço “relacionado com a parte anterior da boca (lábios, dentes e alvéolos)” (MASIP, 2014, p.151).
Alto Não alto	“Língua acima do nível que ocupa na posição neutra” (MASIP, 2014, p.151)
Baixo Não baixo	“Língua abaixo do nível que ocupa na posição neutra” (MASIP, 2014, p.151).
Posterior Não posterior	“Língua recuada em relação à posição neutra” (MASIP, 2014, p.151).
Arredondado Não arredondado	“Referente aos lábios” (MASIP, 2014, p.151).

⁴⁸ Os traços redundantes em português estão assinalados em vermelho.

⁴⁹ “As líquidas [...] são soantes consonantais” (MASIP, 2014, p.150).

Distribuído Não distribuído	Os sons distribuídos são aqueles produzidos “com uma constrição longa” (MASIP, 2014, p.151). Os sons não distribuídos são aqueles que são produzidos “com uma constrição curta” (MASIP, 2014, p. 151).
Coberto Não coberto Redundante em Português	“O traço coberto se produz mediante a elevação da faringe e o estreitamento das suas paredes, acrescidos, ambos os fenômenos físicos, de aumento de tensão” (MASIP, 2014, p. 151).
Nasal Não nasal	“Abertura ou fechamento do véu palatino” (MASIP, 2014, p.151).
Lateral Não lateral	“Referente aos lados da língua” (MASIP, 2014, p.151).
TRAÇOS DE MODO DE ARTICULAÇÃO	
Contínuo Não contínuo	“Referente à passagem do ar pelas cavidades” (MASIP, 2014, p.152).
Relaxamento instantâneo Relaxamento retardado Redundante em Português	“Traços de relaxamento” (MASIP, 2014, p.1520).
Movimentos suplementares Redundantes em Português	“Duas oclusões simultâneas” (cliques) (MASIP, 2014, p.152).
Tenso Não tenso	“Medem o esforço muscular. Os fonemas tensos distanciam-se mais da posição neutra, são mais distintivos e têm uma maior duração” (MASIP, 2014, p.152). O traço sonoro e não sonoro substituem esses traços quando se refere a Língua portuguesa.
TRAÇOS DE FONTE	
Pressão subglotal aumentada Redundantes em Português	“Serve para descrever os sons aspirados” (MASIP, 2014, p. 152).
Sonoro Não sonoro	“Mede o tipo de participação das cordas vocais” (MASIP, 2014, p.152).

Estridente Não estridente	“Turbulência causada pelos dentes e pela maior corrente de ar” (MASIP, 2014, p.152).
TRAÇOS PROSÓDICOS	
Acento	“Intensidade” (MASIP, 2014, p.152).
Tom	“Alto, baixo, elevado, ascendente, descendente, côncavo” (MASIP, 2014, p.152).
Longitude	“Duração” (MASIP, 2014, p.152).

Fonte: MASIP (2014, p.150-152). Adaptações realizadas pela autora.

Imagem 2 - Fonemas portugueses segundo a Fonologia Gerativa

Traços gerativos do português	i	e	ɛ	a	ɔ	o	u	p	b	t	d	k	g	f	v	s	z	ʃ	ʒ	m	n	ɲ	l	ʎ	r	ʁ	
Soante	+	+	+	+	+	+	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	+	+	+	+	+	+	
Vocálico	+	+	+	+	+	+	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	+	+
Consonantal	-	-	-	-	-	-	-	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	
Coronal (pré-dorsal)									-	+	+	-	-	-	+	+	+	+	-	+	+	+	+	+	+	-	
Anterior									+	+	+	+	-	-	+	+	+	+	-	+	+	-	+	-	+	-	
Alto	+	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	+	+	-	-	-	-	-	+	+	-	+	-	+	-	+	
Baixo	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
Posterior	-	-	-	-	+	+	+	-	-	-	-	+	+	-	-	-	-	+	+	-	-	-	-	-	-	+	
Arredondado	-	-	-	-	+	+	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
Distribuído								+	+	-	-	+	+	-	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	
Nasal								-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	+	+	-	-	-	-	
Lateral								-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	+	-	
Contínuo								-	-	-	-	-	-	+	+	+	+	+	+	-	-	-	+	+	+	+	
Sonoro								-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	+	+	+	+	+	+	+	
Estridente								-	-	-	-	-	-	+	+	+	+	+	+	-	-	-	-	-	-	-	

Fonte: MASIP (2014, p.152).

A leitura do quadro e da imagem 2 permite concluir que Chomsky e Halle (1979) utilizam apenas o critério articulatório para fazer suas classificações, ao contrário de Jakobson e Halle (1980) que utilizam, além do critério articulatório, o acústico (MASIP, 2014, 149).

2.1.5 Novas teorias

Os estudos anteriores, aos poucos, demarcaram a Fonética e a Fonologia e trouxeram contribuições significativas para a área. Nessa pluralidade de estudos, a proposta inicial de Saussure (2012) é alvo, ao longo do tempo, de atualizações, aprofundamentos e

contraposições a partir dos estudos de Trubetzkoy (1973), Jakobson e Halle (1980) e Chomsky e Halle (1979).

Convém apontar que o ciclo de atualizações e contraposições continua, isto é, assim como as ideias iniciais de Saussure (2012) não permaneceram intocáveis, hoje nos deparamos com novas propostas fonológicas que divergem da Fonologia estruturalista e da Fonologia gerativa. Uma delas é a Fonologia Autossegmental.

A Fonologia Autossegmental é uma abordagem **não linear** da Fonologia que permite entender os processos fonológicos envolvendo vogais e consoantes, tratando as representações fonológicas como **multidimensionais** com arranjos em várias camadas, ligadas uma à outra por linhas de associação (HORA e VOGLEY, 2017, p.63, grifos nossos).

A citação acima nos permite destacar algumas informações indispensáveis, caso queiramos de fato compreender a Fonologia Autossegmental. A primeira consiste na ideia de não linearidade e a segunda na ideia de representações fonológicas multidimensionais.

O livro *The Sound Patterns* de autoria de Chomsky e Halle (1979) nos oferece subsídios para interpretar os processos fonológicos como resultado de uma abordagem linear, dado que os segmentos e traços distintivos são entendidos como elementos que se combinam num só nível, numa sequência temporal e espacial bem delimitada.

“Assim como o Estruturalismo, o Gerativismo continuou sendo limitado pelo princípio de linearidade, que prendia dentro dos limites dos segmentos as propriedades articulatórias representadas pelos traços distintivos” (COSTA e MALTA, 2015, p.134).

Para Chomsky e Halle (1979), é na junção entre os segmentos e os traços que as representações vão sendo delineadas, todavia, tais junções exigem uma relação de dependência dos traços perante os segmentos. Cada segmento, juntamente com seus respectivos traços, assumem uma posição específica dentro da oração e um momento de ocorrência dentro das redes de relações temporais (um segmento após outro).

A Fonologia Autossegmental, por sua vez, “[...] cuestiona el tratamiento de las representaciones fonológicas en un solo nivel (como el propuesto por SPE” (CEDEÑO y MORALES-FRONT, 1999, p.14). Tal questionamento está ancorado na segunda característica relevante apontada na citação inicial de Hora e Vogley (2017): a multidirecionalidade, posto que, ao se contrapor à ideia de representação fonológica em um só

nível, a Fonologia Autossegmental defende que o segmento é constituído por elementos que não estão presos a uma única dimensão, mas a várias camadas⁵⁰.

Essa ideia de linearidade e multidimensionalidade nos leva a um terceiro elemento que distingue a Fonologia estruturalista e gerativa da Fonologia Autossegmental: a noção de bijetividade.

Um dos grandes entraves dos modelos lineares foi a relação de bijetividade, considerando que, nesses modelos, um traço não poderia ir além ou aquém do segmento. Nessa relação, uma palavra era considerada uma sequência de matrizes incomunicáveis entre si. No entanto, a partir dos dados de diversas línguas, sabe-se que há traços que funcionam de forma isolada e outros que funcionam solidariamente ou, ainda, de forma flutuante. Assim, as matrizes não garantem uma explicação sobre o funcionamento de alguns processos fonológicos (HORA e VOGELY, 2017, p.67).

A noção de bijetividade não permite a movimentação dos traços entre diferentes segmentos, dado que se estabelece, entre um segmento e o traço, uma relação de “tudo ou nada”, de modo que, conforme a lógica dessa noção, o apagamento de um segmento resulta na obliteração do traço.

Quando os traços agem de modo isolado é até possível seguir essa ideia, contudo, há contextos linguísticos em que não é possível aplicar o isolamento ao traço, porque ele transpõe para outras unidades fonológicas suas características, quebrando, assim, a lógica da relação de dependência.

Essas particularidades dos traços foram observadas e discutidas por Goldsmith (1976) na sua tese *Autossegmental Phonology*. Na obra, o teórico estuda as línguas tonais e constata que, mesmo diante do apagamento de um segmento, o tom concernente a esse segmento permanece através de um processo chamado de “espraiamento”, ou seja, o tom passa a vincular-se a outra unidade fonológica, tendo em vista que a unidade fonológica base foi apagada.

Diante disso, duas consequências importantes se inferem: “a) os traços podem estender-se além ou aquém de um segmento e b) o apagamento de um segmento não implica necessariamente o desaparecimento dos traços que o compõem” (BISOL, 2005, p.45).

Como é possível notar, as afirmações anteriores abalam a Fonologia gerativa ao estabelecer um novo modo de compreensão dos mecanismos pelos quais se efetuam as representações fonético-fonológicas.

⁵⁰ Isso explica o uso do termo multidimensional.

A Teoria da Fonologia Autossegmental representou um acréscimo particular aos modelos fonológicos anteriores ao defender a existência de uma hierarquia entre os traços que integram a estrutura interna dos segmentos. Deve ser salientado o fato de que a noção de hierarquia veio acompanhada do entendimento de que cada traço pode funcionar isoladamente- por isso, deve ocupar um tier (uma camada) independente-, ou pode funcionar como um conjunto solidário- por isso, os traços que podem atuar em conjunto em regras fonológicas devem estar vinculados a um mesmo nó na representação arbórea (MATZENAUER, 2014, p. 45).

Ao contrário da aleatoriedade dos traços em SPE (CHOMSKY e HALLE, 1979), a Teoria Autossegmental propõe que os traços apresentam uma hierarquia⁵¹ na construção estrutural dos segmentos linguísticos. Os traços isolados ocupam um tier (uma camada), em contrapartida, traços que dialogam com outros traços compartilham um mesmo nó na “árvore” fonológica.

Para compreendermos essa ideia de representação hierárquica, com seus respectivos termos (tier ou camada, sistema arbóreo), faz-se necessário recorrermos à outra teoria fonológica: a Geometria dos Traços. Ela surge a partir da necessidade de organizar e explicar a hierarquia de traços defendida pela Fonologia Autossegmental.

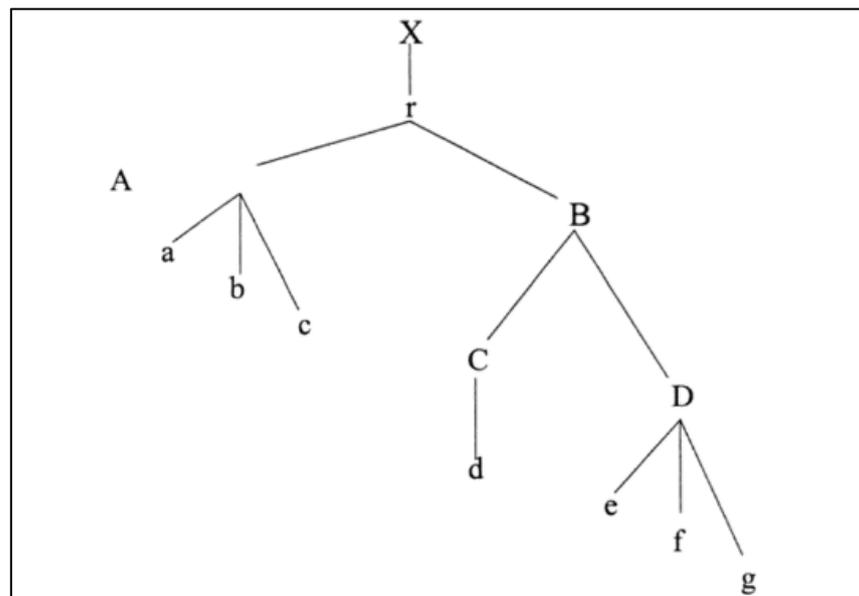
O ano de 1985 marca o início das primeiras tentativas de representação dos traços, já que, Clements (1985), na obra *The Geometry of Phonological Features*, “[...] propõe a existência de níveis ou camadas, ligadas por meio de linhas de associação, com algumas restrições. Essa relação hierárquica possibilita o funcionamento autônomo dos traços, representados na Geometria de Traços como um diagrama arbóreo (HORA E VOGELY, 2017, p.68). O referido diagrama arbóreo culmina nos estudos realizados por Clements e Hume (1995), publicados no texto intitulado de *The internal organization of speech sounds*.

A ideia de níveis (camadas) e de autonomia dos traços, nas discussões de Clements (1985) e Clements e Hume (1995), não é algo novo, afinal, tais questões já eram abordadas por Goldsmith em 1976, todavia, o diagrama arbóreo, elaborado por Clements e Hume (1995), revela um importante avanço nas representações hierárquicas dos traços, tendo em vista que eles elaboram uma organização que torna mais didática a teoria fonológica não-linear.

⁵¹ Ao rejeitar o ‘princípio de bijetividade’ e ao reconhecer uma hierarquia entre os traços, a Fonologia Autossegmental passou a analisar os segmentos em camadas ou tiers, ou seja, pôde dividir partes do som e tomá-las independentemente. Assim, uma regra pode operar somente no tier [nasal], ou no tier [contínuo] ou no tier [aberto], por exemplo. (BISOL, 2005, p.46).

Na Geometria dos Traços proposta por Clements e Hume (1995), “os segmentos são representados com uma organização interna mediante configurações de nós hierarquicamente ordenados, nas quais, os nós terminais são traços fonológicos e os nós intermediários, classes de traços” (BISOL, 2005, p.47). “O traço do nó imediatamente superior domina o nó inferior, e a mudança do nó da classe superior implica a mudança no nó inferior” (HORA e VOGLEY, 2017, p.71).

Diagrama 1 - Configuração dos nós



Fonte: Clements e Hume (1995, p.249); Bisol (2005, p.47).

Esse primeiro diagrama nos auxilia a compreender as afirmações anteriores de Bisol (2005) e Hora e Vogley (2017). Observe que **X** está no topo do diagrama; ele representa o segmento fonológico ou unidade de tempo abstrata. O **r** funciona como o nó raiz, ou seja, funciona como o nó base de todos os outros nós da árvore. **AB e CD** são os nós secundários, denominados de nós de classes e posicionados sempre no entremeio da árvore. Os demais termos (a, b, c, d, e, f, g) são os últimos elementos e representam os traços propriamente ditos.

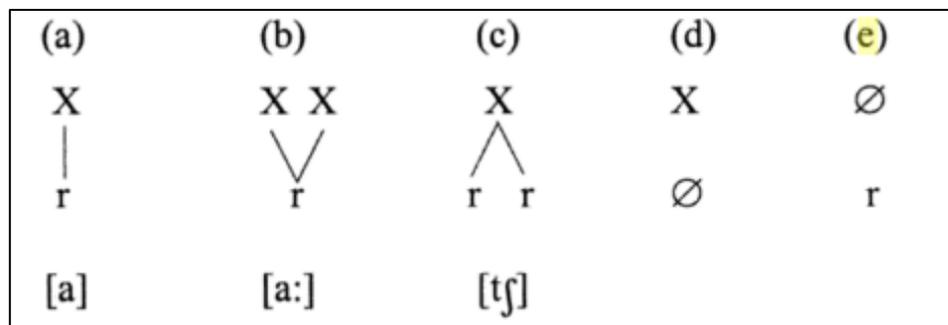
Além de constatar o funcionamento dos nós e dos traços dentro da árvore, é possível notar a hierarquia, posto que, enquanto A e B estão na mesma posição hierárquica, C e D são submetidos a B. O mesmo ocorre com a, b, c (submissos a A); d, (submisso a C); e, f, g (submissos a D) e o nó raiz, por sua vez, está submisso a **X**. A já referida hierarquia gera relações de causa e efeito, isto é, conforme o nó superior é modificado, os nós inferiores também são alterados.

Clements e Hume (1995) expandem o diagrama arbóreo ao especificar tipos de segmentos⁵². Para os autores (1995), Bisol (2005) e Hora e Vogeley (2017) há três tipos de segmentos. Esses são: segmentos simples, segmentos complexos e segmentos de contorno.

a) Segmentos simples: apresentam apenas um nó na raiz e são caracterizados por, no máximo, um traço de articulação. b) Segmentos complexos: um nó de raiz é caracterizado por, no mínimo, dois traços diferentes de articulação oral [...]. c) Segmentos de contorno: apresentam efeito de borda, opondo uma à outra em termos de (+-), ou seja, contém sequências de diferentes traços (HORA e VOGLEY, 2017, p.74).

O diagrama abaixo nos auxilia a compreender os tipos de segmentos mencionados acima.

Diagrama 2 - Tipos de segmentos



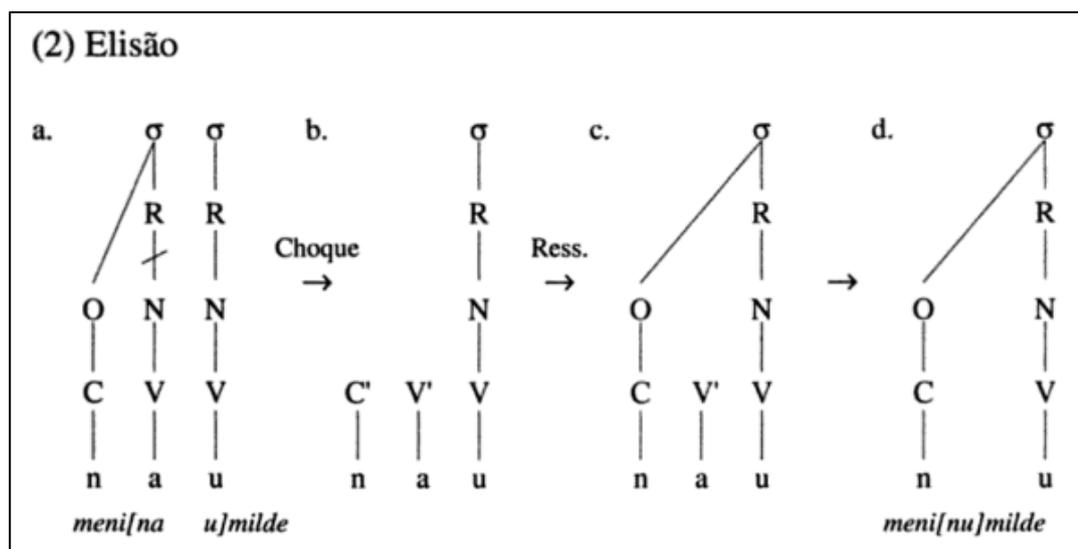
Fonte: Bisol, 2005, p.48.

No diagrama 2, o item (a) faz referência aos segmentos simples, posto que há apenas um nó raiz[r] com apenas uma articulação ou unidade de tempo (X), exemplo: [a]. O item (b) faz referência aos segmentos complexos, haja vista que, assim como o item (a), apresenta apenas um nó raiz [r], contudo, é composto por mais de uma articulação ou unidade tempo (X e X), exemplo: [a:]. O item (c) é caracterizado de modo inverso a (b), dado que, ele é constituído por dois nós [r] referentes a uma só articulação ou unidade tempo (X), exemplo: [tʃ]. Os itens (d) e (e) “são representações diferentes porque unidades segmentais não associadas, ‘flutuantes’. Nesses casos, uma regra, em um momento do estágio derivacional, deve providenciar a associação desses nós ou o seu apagamento” (BISOL, 2005, p. 49). O item (d) exemplifica um caso de apagamento [∅] de um nó raiz [r] e o item (e) exemplifica a

⁵² “[...] Conjuntos ordenados hierarquicamente de traços” (HORA e VOGLEY, 2017, p.74).

associação de um nó raiz [r] a uma outra unidade de tempo (X) já que a unidade de tempo base foi apagada [∅]. Como exemplo dessas representações flutuantes, nós temos o fenômeno de elisão, que “consiste no apagamento da vogal cuja sílaba foi perdida e na ressilabificação da consoante flutuante como ataque (onset) da sílaba subsistente” (BISOL, 2002, p.233).

Diagrama 3 - Exemplo de elisão e ressilabificação no Português brasileiro



Fonte: Bisol (2002).

O exemplo utilizado por Bisol (2002), menina humilde, mostra, na prática, o fenômeno de elisão. Observe que o item (a) revela o diagrama base, com cada traço associado a sua respectiva raiz. No item (b) é possível notar a ocorrência de um choque entre a vogal final “a” da palavra menina e a vogal inicial “u” da palavra humilde. Tal choque faz com que a vogal “a”⁵³ flutue entre a consoante “n”⁵⁴ e a vogal núcleo “u”⁵⁵, perdendo assim, o nó raiz. A perda acaba por definir a última representação no diagrama 3, isto é, a vogal “a” e sua respectiva raiz é apagada do diagrama e, num processo de ressilabificação, a consoante “n”

⁵³ Antes, em posição de núcleo silábico.

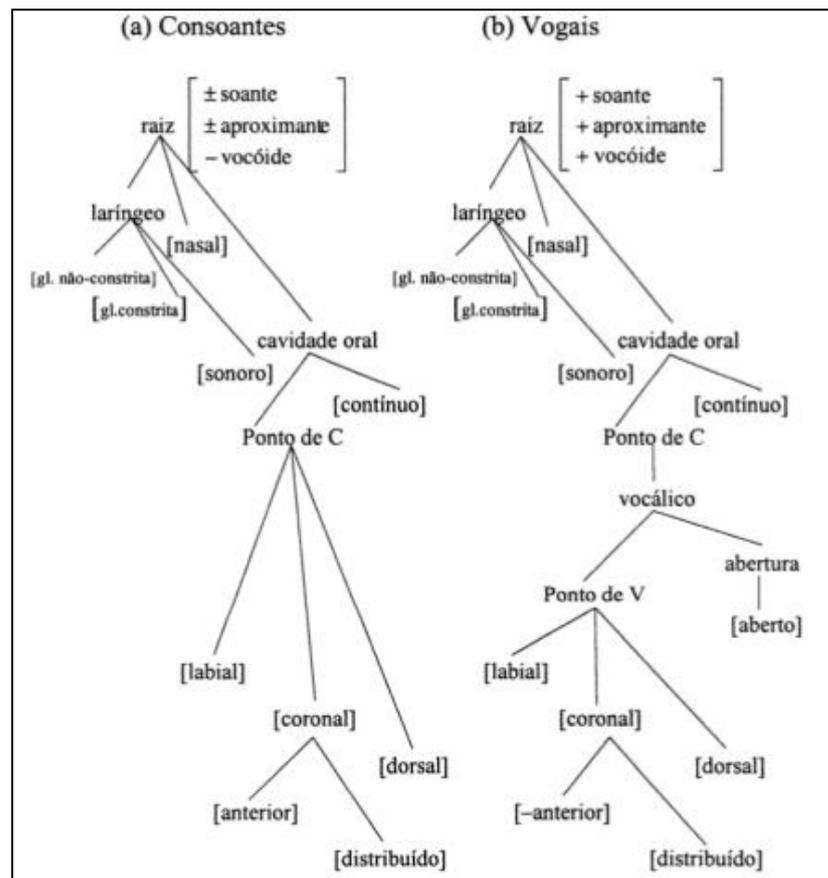
⁵⁴ Antes, em posição de ataque da raiz apagada.

⁵⁵ Vogal núcleo da raiz seguinte.

permanece⁵⁶ acoplada a raiz seguinte, causando, assim, uma alteração estrutural nas palavras, já que, saímos da frase inicial “menina humilde” para a frase final “meni numilde”.

Além dessas informações, é importante discorrer sobre o modelo de representação das consoantes e vogais proposto por Clements e Hume (1995).

Diagrama 4 - Representação geométrica das consoantes e das vogais



Fonte: Clements e Hume (1995).

Ao observarmos o diagrama acima, é possível notar o diálogo existente entre o mesmo e o diagrama 1, tendo em vista que as consoantes e as vogais são organizadas e configuradas em nós de classes e nós de traços. Uma leitura mais atenta acerca do sistema arbóreo nos permite detectar alguns traços binários e outros monovalentes, todavia, o grande avanço no diagrama proposto por Clements e Hume (1995) consiste na inserção das consoantes e das

⁵⁶ Optamos por usar o termo “permanece”, dado que o “n”, no item C, já havia sido acoplado, quando a vogal “a” ainda fluuava.

vogais numa mesma classe: labial, coronal e dorsal. “Com isso, houve a possibilidade de explicar alguns processos fonológicos que envolvem os segmentos vocálicos e consonantais, como as assimilações” (HORA e VOGLEY, 2017, p.75). Para a Fonologia gerativa, a assimilação é explicada como uma cópia de traços, todavia, para a Fonologia autosegmental, a assimilação ocorre mediante o espriamento de um traço ou de um nó.

Para finalizar esse eixo do nosso estudo, faz-se necessário discorrer sobre uma última teoria: a Teoria da Sílabas.

A definição de sílaba não é algo de fácil elaboração, por isso, é comum a existência de controvérsias entre os autores e a existência de diferentes modelos silábicos. Apesar de tal dificuldade, inúmeros autores se propuseram a caminhar por tais veredas, dado a importância da sílaba para os estudos fonológicos, posto que a explicação e compreensão das percepções fonéticas e fonológicas do som exigem o estudo de uma unidade maior que o segmento, afinal “[...] a posição ocupada pelos segmentos nas sílabas determinam o seu caráter distintivo ou alofônico” (ALVES, 2017, p. 126).

De acordo com Mendonça (2003):

Os primeiros modelos de sílabas eram feitos linearmente e apontavam simplesmente para uma sequência de vogais e consoantes. Eles não caracterizavam corretamente os traços de cada segmento, bem como não captavam aspectos mais profundos da estrutura silábica, como o tom e o acento (MENDONÇA, 2003, p. 22).

Na Teoria Gerativa Clássica, assim como os segmentos, as sílabas também eram concebidas numa percepção linear, isto é, os traços eram uma sequência de elementos que formavam os segmentos e os segmentos, por sua vez, eram um conjunto de elementos que formavam a sílaba (sequência de vogais e consoantes).

Collischonn (2005) e Keller (2010) acrescentam que os estudos sobre a sílaba só ganharam maior profundidade nos anos 70, a partir dos estudos de Hooper (1972) e Khan (1976). Após esses teóricos, outros surgiram com contribuições significativas para a área: Selkirk (1982), Hayes (1995), Hyman (1985) entre outros.

De acordo com Keller (2010), há dois tipos de abordagens silábicas; Abordagens fonético-articulatórias e a Abordagem fonológica. As “Abordagens fonético-articulatórias descrevem a sílaba com relação a sua realização física, ao passo que abordagens fonológicas preocupam-se com o seu papel na combinação dos segmentos dentro das palavras” (KELLER, 2010, p.20). Depreende-se da citação que a primeira abordagem utiliza os mecanismos

fonéticos-articulatórios como base para a definição de sílaba, enquanto que a segunda diagnostica as relações entre segmentos e sílabas na constituição das palavras.

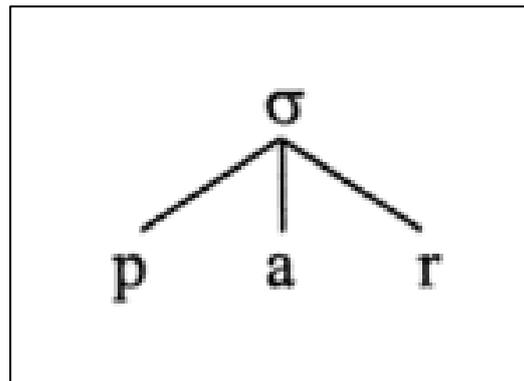
Na primeira abordagem, a definição de sílaba está interligada ao efeito auditivo, à força expiratória, ao encandeamento articulatório, à tensão muscular e ao jogo de musculatura peitoral (CÂMARA Jr., 2004). Por conseguinte, “em termos fonológicos, a sílaba figura como uma unidade abstrata necessária para designar o domínio de aplicação de determinadas regras (Hooper, 1972; Kahn, 1976) e para formular restrições fonotáticas (Selkirk, 1982)” (KELLER, 2010, p.21). Na segunda abordagem, a preocupação com o critério fonológico faz com que a definição de sílaba se baseie na relação entre seus constituintes e o sistema de regras adotado. Não há, nesse caso, uma preocupação com os mecanismos físicos ou articulatórios.

Em síntese, nós defendemos que as duas abordagens são consistentes e a consideração parcial de cada uma delas enriquece nosso trabalho.

Além das abordagens, Keller (2010) afirma que há três tipos de representação silábica: “a) a sílaba não tem estrutura interna. b) a sílaba tem estrutura interna. c) a sílaba é composta por unidades de peso” (KELLER, 2010, p.22). Alves (2017) segue a mesma linha de raciocínio de Keller (2010) ao caracterizar os tipos de representação da seguinte maneira:

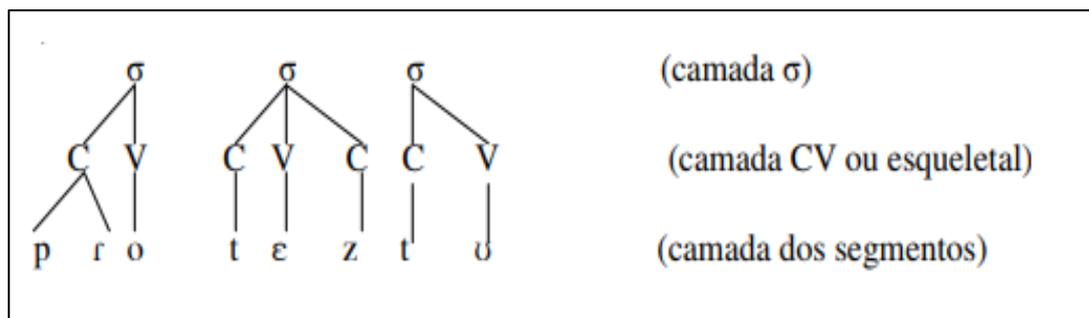
- (i) Uma caracterização autossegmental, a partir do qual os segmentos se encontram diretamente ligados à sílaba, caracterizada pela inexistência de uma estrutura hierarquizada entre seus elementos. [...].
- (ii) Uma caracterização arbórea, que prevê uma estrutura interna hierarquizada entre os elementos da sílaba [...].
- (iii) Uma abordagem mórica [...], em que a unidade ‘mora’ e a noção de peso silábico por ela introduzido dão conta da silabação (ALVES, 2017, p. 127-128).

O importante é que tanto Keller (2010) quanto Alves (2017) defendem a existência de representações silábicas distintas e apresentam os mesmos tipos de sistemas arbóreos conforme cada caracterização. Para melhor compreensão dos conceitos elaborados pelos autores, eis os diagramas para cada tipo de representação.

Diagrama 5 - ⁵⁷ Estrutura de representação silábica- Kahn

Fonte: Collischonn (2005, p.101).

No diagrama 5, temos o modelo de representação silábica proposta por Kahn(1976). Tal modelo faz referência à representação da sílaba sem estrutura interna⁵⁸, dado que os segmentos estão diretamente ligados ao nó base da sílaba.

Diagrama 6 - Estrutura de representação silábica – Clements e Keyser

Fonte: Keller (2010, p. 22).

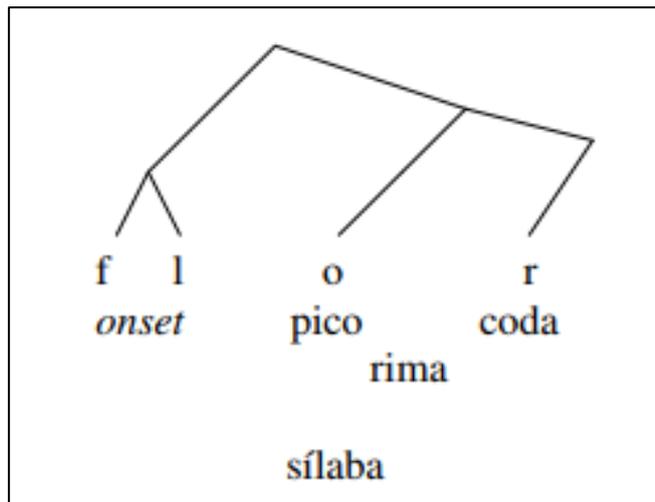
O diagrama 6 revela o modelo de representação silábica proposto por Clements e Keyser (1983). Essa proposta também segue a ideia de ausência de estruturação silábica⁵⁹, contudo, já se observa a delimitação do que concerne ao campo das consoantes (C) e ao campo das vogais (V), em contraposição ao modelo de Kahn (1976) que ainda era mais simplificado.

⁵⁷ Mendonça (2003, p.24) denomina tal representação de modelo de estrutura plana.

⁵⁸ Modelo (a) (KELLER, 2010) e modelo (i) (ALVES, 2017).

⁵⁹ Modelo (a) (KELLER, 2010) e modelo (i) (Alves, 2017).

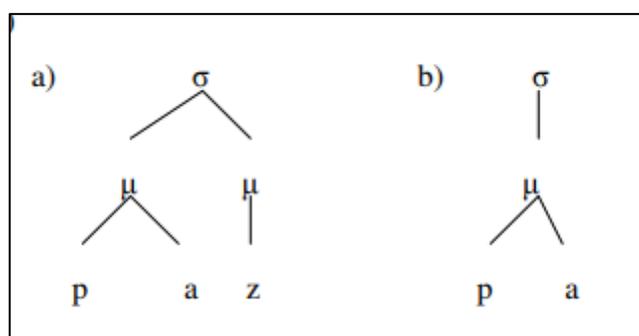
Diagrama 7 - ⁶⁰ Estrutura de representação silábica –Selkirk



Fonte: Keller (2010, p.22).

No diagrama 7, ao contrário do modelo de Kahn (1976) e de Clements e Keyser (1983), há uma estrutura⁶¹ interna na sílaba: os segmentos não estão ligados à base de modo direto, posto que entre a base e os segmentos há o Onset -O- e a Rima -R- (Pico ou Núcleo - N- e Coda-C), ou seja, é possível notar uma hierarquia entre os elementos que compõem a sílaba.

Diagrama 8 - Estrutura de representação silábica-Hyman



Fonte: Keller (2010, p.22).

Por fim, o diagrama 8 revela o modelo de representação silábica proposto por Hyman (1985). Nesse modelo, a silabação é efetuada mediante o peso⁶² de cada segmento em uma

⁶⁰ Mendonça (2003, p.25) denomina tal representação de Modelo binário com rima.

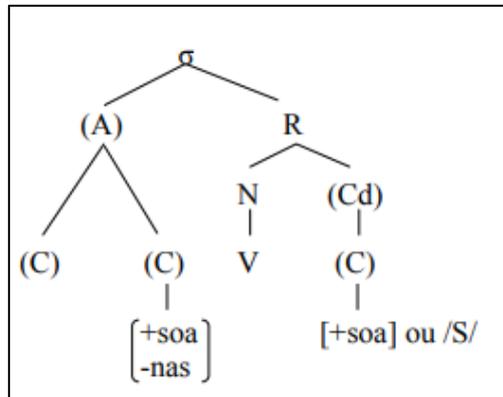
⁶¹ Modelo (b) (KELLER, 2010) e modelo (ii) (ALVES, 2017).

⁶² Modelo (c) (KELLER, 2010) e modelo (iii) (ALVES, 2017).

sílaba. Sílabas leves são constituídas apenas por uma mora, enquanto as sílabas pesadas são constituídas por duas moras.

Bisol (1999) apresenta o seguinte molde silábico para o Português Brasileiro:

Diagrama 9 - Estrutura de representação silábica do Português brasileiro



Fonte: Bisol (1999, p.703).

A imagem mostra que as sílabas do português brasileiro são de índole binária, isto é, constam de dois elementos: Ataque e Rima. A Rima, por sua vez, detém igualmente dois elementos: Núcleo e Coda. Uma análise atenta do diagrama de Bisol (1999) permite asseverar que a segunda consoante em posição de ataque só pode ser uma soante e o núcleo da rima, uma vogal; do mesmo modo, a consoante em posição de coda deve ser caracterizada como +soante ou /S/.

Para finalizar o eixo “Teoria da Sílabas”, resta-nos fazer uma breve síntese acerca de dois princípios universais de silabação, já que, em conformidade com Amaral (2002), podemos defender a existência de princípios e restrições que determinam o posicionamento dos segmentos na sílaba. O primeiro deles é o Princípio de Sequência de Sonoridade (PSS), cuja ideia central é a existência, em qualquer sílaba, de “[...] um segmento que constitui um pico de sonoridade, que é precedido e/ou seguido por uma sequência de segmentos que progressivamente decrescem em valores de sonoridade” (LAMPRECHT, 2011, p.35), ou seja, toda sílaba é constituída por um pico sonoro e por elementos marginais com menor efeito sonoro.

Em contextos de sequências intersilábicas, a Lei de contato silábico, “prevê que o elemento de coda da sílaba precedente deve ter um valor mais alto, na escala de sonoridade, do que o primeiro elemento da sílaba seguinte” (ALVES, 2017, p.130). Essas ideias dialogam com as afirmações de Medonça (2003, p.28), já que, segundo ela, na escala, há um pico sonoro que se destaca perante os demais e dois elementos que margeiam o pico. O primeiro

elemento tende a crescer, pois antecede o pico; o segundo elemento, por sua vez, tende a diminuir, pois está em posição posterior ao pico.

Bisol (2005, p.109) é ainda mais específica, pois ela menciona que na escala de sonoridade, a vogal⁶³ tende a ser o elemento pico, já que carrega a maior numeração sonora, em contraposição às obstruentes, que apresentam “0” em sonoridade. As líquidas e as nasais posicionam-se no entremeio da escala com as numerações sonoras “2” e “1”.

Além do PSS, há também um segundo princípio universal de silabação: o princípio de Licenciamento Prosódico.

O princípio de Licenciamento Prosódico, formulado em Itô (1986, p.2), diz que todas as unidades prosódicas de um determinado nível devem pertencer a estruturas prosódicas hierarquicamente superiores. Em outras palavras, supondo que a hierarquia prosódica seja a seguinte: segmento-sílaba-pé-palavra fonológica- frase fonológica-enunciado (cf. Nespor e Vogel, 1986), nenhum segmento pode aparecer na representação fonológica não associada a um pé, e assim por diante (BISOL, 2005, p.111).

Esse princípio vai ao encontro da hierarquia proposta no sistema arbóreo mencionado na Teoria dos Traços e até mesmo na própria Teoria da Sílabas, uma vez que o princípio de Licenciamento Prosódico defende a necessidade de vínculo de um segmento ao seu segmento superior, ou seja, no contexto silábico, os traços precisam estar interligados a um nó de classe, que por sua vez, precisa estar ligado ao nó raiz.

2.2 O ESTUDO DA ORALIDADE: CONTRIBUIÇÕES DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

Antes de discutirmos o papel da Sociolinguística quantitativa nos estudos da oralidade, faz-se necessário recapitularmos resumidamente as contribuições da Fonética e Fonologia ao longo do século XX.

No tópico anterior, discutimos o percurso da oralidade sob o viés de dois grandes polos de estudos fonéticos-fonológicos: o estruturalismo⁶⁴-funcionalismo⁶⁵ e o gerativismo⁶⁶,

⁶³ Vale ressaltar que, no Português, somente as vogais ocupam a posição de pico silábico. (MENDONÇA, 2003, p. 28).

⁶⁴ “O estruturalismo, [...] compreende que a língua, uma vez formada por elementos coesos, inter-relacionados, que funcionam a partir de um conjunto de regras, constitui uma organização, um sistema, uma estrutura. Essa organização dos elementos se estrutura seguindo leis internas, ou seja, estabelecidas dentro do próprio sistema” (COSTA, 2017, p.114).

posto que teóricos estruturalistas e funcionalistas contribuíram para que as noções de Fonética e Fonologia fossem estabelecidas e Chomsky (1979), por sua vez, com a sua teoria gerativa, instaurou um novo modelo (novas metodologias, objetivos e objeto científico) de estudo fonético-fonológico.

No estruturalismo, Saussure (2012) pela primeira vez coloca os estudos linguísticos dentro do campo científico e valoriza a importância de se estabelecer a língua como objeto de estudo da Linguística. O genebrino parte da ideia de que a língua, um sistema de valores opositivos, se auto explica mediante mecanismos internos e, por isso, os elementos internos⁶⁷, ao menos nas ideias compiladas no CLG, devem se sobrepor aos elementos externos⁶⁸. Dentro da esfera, propriamente dita, da Fonética e da Fonologia, é preciso alertar que, apesar de nos depararmos com algumas afirmações⁶⁹ confusas sobre conceitos e distinções entre as duas áreas, Saussure (2012) nos oferece importantes informações acerca do aparelho vocal, dos órgãos e do papel dos órgãos; além de trazer, ainda que de modo impreciso, a primeira definição de fonema⁷⁰.

Com Trubetzkoy (1973), encontramos ideias mais precisas sobre a Fonética e a Fonologia, através da atualização das ideias saussurianas. O linguista russo revaloriza algumas noções propostas por Saussure (2012), a citar: a noção de valor e de oposição, contudo, ele ultrapassa a barreira da mera retomada e constrói informações significativas para os estudos atuais na área, como por exemplo, Trubetzkoy (1973) insere a noção de valor dentro dos patamares fonéticos e fonológicos, ao afirmar que sem uma relação de oposição fonológica seria inconcebível construir a noção de fonema, afinal, as interferências significativas dessa relação definem o que pertence ao campo das faculdades pertinentes⁷¹ (fonológicas) e o que pertence ao campo das faculdades não pertinentes (fonéticas). Além de inovar com a inserção da ideia de oposição e valor dentro do ambiente fonético e fonológico, Trubetzkoy (1973) discorre sobre as regras para a definição dos fonemas; regras para as

⁶⁵ “Embora frequentemente contrastado ao estruturalismo, o funcionalismo surge como um movimento particular dentro do estruturalismo, enfatizando a função das unidades linguísticas[...]” (CUNHA, 2017, p.159).

⁶⁶ “Com o gerativismo, as línguas deixam de ser interpretadas como um comportamento socialmente condicionado e passam a ser analisadas como uma faculdade mental natural. A morada da linguagem passa a ser a mente humana.” (KENEDY, 2017, p.129).

⁶⁷ Para melhor compreensão da oposição interno *versus* externo, ler a alusão que Saussure (2012, p.56) faz ao jogo de xadrez.

⁶⁸ É preciso alertar que Saussure (2012) não exclui a existência dos elementos externos, mas defende a supremacia dos elementos internos como base para a definição e estudo da língua, dentro da sua proposta teórica.

⁶⁹ Para informações mais detalhadas, voltar ao Tópico 1 (subtópico 1.1.1.1).

⁷⁰ Saussure (2012, p.77).

⁷¹ As faculdades pertinentes são formadas pela menor unidade distintiva da língua; o fonema, com suas respectivas marcas distintivas (TRUBETZKOY, 1973, p. 29).

distinções entre fonemas e grupos de fonemas e regras para a classificação das oposições distintivas⁷².

Jakobson e Halle (1980), por sua vez, partem dos estudos já realizados por Trubetzkoy (1973), porém assumem um foco e uma preocupação diferente. Enquanto Trubetzkoy (1973) preocupa-se em distinguir a Fonética da Fonologia e em estabelecer as regras de oposições distintivas, Jakobson e Halle (1980), apesar de abordar algumas dessas questões, estão mais preocupados em esmiuçar noções e organizações dos traços distintivos⁷³ (unidades mínimas distintivas), ancorados na ideia de oposição distintiva e na metodologia acústica/ articulatória. A preocupação com a organização dos traços faz com que surjam importantes discussões sobre a sílaba (conceitos, estruturas e configurações) e sobre a relação que ela estabelece com os fonemas de uma dada língua (fonemas *centrales*⁷⁴ e *laterales*⁷⁵).

Com os autores mencionados acima, fecha-se o círculo da Fonética/Fonologia estruturalista. Para finalizar esta recapitulação, resta-nos retomar os estudos realizados por Chomsky e Halle (1968), de modo que a Fonologia gerativa possa ser revisitada. Em síntese, os autores gerativos não estão interessados na estrutura dos sons, mas na busca pelos universais fonéticos, imersos numa rede de relações sintáticas; não estão interessados em explicar as regras de oposições distintivas nem tão pouco a estrutura de todos os traços, posto que a teoria tem como um dos seus objetivos discorrer sobre os conjuntos de regras⁷⁶ (gramáticas) necessárias para a existência dos fonemas de todas as línguas. Tais fonemas são marcados por traços que determinam a sua inserção em diversas classificações, fundamentadas apenas na metodologia articulatória.

Além disso, vale acrescentar as contribuições das novas teorias fonológicas que ofereceram outros desdobramentos e perspectivas para o estudo dos traços e da sílaba.

A análise dessa síntese nos possibilita notar que o percurso teórico construído desde Saussure (2012) até Chomsky e Halle (1968), fundamenta-se no estudo da oralidade na

⁷² Ao dissertar sobre as regras para a classificação das oposições distintivas, Trubetzkoy (1973, p.70) advoga por um importante conceito para os estudos fonéticos e fonológicos: o conceito de arquifonema.

⁷³ Os traços são divididos em prosódicos (tom, intensidade e quantidade) e *inherentes* (tonalidade e sonoridade) (JAKOBSON e HALLE, 1980, p.44).

⁷⁴ Centro da sílaba (vogais). Sílabas que terminam em vogais são consideradas sílabas livres (CÂMARA JR, 2004, p.53).

⁷⁵ Elementos marginais (consoantes). Sílabas que terminam em consoantes são consideradas sílabas travadas (CÂMARA JR, 2004, p.53).

⁷⁶ Chomsky e Halle (1968), ao menos nessa fase do gerativismo, dedicam seus estudos aos princípios e à competência do falante. Atribuindo, assim, menor destaque aos estudos voltados para os parâmetros e o desempenho linguístico.

perspectiva interna da língua: ora se busca a análise e explicação das estruturas fonéticas e fonológicas; ora se busca a análise da competência linguística, um elemento mental, fruto, também, de processos internos. Em contraponto, Labov (2008, p.20) diz que:

A contribuição de forças internas estruturais, para a efetiva difusão das mudanças linguísticas [...] deve ser naturalmente o foco de atenção de qualquer linguista que esteja investigando esses processos de propagação e regularização. No entanto, uma abordagem que considera apenas as pressões estruturais, dificilmente pode contar a história toda. Nem todas as mudanças são altamente estruturadas e nenhuma mudança acontece num vácuo social (LABOV, 2008, p.20).

Não é o objetivo do autor, nem tão pouco o nosso, questionar a importância dos estudos internos, dado que, sem eles não teríamos a Fonética e a Fonologia tão solidificadas como a temos atualmente, e parte do trabalho aqui proposto seria inviável; entretanto, acreditamos que a explicação da oralidade requer outros mecanismos teóricos, capazes de ultrapassar as barreiras estruturais e de inserir os fatores externos dentro da análise linguística.

[...] No século XX [...], ao lado dos estudos que chamamos de *microlinguística* [...] surgirão grandes campos de investigação em níveis que ultrapassam o chamado “núcleo duro” da linguística e avançam em direção a uma interdisciplinaridade crescente, a uma intersecção com a filosofia e com outras ciências humanas como a Sociologia, a antropologia, a psicologia, a neurociência, a semiologia etc. (WEEDWOOD, 2002, p. 125).

Através de um processo de leitura e interpretação da citação anterior, podemos afirmar que os estudos estruturais da língua fazem parte do que a autora chama de núcleo duro da linguística. O século XX funcionou como palco de antagonistas desse núcleo duro, visto que surgem pesquisas mais maleáveis e interdisciplinares em diferentes partes da linguística. Uma dessas partes é a oralidade, já que diversas áreas têm se dedicado aos estudos da oralidade de um ponto de vista externo e dialógico⁷⁷, a citar: a Análise da conversação, a Análise do Discurso, a Pragmática, a Sociolinguística variacionista, a Sociolinguística interacional, entre outras.

A Sociolinguística variacionista surge a partir dos estudos realizados pelo linguista William Labov acerca da “alteração na posição fonética dos primeiros elementos dos ditongos /ay/ e /aw/” (LABOV, 2008, p.19) na ilha de Martha’s Vineyard (Massachusetts) e dos

⁷⁷ Dialógico no sentido de dialogar com outras áreas das ciências humanas.

estudos acerca da “estratificação social do (r) nas lojas de departamento na cidade de Nova York” (LABOV, 2008, p.63).

Antes de detalharmos as pesquisas realizadas pelo teórico, é preciso discutir algumas noções básicas da Sociolinguística. O primeiro passo consiste na conceituação do termo.

A sociolinguística é uma área que estuda a língua em seu **uso real**, levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística. Para essa corrente, a língua é uma instituição social e, portanto, não pode ser estudada como uma estrutura autônoma, independente do **contexto situacional**, da **cultura** e da **história das pessoas** que a utilizam como meio de comunicação (CEZARIO e VOTRE, 2011, p.141, grifos nossos).

Ao fazer a leitura de Cezario e Votre (2011) nos deparamos com palavras que funcionam como chaves para a definição da Sociolinguística, por isso optamos por destacá-las. Estas são: **uso real, contexto situacional, cultura e história das pessoas**.

Observa-se, a partir das palavras dos autores que, ao defender o estudo da língua em seu uso real, conseqüentemente deve-se, de imediato, repensar a teoria de homogeneidade linguística defendida pelo estruturalismo⁷⁸ e pelo gerativismo⁷⁹; afinal, a teoria linguística que Labov (2008) defende tem como objeto de estudo a língua em seu uso real, o que implica o estabelecimento de um novo olhar perante as estruturas linguísticas.

Em entrevista realizada pela Revista virtual de estudos da linguagem-REVEL (2007), Labov reforça essa ideia ao afirmar que o objeto de estudo da Sociolinguística é a língua “[...] instrumento que as pessoas usam para se comunicar com os outros na vida cotidiana. Esse é o objeto que é alvo do trabalho em variação linguística” (LABOV, 2007, p.2), ou seja, para os sociolinguistas não há, apenas, espaço para a língua enquanto uma espécie de organismo estático, abstrato e situado no eixo da homogeneidade, pois ela carrega em si a heterogeneidade de estruturas que são proferidas por pessoas imersas em diversos contextos sociais.

“Um dos nossos corolários de nossa abordagem é que, numa língua que serve a uma comunidade complexa [...], a ausência de heterogeneidade estruturada⁸⁰ é que seria

⁷⁸ “Saussure (2012) ao propor o estudo da língua fora do plano histórico [...] exclui outros termos importantes, a aludir: os elementos sociais, externos à língua” (NASCIMENTO, 2015, p.15).

⁷⁹ Chomsky e Halle (1968) “focavam de forma destacável na relação entre língua e mente, assumindo, também, um caráter individualista [...]” (NASCIMENTO, 2015, p.15). O que é justificável, tendo em vista o objeto e o objetivo de seus estudos.

⁸⁰ “A noção de heterogeneidade estruturada postula que a variação linguística é um fato universal no interior de qualquer sistema linguístico. Essa heterogeneidade, além disso, não é produto do acaso, mas ocorre de forma

disfuncional” (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 2006, p. 100-101), isto é, tomando como base uma língua não abstrata, falada por pessoas em contextos de usos reais, situados numa cultura e numa história específica, negar a heterogeneidade da língua seria um tanto incoerente, tendo em vista a complexidade das relações sociais.

O ponto de vista do presente estudo é o de que não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou, dizendo de outro modo, as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo (LABOV, 2008, p.21).

Mediante a citação acima, é viável depreender algumas informações. A primeira informação é que a língua, “entendida como manifestação da vida em sociedade” (PRETI, 2003, p.12), sofre mudanças, ou seja, as línguas “mudam todos os dias” (CAVELT, 2002, p.89).

A segunda informação: essas mudanças ou variações estão atreladas ao eixo social.

A terceira e última informação: a vida social da comunidade, muitas vezes, pressiona as variações e mudanças em uma dada área estrutural da língua, todavia, tal mudança/variação não está restrita ao passado, dado que, elas se efetuam de modo contínuo⁸¹.

Em síntese, a teoria da homogeneidade linguística impossibilita o estudo da língua dentro dos parâmetros contextuais, o que resulta numa visão incompleta da língua e no apagamento da variação/mudança pelos parâmetros sociais (LABOV, 2008; COELHO et al, 2010). A teoria da heterogeneidade, por sua vez, abarca a língua dentro de um sistema contextualizado que recorre constantemente às situações comunicativas e aos processos históricos e culturais em uma dada comunidade.

Diante de todas as discussões já realizadas, torna-se claro que a Sociolinguística variacionista oferece um diálogo⁸² entre língua e sociedade. Torna-se nítido, também, que a mudança e a variação são peças insubstituíveis no jogo da Sociolinguística. Mas, o que de fato é mudança e variação para a Sociolinguística? E qual a diferença entre elas?

sistemática e perfeitamente analisável” (BAGNO, 2017, p.184). “Todas as línguas apresentam dinamismo inerente, o que significa que elas são heterogêneas” (MOLLICA, 2015, p.9).

⁸¹ A noção de continuidade ficará mais clara quando explicarmos mais adiante os tipos de mudanças.

⁸² Diálogo não abordado pelos linguistas anteriores.

No processo de **mudança linguística**, as estruturas novas não são adotadas de maneira instantânea e universal por todos os falantes de uma língua. De fato, a mudança se caracteriza por um período de variação, durante o qual os falantes de diferentes grupos usam formas novas e antigas em graus variados de frequência. Disso decorre outro postulado central da Sociolinguística variacionista: se houve mudança é porque houve, primeiro, variação. No entanto, nem toda variação implica necessariamente em mudança futura: em alguns casos, uma **variação estável** pode perdurar durante um longo lapso temporal (BAGNO, 2017, p.437, grifos do autor).

Para conceituar e diferenciar a mudança linguística da variação linguística, é preciso ter em mente a existência de variantes e de variáveis. “Entenderemos [...] por variável o conjunto constituído pelos diferentes modos de realizar a mesma coisa [...] e por variantes cada uma das formas de realizar a mesma coisa” (CAVELT, 2002, p.90).

Se interligarmos a noção de variável e variante com os estudos sobre a Fonética e a Fonologia será fácil construirmos a compreensão dos dois termos, dado que o termo variante se encaixa no eixo fonético, afinal são variantes todas as formas que não alteram o significado da língua, que não estão inseridos no campo fonológico das unidades semanticamente distintas. São, na verdade, formas alternativas que modificam o significante linguístico e caminham apenas pela estrutura superficial da língua.

A variável⁸³, por conseguinte, nada mais é do que o conjunto de variantes de um dado item linguístico (som, léxico etc.). Ela se efetua “[...] quando duas formas diferentes permitem dizer a mesma coisa [...]” (CAVELT, 2002, p.102).

Após a posse desses termos, podemos voltar à citação de Bagno (2017) sobre a mudança e a variação, com a finalidade de alegar que não há entre as duas noções uma distinção radical. É preferível afirmar que há uma relação hierárquica que define o espaço de cada noção no corpo linguístico, auxiliando na construção do conceito e da diferença entre os dois termos.

Em um primeiro momento está a variação, isto é, duas ou mais formas linguísticas (variantes) são proferidas, com maior ou menor frequência, para se referir a um mesmo significado, em um tempo específico. Posterior a essa fase há a efetuação da mudança propriamente dita.

⁸³ Quando as “[...] variantes se correlacionam com fatores sociais, formando um feixe com no mínimo dois componentes, esse feixe é chamado de **variável** sociolinguística” (BAGNO, 2017, p.436, grifos do autor).

O que vai definir a existência da mudança linguística é o modo como as variantes se comportam ao longo do tempo. Não podemos falar em mudança enquanto duas variantes existem de modo estável ao longo de tempos distintos. Somente poderemos falar em mudança linguística concluída quando uma variante se sobrepuser a outra ou extinguir usualmente a variante derrotada.

Labov (2008) explica o processo de mudança linguística em estágios:

Na sua **origem**, uma mudança é uma das inúmeras variações confinadas ao uso de algumas pessoas. Na sua **propagação**, a mudança é adotada por números tão amplos de falantes que ela passa a contrastar com a forma mais antiga ao longo de uma ampla frente de interação social. No seu **término**, a mudança alcança regularidade pela eliminação de variantes concorrentes (LABOV, 2008, p.152, grifos nossos).

A mudança linguística consta de três estágios. No primeiro estágio, o da origem, a variante condutora da mudança convive com inúmeras outras variantes de modo harmônico. No segundo estágio, o da propagação, a variante já não convive tão harmonicamente com as outras variantes, tendo em vista que passa a se destacar e a se sobrepôr em nível de ocorrências nas interações sociais. No terceiro e último estágio, o do término, a variante promotora da mudança se efetua exclusivamente nos contextos linguístico, a partir do apagamento das demais variantes.

Além dos estágios, a mudança linguística sofre dois tipos de pressões sociais: mudança de baixo para cima e mudança de cima para baixo.

As forças sociais exercidas sobre as formas linguísticas são de dois tipos distintos, que podemos designar como pressões vindas de cima e pressões vindas de baixo⁸⁴. Por baixo entendemos abaixo do nível da percepção consciente. [...]. Neste capítulo, nos ocuparemos principalmente das pressões sociais vindas de cima⁸⁵, que representam o processo explícito de correção social aplicado a formas linguísticas individuais (LABOV, 2008, p.152).

⁸⁴ No Português Brasileiro é um exemplo de mudança de baixo para cima “[...] a atribuição de objeto direto a verbos originalmente inacusativos” (BAGNO, 2017, p.282). Exemplos: “Meu bebê está nascendo os dentes; A Bermuda nova saiu tinta” (BAGNO, 2017, p.282).

⁸⁵ “Uma mudança de cima para baixo no **português brasileiro** é, por exemplo, o uso cada vez mais intenso do verbo possuir, avaliado mais sofisticado do que ter, mesmo em construções onde tal verbo (por sua semântica clássica) não se aplicaria, como em *possuir filhos*” (BAGNO, 2017, p.283, grifos do autor).

O termo “de baixo para cima” e “de cima para baixo” é utilizado pelo autor como referência ao nível de consciência de uma comunidade linguística acerca de determinadas variantes. As pressões vindas de baixo para cima são imperceptíveis pelos falantes de uma comunidade linguística, pois elas se efetuam no nível da inconsciência. As pressões vindas de cima para baixo, todavia, fazem parte do nível de consciência linguística da comunidade, por isso, a tendência é que os falantes supervalorizem e tentem atingir a variante de prestígio⁸⁶.

Vale acrescentar que a mudança entre variantes ao longo do tempo não ocorre de modo abrupto, considerando que há uma fase de convivência e de luta entre duas ou mais variantes. Esse entremeio é denominado por Labov (2008) de mudança em andamento (em progresso). “Numa mudança em progresso não são todos os grupos sociais que usam as formas linguísticas inovadoras: alguns grupos usarão mais frequentemente que outros grupos, que podem usá-las raramente ou mesmo nunca” (BAGNO, 2017, p.283).

Acerca das variações, podemos acrescentar, em conformidade com Labov (2008), que elas são formadas por variáveis linguísticas (internas) e por variáveis sociais. As variáveis linguísticas se referem ao modo como a estrutura linguística afeta uma determinada variante, que vai, no caso da Fonética, desde a posição do segmento sonoro na palavra até os elementos prosódicos, observando-se as relações que os segmentos sonoros estabelecem entre si e entre outros elementos do campo fonético e fonológico.

As variáveis sociais, por conseguinte, ultrapassam as barreiras internas da língua, já que representam a influência de fatores sociais e contextuais na mudança e variação linguística. A título de exemplo, Preti (2003) cita três tipos de variações extralinguísticas que consequentemente contribuem com a ruptura da exclusividade interna mencionada anteriormente. Estas são: as variações geográficas, as sociológicas e as contextuais. Na primeira, se inserem as variantes regionais, na segunda, as variantes⁸⁷ movidas pela idade, sexo, profissão, escolaridade, classe social etc., na terceira estão as variantes relacionadas ao assunto, ao espaço do diálogo, entre outros.

Em síntese, noções da Sociolinguística foram destrinchadas, de modo que o passo seguinte possa ser compreendido mais facilmente, isto é, propomos discutir com maior

⁸⁶ Em alguns contextos pode ocorrer o inverso. Na tentativa de reforçar a identidade da comunidade, falantes negam a variante de prestígio. É o caso da pesquisa realizada por Labov (2008) acerca da centralização dos ditongos \ay\ e \aw\ na ilha de Martha's Vineyard.

⁸⁷ Mais informações sobre esse tipo de variação são encontradas em Labov (2008) a partir das discussões sobre as pesquisas que ele realizou em Martha's Vineyard e nas lojas de Nova York. No Brasil, importantes estudos sobre a temática é constatado em Mollica & Braga (2015).

detalhamento as pesquisas realizadas por Labov (2008), já que até então fizemos leves apontamentos.

É preciso termos em mente, antes de prosseguir a discussão, que os estudos de Labov, não somente marcou o início de uma ciência capaz de visualizar os fatores externos como condicionadores da mudança linguística, como também mostraram a viabilidade da construção de um método⁸⁸ pautado no diálogo entre a área de humanas e a área de exatas.

2.2.1 Pesquisas realizadas por Labov

Labov (2008) realizou algumas pesquisas, significativas para o campo sociolinguístico, na ilha de *Massachusetts – Martha's Vineyard*⁸⁹ e na cidade de *Nova Iorque*⁹⁰.

Martha's Vineyard tem a vantagem de ser uma unidade independente, separada do continente por umas boas três milhas [...] do oceano atlântico. Ao mesmo tempo, Vineyard é social e geograficamente complexa o bastante para oferecer amplo espaço à diferenciação do comportamento linguístico (LABOV, 2008, p.22).

Nesse primeiro momento, Labov (2008) explica o motivo pelo qual escolheu a comunidade linguística da ilha de *Martha's Vineyard* como objeto da sua primeira pesquisa. A ilha está situada numa posição geográfica que impede grandes contatos linguísticos com outras comunidades linguísticas, ao mesmo tempo em que ela reflete uma complexidade social que favorece a variação linguística.

A ilha é dividida em duas partes por uma distinção informal, mas universalmente usada, entre ilha alta (*up-island*) e ilha baixa (*down-island*). A ilha baixa é a região dos vilarejos, onde vivem quase três quartos da população permanente. A ilha alta é estritamente rural, com poucos lugarejos, fazendas, casas de veraneio isoladas, lagoas de água salgada e pântanos, e uma grande área central desabitada, com pinheirais improdutivos (LABOV, 2008, p.23).

Aqui o autor aponta um dos conjuntos de itens que revelam o contraste da ilha, afinal, enquanto a ilha baixa é uma área com maior concentração de pessoas, a ilha alta é mais deserta e rural.

⁸⁸ Método quantitativo.

⁸⁹ Primeira pesquisa publicada em 1963.

⁹⁰ Cavelt (2002); Faraco (2005); Labov (2008); Layons (1982); Mollica & Braga (2015); Tarallo (1986), entre outros.

Os 6.000 vineyardenses nativos se dividem em quatro grupos étnicos essencialmente endógamos. Primeiro há os descendentes das velhas famílias inglesas, [...]. Em segundo lugar, há um grande grupo de ascendência portuguesa [...]. O terceiro grupo étnico é remanescente indígena de Gay-Head [...]. O quarto grupo é uma miscelânea de várias origens: ingleses, franco-canadenses, irlandeses, alemães, poloneses (LABOV, 2008, p.23-24).

Por fim, nesse primeiro momento, Labov (2008) aponta os contrastes étnicos entre os moradores da ilha e, aos poucos, vai delineando como as distintas origens étnicas afetam a língua, provocando variações.

Ele observou o modo como se comportou a variável centralização e não centralização dos ditongos /ay/ e /aw/ presentes na ilha supramencionada. “Estudos preliminares de Martha’s Vineyard indicaram que outra variável poderia ser ainda mais interessante: as diferenças na altura do primeiro elemento dos ditongos \ay\ e \aw\” (LABOV, 2008, p.27).

Mais especificamente, o autor estudou o processo de centralização destes ditongos e constatou que alguns moradores da ilha utilizavam uma pronúncia⁹¹ dos ditongos que se contrapõe a variante padrão: o ditongo /aw/ (house) na ilha estava a ser substituído pela variante /vʊ/ ou /əʊ/. Enquanto o ditongo /ay/ (right) deixava de ser pronunciado e em seu lugar mantinha-se a variante /vɪ/ ou /əy/ (LABOV, 2008, TARALLO, 1986).

Para Labov (2008), não bastava detectar as variantes, era preciso explicar os fatores que condicionam as suas existências. Apesar do autor atentar ao condicionamento social, ele não ignora os condicionadores estruturais (linguísticos), por isso opta por discorrer, inicialmente, sobre a importância do ambiente linguístico para a construção das variantes.

Ele observa que o ambiente segmental define o favorecimento de ocorrências de centralização, isto é, ditongos que são anteriores a consoantes líquidas, nasais, sonoras, velares e fricativas são menos passíveis a centralizações, o contrário dos ditongos que antecedem consoantes obstruintes, orais, surdas, apicais e oclusivas. (LABOV, 2008, p.39). Além disso, há também, casos em que os fatores prosódicos afetam o grau de centralização, tendo em vista que o aumento da centralização acompanha o aumento da tonicidade (LABOV, 2008, p.39).

Num segundo momento, Labov (2008) inicia as discussões sobre aspectos primordiais da sua teoria: os condicionadores sociais. A primeira⁹² distribuição (condicionador social) que ele aborda é a distribuição por idade e tempo.

⁹¹ Para obter os dados sonoros referentes à centralização o autor utilizou um questionário lexical, perguntas que revelassem atitudes linguísticas sobre as variantes e um texto para leitura. (LABOV, 2008, p.31).

⁹² Labov (2008, p.41).

A sua pesquisa revelou que, em geral, o grau de centralização aumenta conforme a diminuição da faixa etária. Ele observa, ainda, em conformidade com os dados obtidos, que há uma distribuição geográfica⁹³ da centralização, dado que áreas da ilha alta rural favorecem a centralização em contraponto à centralização nos vilarejos da ilha baixa, com ocorrências menos frequentes.

A terceira distribuição⁹⁴ elaborada pelo autor condiz aos grupos ocupacionais e a quarta distribuição⁹⁵ condiz aos grupos étnicos. Nos grupos ocupacionais, ele detectou que a centralização entre os pescadores é mais frequente do que nos outros grupos sociais. Nos grupos étnicos, por conseguinte, ele constatou que, na maioria dos casos, há um crescimento sucessivo da centralização conforme a diminuição da faixa etária. A frequência da centralização, por sua vez, oscila quando se relaciona a idade com o grupo étnico. A princípio, podemos afirmar que, na maioria dos conjuntos de relações, a frequência de centralização é menor no grupo étnico dos portugueses em comparação com o grupo étnico dos ingleses e dos indígenas.

Todos esses dados reforçam a ideia defendida por Labov (2008): a explicação da centralização na ilha de Martha's Vineyard está atrelada a história e cultura local. Sem recorrer a tais aspectos, é inviável explicar de modo detalhado os resultados alcançados.

Apesar da variante /əu:/ e /əy/ ser a variante estigmatizada, alguns moradores do lugar viam nela a forma de fortalecer e manter a própria identidade e de romper com a influência dos veranistas. “Aqueles que acreditam que a ilha lhes pertence de verdade, os descendentes das antigas famílias, têm de dar duro para segurar a barra. Os veranistas, que ganharam muito dinheiro nas cidades grandes, estão comprando a ilha toda” (LABOV, 2008, p.48).

Na tentativa de “segurar a barra” (manter a própria identidade), os moradores mais velhos permaneciam com a sua pronúncia diferenciada. A pronúncia marcada era detectada também nos falares dos jovens que tinham como objetivo permanecer na ilha, ao contrário da pronúncia padrão presente nos falares da grande maioria dos jovens que sonhavam com uma vida nos grandes centros urbanos (longe da ilha) (LABOV, 2008; NARO, 2007). Observe como a variação, apesar de ter alguns condicionamentos estruturais já ressaltados por Labov (2008), está interligada ao sentimento de pertencimento a ilha, pois o anseio de permanecer e de manter a identidade local altera o grau de centralização no inglês da comunidade.

⁹³ Labov (2008, p.45).

⁹⁴ Labov (2008, p.46).

⁹⁵ Labov (2008, p.46).

O anseio de permanência identitária explica por que há uma quebra de crescimento da centralização na distribuição por faixa etária, dado que, no grupo 14-30 estão a maioria dos jovens que querem ir embora da ilha. Explica, também, por que na ilha alta se registram as maiores ocorrências de centralizações e por que o grupo de pescadores centralizam mais, posto que, “a maior resistência a esses forasteiros⁹⁶ se faz sentir nas áreas rurais da ilha alta, especialmente em Chilmak⁹⁷, o único lugar onde a pesca ainda tem papel importante na economia” (LABOV, 2008, p.48). A pesca, como uma ocupação, e a ilha alta, como espaço, funcionam como elementos que reforçam a todo o momento a identidade da ilha; a pesca por ter sido a principal economia do lugar na “[...] fase áurea da indústria baleeira” (LABOV, 2008, p.47) e a ilha alta, por ser uma área predominantemente rural, com pouca influência dos veranistas que se concentram na ilha baixa.

O sentimento de pertencimento a ilha afeta também a distribuição da centralização por grupos étnicos. Em ambos os grupos (ingleses, portugueses e indígenas), a centralização maior ocorre na terceira geração⁹⁸ (31 a 45), entretanto, os fatores sociais que motivam tal resultado são distintos conforme cada grupo.

Os ingleses vivem o dilema de continuar morando na ilha ou viajar para os grandes centros urbanos. Por conseguinte, o maior número de centralização na terceira geração se explica mediante o grande avanço da influência veranista no local, afinal, a presença dos turistas reforça o desejo da terceira geração de “não ser o que eles são” e de permanecer na ilha, em contrapartida, a quarta geração toma o caminho inverso: “ser o que eles são” e sair da ilha, por isso, a diminuição da centralização entre os mais jovens.⁹⁹

No caso do portugueses, não há um dilema entre ficar e sair da ilha. Na verdade, a terceira geração centraliza mais por que os falantes dessa faixa etária já não compartilham o sentimento de estrangeiro perante os demais moradores da ilha, ao contrário da primeira e segunda geração.

A centralização entre o grupo étnico dos indígenas é marcado por ressentimento e revalorização. A primeira geração centraliza menos, como resultado do profundo ressentimento que compartilham por terem sido tratados durante muito tempo como povos de segunda classe. Conforme a cultura indígena vai de algum modo sendo revalorizada e a

⁹⁶ Os veranistas (LABOV, 2008, p.48).

⁹⁷ Ilha baixa (vilarejos): Edgartown, Oak Bluffs e Vineyard Haven. Ilha Alta (rural): Edgartown, Oak Bluffs, Tisbury, West Tisbury, **Chilmak** e Gay Head. (LABOV, 2008, p.23, grifo nosso).

⁹⁸ Ver Quadro 8. Centralização por grupos étnicos. Fonte: Labov (2008, p.46).

⁹⁹ Não devemos generalizar as informações. Há casos de jovens que querem permanecer na ilha e que apresentam altos níveis de centralização. É preciso pensarmos que, em todo caso há exceções.

distinção entre quem é ou não um típico morador da ilha vai se dissipando, centralizações maiores são detectadas da segunda geração em diante, com ápice na terceira geração.

Uma segunda pesquisa foi realizada por Labov (2008). Desta vez, ele saiu da ilha e foi para o centro urbano, ocasião em que pesquisou sobre a pronúncia do /r/ pós vocálico¹⁰⁰ nas lojas de Nova Iorque em virtude da sua percepção sobre o fato de que o /r/ “em palavras como *car*, *guard*, *heart*, ora é pronunciado, ora não” (FARACO, 2005, p.185). Sua principal preocupação consistia em descobrir quais eram as motivações sociais que causavam tal variação.

Para fazer essa análise, Labov pesquisou a pronúncia do /r/ pós-vocálico (CEZARIO E VOTRE, 2011) em três lojas (Sacks, Macys e S. Klein) diferentes em Nova Iorque. Cada uma das lojas apresentavam características peculiares que as colocavam em distintos patamares sociais.

Status superior: **Sacks Fifth Avenue** – na esquina da rua 50 com a 5ª Avenida, perto da zona comercial mais sofisticada, junto com lojas de alto luxo como Bonwit Teller, Henri Bendel, Lord and Taylor. Status médio: **Macy’s** – Herald Square, esquina da rua 34 com a 6ª Avenida, perto da zona das confecções, junto com Gimbels e Saks na rua 34 e outras lojas de preço e prestígio medianos. Status inferior: **S. Klein** - Union Square, rue 14 com Broadway, não muito longe do Lower East Side (LABOV, 2008, p.66, grifos nossos).

De acordo com a citação acima, as lojas apresentam uma hierarquia social: a Saks fica no alto da pirâmide social, a Macy’s assume a posição do meio e a S. Klein localiza-se na base.

Estabelecido o perfil das lojas, resta-nos comentar a pesquisa propriamente dita. Labov (2008) buscava pronúncias de palavras do vocabulário inglês que continham o /r/ pós-vocálico, como *fourth* e *floor*. Para obter essas pronúncias, ele perguntava aos vendedores em que andar poderia encontrar um determinado produto do seu interesse e obtinha as respostas necessárias para a sua pesquisa.

Com tal técnica, ele percebeu que a variante /r/ permanecia com maior frequência nos discursos dos vendedores da loja de classe alta e da loja de classe média, do que nos vendedores de classe baixa.

Os resultados da análise demonstraram que a ausência do /r/ é estigmatizada socialmente (isto é, não faz parte do bom falar ‘nova-iorquino’) e a presença do segmento é considerado a variante de prestígio. Ainda mais significativo,

¹⁰⁰ O /r/ pós vocálico revela inicialmente um fator estrutural que opera em conjunto com o social, afinal, não se trata de um /r/ em qualquer ambiente linguístico, mas apenas aqueles que atuam após vogais.

a análise concluiu que ao status social mais elevado do falante corresponde o uso mais frequente do /r/ (TARALLO, 1983 p. 12).

A presença da variante era indício de uma linguagem mais sofisticada, de uma língua padrão, enquanto a ausência da variante era estigmatizada. O que acontecia de forma inversa no período anterior à Segunda Guerra Mundial (1930) (BELINE, 2006; LABOV, 2008).

Quando a pronúncia das palavras se efetua de modo mais enfático, os falantes alcançam o nível de consciência linguística e, por isso, quanto mais se distanciam do padrão, mais tenta alcançá-lo. Isso implica dizer que em pronúncias enfáticas a S. Klein apresenta mais /r/ pós-vocálico; a Macy's se aproxima do nível de pronúncia da Saks; a Saks, por sua vez, é a única que apresenta maior segurança e alterna com maior frequência entre a pronúncia ou ausência do /r/ em situações formais e casuais

Para chegar a esta conclusão, o autor precisou avaliar as políticas de publicidade das lojas, os salários dos vendedores, os preços, as condições de trabalho etc. Todos estes itens determinaram a presença ou ausência do /r/, já que estavam ligados ao padrão social nova-iorquino da época (LABOV, 2008).

Observe como Labov precisou recorrer a inúmeros elementos sociais para explicar a mudança linguística nas áreas pesquisadas. Postura que vai ao encontro da teoria sociolinguística, afinal ela “se ocupa da relação entre língua e sociedade e do estudo da estrutura e da evolução da linguagem dentro do contexto social da comunidade de fala” (COELHO *et al*, 2010, p. 22).

Em suma, Labov (2008), ao realizar pesquisas sobre a variação dos ditongos /ay/ e /aw/ e sobre o /r/ pós-vocálico, revelou que apenas a estrutura não é suficiente para explicar a língua. Ele conseguiu comprovar a relação entre língua e sociedade, contrapondo-se as limitações das teorias formalistas e gerativas.

2.3 UM POUCO DE HISTÓRIA

“As línguas pertencem a famílias, sendo que o Português faz parte da família das línguas românicas¹⁰¹, que por sua vez descendem do Latim, que por sua vez descende do Indo-europeu¹⁰²” (CASTILHO, 2009b, p.1). Diante dessa informação, nos resta afirmar que a

¹⁰¹ Em anexo, o mapa 5 mostra a distribuição das principais línguas românicas na atualidade.

¹⁰² “A designação Indo-europeu abarca uma vasta família de línguas, cuja difusão decorreu da onda migratória de povos asiáticos em direção à Europa” (CASTILHO, 2009a, p.5).

construção da Língua portuguesa (LP) envolve vários atores linguísticos, num longo processo histórico, marcado por invasões¹⁰³, conquistas, relações sociais e culturais.

De acordo com Castilho (2009a), duas famílias linguísticas são indispensáveis nessa construção histórica: o Indo-europeu e o Latim. Além dessas duas palavras chaves, acrescento, ainda, outra: os romanos, dado que a construção do império romano é inevitavelmente parte da história da nossa língua.

No ano 218 a.C, o exército romano¹⁰⁴ chega a Península Ibérica (CARDEIRA, 2006) e (TEYSSIER, 2001). Desde então, inicia-se um longo processo de contatos culturais entre eles e os diversos habitantes da península.

Com efeito, é bastante confusa a história da Península antes da conquista romana. As investigações feitas através da arqueologia, etnologia e linguística levam-nos a concluir que dois povos primitivamente habitaram o solo peninsular: um **cântabro-pirenaico** e o outro **mediterrâneo**. Destes dois povos se teriam originado respectivamente o **basco** e o **ibero**. Coube a este último papel mais importante na história da Península (COUTINHO, 1976, p.46, grifo nosso).

Conforme a extensão textual acima, pouco se sabe sobre a Península ibérica antes da invasão romana. Os estudos arqueológicos, etnológicos e linguísticos apontam para a existência de povos bascos e iberos na localidade numa fase pré-romana e destaca a participação mais significativa dos iberos na trajetória da Península e conseqüentemente na história da Língua Portuguesa.

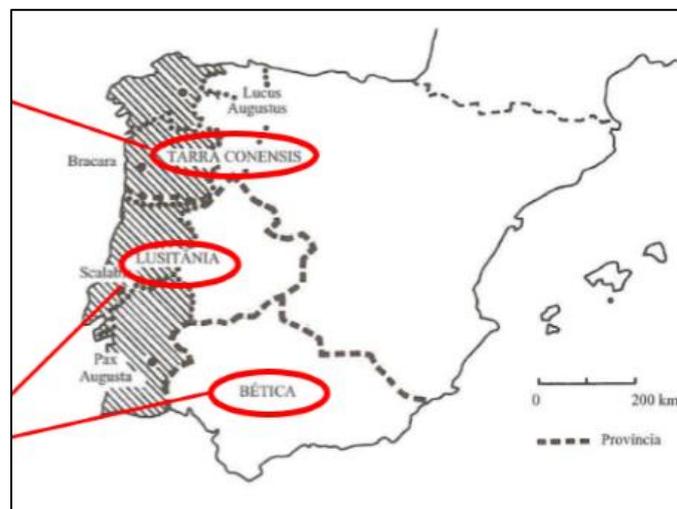
¹⁰³ “Quando um território habitado por um ou mais povos é invadido e conquistado por outro povo, é comum ocorrer três tipos de situação: (1) o povo conquistador impõe sua língua ao povo conquistado, que a adota e em pouco tempo abandona sua língua ancestral; (2) o povo conquistador adota a língua do conquistado e abandona sua língua ancestral; (3) o povo conquistador nem impõe sua língua nem adota a do povo conquistado. As línguas que se encontram em jogo nessas três situações distintas de seu status sociocultural e político recebem nos estudos históricos-linguísticos as seguintes classificações: * **estrato**: é a língua do povo conquistador adotada pelo povo conquistado; * **substrato**: é a língua do povo conquistado que desaparece, mas influencia o estrato nos níveis fonológico e morfossintático, mas com pouca contribuição lexical; * **superstrato**: é a língua do povo conquistador que não é imposta aos conquistados, mas deixa contribuições no estrato, basicamente no nível lexical; * **adstrato**: é a língua do povo conquistador que não adota a língua dos conquistados nem impõe a sua; aqui também a contribuição ao estrato é basicamente lexical” (BAGNO, 2017, p.447-448, grifo nosso).

¹⁰⁴ Antes da chegada dos romanos à Península Ibérica, “a rica região peninsular foi palco de grandes disputas entre gregos e fenícios, terminando com a expulsão dos gregos, no ano de 1100 a.C. [...]. Posteriormente (séc.V a.C), fixaram-se, principalmente na Galécia e em outras regiões de Portugal, os celtas. Da contribuição entre celtas e iberos, surgem os celtiberos. Na continuação de uma série de disputas territoriais, a Península Ibérica testemunhou a invasão de mais um povo, os cartagineses, oriundos do norte da África. A expansão dos cartagineses na região do mediterrâneo ameaçava o poder de outra potência, Roma, que, naquela ocasião, também se expandia. O confronto foi inevitável, resultando, após três grandes guerras, as chamadas guerras púnicas, na vitória das legiões romanas, em 146 a.C” (DIAS e HIGINO, 2015, p.12).

Cardeira (2006) é ainda mais específica quanto a existência desses povos pré-românicos. Segunda a autora, a chegada dos romanos à Península Ibérica em 218 a.C ocasionou o contato com grupos de pessoas que já habitavam a localidade. Ela apresenta de modo mais detalhado os espaços ocupados por cada povo na Península, ao informar sobre a presença dos Iberos na região sul; dos celtas no centro e oeste; dos bascos nas montanhas do norte e dos fenícios na costa meridional. Esse contato entre os habitantes da península e os romanos ocasionou o encontro das várias línguas desses povos com a língua oficial dos romanos, o *Latim*, através dos processos de *estrato*, *substrato*, *superstrato* e *adstrato*.

Após a conquista do espaço e a inserção dos costumes e língua romana, a Península é fragmentada, conforme Masip (2003, p.26) em três províncias: “a Província Bética¹⁰⁵ (capital: Cordova) no centro-sul; a Província Tarraconense (capital: Tarragona) no centro-norte, e a Província Lusitana¹⁰⁶ (capital: Emérita Augusta [Mérida]) no centro-oeste”.

Mapa 1 - A Espanha Romana



Fonte: Teyssier (2001, p. 6). Adaptações realizadas pela autora.

O mapa destaca as Províncias Bética, Tarraconense e Lusitana, mencionadas por Masip (2003). O que possibilita uma melhor assimilação dos espaços citados.

¹⁰⁵ Espaço concernente a Hispânia ulterior, conforme Teyssier (2001).

¹⁰⁶ Espaço concernente a Hispânia ulterior, conforme Teyssier (2001). “Posteriormente, entre 7 a.C e 2 a.C, a parte da Lusitânia situada ao norte do Douro, chamada Gallaecia, é anexada à província tarraconense (a antiga Hispânia citerior)” (TEYSSIER, 2001, p.7).

Teyssier (2001) acrescenta mais um acontecimento significativo para a romanização: a invasão efetuada pelos suevos e visigodos nos finais do século VI e VIII. A entrada desses povos não provocou mudanças drásticas no processo de romanização que já estava, segundo Cardeira (2006), completamente concluído no século IV d.C. Esses povos ao invés de influenciar foram influenciados pela cultura romana, todavia, vale acrescentar o enriquecimento lexical que proporcionaram à língua oficial dos romanos.

Uma segunda invasão do espaço conquistado pelos romanos ocorre em 711 pelos árabes¹⁰⁷. Eles “após avassalarem todo o norte da África [...] atravessaram as colunas de Hércules, hoje estreito de Gibraltar [...] e precipitaram-se sobre o solo peninsular” (COUTINHO, 1976, p.47). Em pouco tempo, eles “[...] conquistam a Península Ibérica, com inclusão da Lusitânia e da Gallaecia [...]” (TEYSSIER, 2001, p.7).

Como é possível notar, a conquista territorial dos romanos não foi estável, ou seja, ora eles expandiam o seu domínio geográfico, ora eles perdiam espaços. Os muçulmanos invadiram a península e alcançaram domínios até então ocupados pelos romanos, como a Lusitânia e a Gallaecia, representadas no mapa anterior.

Como língua oficial adotou-se o árabe, mas o povo subjugado continuou a falar o romance, ou seja, o latim vulgar modificado (COUTINHO, 1976, P.52). [...]. A influência do domínio árabe não foi tão grande, como era de esperar, apesar do seu longo uso a par do romance. Exerceu-se quase que exclusivamente no domínio do vocabulário (COUTINHO, 1976, p.54).

Conforme o excerto, é notável que apesar do domínio árabe ter se efetuado, as relações linguísticas são estabelecidas por meio do adstrato, tendo em vista que não houve pressão para que os dominados assumissem a língua do dominador, nem tão pouco o segundo assumiu a língua do primeiro; conseqüentemente, a fase romance do latim continuou a ser propagada

¹⁰⁷ Para assimilar melhor os espaços conquistados pelos árabes, ver a figura 1 dos anexos.

“É mister assinalar que eram os árabes portadores de uma civilização incomparavelmente superior à da península. Os califas protegiam as artes e as letras. A ciência estava muito difundida entre eles. A medicina, a filosofia, a matemática, a história, contavam com grandes cultores” (COUTINHO, 1976, p.52).

“Quando os árabes invadiram a península, os seus radicados no País basco, falavam latim. Provavelmente, esse latim tardio, que se foi transformando paulatinamente em românico primitivo [...]. A invasão muçulmana interrompeu a homogeneidade existente e o românico começou a diversificar-se ao longo da reconquista sempre influenciados pelos dialetos árabes, pertencentes a família camito-semítica, tronco diverso do indo-europeu. Em Astúria e Leão começou a falar-se o ásturo leonês; em Castela, o castelhano; em Navarra e Aragão, o navarro-aragonês; nos condados catalães, o catalão; em Galiza e no noroeste de Portugal, o galego-português. O galego-português manteve-se como língua oral e escrita entre os fins do século XIV, quando começou a desmembrar-se em português e galego” (MASIP, 2003, p.27).

entre os falantes, juntamente com o árabe. Mesmo convivendo simultaneamente entre os povos, apenas a fase romance prosseguiu e o árabe se limitou ao léxico.

“Apesar de serem os árabes tolerantes, uma parte da população cristã não querendo submeter-se ao seu domínio, chefiada pelo nobre Pelágio, refugiou-se nas montanhas das Astúrias¹⁰⁸, que se tornaram desde então o baluarte da reconquista” (COUTINHO, 1976, p.53-54). As ocupações, ocasionadas pela reconquista, contribuíram significativamente para a formação de três línguas: “o galego-português, a oeste, o castelhano no centro e o catalão a leste” (TEYSSIER, 2001, p.8).

Nas regiões setentrionais, onde se formaram os remos cristãos, a influência linguística e cultural dos muçumanos tinha sido evidentemente, mais fraca que nas demais regiões. No oeste em particular, a marca árabe-islâmica é muito superficial ao norte do Douro, ou seja, na região que corresponde hoje à Galícia ao extremo norte de Portugal. A medida que se avança para o sul, ela vai se tornando mais saliente, sendo profunda e duradoura do Mondego ao algarve (TEYSSIER, 2001, p.8).

É preciso destacar que a influência árabe não se efetuou de modo similar em todas as áreas ocupadas. Coerentemente, no berço geográfico da reconquista (áreas setentrionais da Península), a língua e cultura árabe não se consolidaram. No oeste, percebe-se mesma falta de força linguística e cultural dos árabes. O oposto ocorre na região sul, já que a influência dos árabes torna-se mais acentuada.

Nesse processo de reconquista (as famosas cruzadas), o poder muda de protagonista, dado que os árabes perdem espaço para os católicos de Leão, Castela e Aragão. Conforme Coutinho (1976) e Dias e Higinio (2015), entre esses católicos destaca-se D. Henrique, conde de Borgonha. Ele participou das cruzadas e, como recompensa, recebeu a mão de Tareja, filha de Alfonso VI, “juntamente com o condado Portucalense” (HIGINIO e DIAS, 2015, p.15). Não obstante, vale acrescentar, ainda com base nos autores anteriores, que a constituição do estado Português só aconteceu em 1143, quando o filho do conde de Borgonha (D.Alfonso Henrique) se declara o rei de Portugal, após a batalha de Ourique.

Observe-se que, após as discussões antecedentes, o percurso histórico da conquista do espaço romano é longo e composto por avanços e rupturas. O mesmo acontece com a língua desse povo: o Latim.

¹⁰⁸ O mapa 2 do anexo situa o leitor quanto ao espaço geográfico (Astúrias) sede do processo da reconquista. É possível detectar também o processo de expansão do domínio árabe.

De acordo com Castro (1991), o Latim divide-se em Latim literário (Latim escrito) e Latim Vulgar.

[...] **Latim literário**, que nos primeiros tempos não devia diferenciar-se excessivamente da língua falada pelos seus escritores e leitores. Apresenta ela três fases no seu desenvolvimento: à primeira, a do **latim arcaico** (até o séc. I a.C), seguiu-se uma fase de esplendor literário, acompanhada de um maior afastamento em relação à língua falada, que denominamos **latim clássico**; por último, aquele latim já bastante incompreensível para os incultos, o **latim imperial** (sécs. III –IV d.C) (CASTRO, 1991, p.82, grifos do autor).

O Latim escrito é subdividido em latim arcaico, clássico e imperial. O latim arcaico representa os primeiros períodos de uso da língua. O latim clássico é aquele significativamente distante do latim oral e o latim imperial, por sua vez, é aquele cujo nível de compreensão já não é unânime entre as diferentes classes sociais, devido ao desenvolvimento do romance.

Na versão oral, encontramos uma:

Língua falada em todas as épocas, cujo conhecimento apenas nos é revelado por anomalias presentes na escrita ou por referências directas de escritores e gramáticos aos factos da fala, ou ainda pela comparação entre os resultados que as formas originais latinas atingiram nas diferentes línguas e dialectos românicos, sincrônica e diacronicamente. Essa língua falada é o **latim vulgar** (CASTRO, 1991, p.82, grifos do autor).

O latim vulgar é a língua do povo, independente das fases do latim escrito. É uma língua não documentada, posto que os seus falantes não dominavam a escrita. O pouco que sabemos nos chegou através dos gramáticos e dos estudos comparativos entre as diferentes línguas românicas constituídas a partir desse latim.

Conforme Cardeira (2006, p.21), apesar do latim vulgar não ter sido documentado, foi dele que provieram as línguas românicas, ou seja, foi da língua oral compartilhada pelas camadas sociais menos favorecidas que as diferentes línguas se constituíram.

A modalidade do latim que foi levado de Roma e da Itália a todo o império é um dos fatores mais notáveis para a origem das línguas românicas. Do estudo destas línguas e da mesma romanização aparece claramente que tais línguas não são a continuação do latim clássico, do latim da cultura, mas pelo contrário, do latim falado, do latim popular (VIDOS, 1996, p.164).

Vidos (1996, p.164) apresenta informações que dialogam com as ideias de Cardeira (2006, p.164), afinal ele destaca que a modalidade do latim que formou as línguas românicas não concerne ao latim clássico.

As reflexões até aqui explanadas deixam claro que as línguas românicas, entre elas o Português, procedem do Latim vulgar (LV) e não do Latim escrito (LE), com todos os seus desdobramentos: arcaico, clássico ou imperial. É preciso salientar, contudo, que a construção das línguas românicas, a partir de LV, não aconteceu abruptamente. Entre elas e o LV há uma fase de *romance*.

Essa fase abrange o período em que o latim vulgar começa a se modificar até se transformar nas línguas românicas modernas. Trata-se de um processo lento, que se estende por séculos e acaba por alterar estruturalmente o latim vulgar e fragmentar sua unidade no plano territorial. [...]. Chegou-se, assim, a uma época em que esse conjunto de modificações fez com que o latim já não fosse mais entendido. A esse tipo de linguajar se deu o nome de romance [...]. Antes do século IX, o povo em geral ou grande parte dele só falava romance e não entendia mais latim, conhecido apenas por aqueles que frequentavam as escolas e essas eram poucas, destinadas preferencialmente a nobres e clérigos (BASSETO,2005, p.185).

Já foi mencionado que o latim passou por uma última fase na modalidade escrita: o latim imperial, cujas variedades eram pouco compreendidas. Essa falta de compreensão também ocorreu no latim vulgar, devido à fase de romance, que ocasionou mudanças significativas no latim falado pelas camadas sociais menos elevadas. As referidas mudanças foram se intensificando e o latim vulgar foi fragmentado em diversos dialetos que mais tarde constituiriam as línguas neolatinas ou línguas românicas¹⁰⁹.

Num processo de retomada do pequeno trecho citado por Castro (1991, p. 82) acerca do latim vulgar, vale acrescentar que o autor menciona a comparação entre as formas latinas e as línguas românicas como um dos meios para termos acesso ao LV não documentado. Essas comparações permitiram que linguistas e filólogos pudessem descrever a transição semântica, lexical, sintática e fonética do LV até as línguas românicas já formadas.

¹⁰⁹ Salles (1933) classifica tais línguas em Catalão, Dalmático, Espanhol, Francês, Franco-Provençal, Galego, Italiano, Ladino, Provençal, Português, Romeno e Sardo.

No nível fonético, os estudos de inúmeros teóricos revelaram diversas transformações sonoras que ocorreram nas fases do latim e continua ocorrendo no Português, Espanhol, Francês, Italiano etc. “A Língua Portuguesa, desde o Latim, passou por diversos processos de transformações fonéticas, até resultar na língua que conhecemos. A esses processos chamamos de metaplasmos” (BOTELHO e LEITE, 2005, p.1).

Com foco principal na nossa língua (LP), podemos, a partir de Botelho e Leite (2005) e de todas as discussões teóricas anteriores, prosseguir com a temática base dessa pesquisa: os metaplasmos.

Para efetuarmos a descrição dos metaplasmos, utilizaremos estudos diacrônicos e sincrônicos, haja vista que, a partir da dicotomia saussuriana (2012), trabalharemos com descrições linguísticas anteriores e com descrições linguísticas atuais (corpus coletado em 2018), ou seja, passado e presente se entrelaçam numa relação muito mais de complementaridade do que de dicotomia.

2.3.1 Metaplasmos

Segundo Coutinho (1976, p.55) o termo metaplasmo é utilizado para caracterizar as modificações sonoras sofridas por palavras ao longo da sua evolução, “sem que o seu sentido se altere” (COUTINHO, 1976, p.55). Estamos, portanto, lidando com alterações fonéticas e não fonológicas, posto que a semântica das palavras permaneceu e apenas a sua estrutura superficial foi modificada.

“Os diversos casos de alterações prosódicas efetuam-se de uma destas maneiras: ou por adição, ou por subtração, ou por substituição, ou por transposição de sons” (COUTINHO, 1976, p.55). Isso implica dizer que há múltiplas formas de uma mudança sonora ocorrer. Ora a palavra pode sofrer um aumento de fone, ora pode ter um fone suprimido, substituído ou invertido de lugar.

Nos **metaplasmos por adição (MA)**, “o acréscimo de sons aos vocábulos pode efetuar-se no princípio, no meio ou no fim do vocábulo” (COUTINHO, 1976, p.55). Para cada posição de acréscimo há uma denominação distinta.

Quadro 4 - Tipos de metaplasmos por adição

TIPO	DEFINIÇÃO	EXEMPLOS
PRÓTESE	“Consiste no acréscimo de uma letra ou sílaba no começo do vocábulo” (COUTINHO, 1976, p.55).	“Afigurar (figurar), alembrar (lembrar), alimpar (limpar), arrodear (rodear) etc.” (COUTINHO, 1976, p.55). “Scribere (escutar), scutare (escutar)” (MASIP, 2003, p.71, grifos do autor).
EPÊNTESE	“Consiste no acréscimo de um som ou letra no meio do vocábulo” (COUTINHO, 1976, p.56).	“Mavorte (Marte, deus da guerra), estralar (estalar), Fralda (falda)” (COUTINHO, 1976, p.56). “Stella (estrela), Kruppa (garupa)” (MASIP, 2003, p.71, grifos do autor).
PARAGOGE	“Consiste no acréscimo de uma letra ou sílaba no fim do vocábulo” (COUTINHO, 1976, p.56).	“Mártire (Mártir), felice (feliz)” (COUTINHO, 1976, p.56). “Club (clube), record (recorde), box (boxe)” (MASIP, 2003, p.71, grifos do autor).
ALARGAMENTO	“E o desdobramento de sons simples” (MASIP, 2003, p.71).	“Sto (estou), do (dou)” (MASIP, 2003, p.71, grifos do autor).

Fonte: Coutinho (1976, p.56) e Masip (2003, p.71).

Se o acréscimo ocorre no início da palavra, estamos diante da prótese; se ocorre no meio da palavra, há uma epêntese; se ocorre no fim da palavra, há uma paragoge e se há uma extensão de um dado som, há um alargamento.

É interessante salientar a preocupação que Masip (2003) tem em destacar os vocábulos referentes à Paragoge provenientes de outro fenômeno, *o anglicismo*. Além do mais, ele acrescenta um tipo de MA não mencionado por Coutinho (1976): o alargamento.

Nos **metaplasmos por subtração (MS)**, há uma “eliminação de sons” (MASIP, 2003, p.17). “[...] Da mesma maneira que a adição, pode operar-se no princípio, no meio e no fim do vocábulo [...]” (COUTINHO, 1976, p.56). Mais uma vez, é interessante ressaltar a importância do posicionamento silábico da supressão para definição de cada fenômeno.

Quadro 5 - Tipos de metaplasmos por queda ou supressão

TIPO	DEFINIÇÃO	EXEMPLOS
AFÉRESE ¹¹⁰	“Consiste na supressão de uma letra ou sílaba no início da palavra” (COUTINHO, 1976, p.56).	“ <u>Ac</u> ume (cume [...]), <u>h</u> orologio (relógio [...])” (MASIP, 2003, p.70, grifos do autor). “Té (até), Zé (José), inda (ainda)” (COUTINHO, 1976, p.56).
APÓCOPE	“Consiste na supressão de uma letra ou sílaba no fim do vocábulo” (COUTINHO, 1976, p.57).	“Total <u>e</u> (total), fide <u>l</u> e (fiel)” (MASIP, 2003, p.71, grifos do autor). “Grã, grã <u>o</u> (grande), val (vale), d <u>e</u> s que (desde que), mui (muito)” (COUTINHO, 1976, p.57).
SÍNCOPE	“Consiste na supressão de uma letra ou sílaba no meio da palavra” (COUTINHO, 1976, p.56).	“Leg <u>a</u> le (leal), vid <u>e</u> re (ver)” (MASIP, 2003, p.71, grifos do autor). “Imigo (inimigo), mór (maior), soidã <u>o</u> (solidão), per’la (COUTINHO, 1976, p.56).

¹¹⁰ “Caso especial de aférese é a **deglutinação**, supressão de um *a* ou *o* inicial por confusão com o artigo: *horologiu > orologiu > relógio; apotheca > abodega > bodega*” (BAGNO, 2007, p.9, grifos do autor).

SINALEFA	<p>“Consiste na fusão de duas palavras, mediante supressão da última vogal da primeira palavra” (COUTINHO, 1976, p.57).</p> <p>“A sinalefa ou elisão é a queda da vogal final de uma palavra, quando a palavra seguinte começa por vogal” (BAGNO, 2007, p.10, grifos do autor).</p>	<p>“De + o > do [...]” (MASIP, 2003, p.71, grifos do autor).</p> <p>“Lho (lhe +o), minh’alma (minha alma), estouro (este + ouro), nestúltima (nesta + última)” (COUTINHO, 1976, p. 57).</p> <p>“De + intro > dentro; de + ex + de > desde; outra + hora > outrora” (BAGNO, 2007, p.10).</p>
HAPLOLOGIA	<p>A queda do som consiste em “uma sílaba inteira que desaparece no meio da palavra” (MASIP, 2003, p.71).</p> <p>“Supressão da primeira de duas sílabas sucessivas iniciadas pela mesma consoante” (BAGNO, 2007, p.9).</p>	<p>“Dolore (dor [...]), dig<u>i</u>tu (dedo), sept<u>i</u>mana (semana)” (MASIP, 2003, p.71, grifos do autor).</p> <p>“Bondade + -oso = bondadoso > bondoso;trágico + comédia = tragicocomédia > tragicomédia; formica + -cida = formicicida > formicida; dedo + duro + -ar = dedodurar > dedurar” (BAGNO, 2007, p.9).</p>
ECTLIPSE	<p>“Consiste na supressão do m final da preposição com diante de vocábulos começando por vogal” (COUTINHO, 1976, p.57).</p>	<p>“Co’o ou c’o (com + o), co’um (com + um)” (COUTINHO, 1976, p.57).</p>

Fonte: Coutinho (1976, p.56-57) e Masip (2003, p.70-71). Adaptações realizadas pela autora.

Como é possível conferir no quadro, há seis tipos de Metaplasmos por supressão ou queda: Aférese, Apócope, Síncope, Sinalefa, Haplogia e Eclipse. Cada tipo está interligado a uma posição sonora na palavra ou a uma relação entre os termos. A Aférese se refere a uma queda inicial; a Apócope, a uma queda final; a Síncope revela uma queda de entremeio; a Haplogia¹¹¹, uma queda silábica de entremeio; a Sinalefa é caracterizada pela queda do som em posição final quando a sílaba seguinte começa com vogal. Nesse caso, apaga-se o fonema da última sílaba da primeira palavra e o que resta se funde com o primeiro fonema da sílaba seguinte; por fim, temos a Eclipse, cuja queda está associada ao vocábulo específico “com” e sua relação com as vogais posteriores.

¹¹¹ Enquanto Masip (2003) trata a Haplogia como um fenômeno específico, Coutinho (1976) e Botelho e Leite (2006) a trata como parte da síncope.

Quando o elemento suprimido é parte de um ditongo, independentemente da posição assumida na palavra, o fenômeno é chamado de Monotongação. Tal fenômeno pode ser definido como uma “mudança fonética que consiste na passagem de um ditongo a uma vogal simples” (CÂMARA JR., 1979, p.70), ou seja, o ditongo se desfaz mediante a perda da semivogal, restando apenas o núcleo silábico (vogal).

Os metaplasmos por substituição¹¹² ou permuta (MP) “consiste na troca de um som (ou letra) por outro e pode efetuar-se de duas maneiras: por crase¹¹³ e por assimilação” (COUTINHO, 1976, p.57), isto é, não há um acréscimo ou perda de som, mas uma troca entre um som e outro.

Tal troca pode ocorrer mediante “a fusão escrita e oral de duas vogais idênticas” (COUTINHO, 1976, p.57), isto é, mediante a crase ou através da assimilação que “consiste [...] na influência que, no vocábulo, uma consoante exerce sobre uma segunda, a ponto de fazer com que esta seja substituída por outra que àquela se assemelhe” (COUTINHO, 1976, p.63).

No caso da assimilação, a substituição de um som por outro depende da semelhança entre ambos, posto que sem a interferência de alguma semelhança entre dois sons específicos, a assimilação é impossível de ocorrer.

“A assimilação pode ser progressiva, quando a modificação se opera na consoante que vem depois; regressiva, quando a que vem antes é que se acomoda à segunda, [...]” (COUTINHO, 1976, p.63), ou seja, a relação anterior e posterior entre o som substituinte e substituído define se a assimilação é progressiva ou regressiva.

Exemplo de assimilação regressiva: sub + por = supor; in + romper = irromper.

Exemplo de assimilação progressiva: nostro = nosso; vostro = vosso.

Nos exemplos é possível notar a interferência da relação posterior/ anterior, tendo em vista que o primeiro exemplo é uma assimilação regressiva porque o som assimilador foi o segundo [p]; o segundo exemplo é progressivo porque o som assimilador foi o primeiro [s].

¹¹² Geralmente, esse tipo de metaplasmo é causado “pela lei do menor esforço ou princípio de economia linguística” (MASIP, 2003, p.70).

¹¹³ Bagno (2007) classifica a crase como um MS.

Masip (2003) expande os MP mencionados por Coutinho (1976). Além da assimilação, os tipos de MP consiste em sonorização, vocalização, consonantização, dissimilação e apofonia.

Quadro 6 - Tipos de metaplasmos por substituição\permuta

TIPO	DEFINIÇÃO	EXEMPLOS
SONORIZAÇÃO	“A consoante surda torna-se sonora” (MASIP, 2003, p.70).	“Lupu (l <u>o</u> bo), latrone (lad <u>r</u> ão)” (MASIP, 2003, p.17, grifos do autor).
VOCALIZAÇÃO	“Substituição das consoantes c, p, l , por i, u nos grupos ct, pt, it” (MASIP, 2003, p.70, grifos do autor).	“Octo (oito), conceptu (conceito), multu (muito)” (MASIP, 2003, p.70, grifos do autor).
CONSONANTIZAÇÃO	“Substituição do i por j ” (MASIP, 2003, p.70, grifos do autor).	“Hierusalem (Jerusalém)” (MASIP, 2003, p.70, grifos do autor).
DISSIMILAÇÃO	“É o contrário de assimilação: diversificam-se dois sons iguais” (MASIP, 2003, p.70).	“Massilia (Marselha), horologio (relógio)” (MASIP, 2003, p.70, grifos do autor).
APOFONIA	“Substituição de uma vogal por outra, devido ao prefixo” (MASIP, 2003, p.70).	“In amicu (inimigo), adcantu (acento)” (MASIP, 2003, p.70).

Fonte: Masip (2003, p. 70).

O quadro descreve transformações que sonorizam sons até então surdos, consonantizam vogais, vocalizam consoantes, diversifica sons iguais e alteram vogais mediante interferências fonética e morfológicas (prefixos).

Botelho e Leite (2006) utilizam o termo **metaplasmo por transformação (MTR)** para caracterizar o que Coutinho (1976) e Masip (2003) chama de MP. Eles acrescentam outros fenômenos descritos no quadro abaixo.

Quadro 7 - Tipos de metaplasmos por transformação

TIPO	DEFINIÇÃO	EXEMPLOS
DEGENERACÃO	“É o nome dado ao processo de transformação do fonema /b/ em fonema /v/” (BOTELHO e LEITE, 2006, p.6).	“Assobiar > assoviar (forma registrada em dicionários); basculante > vasculante (ou vasculhante); e travesseiro > travesseiro” (BOTELHO e LEITE, 2006, p.6).
DESNASALACÃO	“É o nome dado ao processo de transformação de um fonema nasal a um fonema oral” (BOTELHO e LEITE, 2006, p.6).	“Virgem > virge; homem > home; benjoim > bejoim (forma registrada em dicionários); e fizeram > fizeram” (BOTELHO e LEITE, 2006, p.6).
ROTACISMO	“É a transformação do fonema /l/ em /r/” (BOTELHO e LEITE, 2006, p.7).	“Alface > arface; almoço > armoço [...]; flamengo > framengo [...]" (BOTELHO e LEITE, 2006, p.7).
LAMBdacISMO	“É a transformação do fonema /r/ em /l/” (BOTELHO e LEITE, 2006, p.9).	“Freira > flera (ê) e cabeleireiro > cabelelero [...]" (BOTELHO e LEITE, 2006, p.9).
MONOTONGACÃO	“É o nome dado à transformação ou redução de um ditongo em uma vogal” (BOTELHO e LEITE, 2006, p.7).	“Freira > flera (ê); doutor > dotor; Europa > Oropa [...]" (BOTELHO e LEITE, 2006, p.7).
METAFONIA	“É o nome dado à alteração do timbre ou altura de uma vogal” (BOTELHO e LEITE, 2006, p.7).	“Direito > dereito; diferente > deferente; semente > simente [...]" (BOTELHO e LEITE, 2006, p.7).
NASALACÃO	“É o nome dado à transformação a fonema oral em um fonema nasal” (BOTELHO e LEITE, 2006, p.8).	“Até > inté; aipim > aimpim; igual > ingual; identidade > indentidade; ignorante > ingnorante; [...]" (BOTELHO e LEITE, 2006, p.8).
PALATIZACÃO	“É o nome dado à transformação de um ou mais fonemas em uma palatal” (BOTELHO e LEITE, 2006, p.8).	“Antônio > Antonho; demônio > demonho; família > familia [...]" (BOTELHO e LEITE, 2006, p.8).

DESPALATIZAÇÃO	“É o nome dado à transformação de fonemas palatais em um nasal ou oral” (BOTELHO e LEITE, 2006, p.8).	“Cabeçalho > cabeçálio (ou cabeçário); e docinho > docim” (BOTELHO e LEITE, 2006, p.8).
----------------	---	---

Fonte: Masip (2003, p.7-9).

Os exemplos no quadro anterior descrevem transformações que substituem segmentos sonoros: [b] > [v], [l] > [r], [r] > [l]; reduzem ditongos a uma vogal simples; alteram o timbre ou altura das vogais; modificam segmentos sonoros não palatais em palatais ou o inverso.

Além desses, Bagno (2007) acrescenta o fenômeno **assibilação**” que consiste na “transformação de um ou mais segmentos sonoros numa consoante sibilante: *capitia* > *cabeça*; *audio* > *ouço*; *judiciu* > *juízo*” (BAGNO,2007, p.12, grifos do autor). A assibilação, portanto, refere-se as transformações que ocasionam a alteração de segmentos sonoros em segmentos fricativos.

Os metaplasmos por transposição (MT):

Consiste [...] na deslocação de sons em certos vocábulos. A **transposição** pode efetuar-se por **hipértese** e por **metátese**. a) A transposição denomina-se **metátese** [...] quando a deslocação de sons se opera na mesma sílaba: sobRE é metátese de supeR, entre de inteR; b) A transposição denomina-se **hipértese** [...] quando a deslocação de sons se opera de uma sílaba para outra. Deslvarar é hipórtese de desvarlar, ressalbo de ressáblo, palavra de paRabolam. (COUTINHO, 1976, p.123-124, grifos da autora).

Nesse tipo de metaplasmo há um deslocamento de um segmento sonoro que pode ocorrer numa mesma sílaba ou em sílabas diferente. No primeiro caso, o fenômeno é classificado como metátese; no segundo caso, o fenômeno é classificado como hipórtese.

Masip (2003) acrescenta nos MT, a **sístole e a diástole**. A primeira é constituída pelo “deslocamento do acento para a sílaba anterior: envolucro (invólucro), amabamus (amávamos) [...] (MASIP, 2003, p.72, grifos do autor). A segunda faz referência ao “deslocamento do acento para a sílaba posterior: integro (inteiro [...]), cathedra (cadeira [...]) [...]” (MASIP, 2003, p. 72, grifos do autor).

A sístole e a diástole diferem da metátese e hipértese no tipo de deslocamento ocorrente. Enquanto nos dois primeiros, um segmento sonoro é deslocado, nos dois últimos, desloca-se um autossegmento (a tonicidade da palavra).

De modo condensado, após a descrição dos metaplasmos (adição, subtração, substituição/permuta, transformação e transposição), resta-nos mostrar o quanto esses fenômenos são comuns desde o latim até a formação das línguas românicas, desde o Português antigo até o Português atual.

Se compararmos os dados acerca do Latim vulgar em oposição ao Latim clássico, é possível notar diferenças fonéticas significativas através da influência de diversos metaplasmos. Esses dados são coletados em graffiti, cartas pessoais, tratados técnicos, obras literárias (obras de Plauto, por exemplo), manuscritos (o *Appendix Probi*, por exemplo) etc.

No latim arcaico, são notáveis algumas ocorrências fonéticas que o distinguem do latim clássico, como o Rotacismo e a Monotongação. O latim arcaico se caracterizava por uma “sistemática substituição de /-s-/ intervocálico por /-r-/. Assim, encontramos palavras latinas cujo caso nominativo apresenta um /-s-/ final, que muda para /-r-/ em posição intervocálica, HONOS, HONORIS [...]” (CASTRO, 1991, p.83). Outra característica já presente no latim arcaico refere-se à redução dos ditongos /ei/ para /i/, /ou/ e /oi/ para /u/, como por exemplos: “DEICERENT > DICERENT, LOUCILIUS > LUCILIUS, IOUXMENTA > IUMENTA, MOIROS > MURUS” (CASTRO, 1991, p.83).

As vogais, como afirma Cardeira (2006, p.22), sofreram um processo de redução vocálica, visto que a oposição longa e breve já não se fazia presente no LV. Diante dessa situação, as dez vogais do LC foram reduzidas a sete vogais no LV. Tais mudanças se explicam devido à influência dos povos que habitaram a Península, provocando um grande contato do latim com outras línguas.

As imagens abaixo mostram de modo mais claro as reduções vocálicas mencionadas.

Imagem 3 - Esquema fonêmico das vogais latinas segundo Back (1968)

O esquema (fonêmico) das vogais			
		ANTERIORES	POSTERIORES
ALTAS	LONGAS	/i:	u:
	BREVES	i	u
MÉDIAS	LONGAS	e:	o:
	BREVES	e	o
BAIXAS	LONGAS	a:	
	BREVES	a/	

Fonte: Barros (2014, p.104).

Imagem 4 - Reduções das vogais: Latim clássico X Latim vulgar

<i>ā</i> e <i>ā</i> reduziram-se a a
<i>ĕ</i> e <i>ae</i> reduziram-se a é (aberto)
<i>ē</i> , <i>oe</i> e <i>ī</i> reduziram-se a ê (fechado)
<i>ī</i> reduziu-se a i
<i>ō</i> reduziu-se a ó (aberto)
<i>ō</i> e <i>ū</i> reduziram-se a ô (fechado)
<i>ū</i> reduziu-se a u

Fonte: Barros (2014, p.106).

As imagens são precisas na representação das reduções vocálicas ocorrentes entre o LC e LV. O primeiro era composto por dez vogais, classificadas em altas, médias, baixas, posteriores, anteriores, longas e breves. O segundo era formado apenas por sete vogais, classificadas em altas, médias, baixas, posteriores, anteriores, abertas e fechadas.

No que concerne as consoantes, se comparamos as consoantes do LC e as do Português atual, também é possível notar transformações “metapláticas” significativas.

i.As consoantes oclusivas enfraqueceram em contextos intervocálico, daí resultando a simplificação das geminadas e a sonorização das surdas (ABBATE > abade). As sonoras D e G caíram (FRIGIDU > frio) e a

articulação de B mudou (FABA > fava). Surgiu assim uma consoante nova, a labiodental /v/ que não existia no Latim. ii. Do reforço da articulação de semivogais latinas resultou a sua consonantização: na primeira sílaba de IOCU ou VACCA, que correspondia inicialmente a um ditongo, passou a articular-se uma consoante e uma vogal (IOCU > jogo; VACCA > vaca). iii. A resolução de inúmeros encontros vocálicos latinos, através da ditongação, aumentou a frequência da semivogal palatal que, em contacto com algumas consoantes, as palatizou, criando uma nova série de palatais (/lj/ > /ʎ/), como em FILIU > filho, /nj/, como em SENIOR > senhor, /zj/ > /ʒ/, como em BAZIU > BEIJO ou /sj/ > /ʃ/, como em PASSIONE > paixão [...] (CARDEIRA, 2006, p.22-23).

A afirmação **i** trata do enfraquecimento dos sons oclusivos, da redução das duplas consoantes e da substituição da consoante oclusiva surda por uma oclusiva sonora (**sonorização**); retrata também a supressão das oclusivas sonoras D e G através da **Síncope** ou mais especificamente da **Haplologia**; menciona, por fim, o MTR ocasionado pela degeneração do fonema /b/ em /v/. A afirmação **ii** revela alguns ditongos do LC que foram **consonantizados** no Português atual. A afirmação **iii** descreve os processos que ocasionaram a **palatização** de alguns ditongos do LC, em contextos específicos: após o fonema /l/, /n/ etc.

A análise de documentos antigos como a Notícia do Torto e o Testamento de Afonso II, permitiu a Cardeira (2006) apontar traços linguísticos que distinguem a fonética do Português dos séculos XIII e XIV a fonética do Português do século XXI.

Ela notou que no Português dos séculos XIII e XIV eram abundantes as “sequências hiáticas, resultantes da síncope das oclusivas sonoras e de N e L intervocálicas.” (CARDEIRA, 2006, p.49).

Quadro 8 - Exemplos de síncope entre o português do século XIII e XIV e o português do século XXI

SÍNCOPE DAS OCLUSIVAS SONORAS	EXEMPLO: VIDI > VII > VI
SÍNCOPE DE [n] E [l]	EXEMPLO: VINU > V ÏO > VINHO MANU > MÃ - O > MÃO SOLO > SOO > SÓ TELA > TEA > TEIA

Fonte: Cardeira (2006, p.49)

Ao observar os exemplos do quadro acima e a citação anterior ao quadro, é claro o processo de **síncope** sofrido por tais vocábulos ao longo do tempo, posto que no português do século XIII E XIV, a palavra VIDI¹¹⁴ sofre uma supressão do vocábulo –D-, no meio da palavra. A síncope provoca posteriormente a supressão do vocábulo -I- no fim da palavra (**apócope**), o que ocasiona o termo atual -vi.

Na palavra VINU, há num primeiro momento a síncope de –N-, depois, há uma sequência hiática -VĨO- desfeita através da **palatização**, isto é, há um acréscimo¹¹⁵ de um fonema palatal /ɲ/ - VINHO.

Na palavra MÃO, após a síncope do vocábulo -N-, permanece uma sequência hiática – ã + O -, que aos poucos é desfeita através da transformação da segunda vogal em semivogal (**ditongação: semivocalização**). Em suma, há nesse caso um “**alargamento**¹¹⁶ do elemento vocálico do português” (CARDEIRA, 2006, p.49, grifo nosso) como solução para o hiato produzido mediante a síncope inicial.

Na palavra TEIA, após a ocorrência de um MS (**síncope** do vocábulo -L), há uma ocorrência de uma construção hiática que é desfeita mediante a epêntese da semivogal i diante da forma TEA.

No Appendix, Castro (1991) descreve algumas características fonéticas merecedoras de destaque.

Quadro 9 - Metaplasmos no Appendix

CARACTERIZAÇÃO	EXEMPLO
1. Evolução de /i/ breve para /e/ fechado.	Imago > emago.
2. Evolução de /u/ breve para /o/ fechado.	Puella > poella
3. Síncope de vogais breves pós tônicas /i/ e /u/.	Speculum > speclum (CL > pot. Lh: espelho). Vetulus > veclus (TL > cl >

¹¹⁴ O mesmo processo ocorre em Só, ou seja, O -l- de SOLO é suprimido por síncope e a dupla vogal -o- (SOO) é suprimida por apócope, gerando, assim, a forma atual - SÓ-.

¹¹⁵ Nesse caso, não há uma **palatização** por transformação, mas por acréscimo.

¹¹⁶ As terminações “-ANU-, -ANE- e -ANT-, -ONE- e -UNT- evoluíram para -ão-, -ã- e -õ-; MANU > MÃ-O > MÃO; PANE > PÃ > PÃO e CANTABANT > CANTAVA; CORATIONE > CORAÇÃO e SUNT > SÔ” (CARDEIRA, 2006, p.50).

	pot. Lh: velho).
4. Evolução de /kw/ para /k/.	Coqui > coci.
5. Total supressão (apócope) do /m/ em final de vocábulos.	Passim > passi, idem > ide.
6. Síncopa da semivogal ¹¹⁷ [w] entre vogal e /u/.	Avus > aus, flavus > flaus.

Fonte: Castro (1991, p.94-95).

A imagem seguinte destaca outros fenômenos detectados a partir de inscrições lapidares.

Imagem 5 - Metaplasmos em inscrições lapidares

[w] > [β]	cibitatis < civitatis debotionis < devotionis renobabit < renovavit iterabit < iteravit cibes < cives
[ns] > [s]	defesori < defensori
-[t] > ∅	pos < post
[ae] > [ɛ]	munificentie < munificentiae sue < suae aeditionem < editionem

Fonte: Castro (1991, p.96).

Nas inscrições lapidares apontadas por Castro (1991), é explícita a transformação da semivogal [w] em [β], o que consiste numa espécie de consonantização; a desnasalação dos segmentos [ns]; a apócope do segmento [t] e a monotongação do ditongo [ae].

Outras monotongações, além do ditongo AE, são atestadas por Castro (1991). O quadro a seguir detalha melhor tal fenômeno.

¹¹⁷ Escrita [v].

Quadro 10 - Mudanças nos ditongos¹¹⁸ do Latim Clássico

CARACTERIZAÇÃO	EXEMPLO
Redução do ditongo AE ¹¹⁹ em [ɛ].	CAELUM > cɛdo > port. céu .
Redução do ditongo OE em [e].	POENA > port. Pena .
Transformação do ditongo AU em OU no Português.	AUTARIU > autairo > outeiro .

Fonte: Castro (1991, p.118).

Em suma, foram detectados inúmeros metaplasmos que contribuíram consideravelmente na distinção do Latim clássico e do latim vulgar, bem como auxiliaram na formação do português atual e na sua distinção do português do século XIII E XIV. Além do metaplasmo constante de síncope, foi possível constatar alargamento, ditongação, palatização, apócope, monotongação, consonantização etc., ou seja, isso prova que os metaplasmos são fenômenos antigos e comuns na língua.

Vale alertar para o fato de que, tendo em vista o nosso recorte de pesquisa, iremos descrever os nossos dados apenas no campo dos metaplasmos por queda ou supressão, dentro do viés Apócope e Monotongação.

¹¹⁸ “Em latim clássico existiam quatro ditongos: AU, AE, OE (pouco frequentes) e EU (muito raro)” (Castro, 1991, p.118).

¹¹⁹ “ O ditongo AE desaparece na fase arcaica do latim nos domínios provinciais itálicos, embora nas variantes urbanas se tenha mantido até a época imperial” (CASTRO, 1991, p.118).

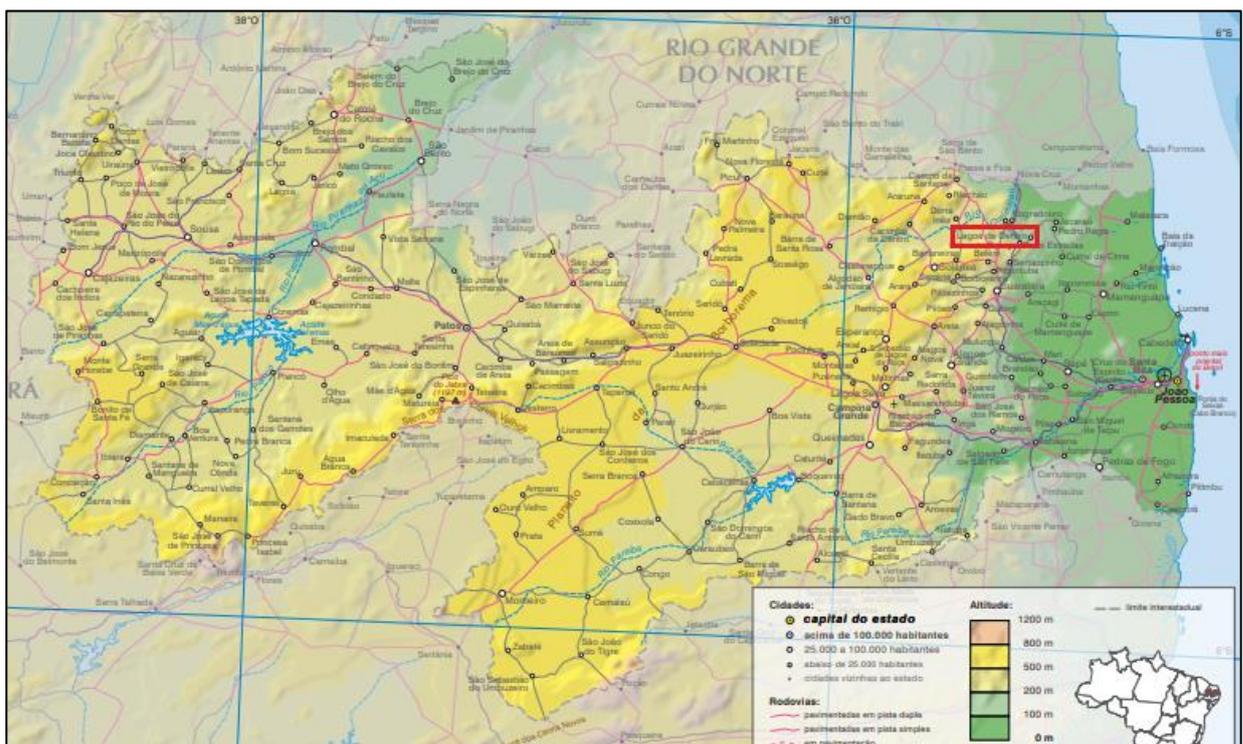
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 DESCRIÇÃO DO ESPAÇO E DOS PARTICIPANTES

3.1.1 Local da pesquisa

A princípio, pressupomos que poucos leitores desse trabalho científico estejam familiarizados com o campo de estudo dessa pesquisa, por isso nos propomos a facilitar a compreensão do espaço geográfico, por intermédio dos mapas seguintes.

Mapa 2 - Localização geográfica de Lagoa de Dentro no mapa da Paraíba



Fonte: IBGE (2010). Atualizações realizadas pela autora.

O mapa 2 originalmente apresenta o estado da Paraíba –PB, com os seus 223 municípios, todavia, o nosso objetivo não é demarcar o estado ou todos os municípios, mas a cidade de Lagoa de dentro (destacada por um quadrado vermelho).

Esse mapa destaca um objeto que está muito distante de nós, imerso numa grande rede de outros objetos. Diante disso, nos propomos a aproximar o leitor do “objeto” alvo, por isso o recorte seguinte do mapa 2.

Mapa 3 - Destaque aproximado da localização geográfica de Lagoa de Dentro no mapa da Paraíba



Fonte: IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010). Atualizações realizadas pela autora.

Como é possível notar, o mapa 3 consiste numa aproximação do mapa 2, de modo que o leitor possa visualizar a cidade alvo (destacada por um quadrado vermelho) e suas áreas limítrofes. A partir dessa aproximação do mapa, o leitor já não se depara com um “objeto” tão distante, bem como os demais “objetos” a seu redor são reduzidos.

De acordo com o IBGE (2010)¹²⁰, Lagoa de Dentro, situada a 75 km da capital, conta com 7.370 habitantes, com renda predominantemente agropecuária. Ainda em conformidade com o IBGE (2010), podemos afirmar que a cidade já contava, em 1980, com doze¹²¹ casas aproximadamente. Ao longo das décadas, o município cresceu, conquistando independência em 1961 quando deixou de ser distrito do município de Caiçara/PB, através da lei estadual nº 2614 de 11-12-1961.

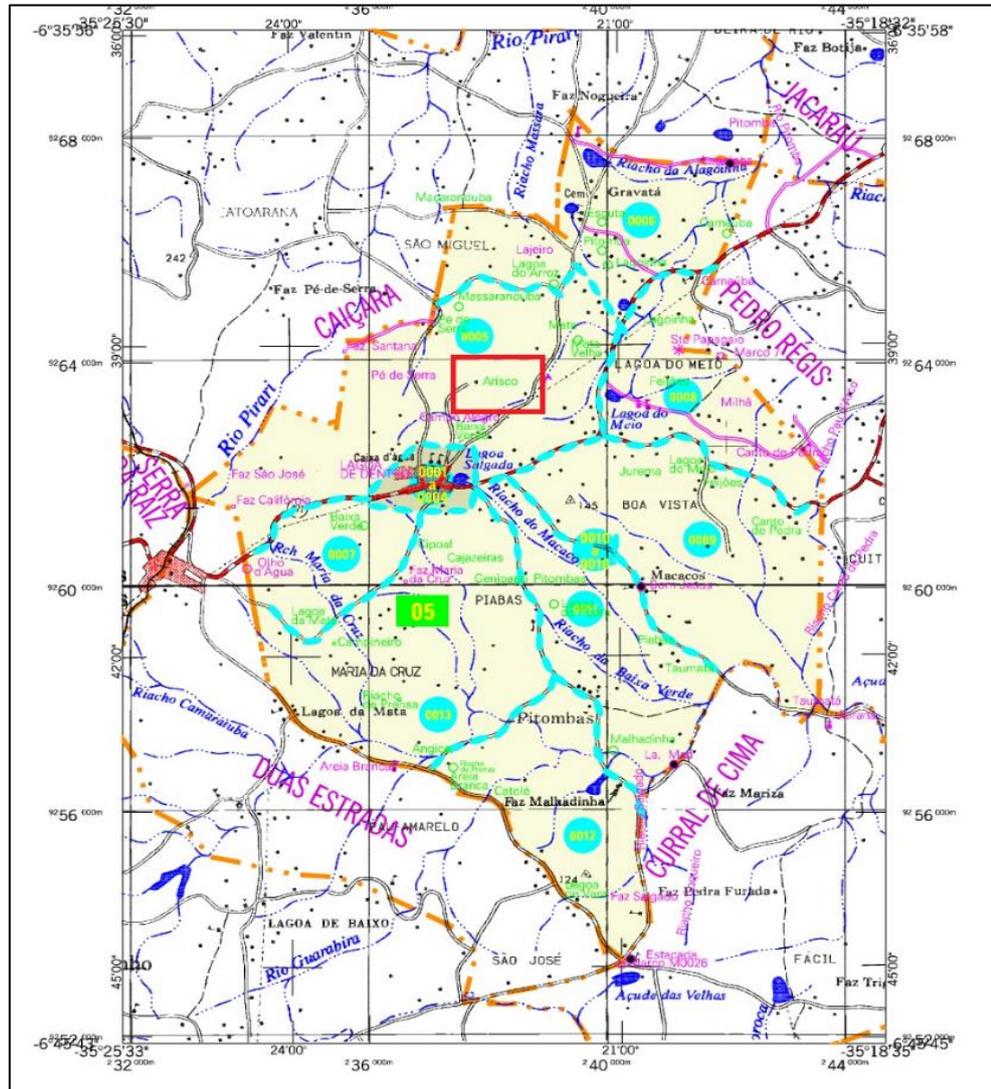
Vale alertar que o nosso “objeto” alvo ainda não foi alcançado, posto que a pesquisa foi efetuada num dos sítios pertencentes à cidade de Lagoa de Dentro/PB, ou seja, é preciso aprofundar mais a nossa visão para alcançarmos, de fato, o local da pesquisa.

¹²⁰ População estimada para 2017: 7.670 pessoas.

¹²¹ Algumas das casas pertenciam a José Cardoso, José Batista, Bevenuto Ferreira de Lima, Francisco Costa, Joaquim Freire do Amorim, Antônio Fernandes e Manoel Prégio.

A área do nosso campo de pesquisa (Sítio Arisco) está situada a 1 km da cidade de Lagoa de Dentro/ Agreste da Paraíba e é habitada por aproximadamente trinta famílias. A cidade, assim como a área rural, é composta por uma pequena população, se comparada com outras cidades paraibanas.

Mapa 4 - Mapa municipal de Lagoa de Dentro-PB



Fonte: IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (2010). Atualizações realizadas pela autora.

O mapa 3 revela os sítios que constituem o município de Lagoa de Dentro, bem como as áreas limítrofes da cidade. Se observarmos atentamente o mapa, é notável o Sítio Arisco, destacado por um quadrado vermelho. Tal observação nos possibilita destacar a curta distância entre o já referido sítio e a cidade.

Vale acrescentar que o Sítio Arisco é constituído por áreas mais isoladas e por áreas mais habitadas, como a vila (ou Bairro São José, como é também conhecido), por exemplo. Ela é o nosso “ponto final” nesse efeito de aproximação, realizado desde o mapa 1. É o espaço no qual nos debruçamos, enquanto pesquisadores, sobre o nosso objeto de estudo, através das relações sociais e culturais do povo que lá habita.

Imagem 6 - Sítio Arisco: área da vila ou bairro São José



Fonte: autora.

3.1.2 Participantes

Quadro 11 - Estratificação social dos falantes

FALANTES	ESCOLARIDADE	IDADE	NATURALIDADE
ALDS	Analfabeto	31 a 70 anos	Sim
JADS	Analfabeto	31 a 70 anos	Sim
JFDS	Fundamental I	16 a 30 anos	Sim
JLFDS	Fundamental I	16 a 30 anos	Sim
SG	Semianalfabeto	31 a 70 anos	Sim
MFDS	Semianalfabeto	31 a 70 anos	Sim
MWFDS	Fundamental II	16 a 30 anos	Sim
NCCDS	Fundamental II	16 a 30 anos	Sim
RAE	Médio	31 a 70 anos	Sim
MDDDC	Médio	31 a 70 anos	Sim

REDS	Superior	16 a 30 anos	Sim
JRCDS	Superior	16 a 30 anos	Sim

Fonte: autora.

Como é possível notar, a partir do quadro 11, a nosso corpus é constituído por doze pessoas com características bem delimitadas, tendo em vista que estabelecemos alguns critérios para a escolha e quantidade de falantes.

Aportados na teoria sociolinguística de Labov (2008), o primeiro critério da nossa pesquisa é o grupo escolaridade, por isso a escolha de dois informantes representativos de cada grupo, ou seja, obtivemos dados linguísticos de dois informantes analfabetos; dois informantes semianalfabetos; dois informantes com nível fundamental I; dois informantes com nível fundamental II; dois informantes com nível médio e, por fim, dois informantes com nível superior. Vale acrescentar que a escolha de apenas dois informantes para cada célula social deu-se devido à própria demanda, recursos e extensão da pesquisa.

O segundo critério desse estudo contempla a faixa etária dos informantes que varia em dois níveis: 16 a 30 anos (faixa etária 1) e 40 a 70 anos (faixa etária 2). Para cada faixa etária, temos um número de seis informantes.

O terceiro e último critério consiste na naturalidade dos informantes. A princípio, o objetivo era entrevistar apenas os informantes naturais da região. Caso isso não fosse possível, estenderíamos a pesquisa para informantes com pais naturais da região; todavia, o quadro acima revela que não precisamos recorrer a essa segunda opção, afinal, conseguimos obter um corpus com 100% de aproveitamento do critério naturalidade.

No sítio Arisco, a população vive, em geral, da agricultura de subsistência; um número reduzido de pessoas trabalha em cargos públicos ou em empresas privadas. Os principais produtos cultivados na localidade são macaxeira, milho, feijão e batata.

Quanto ao critério cultural, a comunidade dispõe de pouquíssimos recursos de lazer, já que os habitantes da localidade dispõem apenas de recursos naturais de diversão. Um desses recursos é o lago mais próximo do Sítio, onde as crianças banham-se e praticam natação.

Até o ano de 2016, a comunidade utilizava um espaço descampado para efetuar brincadeiras e práticas esportivas, contudo, em 2018, o local já não está mais disponível. Diante dessa realidade, algumas crianças dirigem-se a bairros próximos (bairro Cristo Rei, por exemplo) para efetuar suas práticas esportivas e outras optam pelas brincadeiras (tica e suas diversas variações, pular corda, amarelinha, jogar bola de gude) em vias públicas locais.

O único evento festivo na localidade ocorre no mês de Junho, quando alguns moradores se reúnem, organizam pequenos bailes e partilham comidas típicas, por causa da festa junina tradicional no Brasil.

No que concerne à religiosidade, podemos apontar a existência de católicos, protestantes e umbandistas. Até o ano de 2016, eram raras as práticas religiosas no local, tendo em vista que não havia igrejas católicas, igrejas protestantes ou terreiros umbandistas na comunidade. Atualmente, ainda não há igrejas católicas ou protestantes na vila, porém há missas e cultos nas casas dos fiéis, além de ações sociais¹²² promovidas pela sede católica da cidade. Os umbandistas, por sua vez, já se reúnem em terreiro localizado na própria comunidade.

No quesito infraestrutura, constatamos que o local não possui água encanada, nem tão pouco rede de esgoto, contudo, a coleta de lixo ocorre duas vezes por semana e a prefeitura disponibiliza carros pipas para o abastecimento da população.

3.2 MÉTODOS E PROCEDIMENTOS DA COLETA DE DADOS

3.2.1 Fonética articulatória

“A **fonética** é a ciência que apresenta os métodos para a descrição, classificação e transcrição dos sons da fala, principalmente aqueles sons utilizados na linguagem humana”. (CRISTÓFARO-SILVA, 2003, p.21). Como o próprio termo plural “métodos” aponta, os estudos fonéticos dão-se por diversos caminhos, por isso, a Fonética é classificada em **articulatória, auditiva¹²³, acústica e instrumental¹²⁴**.

Essa pesquisa é fundamentada teoricamente¹²⁵ pela Fonética articulatória e acústica. A primeira, “compreende o estudo da produção da fala do ponto de vista fisiológico e articulatorio” (CRISTÓFARO-SILVA, 2003, p.21). A segunda, será explanada no tópico posterior.

Sob à luz da Fonética articulatória, Silveira (1982) descreve e classifica as consoantes do português conforme a laringe¹²⁶, a faringe, o ponto de articulação e o modo de articulação.

¹²² Distribuição de sopa às famílias carentes, e pesagem das crianças.

¹²³ “Compreende o estudo da percepção da fala” (CRISTÓFARO-SILVA, 2003, p.21).

¹²⁴ “Compreende o estudo das propriedades físicas da fala, levando em consideração o apoio de instrumentos laboratoriais” (CRISTÓFARO-SILVA, 2003, p.21).

¹²⁵ A Fonética articulatória e a Fonética acústica, além de solificar a teoria, funcionam como instrumentos metodológicos.

¹²⁶ “A laringe é uma estrutura constituída por cartilagens, ligamentos, músculos e tecido membranoso. Encontra-se ligada a estruturas ósseas superiores e inferiores por meio de musculatura extrínseca” (BARBOSA e MADUREIRA, 2015, p.38).

Do ponto de vista da laringe, as consoantes são classificadas em surdas e sonoras.

São surdas as que não têm o tom laríngeo, pois a passagem da corrente de ar pela laringe é livre já que a glote está aberta, as cordas vocais¹²⁷ separadas. Assim a corrente de ar não chega a produzir o tom laríngeo [...]. As consoantes sonoras são formadas na laringe pela vibração das cordas vocais (movimentos de abrir e fechar, pela intervenção dos músculos; movimentos verticais de subir e descer, pela passagem da corrente de ar) (SILVEIRA, 1982, p.72).

Quando a glote encontra-se fechada e as cordas vocais próximas, a passagem de ar se efetua num espaço estreito. Isso provoca a vibração das cordas vocais, produzindo, assim, o som sonoro. Em contrapartida, há casos em que a glote encontra-se com maior espaço ou maior abertura e as cordas vocais separadas. Tal situação permite que o ar passe livremente, explica a ausência de vibração e, conseqüentemente, a produção de sons surdos.

No que concerne à faringe, as consoantes classificam-se em orais e nasais¹²⁸. As consoantes orais se efetuaem “quando a úvula está levantada, fechando a cavidade rino-faríngea e a corrente de ar sair pelo canal bucal” (SILVEIRA, 1982, p.73). Em contraposição, as consoantes nasais ocorrem “quando a úvula está abaixada e a cavidade rino-faríngea aberta [...]” (SILVEIRA, 1982, p. 73).

Nos sons orais, conforme Silveira (1982) e Cristóforo-Silva (2003) a úvula assume uma posição de bloqueio da passagem de ar para a cavidade nasal. Nos sons nasais, por sua vez, o alteamento da úvula permite que a passagem de ar se desdobre da cavidade oral para a cavidade nasal.

Quanto ao ponto de articulação, conforme Silveira (1982), as consoantes são classificadas em uvular, línguo-velares, línguo-palatais, línguo-velares, línguo-alveolares, lábio-dentais e bilabiais. Todavia, optamos por ressaltar a classificação fonético-articulatória realizada por Cristóforo-Silva (2003), dado que tal classificação é comumente a mais utilizada nos estudos atuais de Fonética e Fonologia. Conforme a autora, as consoantes do Português brasileiro são classificadas¹²⁹, em bilabiais, labiodental, alveolar, alveopalatal, palatal, velar e glotal.

¹²⁷ “[...] As cordas vocais são em verdade as duas pregas inferiores de dois pares de pregas situados um de cada lado da face interna da laringe” (SILVEIRA, 1982, p.13). Noções iniciais sobre as cordas vocais são encontradas no Curso de linguística geral (SAUSSURE, 2012).

¹²⁸ Noção já destacada por Saussure (2012).

¹²⁹ Critério: lugar de articulação.

Para melhor compreensão da já referida classificação, segue o quadro.

Quadro 12 - “Classificação fonética do PB- lugar de articulação”

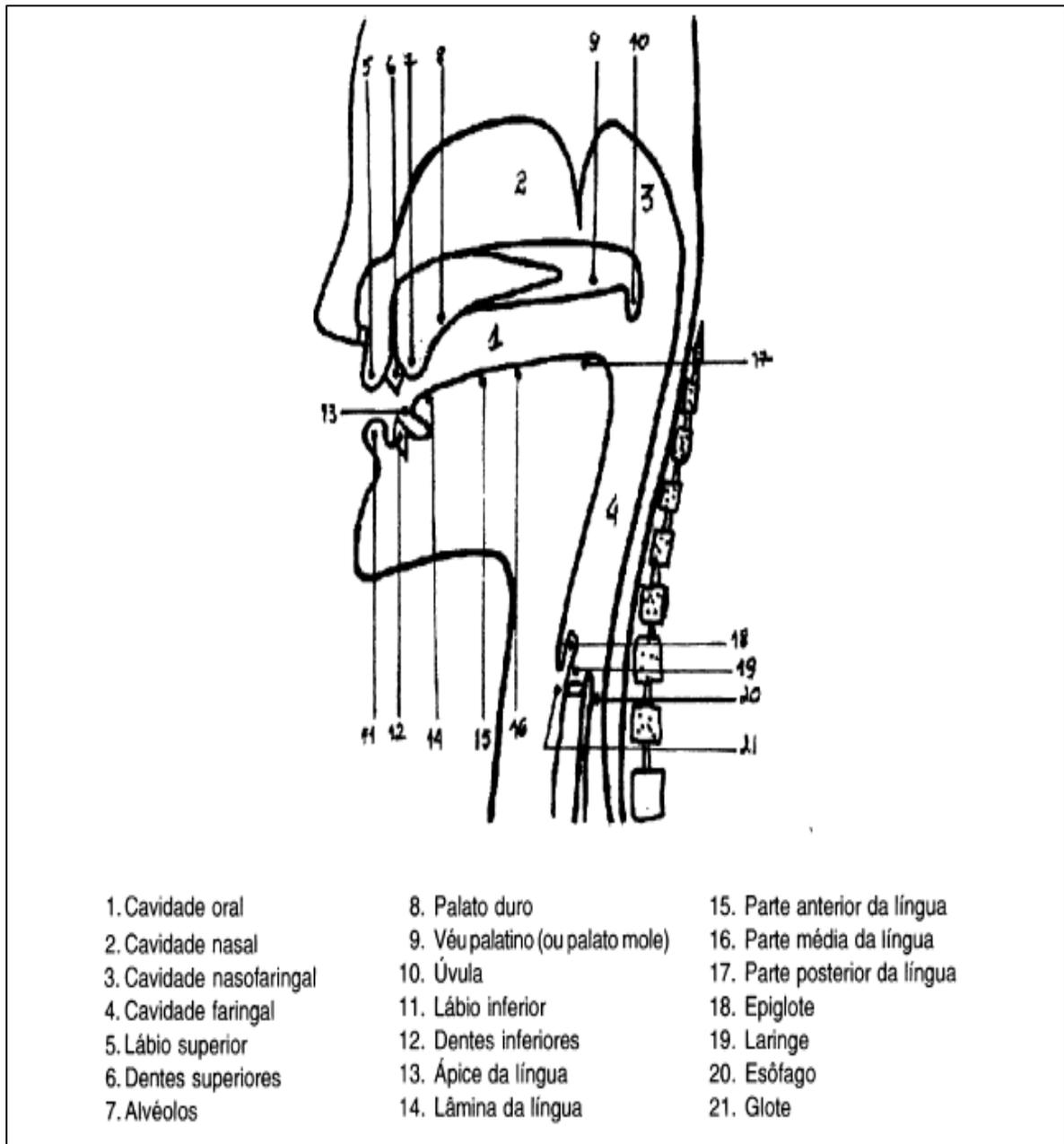
Classificação	Articulador ativo¹³⁰	Articulador passivo¹³¹	Exemplos
Bilabial	Lábio inferior	Lábio superior	Pá, boa, má
Labiodental	Lábio inferior	Dentes incisivos superiores	Faca, vaca.
Dental	Ápice ou lâmina da língua	Dentes incisivos superiores.	Data, sapa, lata.
Alveolar	Ápice ou lâmina da língua.	Alvéolos.	Data, sapa, lata.
Alveopalatal (ou pós-alveolares)	Parte anterior da língua.	Parte medial do palato duro.	Chá, já.
Palatal	Parte média da língua.	Parte final do palato duro.	Banha, palha.
Velar	Parte posterior da língua.	Véu palatino ou palato mole.	Casa, gata.
Glotal	Músculos ligamentais da glote.	Músculos ligamentais da glote.	Rata (pronúncia típica do dialeto de Belo Horizonte).

Fonte: Cristófar-Silva, (2003, p.32).

¹³⁰ Os articuladores ativos são os executores da ação, eles “têm a propriedade de movimentar-se (em direção ao articulador passivo, modificando o trato vocal” (CRISTÓFARO-SILVA, 2003, p.31). Eles são os executores da ação: lábio inferior, língua, véu palatino e as cordas vocais.

¹³¹ Os articuladores passivos são os receptores da ação, “localizam-se na mandíbula superior, exceto o véu palatino que está localizado na parte posterior do palato. Os articuladores passivos são o lábio superior, os dentes superiores e o céu da boca que divide-se em: alvéolos, palato duro, véu palatino (ou palato mole) e úvula [...]” (CRISTÓFARO-SILVA, 2003, p. 31).

Imagem 7 - “O aparelho fonador e os articuladores passivos e ativos, as cavidades oral, nasal, faringal e a glote (cordas vocais)”



Fonte: Cristófar-Silva (203, p. 30).

Imagem 8 - “Símbolos fonéticos consonantais relevantes para transcrição do português”

Articulação		Bilabial	Labiodental	Dental ou Alveolar	Alveopalatal	Palatal	Velar	Glotal
Maneira	Lugar							
Oclusiva	desv	p		t			k	
	voz	b		d			g	
Africada	desv				tʃ			
	voz				dʒ			
Fricativa	desv		f	s	ʃ		x	h
	voz		v	z	ʒ		ɣ	ɦ
Nasal	voz	m		n		ɲ ỹ		
Tepe	voz			r				
Vibrante	voz			ʀ				
Retrollexa	voz			ɻ				
Lateral	voz			l ł		ʎ ʟ		

Fonte: Cristófar-Silva (2003, p.37).

Além das consoantes, as vogais do Português brasileiro, conforme Silveira (1982), são classificadas de acordo com a faringe, o grau de abertura, a zona de emissão e a posição dos lábios.

A faringe cabe a responsabilidade de definir e distinguir as vogais orais das nasais. “Durante a emissão das vogais orais, a úvula está levantada, fechando a cavidade rino-faríngea e as ondas sonoras saem pelo canal bucal ressoando em duas caixas que se formam dependendo da posição dada à língua: posterior-faríngea e anterior bucal” (SILVEIRA, 1982, p.38).

Quanto ao grau de abertura, Silveira (1982) classifica as vogais em abertas, fechadas e muito fechadas. Cristófar-Silva (2003); Seara, Nunes e Lazarotto-Volcão (2011), por sua

vez, preferem classificá-las em alta, média-alta, média baixa e baixa. Por questões didáticas adotaremos a proposta das quatro últimas autoras.

Altas: Aquelas em que o dorso da língua se eleva ao máximo estreitando o trato, mas sem produzir fricção (produção de [i] e [u]) [...]. **Médias-altas:** Aquelas em que o dorso da língua encontra-se em uma posição intermediária entre a posição mais alta e a mais baixa, localizando-se, no entanto, mais próximo da posição mais alta (produção de [e] e [o]) [...]. **Médias-baixas:** Aquelas em que o dorso da língua encontra-se em uma posição intermediária entre a apresentada nas vogais altas e aquela mostrada para as vogais baixas. A língua localiza-se, no entanto, em uma posição mais próxima à vogal baixa (produção de [ɛ] e [ɔ]) [...]. **Baixas:** Aquelas em que a língua se encontra na posição mais baixa no trato oral (produção de [ɑ] (SEARA, NUNES e LAZAROTTO-VOLCÃO, 2011, p. 27-28), grifos das autoras).

Como é possível notar, as vogais altas, médias-altas e médias-baixas estão intimamente ligadas com o grau de abertura, por isso o uso de ambos os termos. A vogal baixa é caracterizada pela abertura ampla da boca e pelo posicionamento inferior da língua. As vogais médias-baixas são aquelas em que o grau de abertura articulatorio é um pouco menos amplo que a vogal baixa, porém um pouco mais superior no posicionamento do dorso da língua. As vogais média-altas, por conseguinte, apresentam uma articulação mais fechada da boca e um posicionamento do dorso da língua mais alto que os mencionados anteriormente. Por fim, as vogais altas são caracterizadas pelo maior nível vocálico de fechamento da boca e pelo mais elevado posicionamento do dorso da língua.

Por conseguinte, o critério da zona de emissão¹³² classifica os segmentos vocálicos em anteriores, médias e posteriores.

Anteriores: Aquelas em que a língua se dirige para a parte anterior do trato vocal, mais especificamente em direção aos alvéolos, mas sem qualquer tipo de bloqueio no trato oral. Na produção de vogais anteriores, a língua se eleva para frente, com se observa na pronúncia de [ɛ] [e] [i] [...]. **Posteriores:** Aquelas em que o dorso da língua se movimenta para a parte posterior do trato oral na direção do palato mole, sem, porém, apresentar bloqueio à passagem do ar. Nas vogais posteriores, o dorso da língua progressivamente se eleva para trás, como ocorre na pronúncia de [ɔ] [o] [u] [...]. **Centrais:** Aquelas em que a língua encontra-se em posição mais centralizada [...] vogal [a] [...] (SEARA, NUNES e LAZAROTTO-VOLCÃO, 2011, p.28), grifos das autoras).

¹³² “Região para a qual a língua se dirige, na parte superior do canal bucal” (SILVEIRA, 1982, p.41).

O classificação vocálica em anterior, central ou posterior está atrelada ao modo como a língua se comporta, com especial atenção para o seu grau de recuo. Quando a língua ao invés de recuar, direciona-se para a parte frontal do trato vocal, estamos diante de sons anteriores. Quando ela nem recua e nem avança, estamos diante de sons centrais. Quando, por sua vez, o recuo acontece de fato, estamos diante de sons posteriores.

A posição ou arredondamento dos lábios classifica as vogais, segundo Cristófaros-Silva (2003), em estendido (distensas) ou arredondados.

Arredondadas: Vogais produzidas com os lábios arredondados. São elas: [ɔ] [o] [u] [...]. As vogais arredondadas são também chamadas de labializadas. **Não-arredondadas:** Vogais produzidas com os lábios distendidos. São elas: [ɛ] [e] [i] [...] [a] [...]. (SEARA, NUNES e LAZAROTTO-VOLCÃO, 2011, p.30), grifos das autoras).

De modo sucinto, o arredondamento de um som vocálico está interligado com as vogais posteriores, posto que a aproximação dos lábios faz com que a articulação se assemelhe a um círculo. As vogais entendidas (distensas) ou não-arredondadas são representadas pelas vogais anteriores, dado que o avanço da língua impossibilita o arredondamento dos lábios.

Imagem 9 - Vogais do Português brasileiro

	anterior		central		posterior	
	arred	não-arred	arred	não-arred	arred	não-arred
alta		i I		ɨ	u U	
média-alta		e			o	
média-baixa		ɛ		ə	ɔ	
baixa				a		

Fonte: Cristófaros-Silva (2003, p.176).

3.2.2 Fonética acústica: Programa PRAAT

No tópico 3.2.1, conceituamos a Fonética auditiva e a Fonética articulatória. Enquanto a Fonética articulatória fundamenta-se no modo como o aparelho fonador é articulado para produzir os sons da fala e a Fonética auditiva fundamenta-se no modo como os sons “são percebidos pelo ouvinte” (CAGLIARI e CAGLIARI, 2007, p.6), a Fonética acústica, por sua

vez, “compreende o estudo das propriedades físicas dos sons da fala a partir de sua transmissão do falante ao ouvinte” (CRISTÓFARO-SILVA, 2003, p.21).

Não se trata de uma percepção auditiva, mas de uma análise física (acústica) do som, propagada através do ar, de falante para ouvinte. Essa análise acústica é realizada com o auxílio de diversos programas e instrumentos tecnológicos. Na nossa pesquisa, por exemplo, coletamos os dados com o auxílio de um gravador de voz digital Sony PX 312 e analisamos o som no PRAAT.

O PRAAT é um programa criado por “Paul Boersma y David Weenink em el Institute of Phonetic Sciences de la Universidad de Amsterdam, vigente desde 1992; se puede obtener em el sitio www.praat.org” (OCA, 2001, p.12), ou seja, ele é um programa criado para a realização de estudos fonéticos acústicos¹³³ e qualquer pessoa, seja pesquisador ou não, tem acesso a ele de modo público e gratuito no site mencionado.

De modo sucinto, o PRAAT é um programa que trabalha com frequências e harmônicos no espectrograma e com dados de tempo e amplitude no oscilograma.

O espectrograma consiste numa:

Sucessão de espectros (conjuntos de sons parciais, ordenados a partir da frequência fundamental; imagem estática que mostra os harmônicos, sua altura frequencial e seu valor relativo dentro da estrutura formântica); mostra o conjunto de harmônicos (quaisquer componentes sinusoidais de uma onda periódica cuja frequência seja múltiplo inteiro da frequência do fundamental) na sua evolução temporal, sua altura frequencial e sua altura relativa mediante a intensidade da cor (MASIP,2015, p.184).

O espectrograma, portanto, abarca toda uma completude do som, organizado em partes (espectros), conforme a frequência fundamental¹³⁴. Nos espectros, é possível verificar a frequência fundamental, os harmônicos, a altura e intensidade de um som.

O oscilograma consiste na “representação visual dos parâmetros de tempo (abscissa: linha horizontal) e da amplitude da onda (ordenada: linha vertical)” (MASIP, 2015, p.179), ou seja, o oscilograma permite verificar a relação entre as ondas sonoras, o tempo e a amplitude.

De modo mais didático, o PRAAT utiliza os termos pitch, intensidade, formantes e frequência fundamental para nomear fenômenos importantes na análise do som.

¹³³ Isso não impede que outras áreas utilizem o programa.

¹³⁴ “A frequência fundamental [...] é a frequência dominante de um som produzido pelas pregas vocais, ou, em outras palavras, é a frequência do primeiro harmônico” (JUBRAN, 2004, p.81).

O pitch refere-se à altura de um som. Essa “altura (variações entre grave e agudo) é a percepção auditiva da frequência. Assim, quanto maior é a frequência de um som, mais agudo ele é; e quanto menor é a frequência, mais grave é o som” (JUBRAN, 2004, p.80). A frequência diz respeito ao “número de ciclos completos da vibração das pregas vocais (movimento de abrir e fechar) em um intervalo de tempo” (JUBRAN, 2004, p.80).

Em conformidade com as afirmações anteriores, é congruente a afirmativa de que o pitch e a frequência são conceitos que estão interligados, já que a altura do som consiste na percepção dos movimentos das pregas vocais em um dado espaço temporal. Um som agudo é caracterizado por um ciclo de vibração mais elevado, enquanto um som grave é marcado por um menor ciclo vibrante.

É válido apontar que a frequência é o resultado das vibrações de uma onda sonora, conforme as características de um determinado corpo, por isso, essas vibrações podem ser mais altas ou mais baixas, tendo em vista que cada corpo é caracterizado de um modo distinto. No PRAAT, é possível verificar o pitch através de uma linha azul nos sons sonoros. Nos sons surdos (ausentes de vibração), essa linha não aparece.

Quanto à intensidade, acreditamos que:

A extensão de um corpo a um ponto de origem é também a medida da força de uma onda. A interpretação auditiva da amplitude é a *intensidade*. Assim, quanto maior a amplitude de um som, maior é sua intensidade e vice-versa. [...]. Em termos práticos, a amplitude é representada como a terceira dimensão em uma representação espectral, em que é traduzida por faixas escuras ou por sombras. Em representação por onda, a amplitude fica no eixo vertical e o tempo, no horizontal (JUBRAN, 2004, p.80, grifos da autora).

Enquanto o pitch faz referência a altura de um som, a intensidade capta o grau de amplitude, o volume de um som. Ela é o resultado da energia vibratória que uma onda sonora, através de um determinado corpo, efetua numa dada distância. Há sons, por exemplo, que apresentam maior volume (maior intensidade), outros sons são mais tênues.

No PRAAT, é observável a intensidade de um som por intermédio de uma linha amarela. A amplitude do som também é verificável no oscilograma, através do próprio formato das ondas mais ou menos amplas.

O formante é:

Uma faixa de frequências de um som composto por um ressoador (filtro acústico), ou seja, uma faixa de frequências por onde ocorre uma elevação

de amplitude dos componentes espectrais da voz em função da resposta do ressoador. Os dois primeiros ressoadores do aparelho vocal são a boca e a faringe, que reforçam as faixas de frequências dos dois primeiros formantes, responsáveis pelo timbre particular de cada vogal e de certas consoantes. Pode-se acrescentar um terceiro formante, o nasal, característico das vogais nasalizadas, além de outros formantes suplementares, responsáveis por características secundárias dos sons vocálicos (JUBRAN, 2004, p.82).

Os formantes são a energia reforçada pelas vibrações das cordas vocais no esforço articulatório de um som, ao passar pelo trato oral ou nasal. Esse reforço ou intensificação é gerado por alguns articuladores, a citar: a boca e a laringe. No PRAAT, a presença de formantes é comprovada “[...] com pontinhos vermelhos [...]” (MASIP, 2015, p.184), ou por sua tonalidade escura, se comparada com o restante do espectro.

Vale acrescentar que os sons surdos não apresentam, no PRAAT, os pontinhos vermelhos bem definidos na parte inferior do espectro (barra de vozeamento), dado que não é captada uma energia reforçada pela vibração das cordas vocais, em razão da própria ausência de vibração nesses tipos de sons.

Em síntese, a análise dos espectrogramas e dos oscilogramas foram úteis na nossa pesquisa. No primeiro, avaliamos a tonalidade/energia dos espectros, a barra de vozeamento (presença do primeiro formante/frequência fundamental), os formantes em geral, as barras de explosões nas oclusivas, entre outros. No oscilograma, verificamos a amplitude e definições das ondas sonoras.

Além disso, foi proveitosa a verificação da intensidade e do pitch para as transcrições fonéticas dos dados coletados.

3.2.3 Coleta de dados e análise sociolinguística quantitativa no EXCEL

Além do gravador Sony PX 312 e do programa PRAAT, utilizamos também, como material de pesquisa, a ficha do informante com dados básicos do falante, uma ficha com um questionário sociocultural, um notebook, um pacote Microsoft Office & Student 2013 (ênfase apenas no Word e Excel), o programa *Windows Media player*, um CD-ROOM, entre outros.

A pesquisa foi construída em etapas, conseqüentemente, uma etapa não pode ser explicada sem a outra, ou seja, para esclarecer a análise sociolinguística no Word e no Excel, faz-se necessário relatar como se efetuou a coleta de dados e a utilização de cada recurso mencionado acima.

Antes da coleta de dados, elaboramos a ficha do informante para obter dados básicos, como o nome, a escolaridade e a idade do falante; elaboramos também a ficha com um questionário sociocultural com a finalidade de nortear a entrevista¹³⁵.

Como segundo passo, realizamos uma primeira visita, na primeira¹³⁶ semana de Janeiro de 2018, com todos os falantes. Nessa visita, os falantes foram conscientizados sobre a importância da pesquisa para o conhecimento da realidade do sítio Arisco e sobre o uso das gravações para os referidos estudos, em busca da devida autorização.

Na segunda, terceira e última semana de Janeiro de 2018, coletamos as gravações com o gravador Sony PX 312. Não foi uma gravação abrupta, dado que, além de termos feito uma primeira visita, esperamos o momento oportuno para a realização de cada gravação, para que a espontaneidade do diálogo não fosse corrompida pela tensão da gravação, afinal, é muito comum sentir-se tenso diante de um diálogo gravado e este é um dos principais problemas do pesquisador da sociolinguística (TARALLO, 1986 p. 21). Para diminuir a tensão, elaboramos questionários que refletem a realidade da comunidade e que envolvem temáticas discursivas já conhecidas por eles.

Após finalizar as entrevistas, o material foi salvo no notebook e em CD-ROOM para análises posteriores. Essas análises foram ouvidas no programa *Windows Media Player* e logo em seguida transcritas fonético-fonologicamente e separadas em pastas específicas do Word 2013.

Depois das transcrições completas, transcrevemos, no PRAAT, o áudio concernente ao fenômeno fonético almejado e, logo a seguir, efetuamos as edições típicas do programa, como: transcrições fonéticas e etiquetas, por exemplo.

Por fim, fez-se a contagem dos fenômenos encontrados em cada modalidade, por falantes. A contagem foi distribuída no Word 2013 e transformada em gráficos na modalidade pizza, através do programa Excel.

¹³⁵ O questionário serviu para nortear a entrevista e não para ditar o que o falante podia ou não falar, por isso, acreditamos que a entrevista assume um caráter semiestruturado. A entrevista semidirigida ou semiestruturada é “aplicada a partir de um pequeno número de questões que facilitam a sistematização. No entanto, muitas outras questões podem ser formuladas durante o processo da entrevista e frequentemente ser utilizada” (LIBERALI e LIBERALI, 2014, p.27).

¹³⁶ Antes da coleta, planejávamos fazer um visita por semana entre o dia 01/01/108 e 31/01/2018, totalizando 4 visitas, mais uma visita inicial extra na primeira semana, todavia, além dessas, realizamos mais duas visitas, totalizando sete, devido a disponibilidade de alguns falantes.

É neste momento que entra em cena as análises sociolinguísticas no Excel. Para cada fenômeno¹³⁷ foram elaborados dois gráficos Pizza, totalizando 16 gráficos. O primeiro gráfico de cada fenômeno corresponde a escolaridade e o segundo, corresponde a faixa etária.

Em cada gráfico de escolaridade foram inseridos os valores de ocorrência por nível educacional; analfabeto, semianalfabeto, fundamental I, fundamental II, médio e superior. Em cada gráfico de faixa etária foram inseridos os valores de ocorrências por grupos de idade: faixa etária 1: 16 a 30 anos e faixa etária 2: 31 a 70 anos.

Como é possível notar nas afirmações anteriores, nessa fase da pesquisa, já não contabilizamos os dados por falantes, mas por grupos de falantes, conforme cada estratificação estabelecida.

Após a inserção dos valores, o próprio Excel transformou os dados, inseridos nas planilhas, em porcentagens. A partir das porcentagens, efetuamos as análises, posteriormente apresentadas no tópico 4.3.1 e 4.3.2.

Os dados que não apresentam nenhuma ocorrência acerca de um determinado fenômeno, não são apresentados nos gráficos, em consequência do seu valor 0.

¹³⁷ *Apócope em verbos no gerúndio, apócope em verbos na terceira pessoa do plural, apócope em verbos no infinitivo- 1ª e 2ª conjugação, monotongação do ditongo OU, monotongação do ditongo EI, monotongação do ditongo IA e monotongação de ocorrências raras.*

4 RESULTADOS ALCANÇADOS

4.1 TRANSCRIÇÃO FONÉTICA E FONOLÓGICA DOS DADOS COLETADOS

4.1.1 Supressões fonéticas - casos de Apócope

- a) Apócope – Verbos no gerúndio

Quadro 13 - Ocorrências de Apócope (Verbos no gerúndio)- falante ALDS

ALDS		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
Plantando	[,prã'tãnu]	/,praN'taNdu ⁺ /
Fazendo	[fa 'zẽnu]	/fa'zeNdu ⁺ /
Escorregando	[iSkɔhɛ'gãnu]	/iSkɔRɛ'gaNnu ⁺ /
Sendo	['sẽnu]	/sɛNu ⁺ /
Total de ocorrências: 04		
Total de Léxicos: 04		

Fonte: autora.

Quadro 14 - Ocorrências de Apócope (Verbos no gerúndio)- falante JADS

JADS		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
Vivendo (2 vezes)	[vi'vẽnu]	/vi'veNnu ⁺ /
Total de ocorrências: 02		
Total de Léxicos: 01		

Fonte: autora.

Quadro 15 - Ocorrências de Apócope (Verbos no gerúndio)- falante JFDS

JFDS		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
X	X	X
Total de ocorrências: 00		
Total de Léxicos:00		

Fonte: autora.

Quadro 16 - Ocorrências de Apócope (Verbos no gerúndio)- falante JLFDS

JLFDS		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
X	X	X
Total de ocorrências: 00		
Total de léxicos: 00		

Fonte: autora.

Quadro 17 - Ocorrências de Apócope (Verbos no gerúndio)- falante SG

SG		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
Vindo	[ˈvĩnu]	/ˈviNnuː/
Planejando	[plãɛˈzãnu]	/plãNɛˈzãNnuː/
Precisando (05 vezes)	[ˌprɛˈzãnu]	/ˌprɛˈzãNnuː/
Escutando	[iskuˈtãnu]	/iSkuˈtaNnuː/
Lavando	[laˈvãnu]	/laˈvãnuː/
Formando	[fɔhˈmãnu]	/fɔRˈmaNnuː/
Crescendo	[krɛˈsẽnu]	/krɛˈsɛNnuː/
Sendo	[ˈsẽnu]	/sɛNnuː/
Total de ocorrências: 12		
Total de léxicos: 08		

Fonte: autora.

Quadro 18 - Ocorrências de Apócope (Verbos no gerúndio)- falante MFDS

MFDS		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
Dormindo	[duhˈmĩnu]	/duRˈmiNnuː/
Dizendo	[diˈzẽnu]	/diˈzɛNnuː/
Atacando (02 vezes)	[ataˈkãnu]	/ataˈkaNnuː/
Brincando (02 vezes)	[brĩˈkãnu]	/briNˈkaNnuː/
Vivendo	[viˈvẽnu]	/viˈvɛNnuː/
Total de ocorrências: 07		
Total de léxicos: 05		

Fonte: autora.

Quadro 19 - Ocorrências de Apócope (Verbos no gerúndio)- falante MWFDS

MWFDS		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
Vivendo	[viˈvẽnu]	/viˈvɛNnuː/
Comendo	[kuˈẽnu]	/kuˈmɛNnuː/
Botando	[ˌbɔˈtãnu]	/ˌbɔˈtaNnuː/
Total de ocorrências: 03		
Total de léxicos: 03		

Fonte: autora.

Quadro 20 - Ocorrências de Apócope (Verbos no gerúndio)- falante NCCDS

NCCDS		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
X	X	X
Total de ocorrências: 00		
Total de léxicos: 00		

Fonte: autora.

Quadro 21 - Ocorrências de Apócope (Verbos no gerúndio)- falante RAE

RAE		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
Precisando (02 vezes)	[presi'zãnu]	/presi'zaNnu ⁺ /
Faltando	[faw'tãnu]	/faL'taNnu ⁺ /
Pegando	[pe'gãnu]	/pe'gaNnu ⁺ /
Sendo	['sẽnu]	/'sẽNnu ⁺ /
Esperando	[espe'rãnu]	/espe'raNnu ⁺ /
Total de ocorrências: 06		
Total de léxicos: 05		

Fonte: autora.

Quadro 22 - Ocorrências de Apócope (Verbos no gerúndio)- falante MDDDC

MDDDC		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
Formando	[fõh'mãnu]	/fõR'maNnu ⁺ /
Modificando	[mõdifi'kãnu]	/mõdifi'kaNnu ⁺ /
Brincando	[brĩ'kãnu]	/briN'kãNnu ⁺ /
Total de ocorrências: 03		
Total de Léxicos: 03		

Fonte: autora.

Quadro 23 - Ocorrências de Apócope (Verbos no gerúndio)- falante REDS

REDS		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
X	X	X
Total de ocorrências: 00		
Total de Léxicos: 00		

Fonte: autora.

Quadro 24 - Ocorrências de Apócope (Verbos no gerúndio)- falante JRCDS

JRCDS		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
X	X	X
Total de ocorrências: 00		
Total de Léxicos: 00		

Fonte: autora.

b) Apócope – Verbos na terceira pessoa do plural.

Quadro 25 - Ocorrências de Apócope (Verbos na terceira pessoa do plural)-falante

ALDS		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
Jogaram	[,ʒo'gar]	/,ʒo'gar ⁺ /
Total de ocorrências: 01		
Total de Léxicos: 01		

Fonte: autora.

Quadro 26 - Ocorrências de Apócope (Verbos na terceira pessoa do plural)-falante JADS

JADS		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
Viram	['vi,ru]	/'vi,ru ⁺]
Total de ocorrências: 01		
Total de léxicos: 01		

Fonte: autora.

Quadro 27 - Ocorrências de Apócope (Verbos na terceira pessoa do plural)-falante JFDS

JFDS		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
Falam	['fala]	/'fala ⁺ /
Total de ocorrências: 01		
Total de léxicos: 01		

Fonte: autora.

Quadro 28 - Ocorrências de Apócope (Verbos na terceira pessoa do plural)-falante JLFDS

JLFDS		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
Dizem	['diz]	/'diz ⁺ /]
Total de ocorrências: 01		
Total de léxicos: 01		

Fonte: autora.

Quadro 29 - Ocorrências de Apócope (Verbos na terceira pessoa do plural)- falante SG

SG		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
Brincarem	[,brĩ'kari]	/,briN'kari ⁺ /
Falam (02 vezes)	['falũ]	/'faluN ⁺ /
Total de ocorrências: 03		
Total de léxicos: 02		

Fonte: autora.

Quadro 30 - Ocorrências de Apócope (Verbos na terceira pessoa do plural)- falante MFDS

MFDS		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
Dizem	[ˈdizi]	/ˈdiziː/
Total de ocorrências: 01		
Total de Léxicos: 01		

Fonte: autora.

Quadro 31 - Ocorrências de Apócope (Verbos na terceira pessoa do plural)- falante MWFDS

MWFDS		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
Vieram	[viˈeru]	/viˈeruː/
Disseram	[diˈseru]	/diˈseruː/
Explicaram	[ispriˈkaru]	[iSpriˈkaruː/
Total de ocorrências: 03		
Total de Léxicos: 03		

Fonte: autora.

Quadro 32 - Ocorrências de Apócope (Verbos na terceira pessoa do plural)- falante NCCDS

NCCDS		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
Denominaram	[denomiˈnara]	/denomiˈnaraː/
Deslocarem	[desloˈkari]	/desloˈkariː/
Participaram	[pahtisiˈparu]	/paRtisiˈparuː/
Total de ocorrências: 03		
Total de Léxicos: 03		

Fonte: autora.

Quadro 33 - Ocorrências de Apócope (Verbos na terceira pessoa do plural)- falante RAE

RAE		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
Botaram	[buˈtaru]	/buˈtaruː/
Foram	[ˈforu]	/ˈforuː/
Quiserem	[kiˈzeri]	/kiˈzeriː/
Acostumaram	[akostuˈmaru]	/akoStuˈmaruː/
Encaminham	[ˌkãˈmã]	/ˌkaNˈmiNaː/
Total de ocorrências: 05		
Total de léxicos: 05		

Fonte: autora.

Quadro 34 - Ocorrências de Apócope (Verbos na terceira pessoa do plural)- falante MDDDC

MDDDC		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
Colocaram	[kolo'karu]	/kolo'karu [↓] /
Sabem	['sabi]	/'sabi [↓] /
Ficaram	[fi'karu]	/fi'karu [↓] /
Vieram	[vi'ɛru]	/viN'ɛru [↓] /
Tiveram	[ti'veru]	/ti'veru [↓] /
Total de ocorrências: 05		
Total de léxicos: 05		

Fonte: autora.

Quadro 35 - Ocorrências de Apócope (Verbos na terceira pessoa do plural)- falante REDS

REDS		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
X	X	X
Total de ocorrências: 00		
Total de léxicos: 00		

Fonte: autora.

Quadro 36 - Ocorrências de Apócope (Verbos na terceira pessoa do plural)- falante JRCDS

JRCDS		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
X	X	X
Total de ocorrências: 00		
Total de léxicos: 00		

Fonte: autora.

c) Apócope – Verbos no infinitivo (1ª Conjugação)

Quadro 37 - Ocorrências de Apócope (Verbos no infinitivo-1ª conjugação)- falante ALDS

ALDS		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
Estar	['ta]	/'ta [↑] /
Falar (5 vezes)	[fa'la]	/fa'la [↑] /
Melhorar	[mɛ ɔ'ra]	/mɛ ɔ'ra [↑] /
Andar	[ã'da]	/aN'da [↑] /
Jogar	[ʒo'ga]	/ʒo'ga [↑] /
Estudar	[istu'da]	/istu'da [↑] /
Contar	[kõ'ta]	/koN'ta [↑] /
Total de ocorrências: 11		
Total de léxicos: 07		

Fonte: autora.

Quadro 38 - Ocorrências de Apócope (Verbos no infinitivo-1ª conjugação)- falante JADS

JADS		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
Cortar	[kɔh'ta]	/kɔR'ta [↑] /
Falar	[fa'la]	/fa'la [↑] /
Morar (02 vezes)	[mɔ'ra]	/mɔ'ra [↑] /
Brincar (02 vezes)	[brĩ'ka]	/brĩ'ka/
Total de ocorrências: 06		
Total de léxicos: 04		

Fonte: autora.

Quadro 39 - Ocorrências de Apócope (Verbos no infinitivo-1ª conjugação)- falante JFDS

JFDS		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
Passar	[pa'sa]	/pa'sa [↑] /
Colocar	[kɔɔ'ka]	/kɔɔ'ka [↑] /
Ajeitar	[aʒej'ta]	/aʒej'ta [↑] /
Mandar	[mã'da]	/maN'da [↑] /
Falar	[fa'la]	/fa'la [↑] /
Brincar	[brĩ'ka]	/brĩN'ka/
Total de ocorrências: 06		
Total de léxicos: 06		

Fonte: autora.

Quadro 40 - Ocorrências de Apócope (Verbos no infinitivo-1ª conjugação)- falante JLFDS

JLFDS		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
Colocar	[kɔɔ'ka]	/kɔɔ'ka [↑] /
Mandar	[mã'da]	/maN'da [↑] /
Brincar	[brĩ'ka]	/brĩN'ka/
Total de ocorrências: 03		
Total de léxicos: 03		

Fonte: autora.

Quadro 41 - Ocorrências de Apócope (Verbos no infinitivo-1ª conjugação)- falante SG

SG		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
Colocar	[kɔɔ'ka]	/kɔɔ'ka [↑] /
Pregar	[pre'ga]	/pre'ga [↑] /
Falar	[fa'la]	/fa'la [↑] /
Gritar	[gri'ta]	/gri'ta [↑] /
Pular (02 vezes)	[pu'la]	/pu'la [↑] /
Desencantar	[dizikã'ta]	/diziNkaN'ta [↑] /

Tomar (02 vezes)	[tõ'ma]	/ toN'ma [↑] /
Cavar	[ka'va]	/ ka'va [↑] /
Encanar	[ĩkã'na]	/ iNkaN'na [↑] /
Aterrorar	[ate'ha]	/ ate'Ra [↑] /
Calçar	[kaw'sa]	/ kaw'sa [↑] /
Olhar (02 vezes)	[ɔ'la]	/ ɔ'la [↑] /
Sustentar	[sustẽ'ta]	/ susteN'ta [↑] /
Trabalhar	[traba'la]	/ traba'la [↑] /
Contar	[kõ'ta]	/ koN'ta [↑] /
Coçar	[kɔ'sa]	/ kɔ'sa [↑] /
Cozinhar	[kũzi'a]	/ kuNziN'a [↑] /
Total de ocorrências: 20		
Total de léxicos: 17		

Fonte: autora.

Quadro 42 - Ocorrências de Apócope (Verbos no infinitivo-1ª conjugação)- falante MFDS

MFDS		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
Falar (02 vezes)	[fa'la]	/ fa'la [↑] /
Brincar	[brĩ'ka]	/ briN'ka/
Explicar	[espri'ka]	/ eSpri'ka [↑] /
Andar	[ã'da]	/ aN'da [↑] /
Deixar (02 vezes)	[dej'fa]	/ dej'fa [↑] /
Passar	[pa'sa]	/ pa'sa [↑] /
Ficar	[fi'ka]	/ fi'ka [↑] /
Total de ocorrências: 09		
Total de léxicos: 07		

Fonte: autora.

Quadro 43 - Ocorrências de Apócope (Verbos no infinitivo-1ª conjugação)- falante MWFDS

MWFDS		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
Falar	[fa'la]	/ fa'la [↑] /
Andar	[ã'da]	/ aN'da [↑] /
Botar (02 vezes)	[bɔ'ta]	/ bɔ'ta [↑] /
Lavar	[la'va]	/ la'va [↑] /
Colocar	[kolo'ka]	/ kolo'ka [↑] /
Total de ocorrências: 06		
Total de léxicos: 05		

Fonte: autora.

Quadro 44 - Ocorrências de Apócope (Verbos no infinitivo-1ª conjugação)- falante NCCDS

NCCDS		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
Dançar	[dã'sa]	/ daN'sa [↑] /

Mudar	[mu'da]	/mu'da [↑] /
Começar (02 vezes)	[kome'sa]	/kome'sa [↑] /
Considerar	[kõside'ra]	/koNside'ra [↑] /
Raiar	[haj'a]	/Raj'a [↑] /
Passar (02 vezes)	[pa'sa]	/pa'sa [↑] /
Escorregar	[eskohe'ga]	/eskohe'ga [↑] /
Instalar (02 vezes)	[êsta'la]	/εNSta'la [↑] /
Morar	[mɔ'ra]	/mɔ'ra [↑] /
Total de ocorrências: 12		
Total de léxicos: 09		

Fonte: autora.

Quadro 45 - Ocorrências de Apócope (Verbos no infinitivo-1ª conjugação)- falante RAE

RAE		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
Brincar	[brĩ'ka]	/briN'ka/
Botar	[bɔ'ta]	/bɔ'ta [↑] /
Calçar	[kaw'sa]	/kaw'sa [↑] /
Melhorar	[mε λɔ'ra]	/mε λɔ'ra [↑] /
Levar	[le'va]	/le'va [↑] /
Clarear	[klare'a]	/klare'a [↑] /
Total de ocorrências: 06		
Total de léxicos: 06		

Fonte: autora.

Quadro 46 - Ocorrências de Apócope (Verbos no infinitivo-1ª conjugação)- falante MDDDC

MDDDC		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
Melhorar	[mε λɔ'ra]	/mε λɔ'ra [↑] /
Passar	[pa'sa]	/pa'sa [↑] /
Morar	[mɔ'ra]	/mɔ'ra [↑] /
Falar	[,fa'la]	/,fa'la [↑] /
Pesar	[pe'za]	/pe'za [↑] /
Tirar	[ti'ra]	/ti'ra [↑] /
Fumar	[fũ [↑] ma]	/fuN [↑] ma [↑] /
Escutar	[isku'ta]	/isku'ta [↑] /
Comprar	[kõ'pra]	/koN'pra [↑] /
Pegar	[pe'ga]	/pe'ga [↑] /
Deslocar	[deslɔ'ka]	/deslɔ'ka [↑] /
Jogar	[ʒɔ'ga]	/ʒɔ'ga [↑] /
Colocar	[kolo'ka]	/kolo'ka [↑] /
Total de ocorrências: 13		
Total de léxicos: 13		

Fonte: autora.

Quadro 47 - Ocorrências de Apócope (Verbos no infinitivo-1ª conjugação)- falante REDS

REDS		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
Melhorar	[mɛ λɔ'ra]	/ mɛ λɔ'ra [↑] /
Falar (02 vezes)	[fa'la]	/ fa'la [↑] /
Jogar	[ʒɔ'ga]	/ ʒɔ'ga [↑] /
Buscar	[bus'ka]	/ buS'ka [↑] /
Usar	[u'za]	/ u'za [↑] /
Olhar (02 vezes)	[ɔ' λa]	/ ɔ' λa [↑] /
Chegar	[ʃe'ga]	/ ʃe'ga [↑] /
Formar	[fɔh'ma]	/ fɔR'ma [↑] /
Julgar	[ʒuw'ga]	/ ʒuw'ga [↑] /
Mostrar (02 vezes)	[mɔs'tra]	/ mɔS'tra [↑] /
Trabalhar	[traba' λa]	/ traba' λa [↑] /
Retornar	[hetoh'na]	/ RetoR'na [↑] /
Total de ocorrências: 15		
Total de léxicos: 12		

Fonte: autora.

Quadro 48 - Ocorrências de Apócope (Verbos no infinitivo-1ª conjugação)- falante JRCDS

JRCDS		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
Falar (05 vezes)	[fa'la]	/ fa'la [↑] /
Mostrar	[mɔs'tra]	/ mɔS'tra [↑] /
Lembrar (02 vezes)	[lɛ'bra]	/ lɛN'bra [↑] /
Funcionar (02 vezes)	[fũsi'o'na]	/ fuNsi'o'na [↑] /
Levar	[le'va]	/ le'va [↑] /
Comprar	[kõ'pra]	/ koN'pra [↑] /
Explorar (02 vezes)	[esplo'ra]	/ eSplo'ra [↑] /
Total de ocorrências: 14		
Total de léxicos: 07		

Fonte: autora.

d) Apócope – Verbos no infinitivo (2ª Conjugação)

Quadro 49 - Ocorrências de Apócope (Verbos no infinitivo-2ª conjugação)- falante ALDS

ALDS		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
Dizer	[di'ze]	/ di'ze [↑] /
Fazer (02 vezes)	[fa'ze]	/ fa'ze [↑] /
Ser	[se]	/ se [↑] /
Ter	[te]	/ te [↑] /
Poder	[po'de]	/ po'de [↑] /
Total de ocorrências: 06		
Total de léxicos: 05		

Fonte: autora.

Quadro 50 - Ocorrências de Apócope (Verbos no infinitivo-2ª conjugação)- falante JADS

JADS		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
Viver	[vi've]	/vi've [↑] /
Esconder	[eskõ'de]	/eSkoN'de [↑] /
Total de ocorrências: 02		
Total de léxicos: 02		

Fonte: autora.

Quadro 51 - Ocorrências de Apócope (Verbos no infinitivo-2ª conjugação)- falante JFDS

JFDS		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
Ver	[ve]	/ve [↑] /
Ler	[le]	/le [↑] /
Total de ocorrências: 02		
Total de léxicos: 02		

Fonte: autora.

Quadro 52 - Ocorrências de Apócope (Verbos no infinitivo-2ª conjugação)- falante JLFDS

JLFDS		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
X	X	X
Total de ocorrências: 00		
Total de léxicos: 00		

Fonte: autora.

Quadro 53 - Ocorrências de Apócope (Verbos no infinitivo-2ª conjugação)- falante SG

SG		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
Correr (02 vezes)	[ko'Re]	/ko'Re [↑] /
Receber	[hese'be]	/Rese'be [↑] /
Beber	[be'be]	/be'be [↑] /
Dizer	[di'ze]	/di'ze [↑] /
Esconder	[eskõ'de]	/eSkoN'de [↑] /
Total de ocorrências: 06		
Total de léxicos: 05		

Fonte: autora.

Quadro 54 - Ocorrências de Apócope (Verbos no infinitivo-2ª conjugação)- falante MFDS

MFDS		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
Dizer	[di'ze]	/di'ze [↑] /

Fazer	[, fa'ze]	/ , fa'ze [↑] /
Morrer	[mo'he]	/ mo'Re [↑] /
Querer	[ke're]	/ke're [↑] /
Vender	[vẽ'de]	/vẽN'de [↑] /
Total de ocorrências: 05		
Total de léxicos: 05		

Fonte: autora.

Quadro 55 - Ocorrências de Apócope (Verbos no infinitivo-2ª conjugação)- falante MWFDS

MWFDS		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
Trazer	[tra'ze]	/ tra'ze [↑] /
Fazer	[, fa'ze]	/ , fa'ze [↑] /
Entreter	[être'te]	/ εNtre'te [↑] /
Total de ocorrências: 03		
Total de léxicos: 03		

Fonte: autora.

Quadro 56 - Ocorrências de Apócope (Verbos no infinitivo-2ª conjugação)- falante NCCDS

NCCDS		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
Ser	['se]	/ 'se [↑] /
Querer	[ke're]	/ke're [↑] /
Saber	[sa'be]	sa'be [↑] /
Fazer (02 vezes)	[fa'ze]	/ fa'ze [↑] /
Total de ocorrências: 05		
Total de léxicos: 04		

Fonte: autora.

Quadro 57 - Ocorrências de Apócope (Verbos no infinitivo-2ª conjugação)- falante RAE

RAE		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
Querer	[ke're]	/ke're [↑] /
Viver	[vi've]	/vi've [↑] /
Acontecer	[akõte'se]	/akoNte'se [↑] /
Ver (02 vezes)	['ve]	/ 've [↑] /
Fazer (04 vezes)	[fa'ze]	/fa'ze [↑] /
Total de ocorrências: 09		
Total de léxicos: 05		

Fonte: autora.

Quadro 58 - Ocorrências de Apócope (Verbos no infinitivo-2ª conjugação)- falante MDDDC

MDDDC		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
Trazer	[, tra'ze]	/ , tra'ze [↑] /
Comer	[, ku'me]	/ku'me [↑] /
Fazer	[fa'ze]	/fa'ze [↑] /
Ser (02 vezes)	['se]	/ 'se [↑] /
Total de ocorrências: 05		
Total de léxicos: 04		

Fonte: autora.

Quadro 59 - Ocorrências de Apócope (Verbos no infinitivo-2ª conjugação)- falante REDS

REDS		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
Ter	['de]	/ 'de [↑] /
Ler (02 vezes)	['le]	/ 'le [↑] /
Total de ocorrências: 03		
Total de léxicos: 02		

Fonte: autora.

Quadro 60 - Ocorrências de Apócope (Verbos no infinitivo-2ª conjugação)- falante JRCDS

JRCDS		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
Locomover	[lokomo've]	/lokomo've [↑] /
Dizer (02 vezes)	[di'ze]	/di'ze [↑] /
Trazer (03 vezes)	[tra'ze]	/tra'ze [↑] /
Fazer	[fa'ze]	/fa'ze [↑] /
Promover	[promo've]	/promo've [↑] /
Cometer	[kome'te]	/kome'te [↑] /
Manter	[mã'te]	/maN'te [↑] /
Ter	['te]	/ 'te [↑] /
Esconder	[eskõ'de]	/eSkoN'de [↑] /
Total de ocorrências: 12		
Total de léxicos: 09		

Fonte: autora.

4.1.2 Supressões fonéticas – Casos de Monotongaço

a) Ditongo OU

Quadro 61 - Ocorrências de Monotongaço (Ditongo OU)-falante ALDS

ALDS		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
Estou	['to]	/ 'to [↑] /
Outras	['otas]	/ 'otas [↓] /

Pouco	['poku]	/ˈpokuː/
Total de ocorrências: 03		
Total de léxicos: 03		

Fonte: autora.

Quadro 62 - Ocorrências de Monotongação (Ditongo OU)-falante JADS

JADS		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
Estou	[is'to]	/iS'toː/
Total de ocorrências: 01		
Total de léxicos: 01		

Fonte: autora.

Quadro 63 - Ocorrências de Monotongação (Ditongo OU)-falante JFDS

JFDS		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
X	X	X
Total de ocorrências: 00		
Total de léxicos: 00		

Fonte: autora.

Quadro 64 - Ocorrências de Monotongação (Ditongo OU)-falante JLFDS

JLFDS		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
Virou	[vi'ro]	/vi'roː/
Total de ocorrências: 01		
Total de léxicos: 01		

Fonte: autora.

Quadro 65 - Ocorrências de Monotongação (Ditongo OU)-falante SG

SG		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
Jogou	[ʒo'go]	/ʒo'goː/
Sou	['so]	/ˈsoː/
Transformou	[trãsfoh'mo]	/traNsfoR'moː/
Roupa	['ropa]	/ˈropaː/
Total de ocorrências: 04		
Total de léxicos: 04		

Fonte: autora.

Quadro 66 - Ocorrências de Monotongação (Ditongo OU)-falante MFDS

MFDS		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
Ficou	[fi'ko]	/fi'ko [↑] /
Obrigou (2 vezes)	[ɔbri'go]	/ɔbri'go [↑] /
Outra	['ota]	/'ota [↑] /
Transformou-se	[trãs ₁ for'mos]	/traNSfor'mos [↑] /
Pouco	['poku]	/'poku [↑] /
Total de ocorrências: 06		
Total de léxicos: 05		

Fonte: autora.

Quadro 67 - Ocorrências de Monotongação (Ditongo OU)-falante MWFDS

MWFDS		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
Roupa	['hopa]	/'Ropa [↑] /
Total de ocorrências: 01		
Total de léxicos: 01		

Fonte: autora.

Quadro 68 - Ocorrências de Monotongação (Ditongo OU)-falante NCCDS

NCCDS		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
Jogou	[ʒo'go]	/ʒo'go [↑] /
Virou	[vi'ro]	/vi'ro [↑] /
Deixou	[,dej'ʃo]	/,dej'ʃo [↑] /
Viajou	[via'ʒo]	/via'ʒo [↑] /
Total de ocorrências: 04		
Total de léxicos: 04		

Fonte: autora.

Quadro 69 - Ocorrências de Monotongação (Ditongo OU)-falante RAE

RAE		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
Outras (2 vezes)	['otras]	/'otras [↑] /
Total de ocorrências: 02		
Total de léxicos: 01		

Fonte: autora.

Quadro 70 - Ocorrências de Monotongação (Ditongo OU)-falante MDDDC

MDDDC		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
Outras	['otras]	/'otras [↑] /
Jogou (2 vezes)	[ʒo'go]	/ʒo'go [↑] /

Pouca (2 vezes)	[ˈpoka]	/ˈpokaː/
Parou	[paˈro]	/paˈroː/
Pouco (3 vezes)	[ˈpoko]	/ˈpokoː/
Bolsa	[ˈbosa]	/ˈbosaː/
Outro	[ˈotru]	/ˈotruː/
Total de ocorrências: 11		
Total de léxicos: 07		

Fonte: autora.

Quadro 71 - Ocorrências de Monotongação (Ditongo OU)-falante REDS

REDS		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
Outro	[ˈotu, ru]	/ˈotu, ruː/
Total de ocorrências: 01		
Total de léxicos: 01		

Fonte: autora.

Quadro 72 - Ocorrências de Monotongação (Ditongo OU)-falante JRCDS

JRCDS		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
Levou (2 vezes)	[, leˈvo]	/, leˈvoː/
Houve	[ˈovi]	/ˈoviː/
Pouco (2 vezes)	[ˈpoku]	/ˈpokuː/
Total de ocorrências: 05		
Total de léxicos: 03		

Fonte: autora.

b) Ditongo EI

Quadro 73 - Ocorrências de Monotongação (Ditongo EI)-falante ALDS

ALDS		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
Macaxeira (2 vezes)	[makaˈʃera]	/makaˈʃeraː/
Janeiro	[ʒãˈneru]	/ʒãˈneruː/
Fogueira	[foˈgera]	/foˈgeraː/
Total de ocorrências: 04		
Total de léxicos: 03		

Fonte: autora.

Quadro 74 - Ocorrências de Monotongaço (Ditongo EI)-falante JADS

JADS		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
Primeiro	[pre'meru]	/pre'meru ⁺ /
Total de ocorrências: 01		
Total de léxicos: 01		

Fonte: autora.

Quadro 75 - Ocorrências de Monotongaço (Ditongo EI)-falante JFDS

JFDS		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
Cheia	[ˈʃea]	/ˈʃea ⁺ /
Macaxeira	[maka'ʃera]	/maka'ʃera ⁺ /
Total de ocorrências: 02		
Total de léxicos: 02		

Fonte: autora.

Quadro 76 - Ocorrências de Monotongaço (Ditongo EI)-falante JLFDS

JLFDS		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
Buraqueira	[bura'kera]	/bura'kera ⁺ /
Total de ocorrências: 01		
Total de léxicos: 01		

Fonte: autora.

Quadro 77 - Ocorrências de Monotongaço (Ditongo EI)-falante SG

SG		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
Macaxeira	[maka'ʃera]	/maka'ʃera ⁺ /
Fogueira	[fo'gera]	/fo'gera ⁺ /
Brincadeira (2 vezes)	[brĩ_ka'dea]	/briN_ka'dea ⁺ /
Total de ocorrências: 04		
Total de léxicos: 03		

Fonte: autora.

Quadro 78 - Ocorrências de Monotongaço (Ditongo EI)-falante MFDS

MFDS		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
Macaxeira	[maka'ʃera]	/maka'ʃera ⁺ /
Barreiro	[ba'heru]	/ba'heru ⁺ /
Brincadeira (2 vezes)	[brĩka'dera]	/briNka'dera ⁺ /
Total de ocorrências: 04		
Total de léxicos: 03		

Fonte: autora.

Quadro 79 - Ocorrências de Monotongação (Ditongo EI)-falante MWFDS

MWFDS		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
Macaxeira	[maka'fɛra]	/maka'fɛra [↓] /
Total de ocorrências: 01		
Total de léxicos: 01		

Fonte: autora.

Quadro 80 - Ocorrências de Monotongação (Ditongo EI)-falante NCCDS

NCCDS		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
Macaxeira	[maka'fɛra]	/maka'fɛra [↓] /
Total de ocorrências: 01		
Total de léxicos: 01		

Fonte: autora.

Quadro 81 - Ocorrências de Monotongação (Ditongo EI)-falante RAE

RAE		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
Macaxeira	[maka'fɛra]	/maka'fɛra [↓] /
Brincadeira	[brĩka'dɛra]	/brĩNka'dɛra [↓] /
Cheia	['ʃɛa]	/'ʃɛa [↓] /
Janeiro	[ʒã'neru]	/ʒaN'neru [↓] /
Total de ocorrências: 04		
Total de léxicos: 04		

Fonte: autora.

Quadro 82 - Ocorrências de Monotongação (Ditongo EI)-falante MDDDC

MDDDC		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
Macaxeira (2 vezes)	[maka'fɛra]	/maka'fɛra [↓] /
Fogueira	[fo'gɛra]	/fo'gɛra [↓] /
Financeira	[finã'sɛra]	/finaN'sɛra [↓] /
Total de ocorrências: 04		
Total de léxicos: 03		

Fonte: autora.

Quadro 83 - Ocorrências de Monotongaço (Ditongo EI)-falante REDS

REDS		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
Maneira	[mã'nera]	/maN'nera [↓] /
Total de ocorrências: 01		
Total de léxicos: 01		

Fonte: autora.

Quadro 84 - Ocorrências de Monotongaço (Ditongo EI)-falante JRCDS

JRCDS		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
X	X	X
Total de ocorrências: 00		
Total de léxicos: 00		

Fonte: autora.

c) Ditongo IU

Quadro 85 - Ocorrências de Monotongaço (Ditongo IU)-falante ALDS

ALDS		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
Difícil	[di'fis]	/di'fis [↓] /
Meio	['mej]	/'mej [↓] /
Total de ocorrências: 02		
Total de léxicos: 02		

Fonte: autora.

Quadro 86 - Ocorrências de Monotongaço (Ditongo IU)-falante JADS

JADS		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
Negócio	[ne'gɔsu]	/ne'gɔsu [↓] /
Fácil	['fas]	/'fas/
Total de ocorrências: 02		
Total de léxicos: 02		

Fonte: autora.

Quadro 87 - Ocorrências de Monotongaço (Ditongo IU)-falante JFDS

JFDS		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
X	X	X
Total de ocorrências: 00		
Total de léxicos: 00		

Fonte: autora.

Quadro 88 - Ocorrências de Monotongação (Ditongo IU)-falante JLFDS

JLFDS		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
Cheio	[ˈʃej]	/ˌʃej˥˥/
Total de ocorrências: 01		
Total de léxicos: 01		

Fonte: autora.

Quadro 89 - Ocorrências de Monotongação (Ditongo IU)-falante SG

SG		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
Meio	[ˈmej]	/ˈmej˥˥/
Total de ocorrências: 01		
Total de léxicos: 01		

Fonte: autora.

Quadro 90 - Ocorrências de Monotongação (Ditongo IU)-falante MFDS

MFDS		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
Difícil (2 vezes)	[diˈfisi]	/diˈfisi˥˥/
Silêncio	[siˈlẽsu]	/siˈlẽNsu˥˥/
Total de ocorrências: 03		
Total de léxicos: 02		

Fonte: autora.

Quadro 91 - Ocorrências de Monotongação (Ditongo IU)-falante MWFDS

MWFDS		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
Negócio assim	[neˈgɔsasi]	/neˈgɔsasi˥˥/
Total de ocorrências: 01		
Total de léxicos: 01		

Fonte: autora.

Quadro 92 - Ocorrências de Monotongação (Ditongo IU)-falante NCCDS

NCCDS		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
Balaio	[baˈlaj]	/baˈlaj˥˥/
Total de ocorrências: 01		
Total de léxicos: 01		

Fonte: autora.

Quadro 93 - Ocorrências de Monotongação (Ditongo IU)-falante RAE

RAE		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
Salário	[,sa'laru]	/ ,sa'laru [↓] /
Total de ocorrências: 01		
Total de léxicos: 01		

Fonte: autora.

Quadro 94 - Ocorrências de Monotongação (Ditongo IU)-falante MDDDC

MDDDC		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
Salário	[,sa'laru]	/ ,sa'laru [↓] /
Total de ocorrências: 01		
Total de léxicos: 01		

Fonte: autora.

Quadro 95 - Ocorrências de Monotongação (Ditongo IU)-falante REDS

REDS		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
Difícil	[di'fisi]	/di'fisi [↓] /
Total de ocorrências: 01		
Total de léxicos: 01		

Fonte: autora.

Quadro 96 - Ocorrências de Monotongação (Ditongo IU)-falante JRCDS

JRCDS		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
X	X	X
Total de ocorrências: 00		
Total de léxicos: 00		

Fonte: autora.

d) Ocorrências raras

Quadro 97 - Ocorrências de Monotongação (Ditongo UA e tritongo UAU)-falante ALDS

ALDS		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
Quando	['kõdu]	/ 'koNdu [↓] /
Qualquer	[,ka'kε]	/ ,ka'kε [↑] /
Total de ocorrências: 02		
Total de léxicos: 01		

Fonte: autora.

Quadro 98 - Ocorrências de Monotongaço (ocorrências raras)-falante JADS

JADS		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
X	X	X
Total de ocorrências: 00		
Total de léxicos: 00		

Fonte: autora.

Quadro 99 - Ocorrências de Monotongaço (ocorrências raras)-falante JFDS

JFDS		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
X	X	X
Total de ocorrências: 00		
Total de léxicos: 00		

Fonte: autora.

Quadro 100 - Ocorrências de Monotongaço (ocorrências raras)-falante JLFDS

JLFDS		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
X	X	X
Total de ocorrências: 00		
Total de léxicos: 00		

Fonte: autora.

Quadro 101 - Ocorrências de Monotongaço (ocorrências raras)-falante SG

SG		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
X	X	X
Total de ocorrências: 00		
Total de léxicos: 00		

Fonte: autora.

Quadro 102 - Ocorrências de Monotongaço (ocorrências raras)-falante MFDS

MFDS		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
X	X	X
Total de ocorrências: 00		
Total de léxicos: 00		

Fonte: autora.

Quadro 103 - Ocorrências de Monotongação (ocorrências raras)-falante MWFDS

MWFDS		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
X	X	X
Total de ocorrências: 00		
Total de léxicos: 00		

Fonte: autora.

Quadro 104 - Ocorrências de Monotongação (ocorrências raras)-falante NCCDS

NCCDS		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
X	X	X
Total de ocorrências: 00		
Total de léxicos: 00		

Fonte: autora.

Quadro 105 - Ocorrências de Monotongação (ocorrências raras)-falante RAE

RAE		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
X	X	X
Total de ocorrências: 00		
Total de léxicos: 00		

Fonte: autora.

Quadro 106 - Ocorrências de Monotongação (ocorrências raras)-falante MDDDC

MDDDC		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
X	X	X
Total de ocorrências: 00		
Total de léxicos: 00		

Fonte: autora.

Quadro 107 - Ocorrências de Monotongação (ocorrências raras)-falante REDS

REDS		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
X	X	X
Total de ocorrências: 00		
Total de léxicos: 00		

Fonte: autora.

Quadro 108 - Ocorrências de Monotongação (ocorrências raras)-falante JRCDS

JRCDS		
Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
X	X	X
Total de ocorrências: 00		
Total de léxicos: 00		

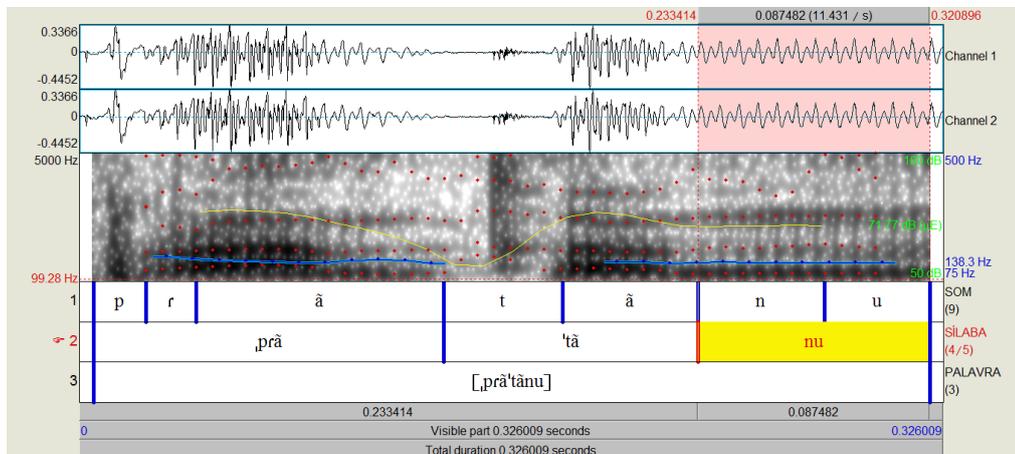
Fonte: autora.

4.2 ESTUDO FONÉTICO EXPERIMENTAL NO PRAAT

4.2.1 Supressões fonéticas - casos de Apócope

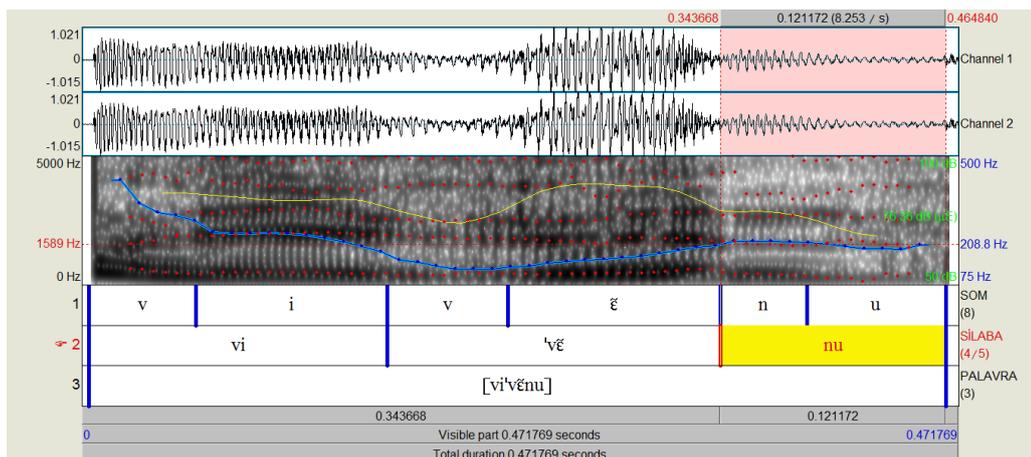
a) Apócope – Verbos no gerúndio

Imagem 10 - Falante ALDS – pronúncia fonética da palavra plantando



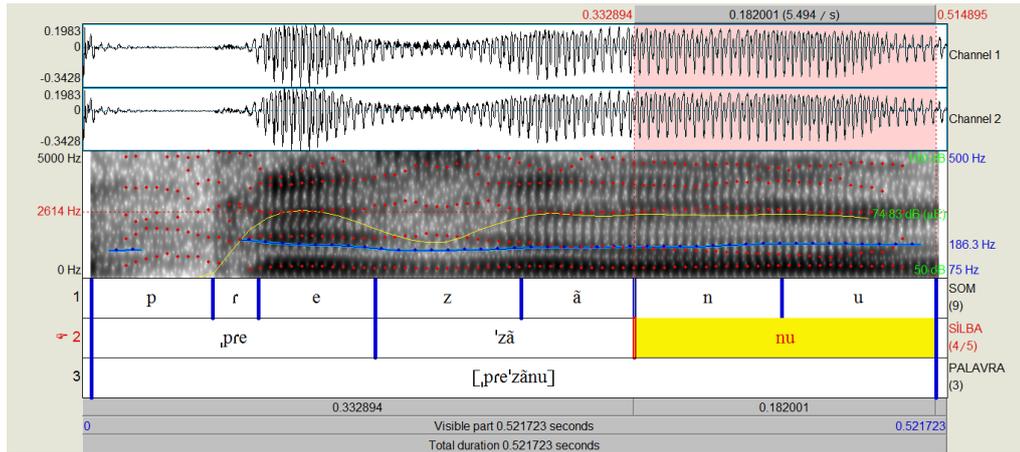
Fonte: autora.

Imagem 11 - Falante JADS – pronúncia fonética da palavra vivendo



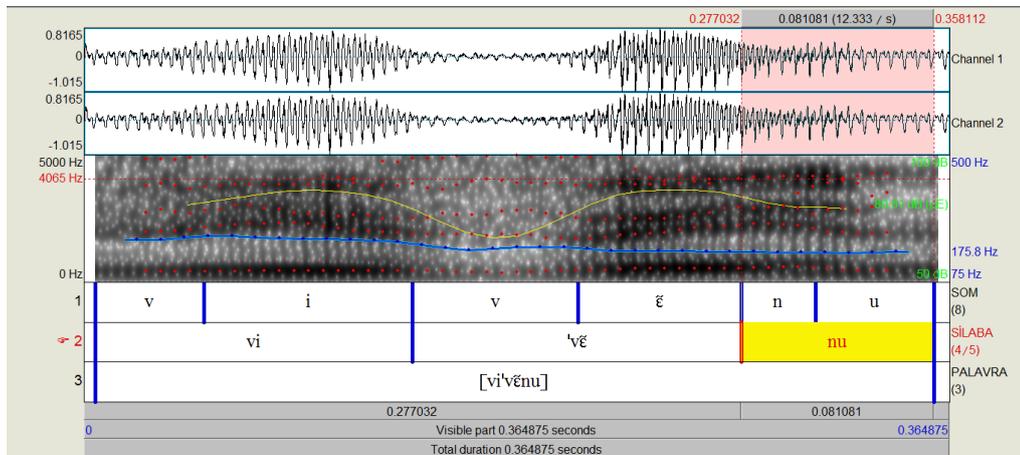
Fonte: autora

Imagem 12 - Falante SG – pronúncia fonética da palavra precisando



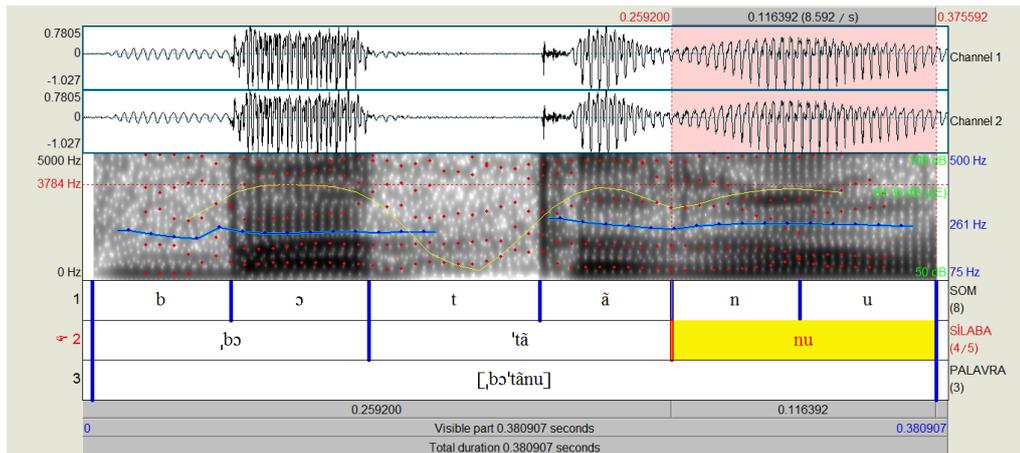
Fonte: autora

Imagem 13 - Falante MFDS – pronúncia da palavra vivendo



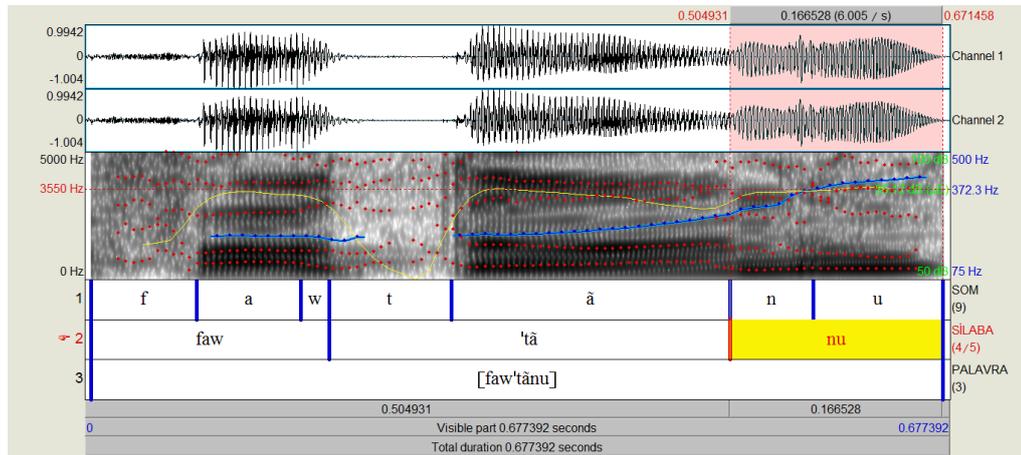
Fonte: autora.

Imagem 14 - Falante MWFDS – pronúncia da palavra botando



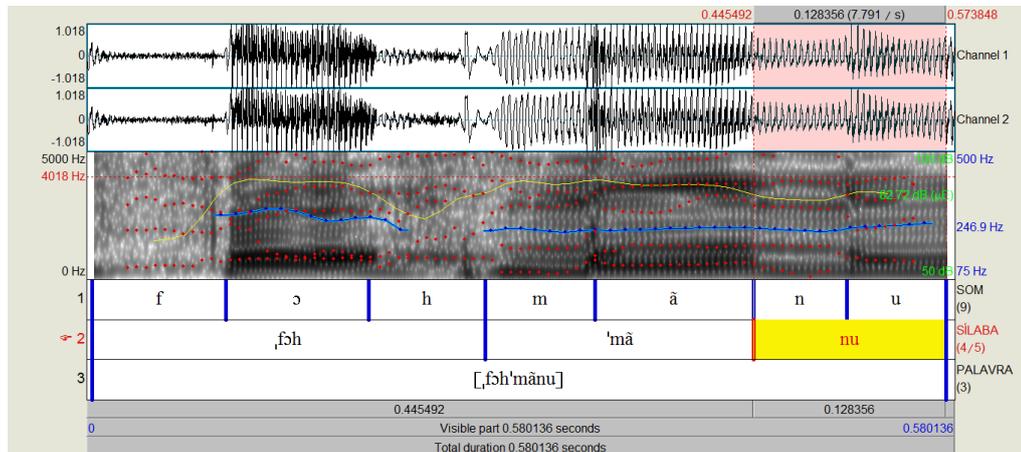
Fonte: autora.

Imagem 15 - Falante RAE – pronúncia da palavra faltando



Fonte: autora.

Imagem 16 - Falante MDDDC – pronúncia da palavra formando



Fonte: autora.

As imagens referentes aos verbos no gerúndio revelam um processo de apagamento do fonema \d\. Tal constatação é comprovada através do PRAAT, a partir dos conhecimentos prévios sobre o programa, posto que é verificável a ausência da oclusiva alveolar\dental vozeada.

De acordo com Jakobson e Halle (1980), conforme citado por Masip (2014), o fonema \d\ é um som consonantal, sonoro e agudo. Isso implica dizer que, ao articular o som, nos deparamos com obstáculos, com a cavidade bucal dividida e com cordas vocais que vibram. Acusticamente, o espectro é marcado por áreas de não ressonância (destaque branco na parte

elevada do espectro) e pelo destaque na parte inferior do espectro (pequena faixa cinza-escuro).

Chomsky e Halle (1979), citado por Masip (2014), caracterizam o fonema \d\ como um som consonantal, coronal, anterior e sonoro. O fonema \d\ é, portanto, um som marcado por obstrução, com o dorso ou ápice da língua como articulador ativo, com produção localizada na parte anterior da boca e com participação intensa das cordas vocais.

De acordo com Barbosa e Madureira (2015), as consoantes oclusivas.

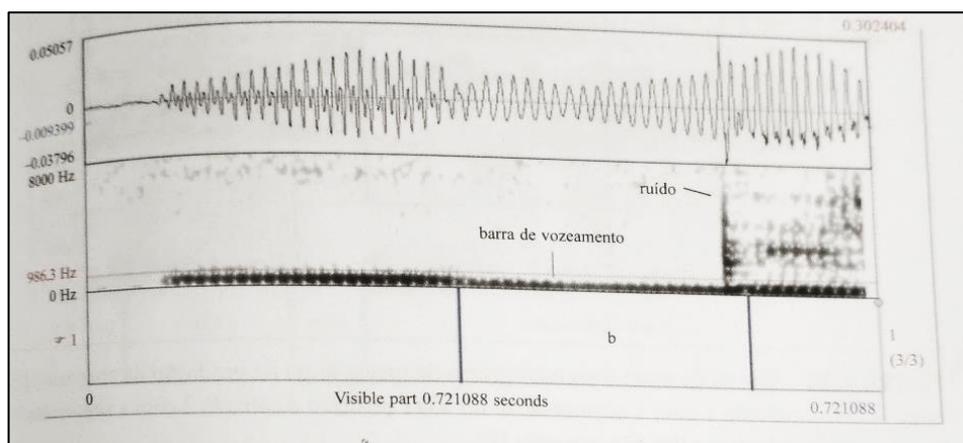
[...] São sons caracterizados articulatoriamente por uma obstrução total, formada pelo contato entre articuladores, o que impede a passagem da corrente de ar, seguida de liberação momentânea dessa corrente, o que ocasiona uma plosão. Acusticamente, o efeito de obstrução na produção dos sons não vozeados é o silêncio e o da liberação da corrente de ar o ruído transiente (plosão). No caso das oclusivas vozeadas, o intervalo correspondente à obstrução aparece preenchido por barra de vozeamento, que é o resultado acústico provocado pela vibração das pregas vocais [...] (BARBOSA e MADUREIRA, 2015, p.173).

Em conformidade com o que foi explanado anteriormente, o encontro do articulador passivo e ativo na produção de uma oclusiva causa um bloqueio na passagem de ar encaminhada para a cavidade oral. O ar encontra um bloqueio breve e rapidamente é liberado, por isso a presença de uma pequena explosão¹³⁸ sonora. No PRAAT, a caracterização acústica desse modo de articulação é o espaço branco¹³⁹ e um pequeno ruído ou barra de explosão. “A barra de explosão é uma faixa vertical no espectrograma que representa o momento em que a passagem do ar é desobstruída da cavidade oral” (CAVALCANTE, SILVA e RASO, 2015, p.11). Quando as oclusivas são vozeadas, o espectrograma apresenta uma barra cinza-escuro na parte inferior.

¹³⁸ “Tipicamente, a explosão não dura mais do que 5 a 40 ms. É um dos mais curtos eventos acústicos que são comumente analisados na fala [...]” (KENT e READ, 2015, p. 230).

¹³⁹ “Presença de zonas de não ressonância no espectro” (MASIP, 2014, p.135). Conforme a qualidade acústica do som coletado, o espaço concernente às oclusivas podem variar entre branco e cinza-claro.

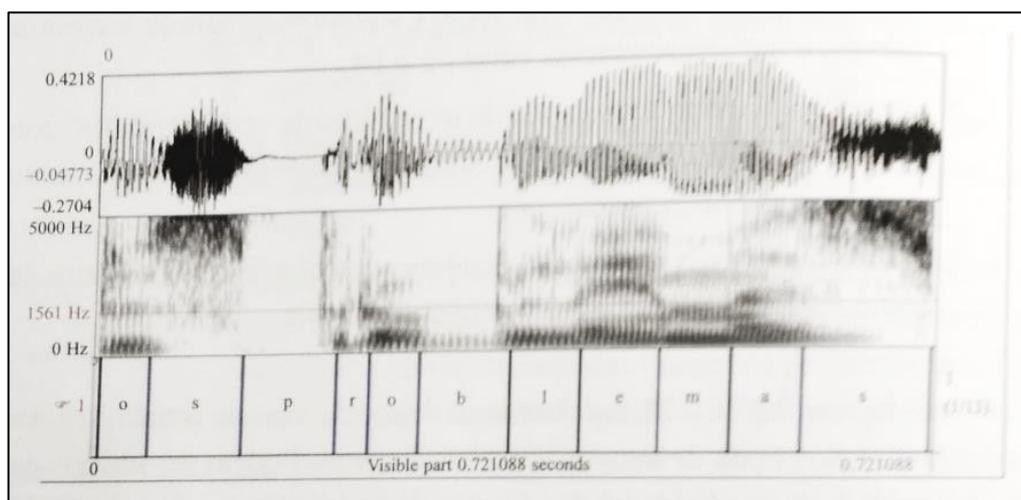
Imagem 17 - Barra de vozeamento – fonema \d\



Fonte: Barbosa e Madureira (2015, p.173).

A imagem 17 apresenta de modo claro a barra de vozeamento do fonema \b\ (barra cinza-escuro na parte baixa do espectro). Apresenta, também, o espaço branco típico das oclusivas, causado pelo encontro dos articuladores e obstrução da passagem de ar. Além disso, é nítida a pequena faixa vertical (faixa cinza-escuro, representante do ruído pós-plosivo) mencionada por Barbosa e Madureira (2015); Cavalcante, Silva e Raso (2015).

Imagem 18 - Fonema oclusivo vozeado e desvozeado



Fonte: Barbosa e Madureira (2015, p. 172).

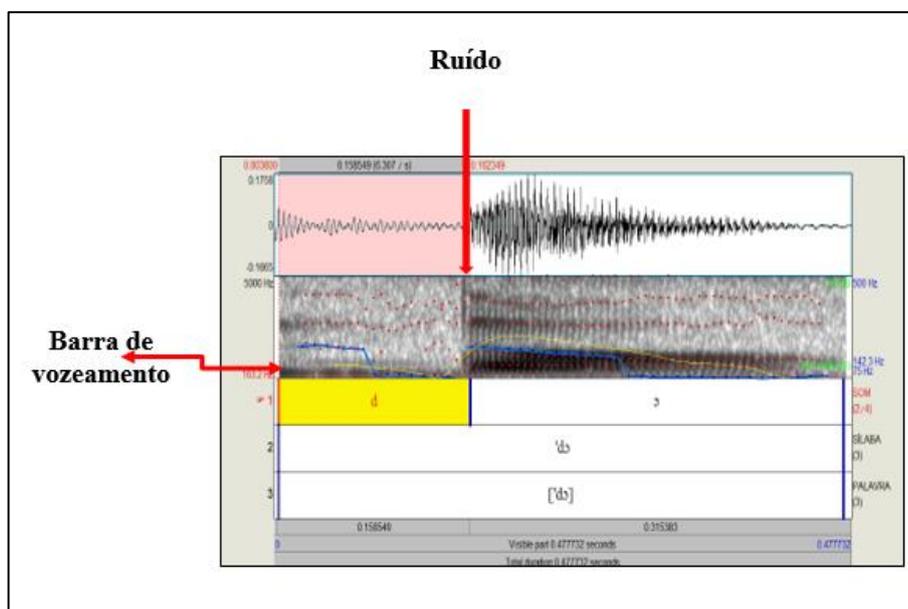
Conforme a imagem acima, a noção distintiva entre sons plosivos vozeados e não vozeados é melhor apreendida. Na referida palavra, o fonema /p/ é caracterizado por um

espaço branco no espectro e pela ausência da barra cinza-escuro na parte baixa do espectro. Essa característica nos leva a classificá-la como oclusiva desvozeada.

O fonema /b/ também é caracterizado pelo espaço branco no espectro, todavia, ele difere do fonema /p/ quanto à vibração das cordas vocais, representada acusticamente pela barra de vozeamento.

O mesmo processo do fonema /b/ acontece com o fonema /d/ dos verbos no gerúndio, isto é, ele também é caracterizado pelo espaço branco¹⁴⁰ das oclusivas e barra cinza-escuro das vozeadas. Vale acrescentar a pequena faixa vertical referente ao ruído produzido pela liberação do ar.

Imagem 19 -¹⁴¹Trecho acústico da última sílaba da palavra vivendo



Fonte: autora.

As terminações verbais no gerúndio, em nenhum dos casos coletados na pesquisa, são marcadas pelo espaço branco das oclusivas ou pela pequena faixa de ruído, contudo, em todos os casos, há barra de vozeamento. Como explicar tal representação?

A princípio, a nossa percepção auditiva nos leva a crer que a terminação “ndo” dos verbos no gerúndio sofrem as seguintes alterações:

- O fonema /n/ entra em conflito com o fonema /d/, num processo de assimilação;

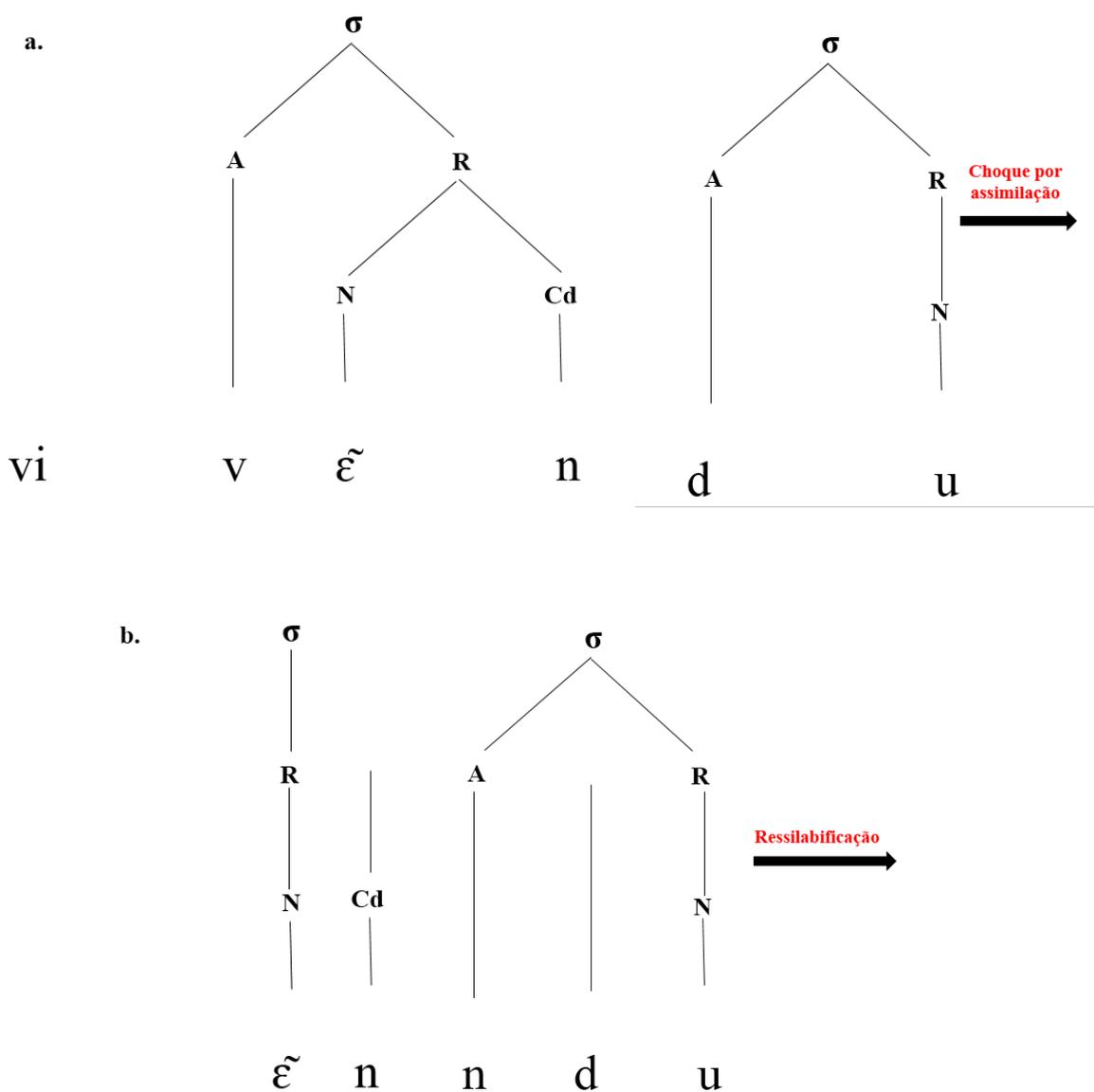
¹⁴⁰ Devido aos ruídos externos, a oclusiva nesse exemplo é apresentada numa tonalidade cinza-claro.

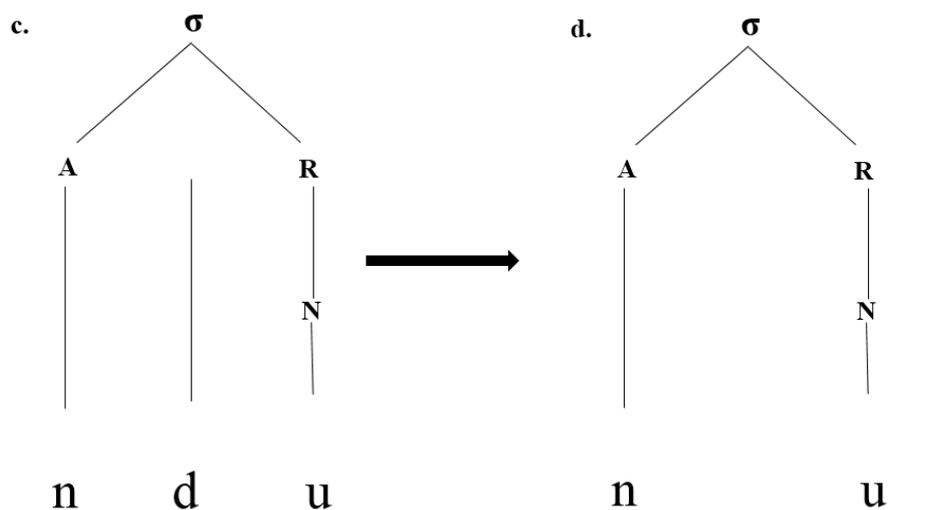
¹⁴¹ Os dados sonoros desse registro foram produzidos pela própria autora, visto que, é um exemplo que se contrapõe aos dados encontrados na fala dos doze informantes.

- O fonema /d/ é apagado;
- O fonema /n/ assume a posição de ataque da sílaba seguinte.

A Teoria da Sílaba e a Geometria dos Traços possibilita a representação desse processo de supressão.

Diagrama 10 - Representação do fonema de supressão – verbo “vivendo”





Fonte: autora.

O item (a)¹⁴² do diagrama mostra o sistema arbóreo base dos fonemas (palavra “vivendo”). O item (b)¹⁴³ apresenta a ocorrência de um choque entre o fonema /n/, em posição de coda, e o fonema /d/, em posição de ataque da sílaba seguinte. O item (c)¹⁴⁴ revela o resultado do choque anterior entre as duas consoantes: o fonema /n/ que antes flutuava devido à perda do nó raiz, agora é acoplado a raiz seguinte em posição de ataque e /d/, por conseguinte é apagado (item d¹⁴⁵), tendo em vista que a estrutura do Português brasileiro não permite fonemas oclusivos em posição de segunda¹⁴⁶ consoante do ataque silábico.

O choque do qual falamos se refere a um processo conhecido como assimilação, que consiste numa força “[...] que tenta fazer com que dois sons diferentes, mas com algum parentesco, se tornem iguais, semelhantes” (BAGNO, 2008, p. 77).

Em Saussure (2012), os fonemas nasais são classificados dentro do campo das oclusivas; em Jakobson e Halle (1980), as consoantes nasais apresentam uma classificação própria que se opõe as consoantes orais; em Chomsky e Halle (1979), os fonemas nasais opõem-se as oclusivas no critério nasal e soante. Nos procedimentos metodológicos (tópico 3.2.1), os fonema /n/ e /d/ compartilham o mesmo lugar de articulação (alveolar/dental) e a mesma caracterização quanto à laringe (ambos são sons sonoros\vozeados). Isso torna possível o processo de assimilação mencionado por Bagno (2008).

¹⁴² Página 161.

¹⁴³ Página 161.

¹⁴⁴ Página 162.

¹⁴⁵ Página 162.

¹⁴⁶ Conforme Bisol (1999), a posição de segundo ataque no Português brasileiro é restrita ao fonema [r] e [l], enquanto no primeiro ataque é possível os fonemas [p, t, k, b, d, g, f].

A escala de sonoridade também nos permite explicar porque tal estrutura arbórea se apresenta desse modo, isto é, porque o apagamento se efetua no fonema /d/ e não no fonema/n/. A escala determina que a palavra é constituída por um ápice silábico e por sílabas anteriores crescentes e sílabas posteriores decrescentes progressivamente.

Na escala, os fonemas oclusivos são dotados de “0” em sonoridade, em contraponto, os fonemas nasais são dotados de sonoridade “1”. Isso nos leva a concluir que a tendência é o apagamento do fonema com menor nível de sonoridade em sílabas posteriores ao ápice silábico, por isso a preservação do fonema/n/ e supressão do fonema /d/.

De modo mais detalhado, Jakobson e Halle (1980), conforme citado por Masip (2014), classificam o fonema \n\ como um som nasal, consonantal, contínuo, agudo e sonoro. É um som produzido com obstrução, com o abaixamento do véu palatino, com o não “fechamento do aparelho fonador” (MASIP, 2015, p.177) e com a vibração das cordas vocais.

Acusticamente, temos um som com áreas de não ressonância, com formantes na parte baixa do espectro, com “aparição de zonas de formantes em determinadas frequências” (MASIP, 2014, p.135), com registro alto do Pitch no espectro e com ausência de total silêncio no espectro.

Chomsky e Halle (1979, apud Masip, 2014), classificam o fonema \n\ como um som soante, consonantal, coronal, anterior, distribuído, nasal e sonoro. Isso implica dizer que estamos diante de um som produzido com obstáculos, articulado com o ápice ou dorso da língua na parte anterior da boca, com um encontro longo entre os articuladores e com intensa participação das cordas vocais.

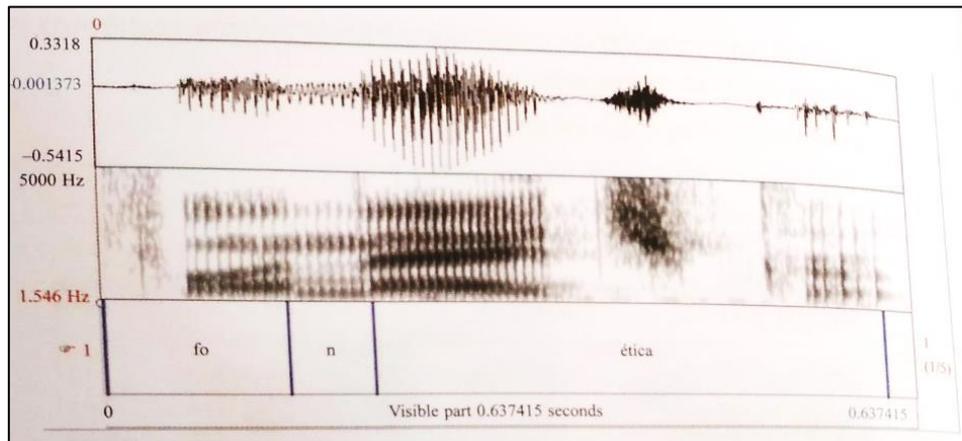
As consoantes nasais são sons produzidos com obstrução total entre os articuladores na cavidade bucal e com abaixamento do véu palatino, o que proporciona uma passagem livre para a corrente de ar através da cavidade nasal. Por suas características anatômicas, a cavidade nasal favorece, na produção dos sons consonânticos nasais, o amortecimento, ou seja, a diminuição de energia em determinadas frequências. Essa consequência acústica, chamada de antirressonância, caracteriza o espectro nasal. A forma da onda apresenta menos amplitude do que os sons vocálicos e há predominância de energia no primeiro formante: primeiro formante com intensidade forte e demais formantes com fraca intensidade (BARBOSA e MADUREIRA, 2015, p. 177).

As consoantes nasais, assim como os sons oclusivos, são constituídas a partir de uma obstrução breve que impede a passagem livre do ar pela cavidade oral; contudo, a interrupção breve não é seguida de uma explosão nos sons consonantais marcados pela nasalidade, já que o ar interrompido não é, após o bloqueio, liberado pela cavidade oral. Isso por que, ao

contrário das oclusivas orais que se configuram com a úvula levantada, os sons nasais são configurados com a úvula abaixada. Tal configuração faz com que a passagem do ar passe apenas pela cavidade nasal.

Acusticamente, a cavidade nasal provoca um efeito de queda de energia em algumas frequências. As ondas são menos amplas que as vogais e o primeiro formante mais intenso que os demais.

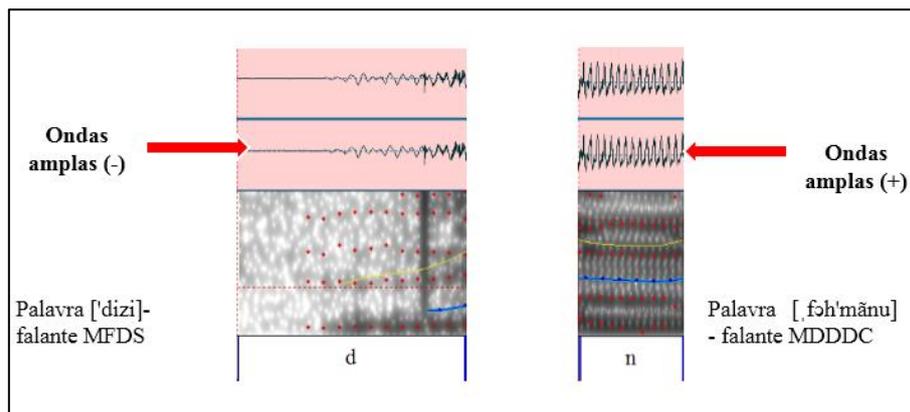
Imagem 20 - Exemplo acústico do fonema nasal /n/



Fonte: Barbosa e Madureira (2015, p.178).

Na imagem acima, é notável a complexidade distintiva entre as vogais e o fone [n], dado a semelhança que há entre ambos. Todavia, uma observação mais profunda destacará a menor amplitude das ondas sonoras do fone [n] (fonética), se comparado aos fones vocálicos (fonética); destacará, também, a maior amplitude do fone [n], se comparado aos fones (fonética) oclusivos.

Imagem 21 - Diferença entre as ondas sonoras da oclusiva [d] e da nasal [n]



Fonte: autora.

Nos dados coletados¹⁴⁷ no Sítio Arisco não é tão perceptível a distinção entre o som nasal [n] e os sons vocálicos, devido ao contexto silábico das palavras proferidas, isto é, a diferença na amplitude das ondas sonoras vocálicas e nasais não estão num grande nível de dessemelhança devido à posição silábica do som vocálico [u].

Como já foi visto anteriormente, o ápice silábico (intensidade) do Português ocorre geralmente na penúltima sílaba. Por conseguinte, a sílaba seguinte tende a decrescer conforme o Princípio de Sequência de Sonoridade, já que desempenha a função de margem silábica. Diante disso, as ondas sonoras do fonema [u] em posição átona são menos amplas do que em posição tônica. Consequentemente, a distinção entre o fonema [u] e o fonema [n] são menos acentuadas.

Vale acrescentar um segundo parâmetro mencionado por Barbosa e Madureira (2015): a antirressonância.

A antirressonância consiste no enfraquecimento de energia de algumas frequências, exceto a frequência do primeiro formante¹⁴⁸. Nos casos coletados no Sítio Arisco, é notável a intensidade do primeiro formante e o enfraquecimento do segundo e\ou terceiro e quarto formante (Imagem 10¹⁴⁹ - Falante ALDS; Imagem 11¹⁵⁰ - Falante JADS; Imagem 12¹⁵¹- Falante SG; Imagem 13¹⁵²- Falante MFDS; Imagem 14¹⁵³- Falante MWFDS; Imagem 15¹⁵⁴- Falante RAE e Imagem 16¹⁵⁵- Falante MDDDC), por meio de um nível degradê de cinza (primeiro formante-cinza mais escuro); segundo formante - cinza menos escuro).

¹⁴⁷ A distinção de amplitude das ondas (fonema nasal x fonema vocálico) se efetua de modo claro na imagem 15 (RAE – Página 157) e na imagem 16 (MDDDC – Página 157).

¹⁴⁸ O primeiro formante da consoante nasal [n] é mais intensa dos que os demais.

¹⁴⁹ Página 155.

¹⁵⁰ Página 156.

¹⁵¹ Página 156. O nível degradê só é mais perceptível a partir do terceiro e quarto formante.

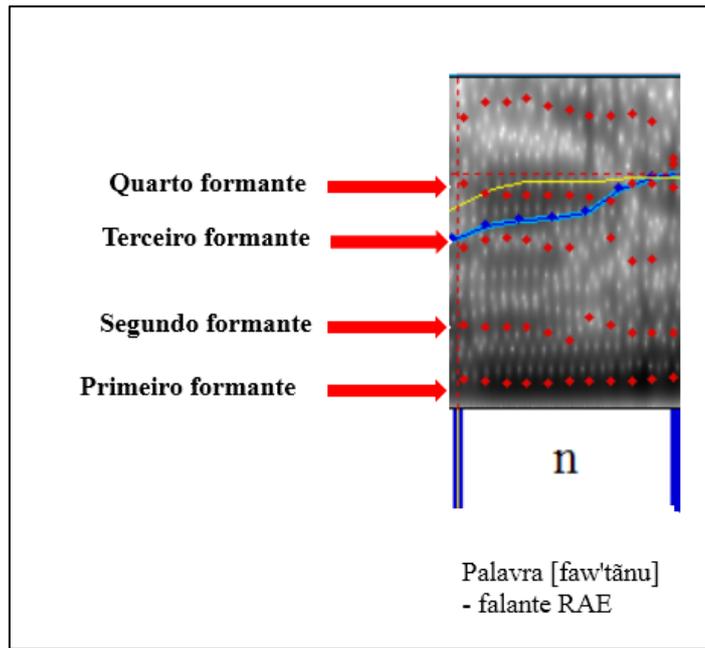
¹⁵² Página 156. O nível degradê é pouco perceptível.

¹⁵³ Página 157. Tons mais claros de cinzas são detectáveis no terceiro e quarto formante.

¹⁵⁴ Página 157. A imagem é um dos exemplos mais nítidos de antirressonância, posto que apenas o primeiro formante é intenso. Os demais apresentam níveis mais claros de energia.

¹⁵⁵ Página 157. A imagem é o exemplo menos nítido de antirressonância, dado que os formantes apresentam tonalidades muito próximas.

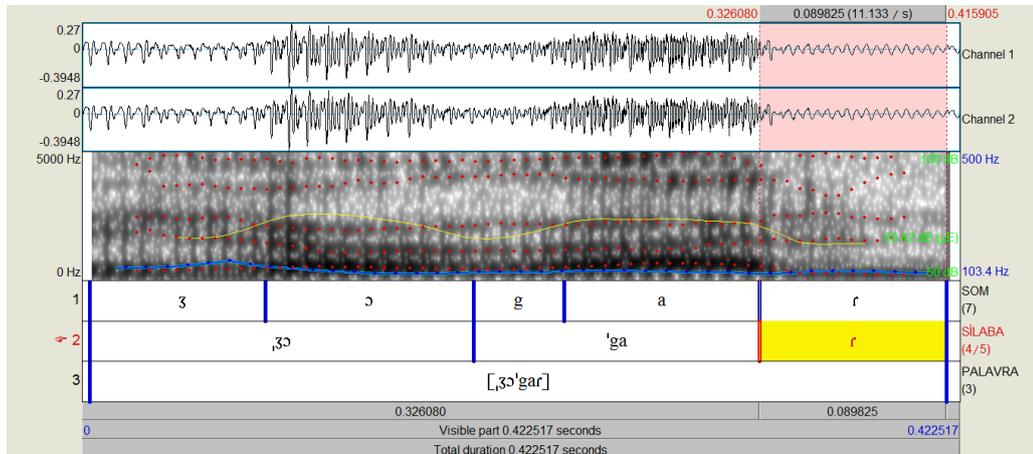
Imagem 22 - Diferenças de energia entre os formantes do som nasal [n]



Fonte: autora.

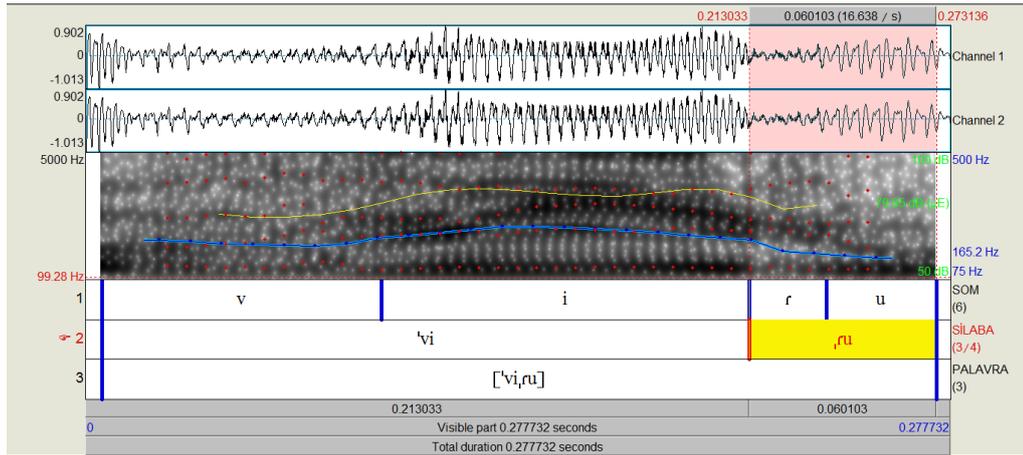
b) Apócope – Verbos na terceira pessoa do plural.

Imagem 23 - Falante ALDS – pronúncia da palavra jogaram.



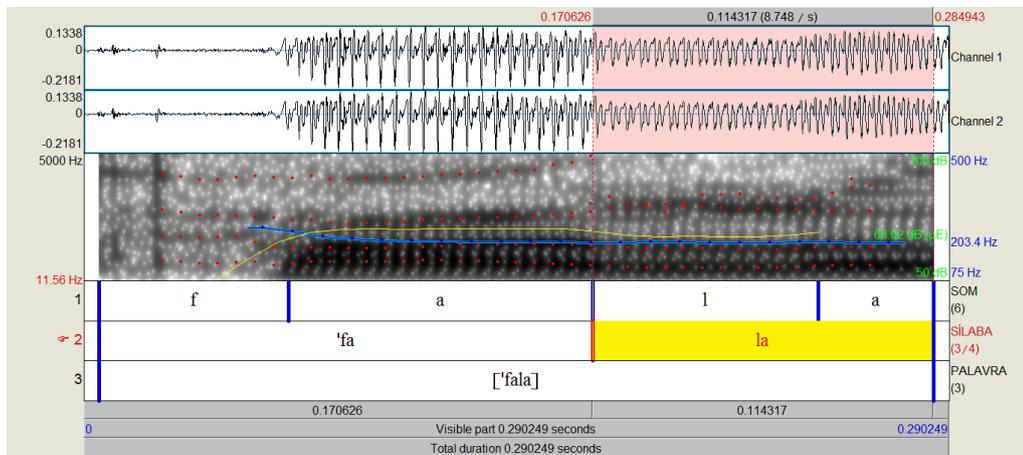
Fonte: autora.

Imagem 24 - Falante JADS – pronúncia da palavra viram



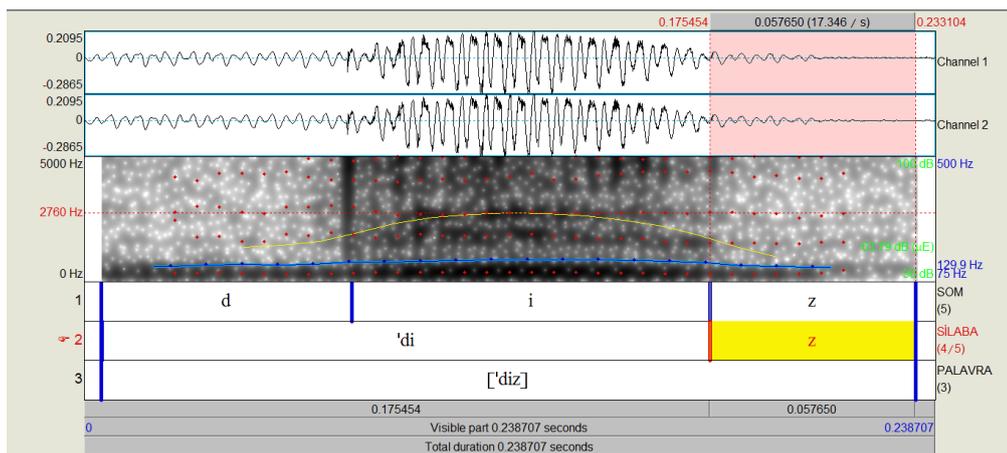
Fonte: autora.

Imagem 25 - Falante JFDS – Pronúncia da palavra falam



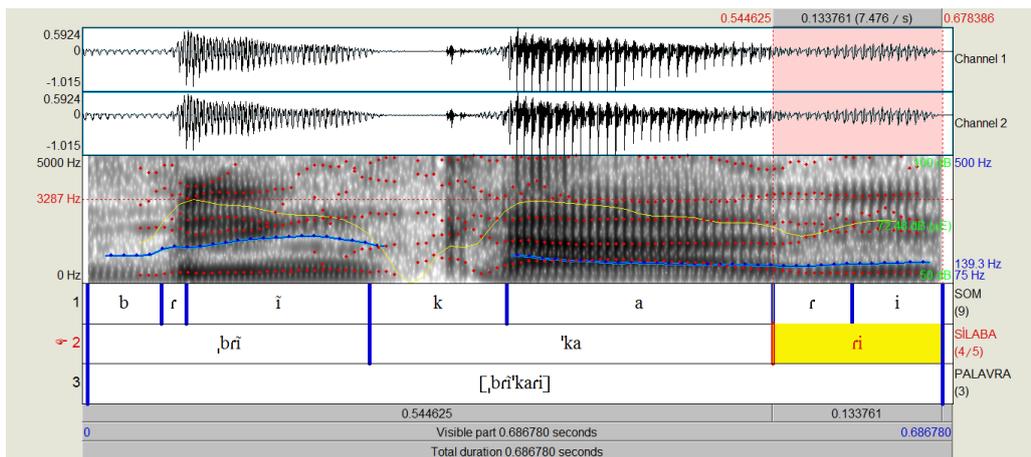
Fonte: autora.

Imagem 26 - Falante JLFDS – Pronúncia da palavra dizem



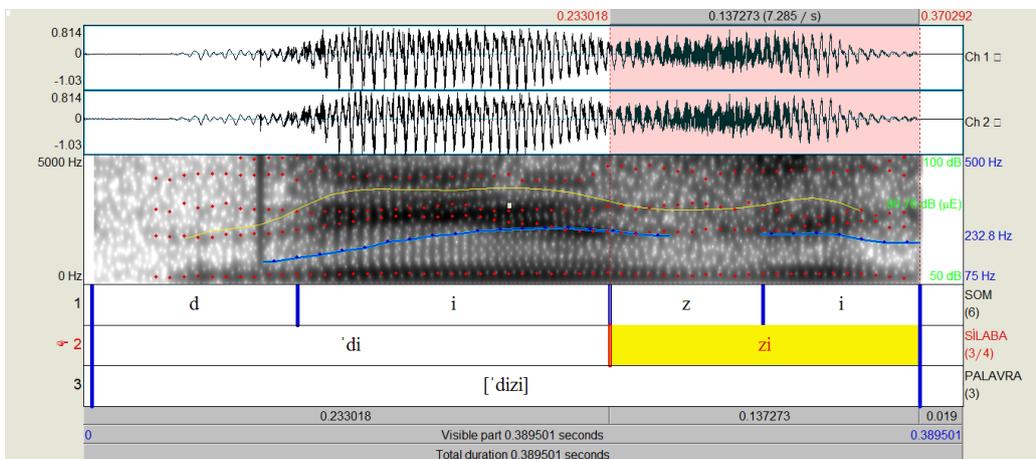
Fonte: autora.

Imagem 27 - Falante SG – Pronúncia da palavra brincarem



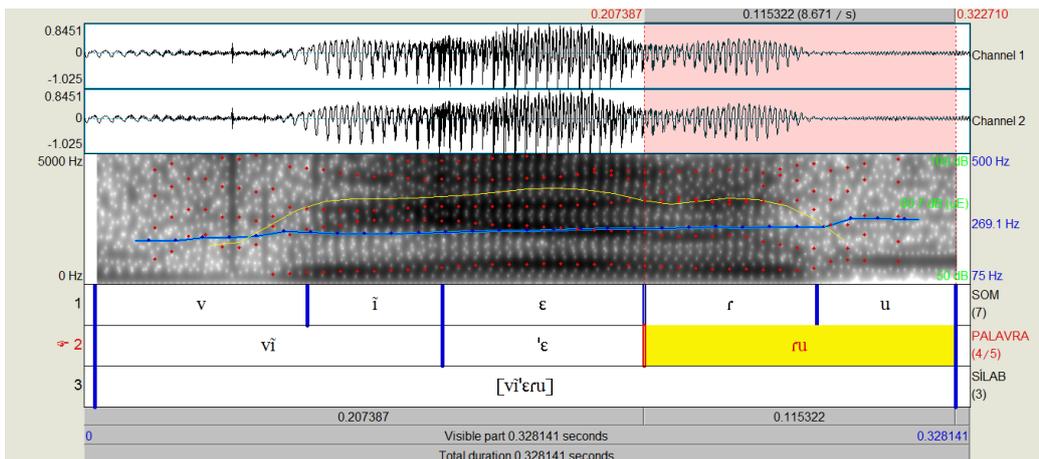
Fonte: autora.

Imagem 28 - Falante MFDS – Pronúncia da palavra dizem



Fonte: autora.

Imagem 29 - Falante MWFDS – Pronúncia da palavra vieram



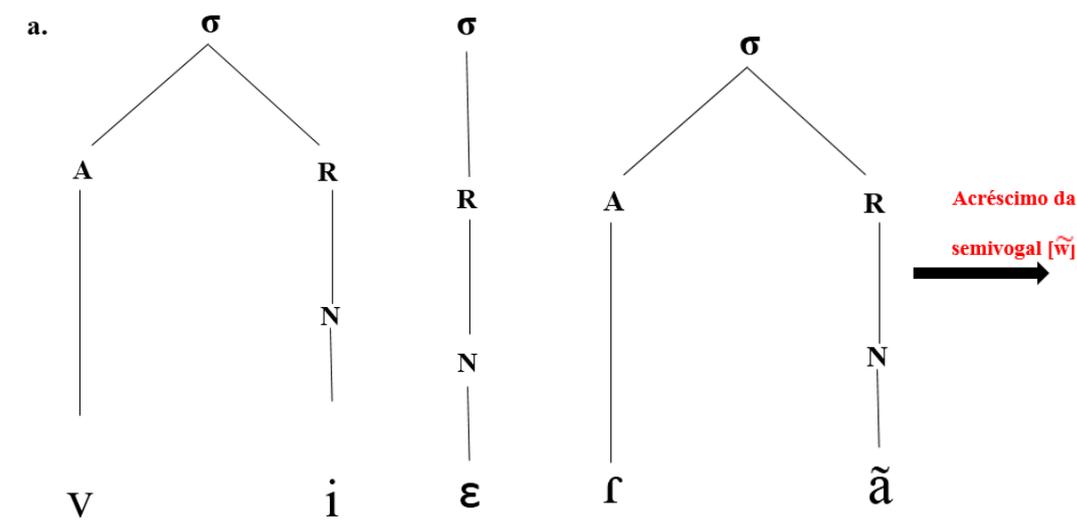
Fonte: autora.

A Apócope em verbos na terceira pessoa do plural, em sua maioria sofre um processo de epêntese¹⁵⁶, já que há, inicialmente, o acréscimo da semivogal [w] ou [j] após os fonemas nasais das palavras *jogaram*, *cantaram*, *plantaram*, etc. Após essa fase de acréscimo, ocorre a supressão propriamente dita, com perda de nasalidade.

A perda de nasalidade é um fenômeno bastante comum nos processos de transformações linguísticas, um fenômeno já existente na língua desde o período arcaico. É o que podemos constatar na obra “A língua de Eulália”, quando Bagno (2008 p. 136) cita termos antigos do Português arcaico: *legumen/legume* - *volumen/volume*, (*cantaram/cantaro-cantaru* em algumas regiões brasileiras).

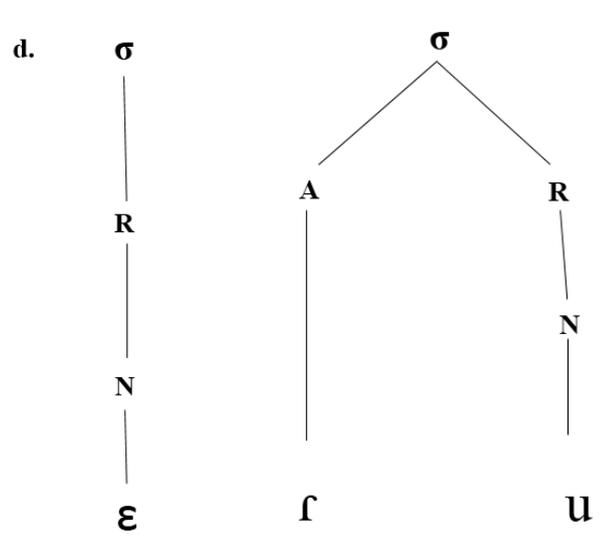
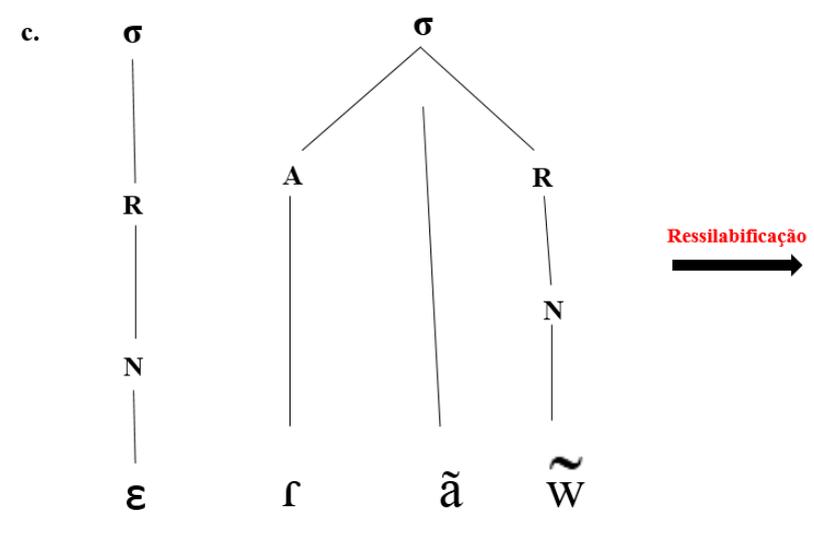
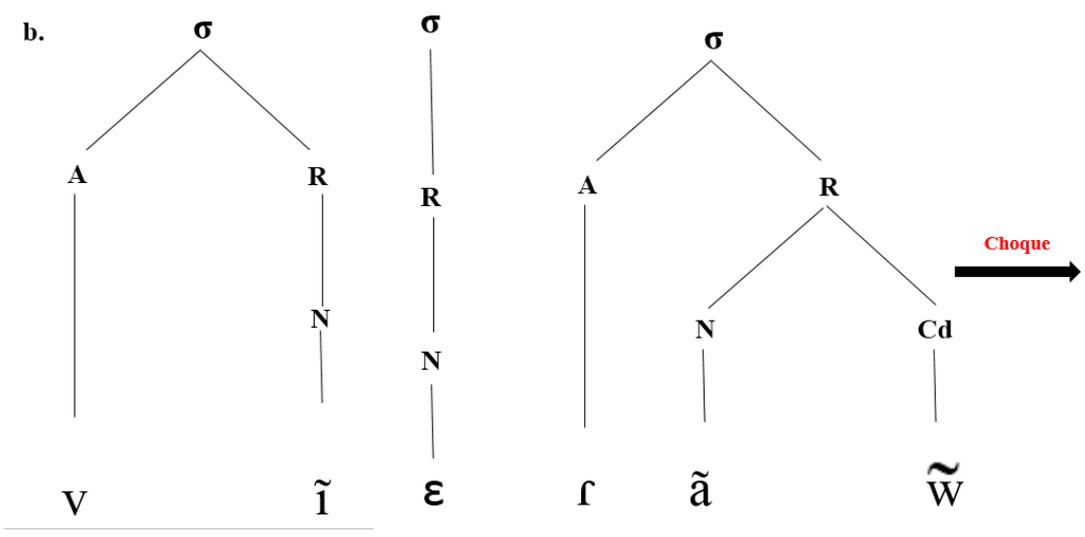
Tomando como exemplo a pronúncia de MWFDS¹⁵⁷ no PRAAT, podemos esquematizar, ancorados na Teoria da Sílabla e na Fonologia Autossegmental, a supressão em verbos na terceira pessoa do plural do seguinte modo:

Diagrama 11 - Representação do fenômeno de supressão – verbo “Vieram”



¹⁵⁶ “[...] É o acréscimo de um segmento sonoro no interior da palavra: *stella* > *estrela*; *humile* > *humilde* [...]” (BAGNO, 2012, p.296).

¹⁵⁷ Imagem 29 (Página 168).



Fonte: autora.

Como é possível notar no sistema arbóreo esquematizado acima, a forma fonética base (a)¹⁵⁸ sofre um acréscimo (b)¹⁵⁹ do segmento nasal [\tilde{w}] que funciona como semivogal (posição de coda da rima silábica). Ainda no item (b), a convivência entre a vogal [ã] e a semivogal [\tilde{w}] entra em conflito, provocando, desse modo, um choque. Tal choque (c)¹⁶⁰ faz com que a vogal [ã] perca o nó raiz e a semivogal [\tilde{w}] assuma a posição de núcleo silábico (d)¹⁶¹ e, conseqüentemente, assuma a posição de vogal nasal [\tilde{u}].

Por fim, a vogal [\tilde{u}] recebe influência do autosegmento oral do fonema [ε], perdendo o seu autosegmento nasal (perda do arquifonema N). Resulta, desses processos, a variante fonética [vĩ'εru], em oposição a [vĩ'erã] ou [vĩ'erã \tilde{w}]. Essa perda de nasalidade, como já foi mencionado anteriormente, é um fenômeno bastante comum na história da língua. Um fenômeno presente no processo de transformação do Latim nas Línguas românicas, presente em outros estágios do Português, como, por exemplo, o Português antigo.

Os mesmos processos, mencionados anteriormente (Imagem 29), são verificáveis na imagem 24 (JADS)¹⁶², 31¹⁶³ (RAE) e 32¹⁶⁴ (MDDDC), contudo, algumas representações se efetuam de modo distinto. Essas são: a imagem 23 (ALDS)¹⁶⁵ e 26 (JLFDS)¹⁶⁶, dado que ocorre, nesses casos, supressões maiores do que nas imagens anteriores. Acreditamos que a rapidez com a qual a pronúncia foi realizada pelos falantes causou a supressão tanto da vogal [ã] quanto da semivogal [\tilde{w}].

A imagem 27 (SG)¹⁶⁷ e 28 (MFDS)¹⁶⁸ diferem da imagem 24, 31 e 32, posto que a supressão efetua-se em fonemas distintos, contudo, o processo é o mesmo. Observe a árvore a seguir, referente a imagem 28 (palavra: dizem).

¹⁵⁸ Página 170.

¹⁵⁹ Página 171.

¹⁶⁰ Página 171.

¹⁶¹ Página 171.

¹⁶² Página 167.

¹⁶³ Página 169.

¹⁶⁴ Página 169.

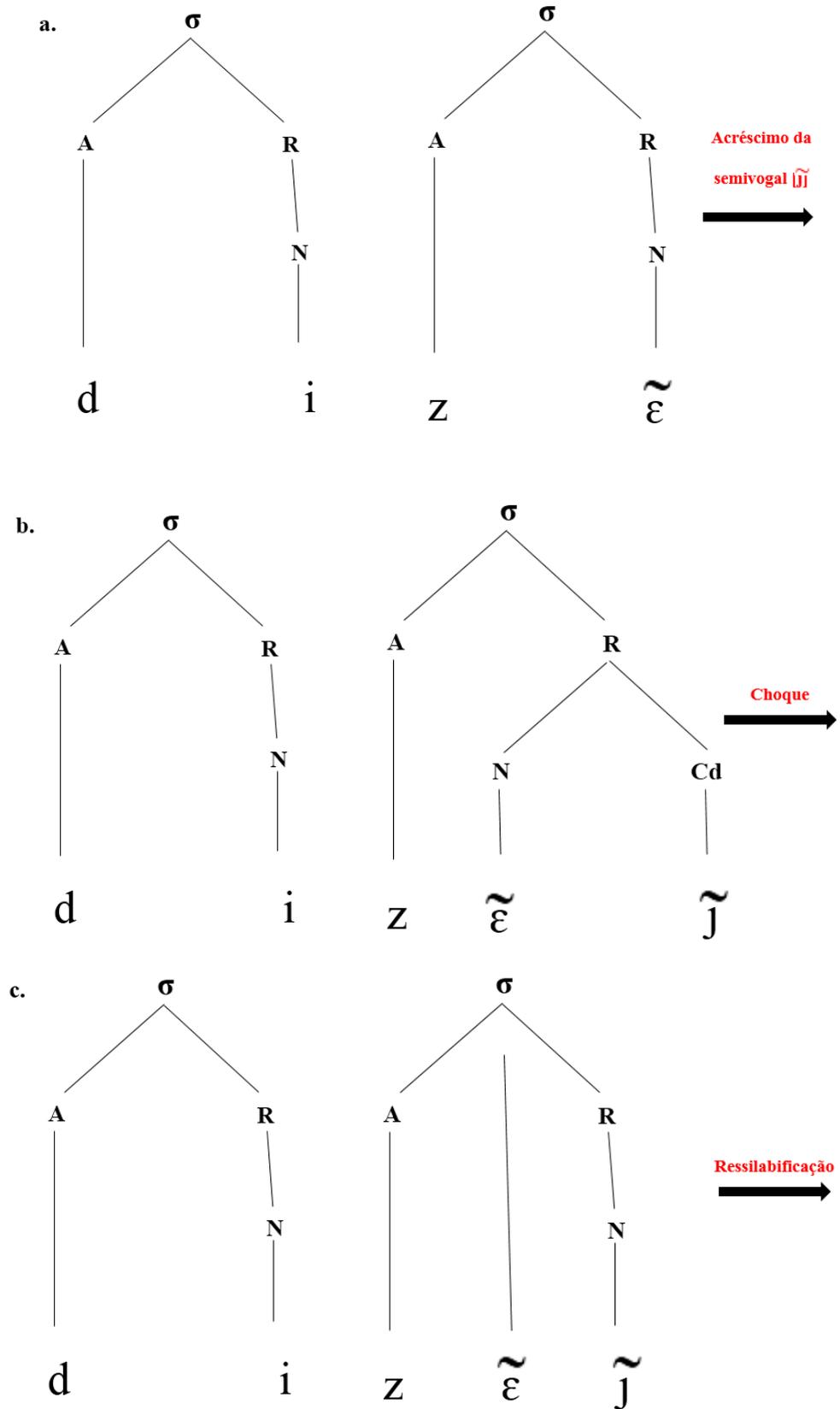
¹⁶⁵ Página 166.

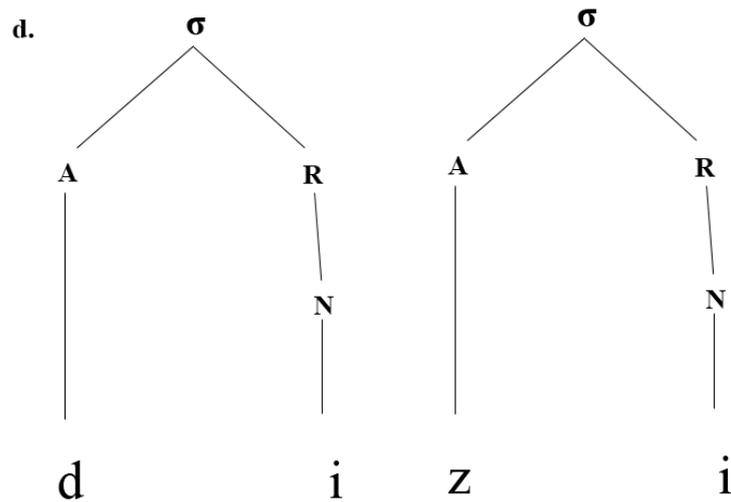
¹⁶⁶ Página 167.

¹⁶⁷ Página 168.

¹⁶⁸ Página 168.

Diagrama 12 - Representação do fenômeno de supressão – verbo “Dizem”





Fonte: autora.

A forma fonética base (a)¹⁶⁹ sofre um acréscimo da semivogal [\tilde{J}] (b)¹⁷⁰, que funciona como coda silábica da rima. A presença da vogal nasal [$\tilde{\epsilon}$] e da semivogal [\tilde{J}] provoca um choque (c)¹⁷¹ que causa a flutuação do segmento nasal [$\tilde{\epsilon}$], pela perda do nó raiz. Após esse momento, o processo de ressilabificação começa a atuar, ao tornar a semivogal [\tilde{J}] em vogal [i] e núcleo da rima silábica (d)¹⁷². Essa vogal, por sua vez, perde a nasalidade (arquifonema N), por influência do autosssegmento oral do fonema [i] da primeira sílaba.

No processo sofrido pelos fonemas representados na imagem 25 (JFDS)¹⁷³ e 30 (NCCDS)¹⁷⁴, não é a vogal nasal que perde o nó raiz, mas a semivogal nasal. Consequentemente, a representação arbórea é distinta.

¹⁶⁹ Página 173.

¹⁷⁰ Página 173.

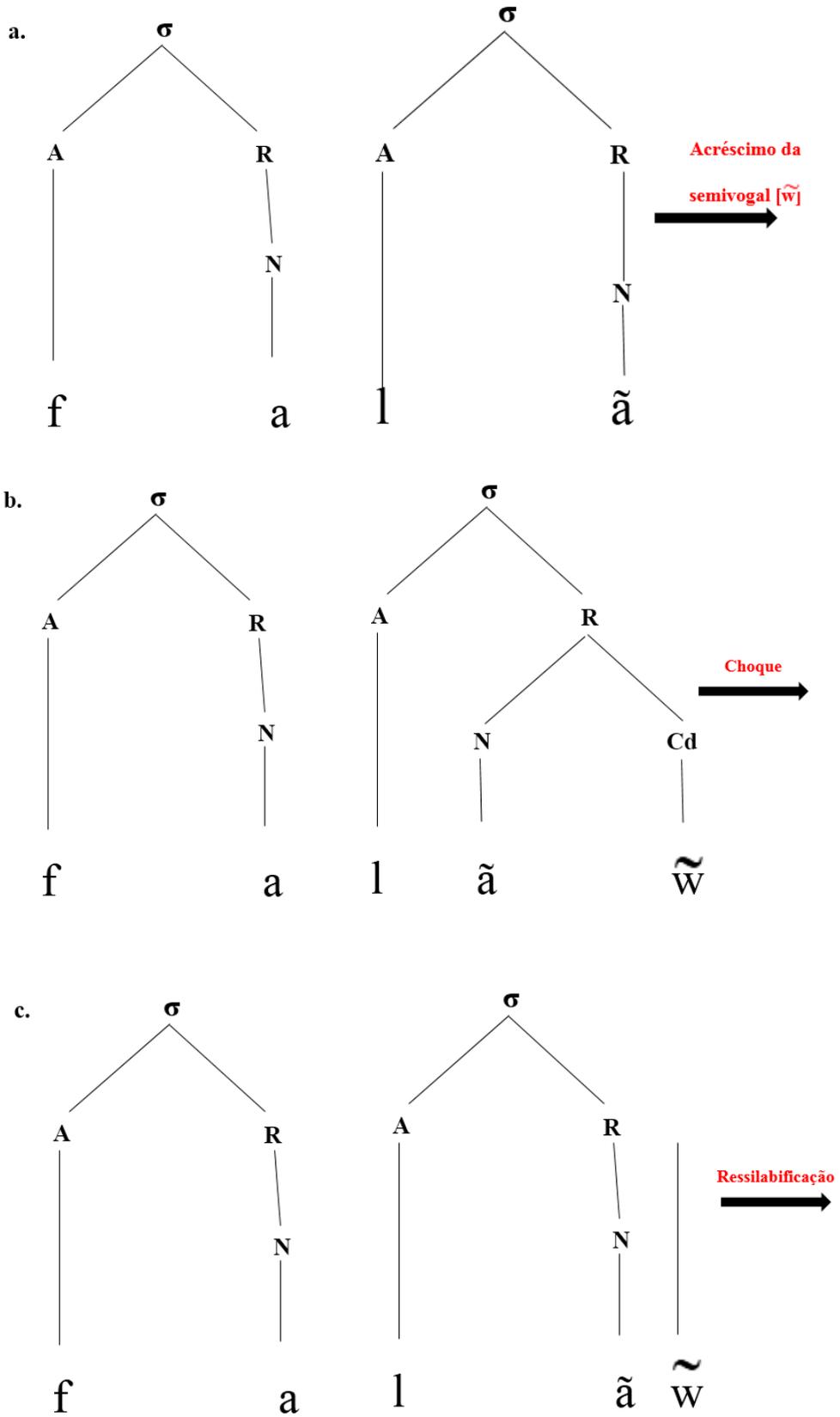
¹⁷¹ Página 173.

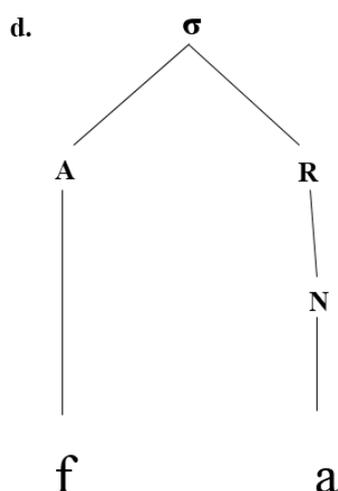
¹⁷² Página 174.

¹⁷³ Página 167.

¹⁷⁴ Página 169.

Diagrama 13 - Representação do fenômeno de supressão – verbo “Falam”





Fonte: autora.

Observe que, assim como as outras representações, há inicialmente a forma base (a)¹⁷⁵; depois, um acréscimo da semivogal [w̃] (b)¹⁷⁶. Em seguida, a diferença entre essa representação e as demais acontece, já que o choque entre a vogal e a semivogal (c)¹⁷⁷ resulta na flutuação da semivogal [w̃] e no seu apagamento total (d)¹⁷⁸. O segmento nasal [ã] perde a nasalidade (arquifonema N) em função do autossegmento oral do fonema /a/ (primeira sílaba).

Mas como comprovar no PRAAT que tais processos são efetuados?

Adotamos como solução a comparação entre as características acústicas das vogais nasais [ã] [ũ] e [ɛ̃] e das vogais orais [a], [ɛ] e [i].

A princípio, antes de analisar os segmentos nasais, é importante afirmar que “as vogais são fáceis de visualizar no espectrograma de banda larga, pois seus formantes têm mais energia do que os outros sons ressoantes [...] (BARBOSA e MADUREIRA, 2015, p.180), ou seja, no PRAAT é nítido a diferença de tons de cinza entre as vogais e as consoantes (especialmente, as plosivas), dado que os sons vocálicos apresentam-se em um tom cinza mais escuro do que qualquer outro som consonantal, devido ao maior nível de energia.

Jakobson e Halle (1980 apud Masip, 2014) caracterizam as vogais como sons produzidos livremente e, acusticamente, como sons marcados pela alta definição dos seus formantes.

¹⁷⁵ Página 175.

¹⁷⁶ Página 175.

¹⁷⁷ Página 175.

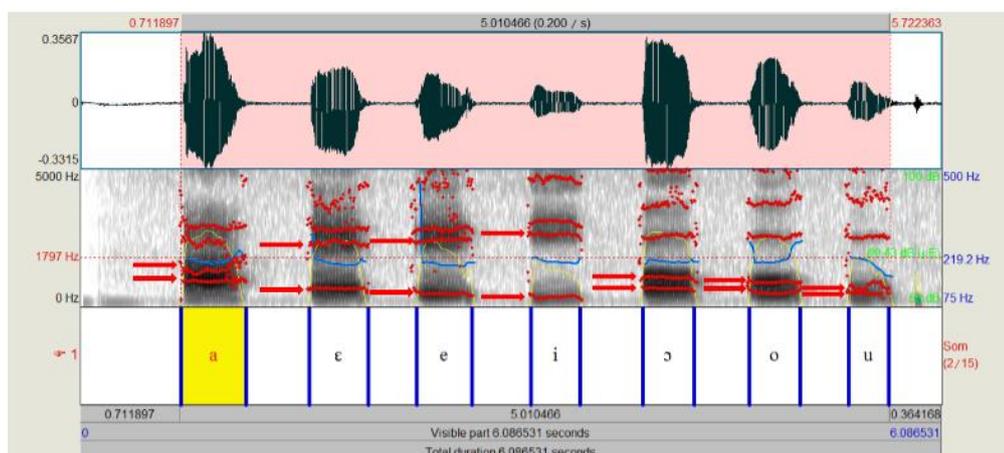
¹⁷⁸ Página 176.

Chomsky e Halle (1979 apud Masip, 2014) definem as vogais como sons que são sonorizados espontaneamente, com graus de aberturas e fechamentos diferenciados.

E como saber quais são as vogais pronunciadas? A opção mais viável é a análise dos formantes, posto que eles:

[...] Se relacionam com a articulação das vogais, assim, segundo Ladefoged (1993), F1 é o inverso da altura da vogal, logo, quanto mais alto o valor de F1, mais baixa a vogal e assim sucessivamente. [...] Para Kent e Read (1992), o valor de F2 está relacionado com a anterioridade/posterioridade da vogal, ou seja, quanto mais posterior a vogal, mais baixa a frequência de F2 [...] (SILVA, 2012, p.41-42).

Imagem 33 - Características acústicas das vogais orais do Português brasileiro



Fonte: autora.

A imagem, em conjunto com a citação de Silva (2012), mostra claramente a diferença entre os formantes¹⁷⁹ de cada vogal oral.

Como F1 representa o inverso da altura da vogal, é notável que as vogais altas [i] e [u] são as que detêm o valor mais baixo de F1; a vogal baixa [a] apresenta a posição mais alta de F1 no espectro; as vogais médias-altas [e] e [o] ficam em posições aproximadas de [i] e [u] e, por fim, as vogais médias-baixas [ε] e [o] ocupam posições de F1 próximas a [a]. Em F2, a frequência mais baixa da vogal [o], [e] e [u] revelam que elas são posteriores, em oposição as demais anteriores.

Quanto as vogais nasais, vale retomar a citação de Masip (2014), presente no quadro¹⁸⁰ *traços de sonoridade do Português brasileiro*. Nele, o autor afirma que a vogal

¹⁷⁹ As setas vermelhas identificam F1 e F2 das vogais.

nasal é caracterizada pela “redução da intensidade no primeiro formante” (MASIP, 2014, p.135).

E os ditongos? Como identificá-los?

No caso dos ditongos ou tritongos, não há necessidade de separar os constituintes que os formam, embora seja possível se estabelecer critérios para fazê-lo, como por exemplo, identificar os pontos nos quais se verifica uma mudança nas trajetórias dos segundo formantes (BARBOSA e MADUREIRA, 2015, p.180).

Os teóricos defendem a não necessidade de segmentação acústica da vogal e da semivogal, contudo alegam a existência da possibilidade de distinguir os dois, por meio de F2. Nos sons vocálicos nasais são notáveis mudanças de percurso de F2, contrapondo-se a linearidade do percurso desempenhado por F2 nas vogais orais.

Em todos os casos¹⁸¹ de supressão em verbos na terceira pessoa do plural, apresentados no PRAAT, não é verificável uma mudança no percurso de F2. Isso nos leva a concluir que não há presença de dois segmentos sonoros (vogal e semivogal); não há, portanto, a presença de ditongos.

Em nenhum dos casos há enfraquecimento do primeiro formante, como mencionado por Masip (2014), portanto estamos diante de vogais orais e não nasais.

Conforme a observação e comparação de F1 e F2, é verossímil a conclusão de que a imagem 24 (JADS)¹⁸², 29 (MWFDS)¹⁸³, 31 (RAE)¹⁸⁴ e 32 (MDDDC)¹⁸⁵ tem como último segmento silábico a vogal [u]; a imagem 27 (SG)¹⁸⁶ e 28 (MFDS)¹⁸⁷ apresenta a vogal [i] como último segmento silábico; a imagem 25 (JFDS)¹⁸⁸ e 30 (NCCDS)¹⁸⁹ é marcada na última sílaba pelo segmento vocálico [a].

Acreditamos que os casos de Apócope em verbos na terceira pessoa do plural são afetados, estruturalmente, pelo **Princípio de economia linguística**.

¹⁸⁰ O quadro é fundamentado nas classificações de Jakobson e Halle (1980).

¹⁸¹ Exceto a imagem 47 (ALDS) e a imagem 50 (JLFDs), já que houve, nesses casos, supressões distintas das demais. Todo o segmento vocálico da última sílaba foi suprimido, basta observar o tom cinza da última parte dos espectro, afinal, o cinza não é tão escuro como esperado nos sons vocálicos.

¹⁸² Página 167.

¹⁸³ Página 168.

¹⁸⁴ Página 169.

¹⁸⁵ Página 169.

¹⁸⁶ Página 168.

¹⁸⁷ Página 168.

¹⁸⁸ Página 167.

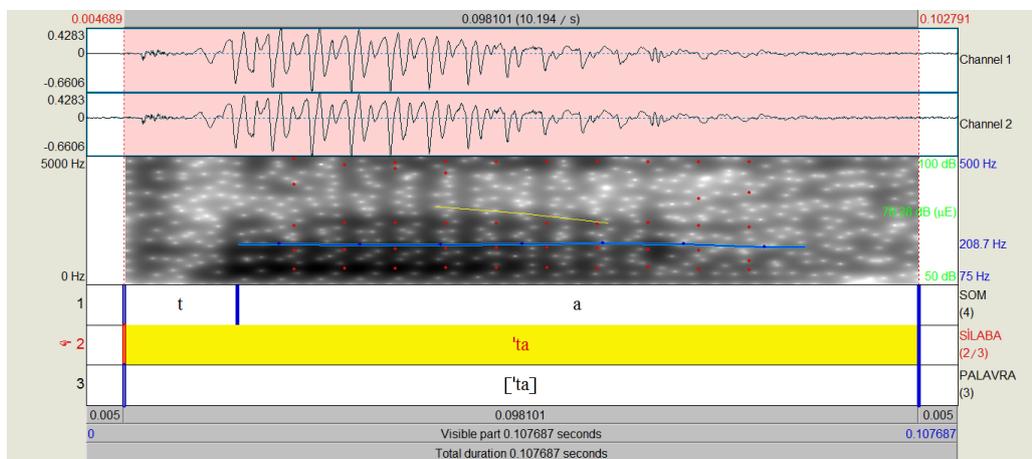
¹⁸⁹ Página 169.

A economia linguística é um termo que recobre uma variada gama de processos que se caracteriza por representar mecanismos de mudança que tentam reagir positivamente a dois impulsos: (a) poupar a memória, o processo mental e a realização física da língua, eliminando os aspectos redundantes e as articulações mais exigentes; [...] (BAGNO, 2011, p. 147).

Os fenômenos explicam-se a partir do item (a) da citação anterior, tendo em vista que a produção de uma vogal e de uma semivogal exige muito mais esforço físico do que a pronúncia de uma simples vogal, portanto o falante tende a apagar um dos termos, de modo que possa poupar energia articulatória.

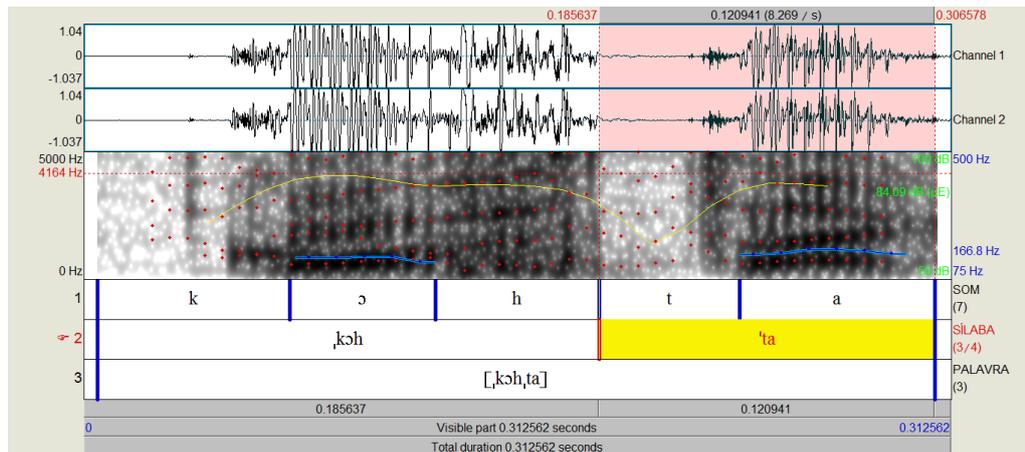
c) Apócope – Verbos no infinitivo da primeira conjugação/AR

Imagem 34 - Falante ALDS – Pronúncia do verbo estar



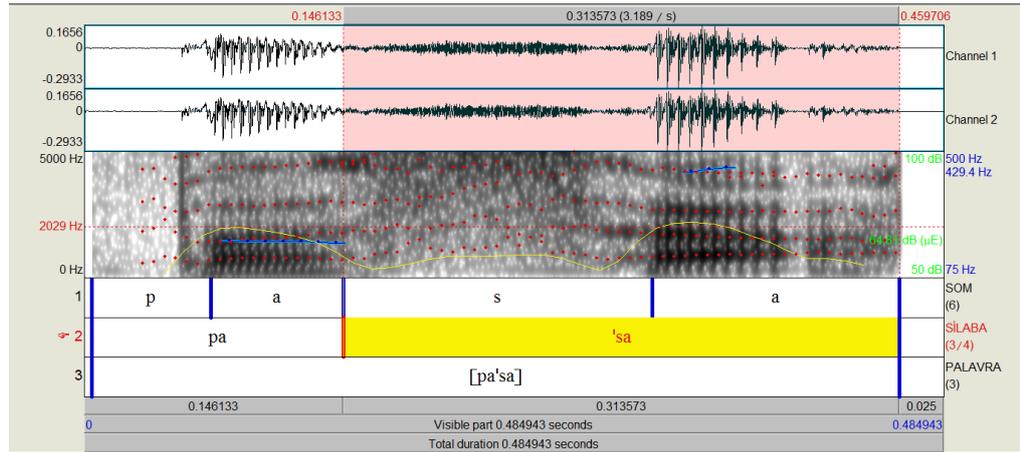
Fonte: autora.

Imagem 35 - Falante JADS – Pronúncia da palavra cortar



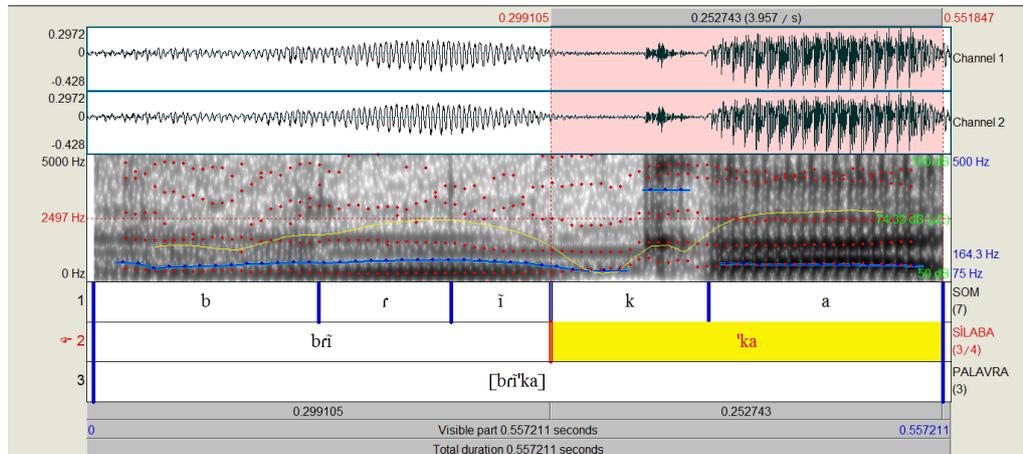
Fonte: autora.

Imagem 36 - Falante JFDS – Pronúncia da palavra passar



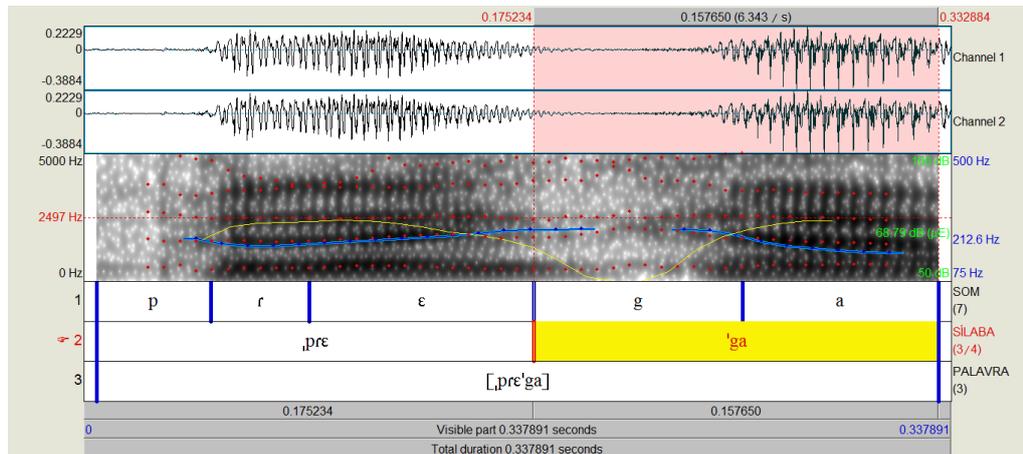
Fonte: autora.

Imagem 37 - Falante JLFDS – Pronúncia da palavra brincar



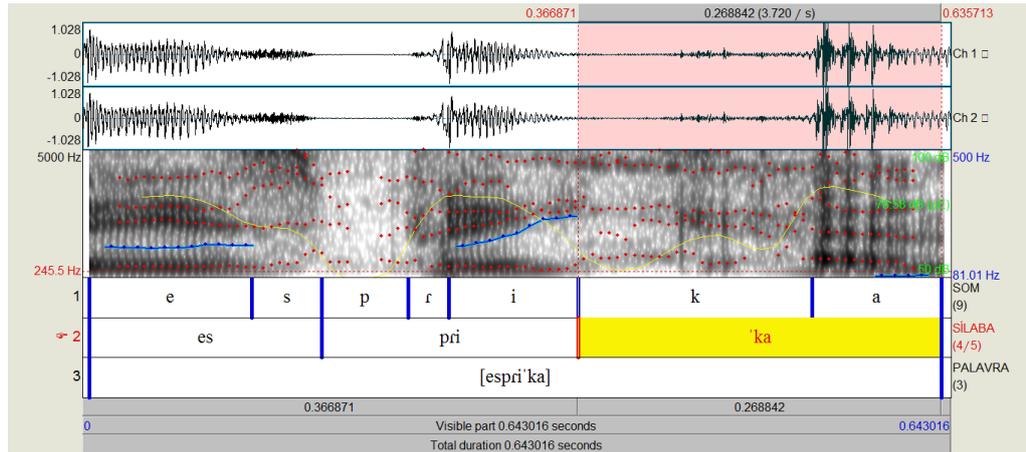
Fonte: autora.

Imagem 38 - Falante SG – Pronúncia da palavra pregar



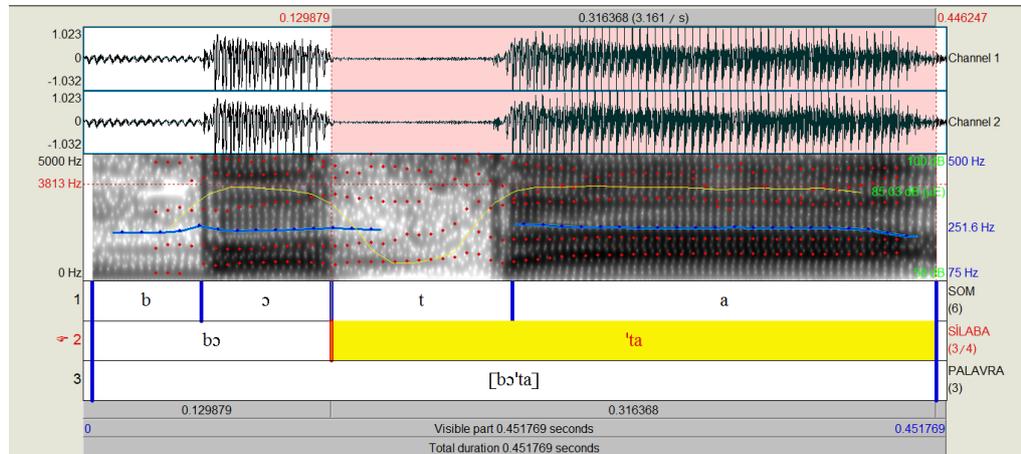
Fonte: autora.

Imagem 39 - Falante MFDS – Pronúncia da palavra explicar



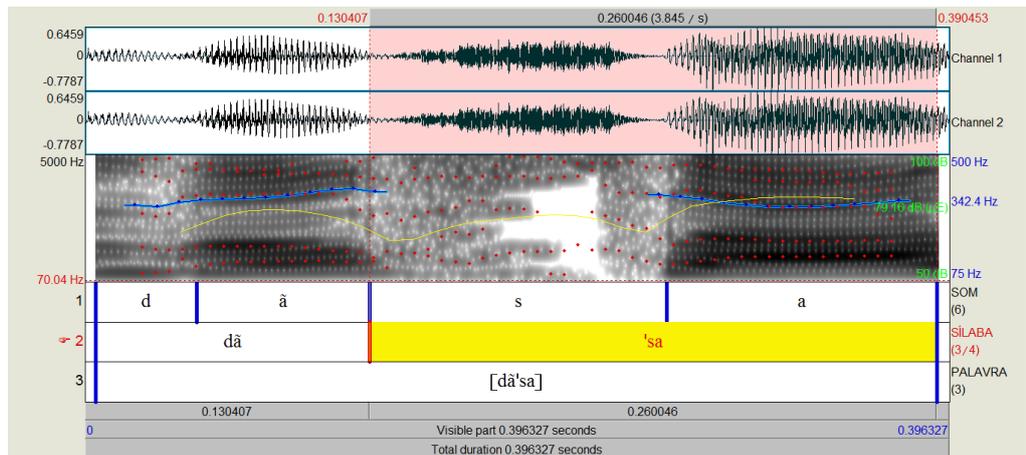
Fonte: autora.

Imagem 40 - Falante MWFDS – Pronúncia da palavra botar



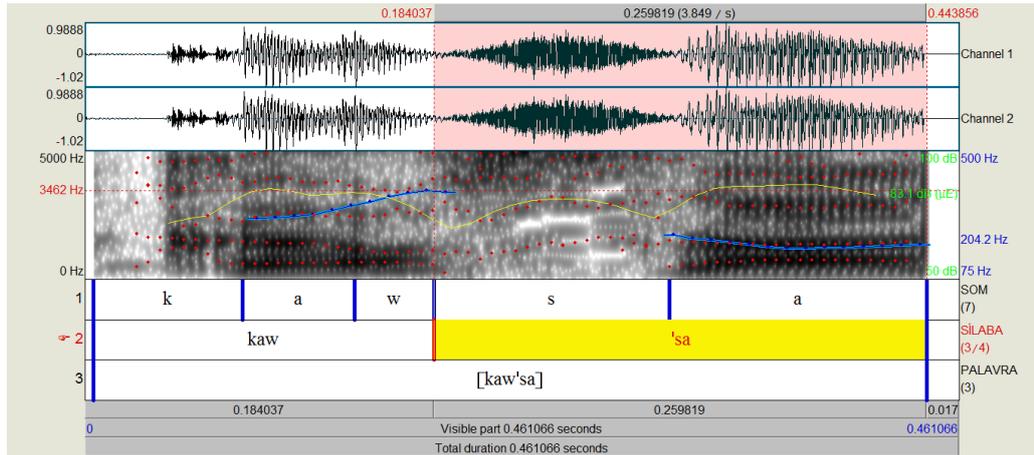
Fonte: autora.

Imagem 41 - Falante NCCDS – Pronúncia da palavra dançar



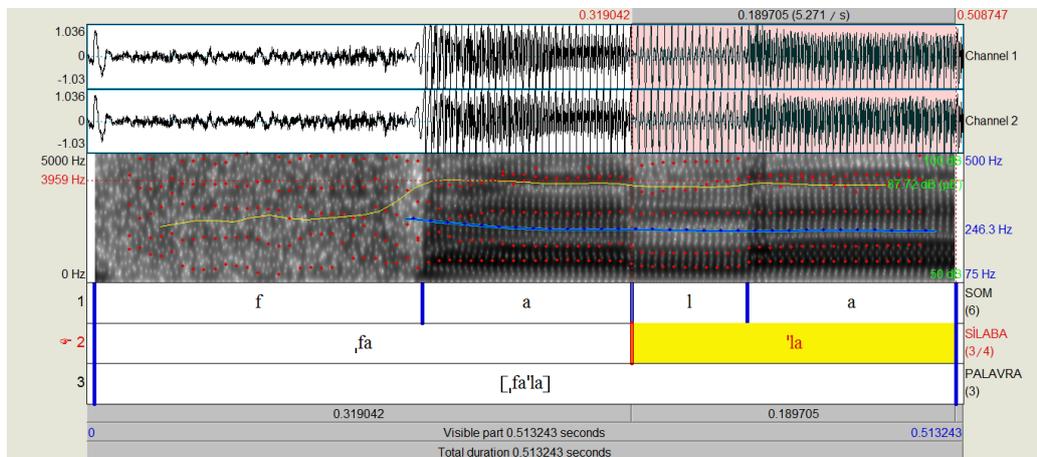
Fonte: autora.

Imagem 42 - Falante RAE – Pronúncia da palavra calçar



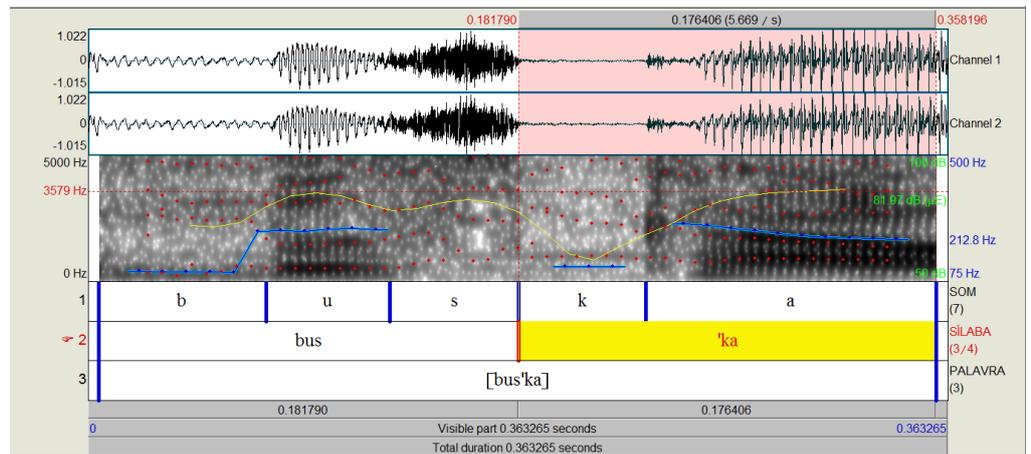
Fonte: autora.

Imagem 43 - Falante MDDDC – Pronúncia da palavra falar



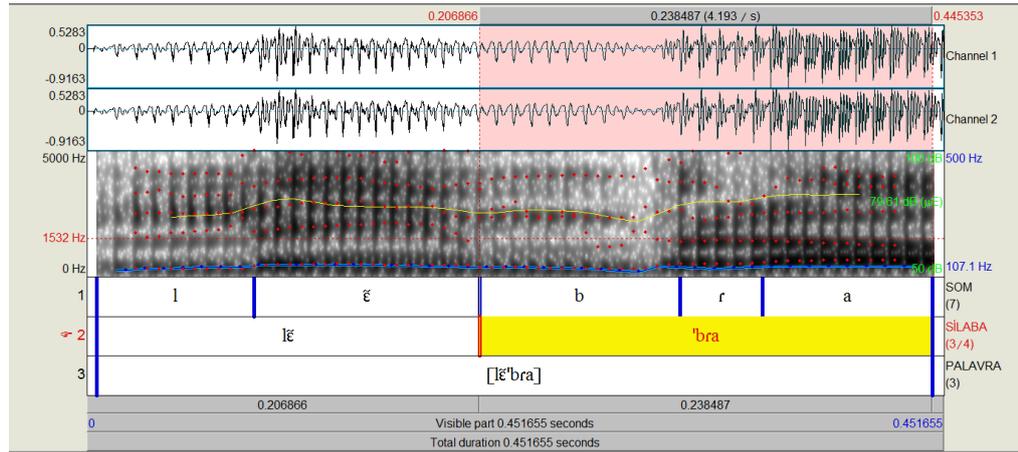
Fonte: autora.

Imagem 44 - Falante REDS – Pronúncia da palavra buscar



Fonte: autora

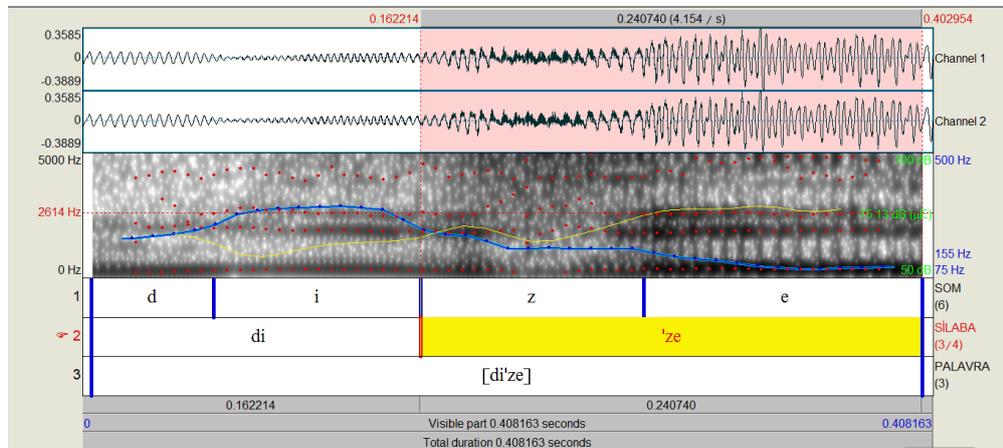
Imagem 45 - Falante JRCDS – Pronúncia da palavra lembrar



Fonte: autora.

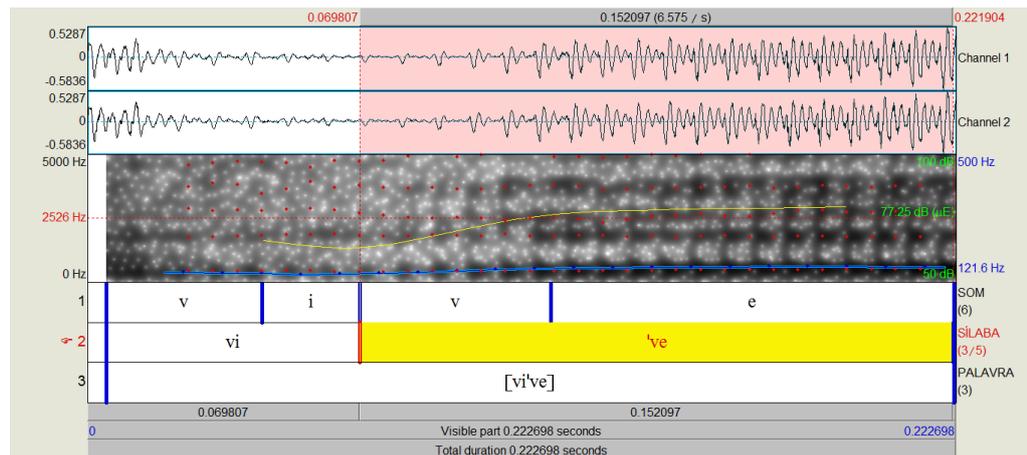
d) Apócope – Verbos no infinitivo da segunda conjugação/ER

Imagem 46 - Falante ALDS – Pronúncia da palavra dizer



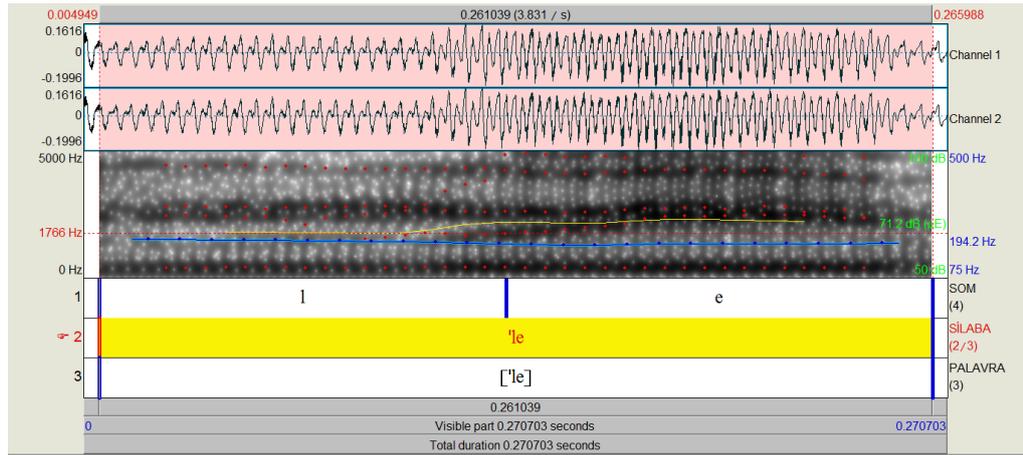
Fonte: autora.

Imagem 47 - Falante JADS – Pronúncia da palavra viver



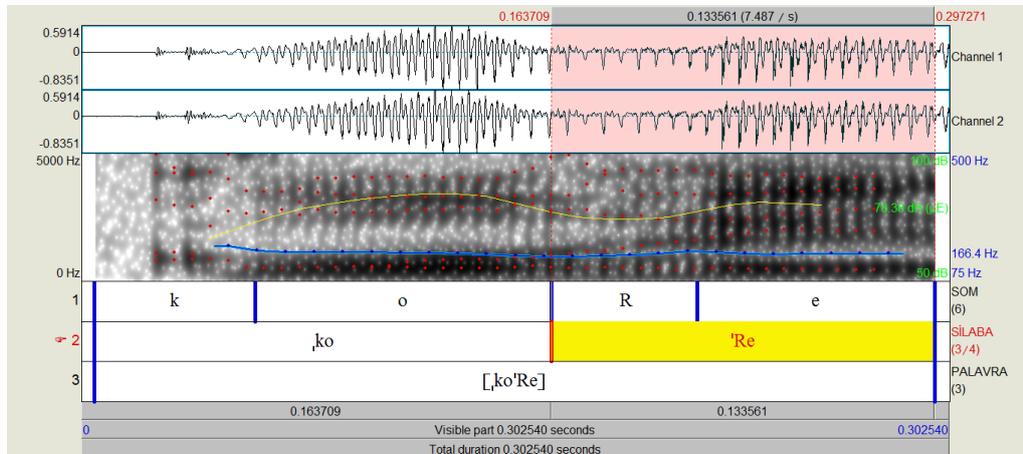
Fonte: autora.

Imagem 48 - Falante JFDS – Pronúncia da palavra ler



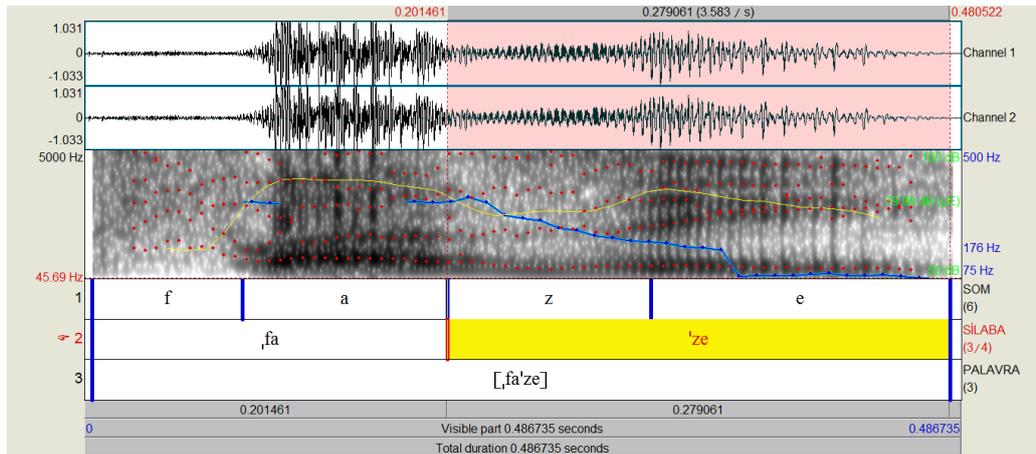
Fonte: autora.

Imagem 49 - Falante SG – Pronúncia da palavra correr



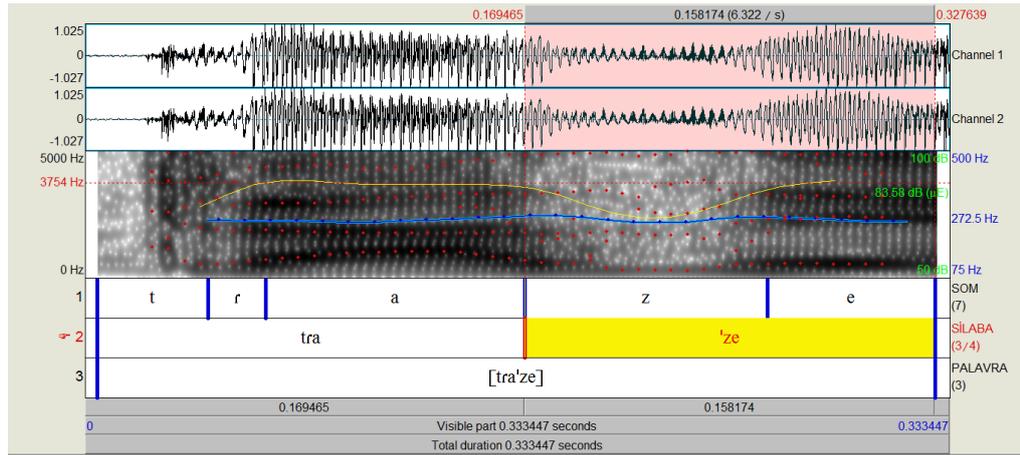
Fonte autora.

Imagem 50 - Falante MFDS – Pronúncia da palavra fazer



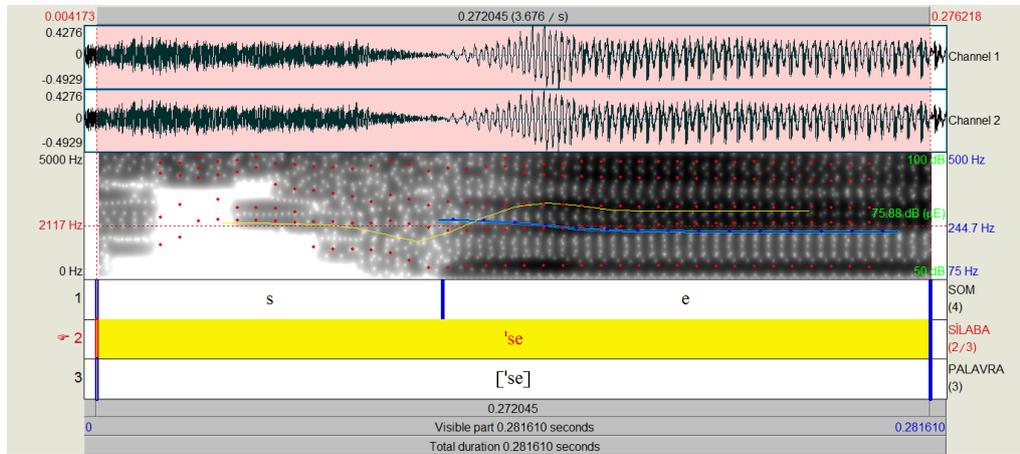
Fonte: autora.

Imagem 51 - Falante MWFDS – Pronúncia da palavra trazer



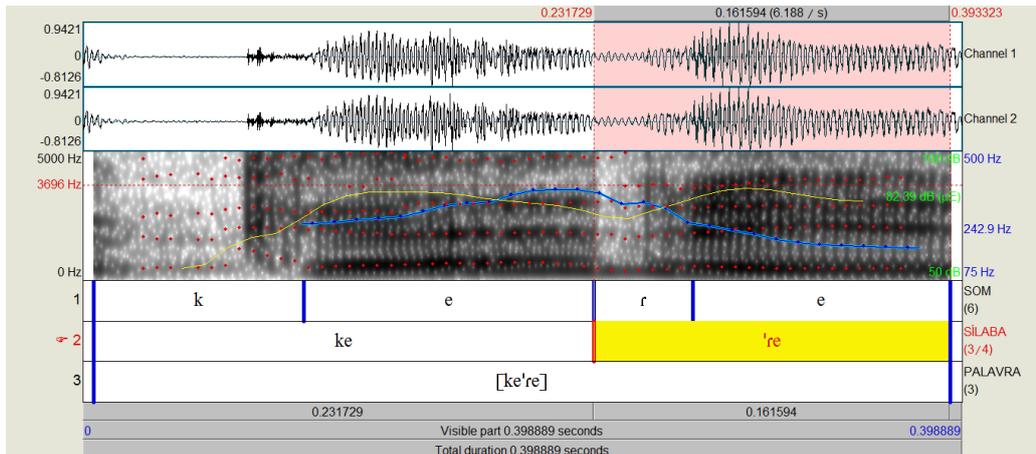
Fonte: autora.

Imagem 52 - Falante NCCDS – Pronúncia da palavra ser



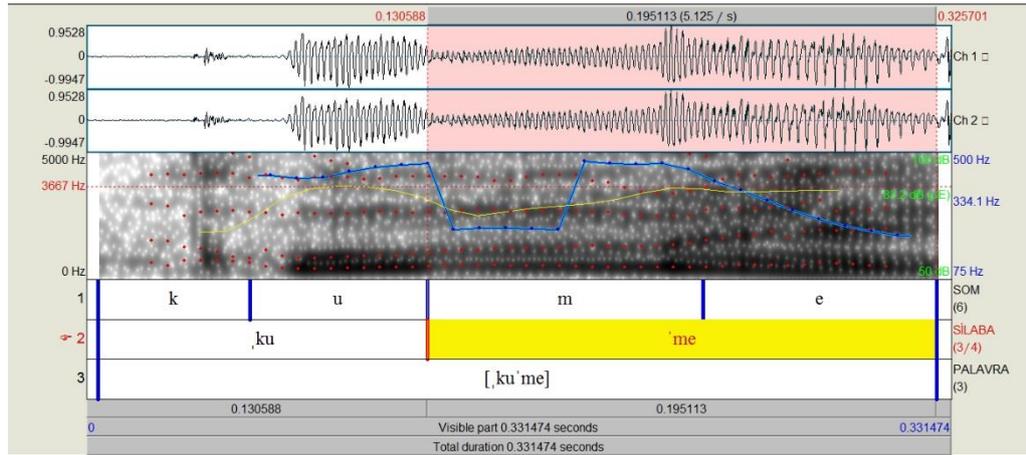
Fonte: autora.

Imagem 53 - Falante RAE – Pronúncia da palavra querer



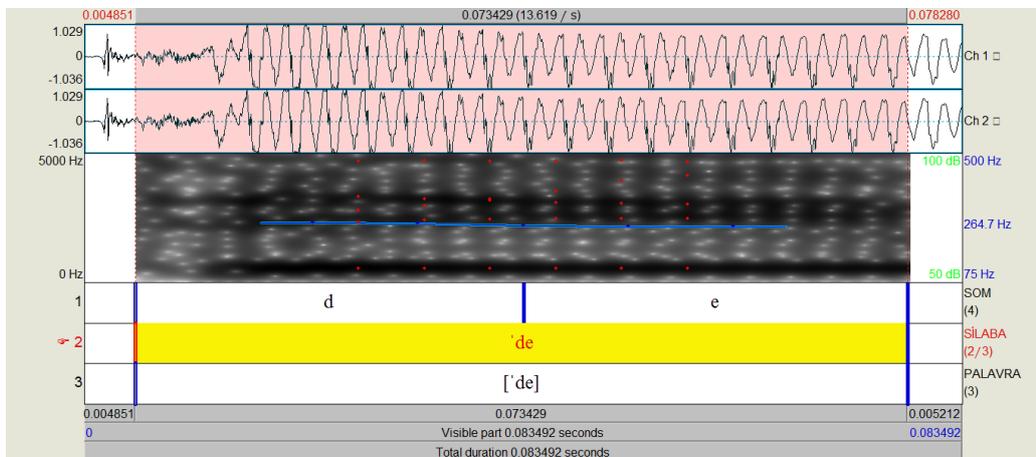
Fonte: autora.

Imagem 54 - Falante MDDDC – Pronúncia da palavra comer



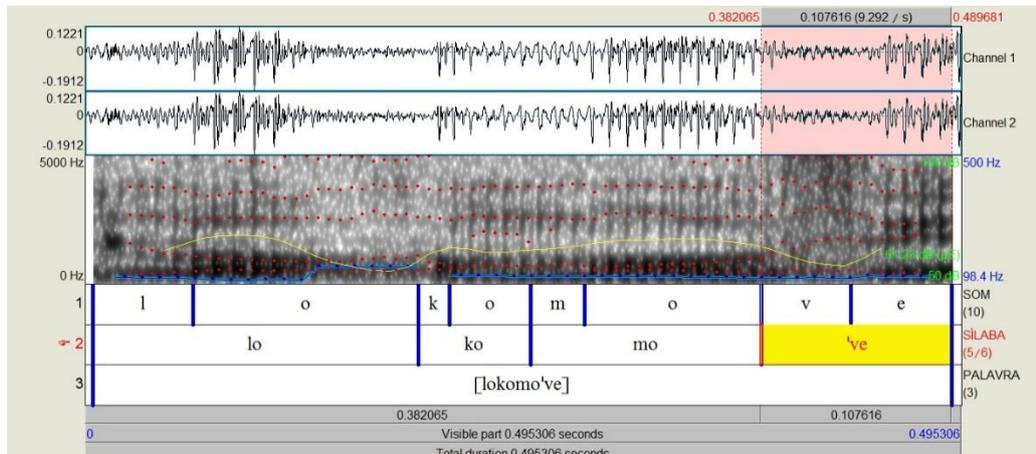
Fonte: autora.

Imagem 55 - Falante REDS – Pronúncia da palavra ter



Fonte: autora.

Imagem 56 - Falante JRCDS – Pronúncia da palavra locomover

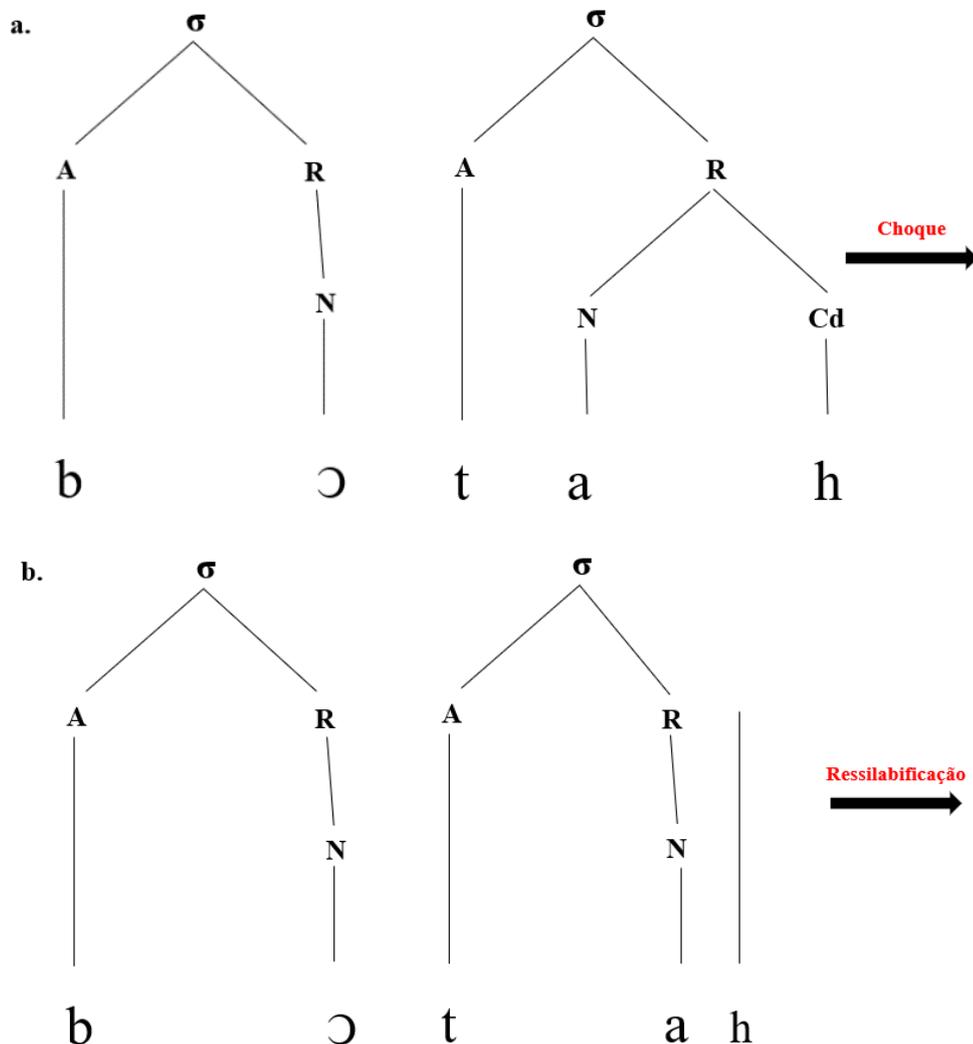


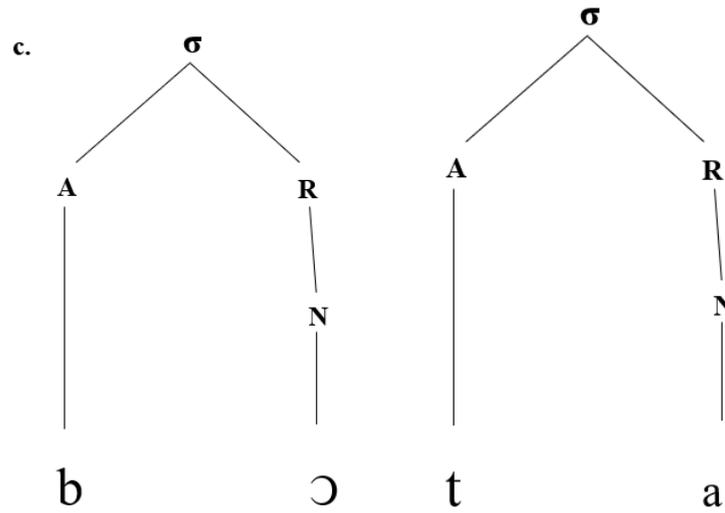
Fonte: autora.

Os casos de Apócope em verbos no infinitivo, representados no PRAAT, revelam uma supressão do arquifonema /R/, independente dos léxicos. De acordo com Dubois et al (2006) e Lima (2014) é muito comum a queda de termos finais em verbos. O primeiro teórico cita como exemplo o inglês arcaico versus o inglês moderno (singe\sing), os dialetos itálicos (cantare\cantar) e algumas pronúncias verbais do Francês (Chanter). A segunda teórica cita exemplos de supressões finais em verbos no infinitivo no Português brasileiro (cantá, vendê, vê, etc.).

A Apócope em verbos no infinitivo é melhor representada e explicada a partir dos pressupostos da Geometria dos Traços e da Teoria da Sílabas. A seguir, optamos por utilizar como exemplo a imagem 40 (MWFDS- botar) e a imagem 56 (JRCDS- locomover).

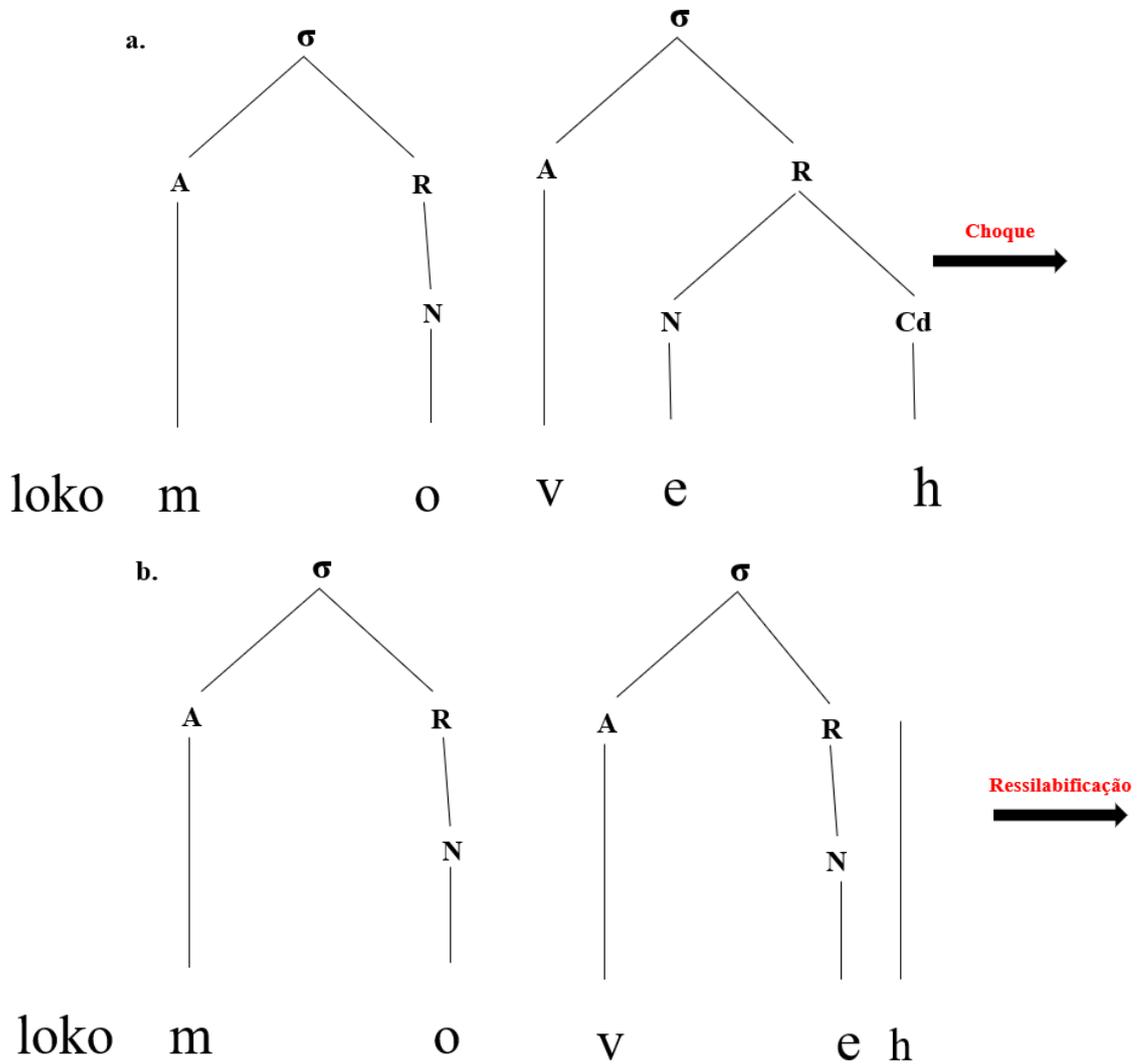
Diagrama 14 - Representação do fenômeno de supressão – verbo “botar”

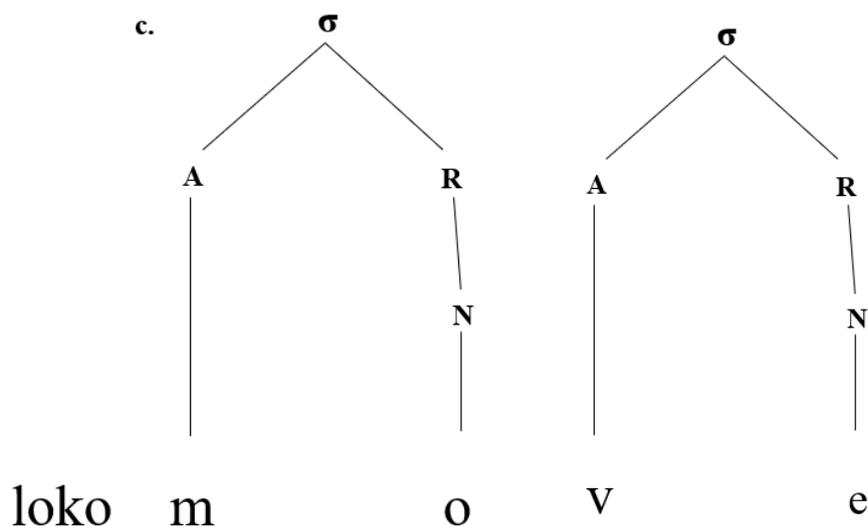




Fonte: autora.

Diagrama 15 - Representação do fenômeno de supressão – verbo “locomover





Fonte: autora.

A princípio, nas duas imagens, conforme a Teoria da Sílabas, há a forma base (a)¹⁹⁰; logo em seguida, o núcleo silábico da última sílaba entra em choque com o som em posição de coda (última sílaba), devido a estrutura silábica padrão (CV) do Português brasileiro.

Os falantes do PB, como os de todas as línguas românicas, exibem ampla preferência pelo padrão silábico CV.CV [...]. Na verdade, esse é o padrão silábico preferido pelos falantes de grande maioria das línguas humanas. Isso se deve, decerto, a fatores relacionados à **articulação**, um processo que exige esforço fisiológico: falar envolve inspirar e expirar, controlar o fôlego, ativar as pregas vocais, fazer a língua se mover para produzir os diferentes sons, abrir e fechar a boca, emitir sons pelo nariz etc. (BAGNO, 2012 p.330, grifos do autor).

Em conformidade com a citação acima, é viável dizermos que o padrão silábico do PB produz naturalmente a perda da coda silábica, tendo em vista que a sílaba CVC ou Ataques, núcleo e coda não é o modelo preferido pelos falantes do PB. Essa estrutura silábica não padrão exige um esforço articulatorio demasiado, se comparado a estrutura CV. Por isso, o falante tende a optar pelo o que Câmara Jr (1999) chama de economia linguística, ou seja, ele busca inconscientemente recursos que permitem o menor esforço fisiológico, como o apagamento do fone [h], por exemplo.

¹⁹⁰ Página 187 (Diagrama 14) e página 188 (Diagrama 15)

O choque gera um segundo processo (b)¹⁹¹ que consiste na flutuação do fone[h], como consequência da perda do nó raiz. Por fim, num processo de ressilabificação (c)¹⁹², o fone é totalmente apagado, gerando, assim, as formas fonéticas [bɔ'ta] e [lokomo've].

Para detectar a presença ou ausência do arquifonema /R/ ou fone [h] faz-se necessário analisar acusticamente as características das fricativas, posto que o fone [h] é definido como um som fricativo glotal desvozeado.

Conforme a classificação de Jakobson e Halle (1980 apud MASIP, 2014), podemos classificar fone [h] como um som vocálico, consonantal e contínuo. “Os sons l, λ, r e R são vocálicos e consonantais ao mesmo tempo por que possuem uma estrutura formântica definida, mas se produzem mediante obstáculos, mesmo insignificantes, [...]” (MASIP, 2015, p.176). Além disso, acusticamente, é um som que não apresenta um momento de silêncio (espaço branco) no espectro.

Fundamentado em Chomsky e Halle (1979 apud MASIP, 2014), podemos afirmar que o fone [h] é um som classificado como soante, vocálico, consonantal, alto, posterior, distribuído, lateral e contínuo. Isto quer dizer que ele é um som com sonorização espontânea, com um grau de abertura que o define como vocálico, com uma discreta obstrução que o define como consonantal, com a língua acima e recuada “com relação á posição neutra” (MASIP, 2014, p.151), com um encontro longo entre os articuladores e com uma obstrução que provoca a saída do ar pelas laterais da boca.

Observe que as informações confrontam-se a todo o instante, por isso não podemos definir esse som como vogal ou consoante, mas como um pouco dos dois.

As consoantes fricativas são sons produzidos pela corrente de ar passando por obstruções parciais (estreitamentos) formadas por articuladores muito próximos um do outro à passagem da corrente de ar de tal modo a gerar turbulência, cujo resultado acústico é o ruído contínuo (BARBOSA e MADUREIRA, 2015, p.176).

O fone [h] articulatoriamente é caracterizado pelo encontro ativo e passivo dos músculos ligamentais da glote. A glote encontra-se aberta e as cordas vocais separadas, por isso, o fone é caracterizado como desvozeado, dado que o ar passa livremente sem contato com as cordas vocais.

O encontro dos articuladores ativos e passivos ocorrem de modo semelhante as oclusivas, contudo, diferem no nível de obstrução. Ao contrário das oclusivas, os sons

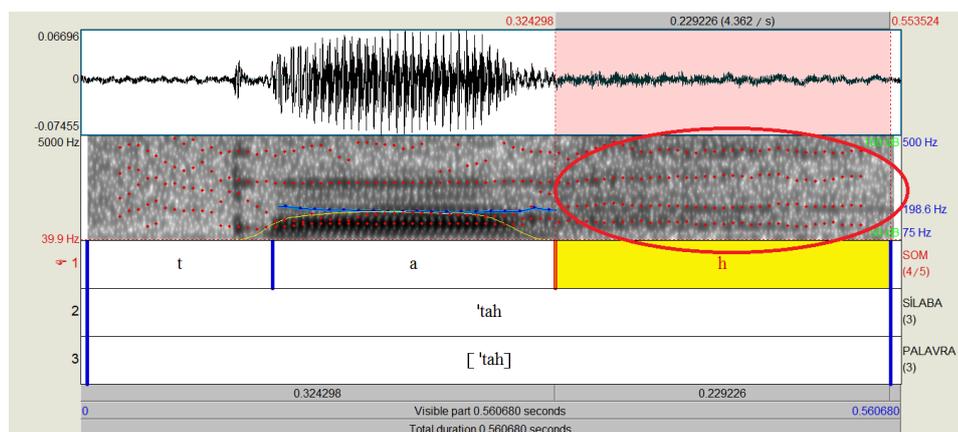
¹⁹¹ Página 187 (Diagrama 14) e página 188 (Diagrama 15).

¹⁹² Página 188 (Diagrama 14) e página 189 (Diagrama 16).

fricativos, como citado acima por Barbosa e Madureira (2015), não sofrem obstrução total, isto é, a corrente de ar não é impedida completamente, ainda que por um breve momento.

Na fricativa, a corrente de ar encontra uma obstrução parcial que permite a passagem estreita do ar. Essa parcialidade gera um ruído acústico visível no PRAAT pela ausência de ondas sonoras bem definidas.

Imagem 57 - ¹⁹³ Trecho acústico da sílaba tar



Fonte: autora.

Observe a diferença entre o trecho amarelo (fone [h]) e o trecho vocálico [a]. A fricativa glotal desvozeada não apresenta a barra cinza-escuro de sonoridade, nem tão poucas ondas sonoras bem definidas, devido ao ruído¹⁹⁴ de turbulência.

Além disso, é notável a diferença de amplitude da onda sonora vocálica [a] e da onda sonora consonantal [h], já que a onda sonora da primeira é bem mais ampla que a onda sonora da segunda.

Uma análise cuidadosa dos casos coletados de Apócope em verbos no infinitivo (1.^a e 2.^a conjugação) mostra a ausência de som constituído por ruído. Além disso, em todos os casos, o último segmento sonoro é constituído por formantes com energia intensa (tom cinza-escuro) e por ondas bem definidas.

As características mencionadas acima são típicas dos sons vocálicos e opostas aos sons fricativos. Portanto, nos resta afirmar que de fato há um apagamento do fone [h] e permanência apenas das vogais que lhe antecede.

¹⁹³ Os dados sonoros desse registro foram produzidos pela própria autora, visto que, é um exemplo que se contrapõe aos dados encontrados na fala dos doze informantes.

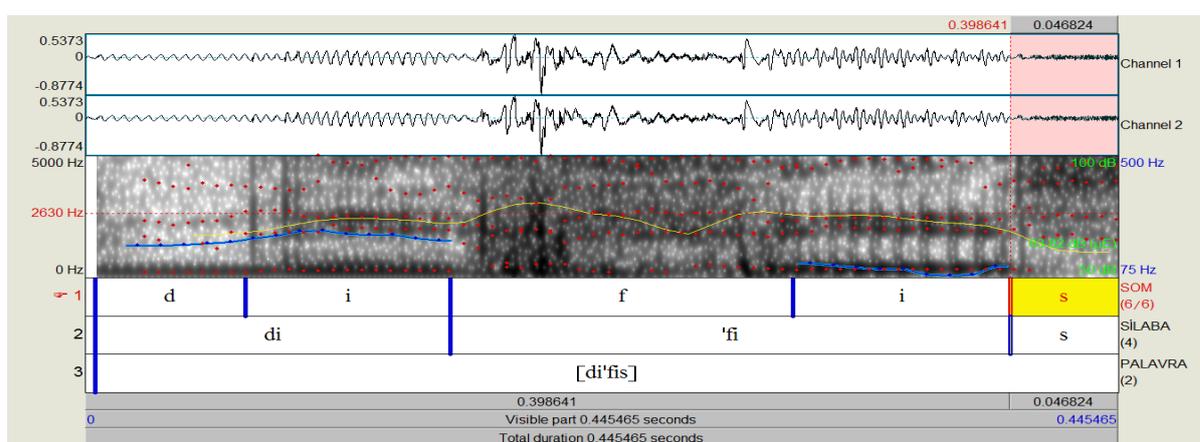
¹⁹⁴ O ruído está circulado em vermelho.

Vale ressaltar, é verificável no último som dos casos de Apócope (verbos no infinitivo) a existência de barra de vozeamento. O que comprova que o último som é uma vogal, em contraposição ao fone [h], cuja barra não existe.

A vogal oral, aberta e central (a) e a vogal oral, meio-fechada e anterior (e) são detectáveis a partir dos princípios já mencionados na análise dos casos de Apócope em verbos na terceira pessoa do plural, isto é, verificou-se a barra de vozeamento, a maior concentração de energia e o posicionamento de F1¹⁹⁵ e F2.

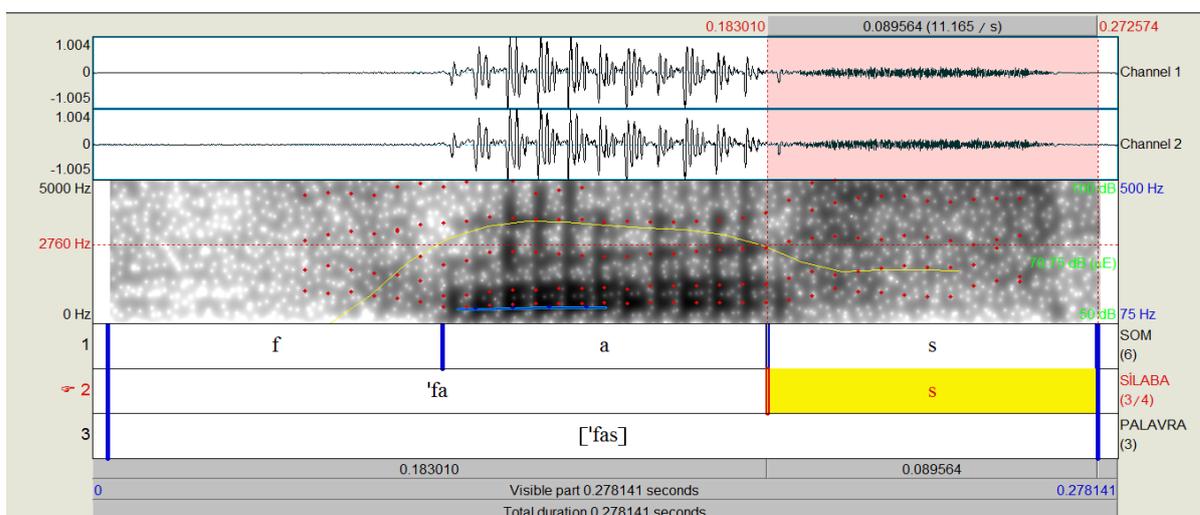
4.2.2 Supressões fonéticas - casos de Monotongação

Imagem 58 - Falante ALDS – Pronúncia da palavra difícil



Fonte: autora.

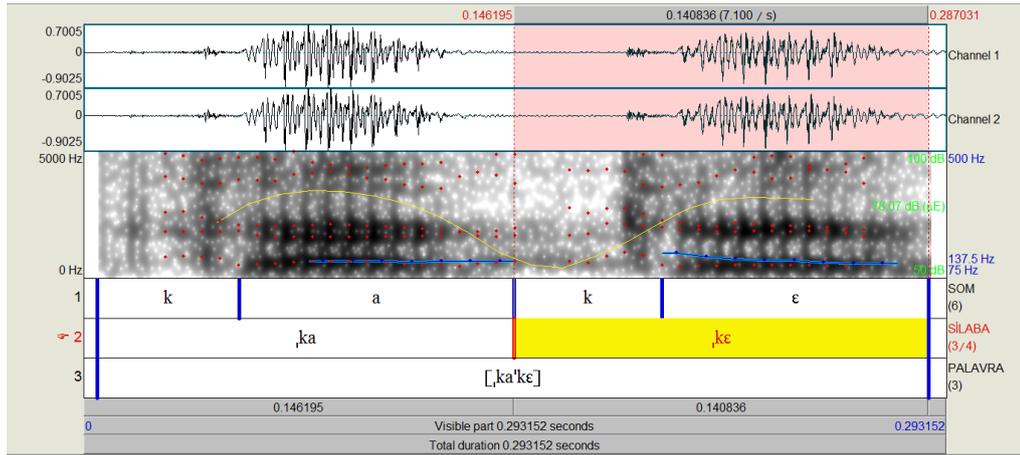
Imagem 59 - Falante JADS – Pronúncia da palavra fácil



Fonte: autora.

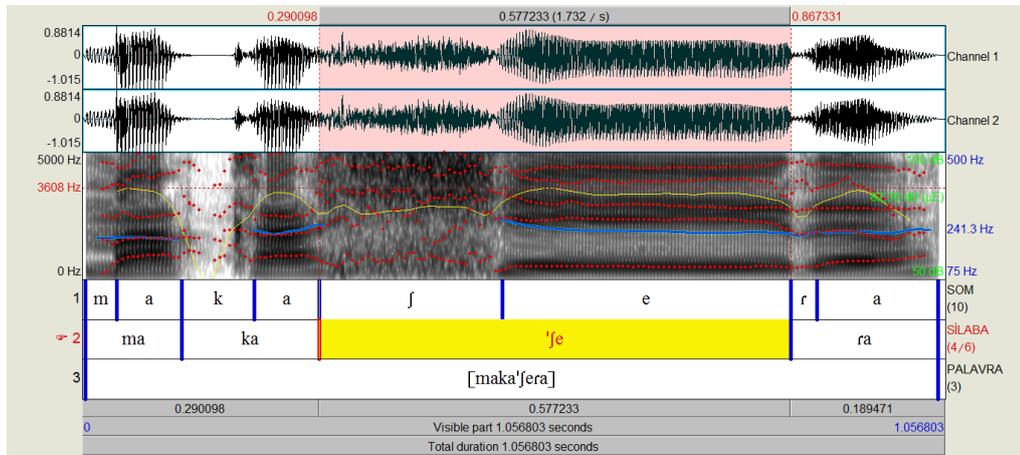
¹⁹⁵ Em conjunto com os dados teóricos, fornecidos pela Fonética acústica, sobre as vogais, comparamos as vogais finais dos verbos no infinitivo com a Imagem 57 (Características acústicas das vogais orais do Português brasileiro), com o objetivo de definir acusticamente as vogais pronunciadas pelos falantes.

Imagem 60 - Falante ALDS – Pronúncia da palavra qualquer



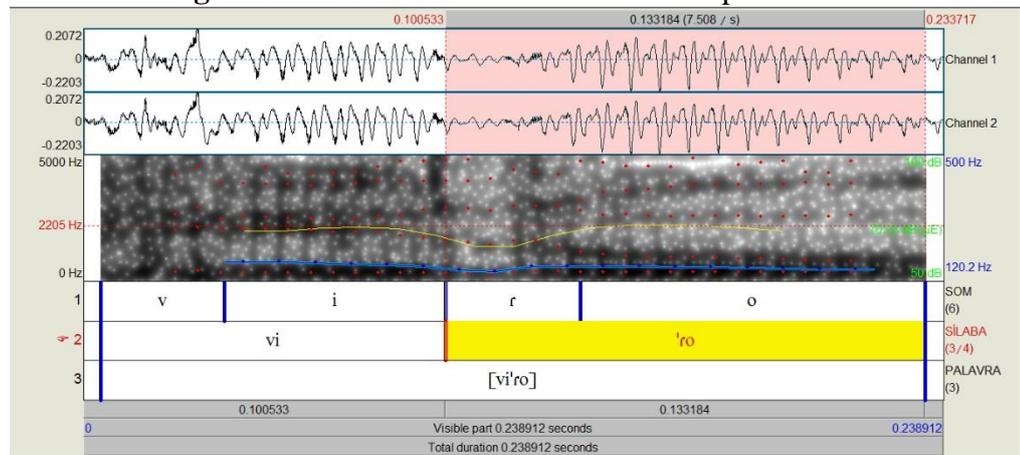
Fonte: autora.

Imagem 61 - Falante JFDS – Pronúncia da palavra macaxeira



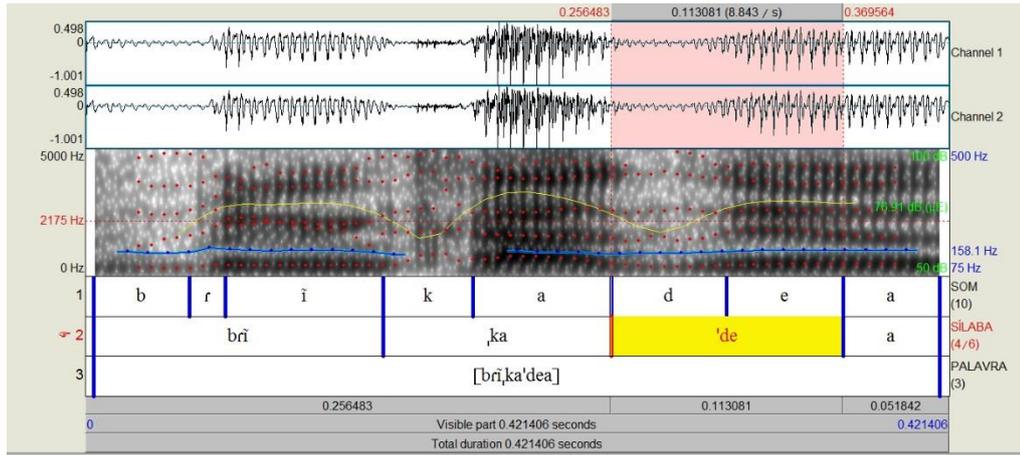
Fonte: autora.

Imagem 62 - Falante JLFDS – Pronúncia da palavra virou



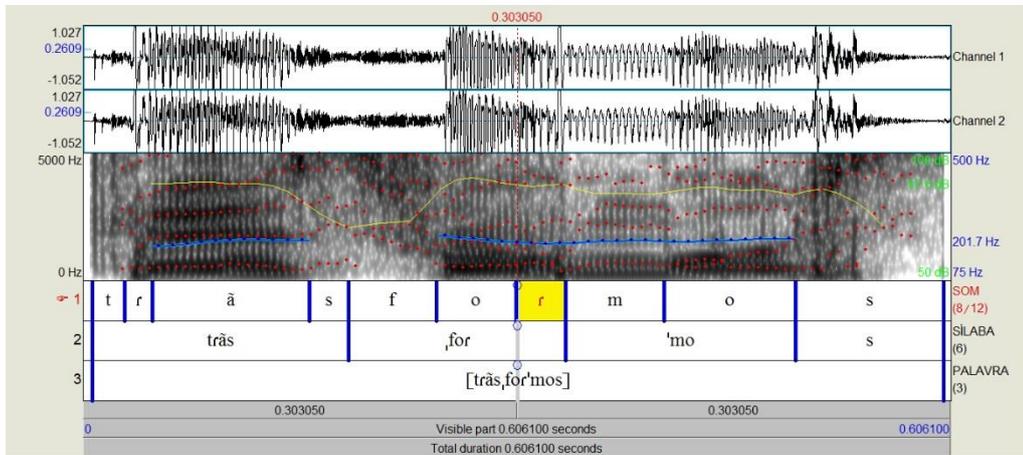
Fonte: autora.

Imagem 63 - Falante SG – Pronúncia da palavra brincadeira



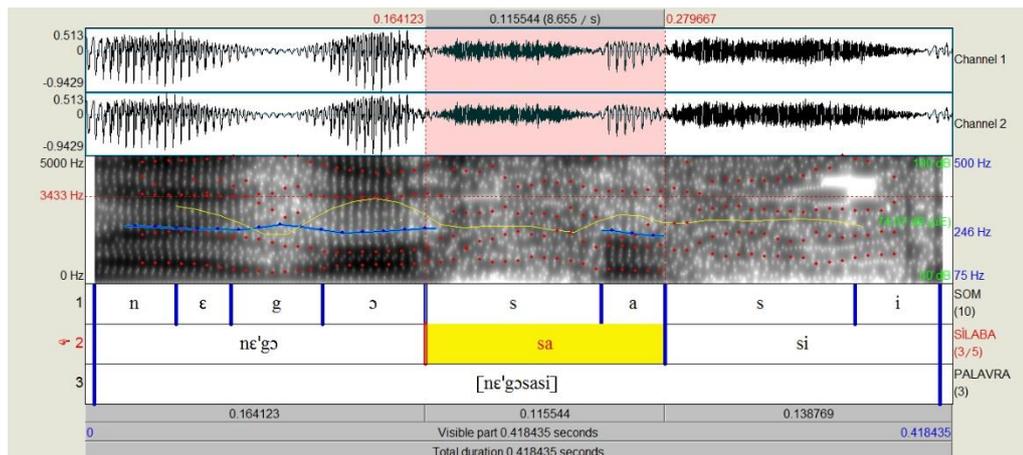
Fonte: autora.

Imagem 64 - Falante MFDS – Pronúncia da palavra transformou-se



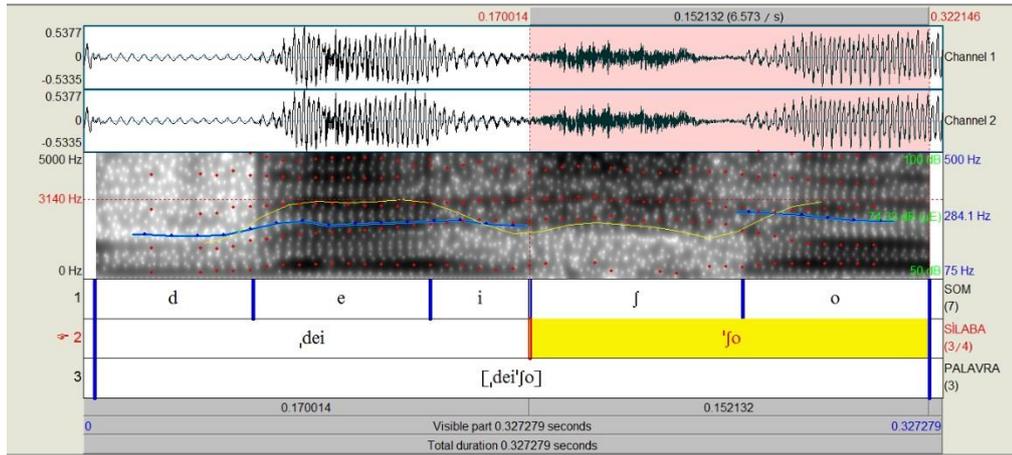
Fonte: autora.

Imagem 65 - Falante MWFDS – Pronúncia da palavra negócio



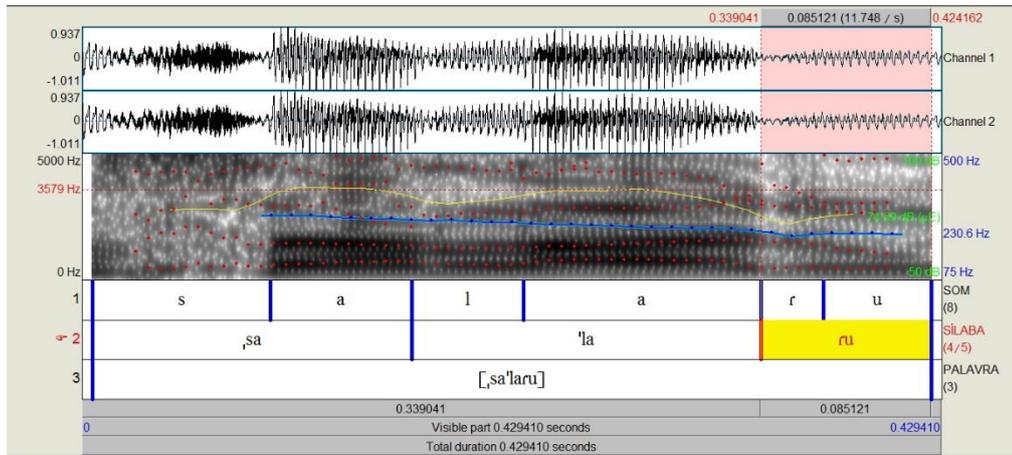
Fonte: autora.

Imagem 66 - Falante NCCDS – Pronúncia da palavra deixou



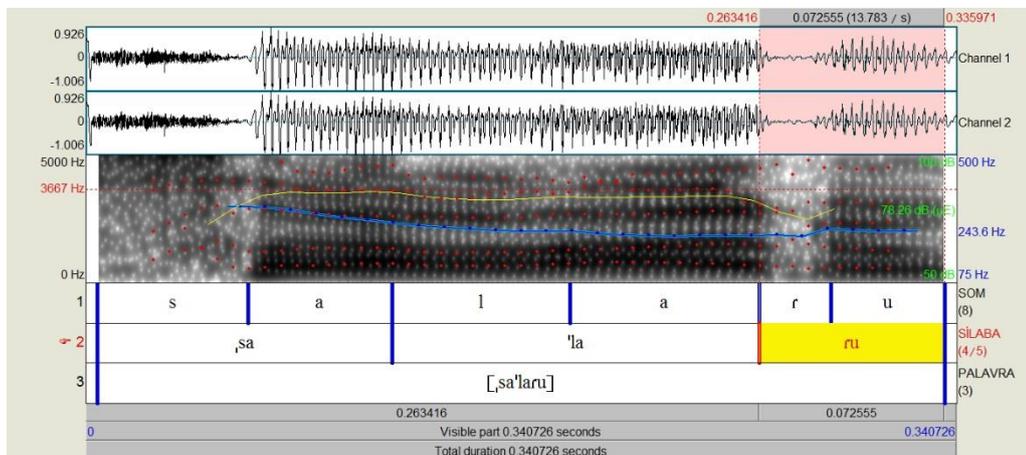
Fonte: autora.

Imagem 67 - Falante RAE – Pronúncia da palavra salário



Fonte: autora.

Imagem 68 - Falante MDDDC – Pronúncia da palavra salário



Fonte: autora.

Bagno (2008; 2012) justifica essa supressão a partir da gramática histórica.

O ditongo latino *au* se transformou, no galego, no ditongo *ou*, por força de assimilação: o [U¹⁹⁶] muito alto, atraiu para mais perto de si a vogal mais baixa, [a], fazendo ela se fechar em [o]. Numa etapa seguinte, no português europeu e no PB, o ditongo escrito *Ou* se monotongou em [o], concluindo o processo de assimilação, que não foi acompanhado pela ortografia (nem pelo galego, que conserva até hoje o ditongo [oU] (BAGNO, 2012, p.293).

Conforme mencionado pelo autor acima, o Latim era constituído originalmente pelo ditongo *-aw-*. Com o tempo, numa etapa seguinte de transformações linguísticas, o segmento vocálico [a], por questões físico-articulatórias, sofreu um alteamento [o]. O PB e PE herdaram essa mudança, constituindo assim, o ditongo [ow] em oposição ao ditongo inicial [aw].

Para pronunciar palavras como [pawku] é exigido do falante um esforço maior, devido ao distanciamento entre o segmento vocálico [a] (baixa\berta) e a semivogal [w] (alta\fechada). Como solução, os falantes efetuaram a troca do [a] pelo [o], resultando, assim, no léxico atual [powku]). Isso porque a vogal [o] é também fechada e mais próxima do [w], conseqüentemente, a economia entre em cena, pois, proporciona ao falante menor esforço linguístico. O falante do PB, na oralidade, efetua um processo ainda mais avançado: a redução do ditongo [ow] para o monotongo [o].

De acordo com Câmara Jr (1999, p.55) e Cunha e Cintra (2008, p.60), os ditongos do Português são divididos em decrescentes¹⁹⁷ e crescentes¹⁹⁸.

Quadro 109 - Ditongos decrescentes

DITONGOS DECRESCENTES	
<i>/aⁱ/</i> Pai	<i>/õⁱ/</i> Mói
<i>/a^u/</i> Pau	<i>/õⁱ/</i> “Boi (cf. o par opositivo boi «o quadrúpede ruminante»:bói «moço de recados» por empréstimo ao inglês)” (CÂMARA JR, 1999, p.55).
<i>/êⁱ/</i> Papéis (só diante de /S/	<i>/õ^u/</i> “Monotongado no registro informal em

¹⁹⁶ Nós utilizamos [w] como símbolo gráfico para representar a semivogal [U] mencionada por Bagno (2012).

¹⁹⁷ “Quando a vogal vem em primeiro lugar, o DITONGO de denomina DECRESCENTE” (CUNHA e CINTRA, 2008, p.60, grifos do autor).

¹⁹⁸ “Quando a semivogal antecede a vogal, o DITONGO diz-se CRESCENTE” (CUNHA e CINTRA, 2008, p.60, grifos do autor).

	/ô/: vou” (CÂMARA JR, 1999, p. 55).
/ê ⁱ / Lei	/u ⁱ / Fui.
/i ^u / Riu	/òu/ Sol (Fruto da vocalização do /L/ pós vocálico).

Fonte: Câmara Jr (1999, p.55).

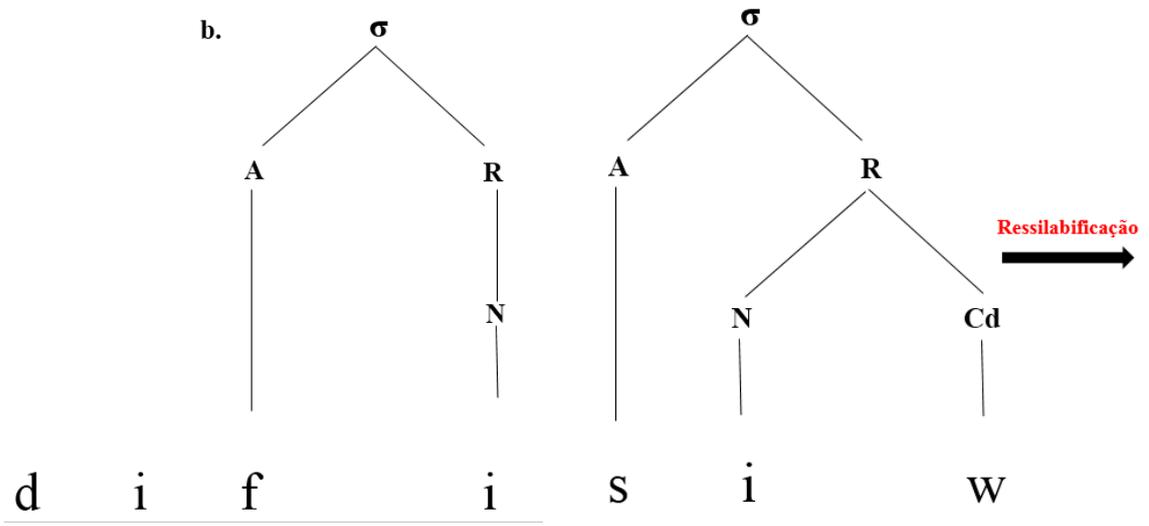
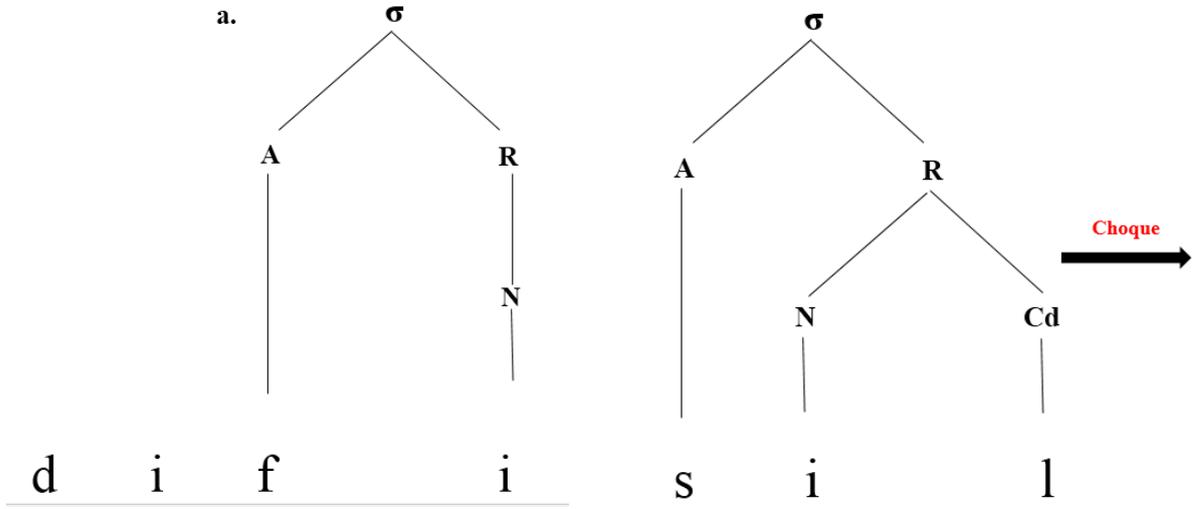
Quadro 110 - Ditongos crescentes

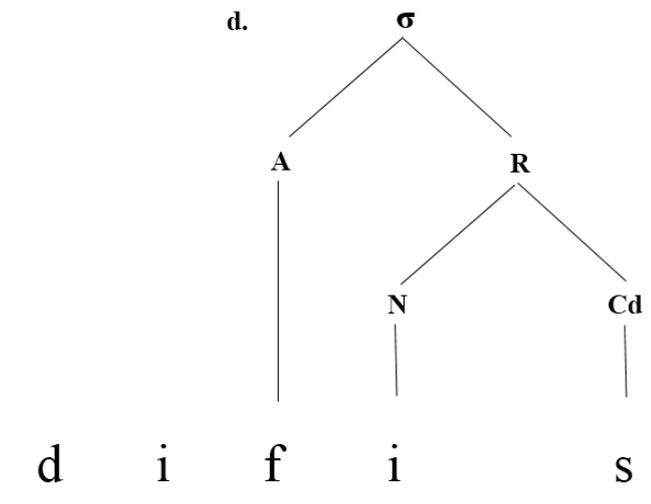
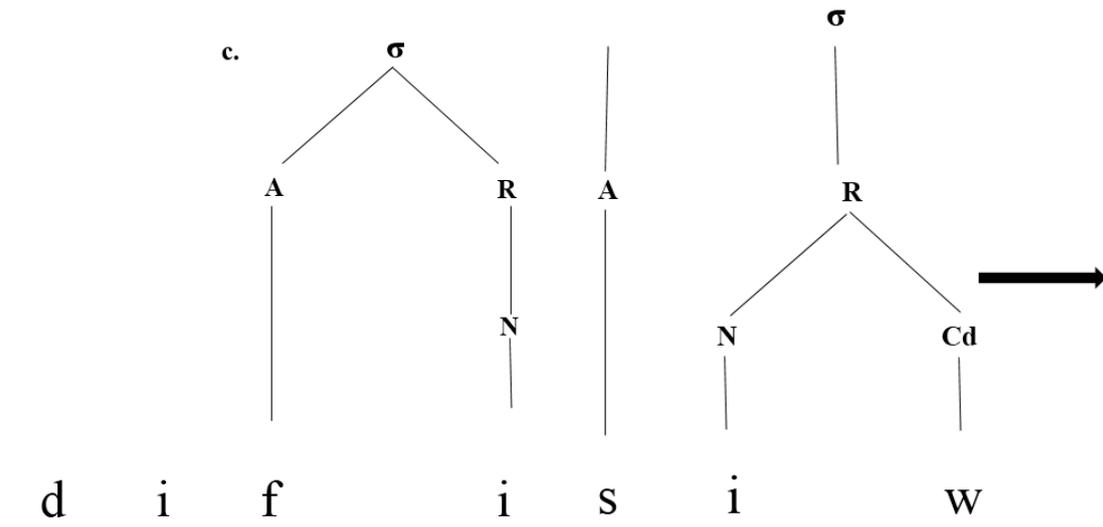
DITONGOS CRESCENTES
<p>“A vogal assilábica /u/ depois de plosiva labial diante de vogal silábica: (k, g) u (a, è,ê,i,ò,ô)/, como em qual (cf. o par opositivo <i>quais</i> /k<u>a</u>̃.s/: <i>coais</i>, do verbo <i>coar</i> /kuã.s/, onde um ditongo crescente e um decrescente com uma única vogal silábica produz o que se chama um «tritongo», tradicionalmente em português).” (CÂMARA JR, 1999, p.55).</p>

Fonte: Câmara Jr (1999, p.55).

Os casos de Monotongação coletados são melhor compreendidos e discutidos mediante as representações arbóreas a seguir.

Diagrama 16 - Representação do fenômeno de monotongação – ditongo IU (Falante ALDS)





Fonte: autora.

Inicialmente, no item (a)¹⁹⁹, nós temos a forma reconhecida atualmente como “padrão” pelos falantes da língua. Essa forma padrão entra em conflito devido ao confronto entre o núcleo da última sílaba [i] e a consoante lateral [l] em posição de coda. O choque que há entre os dois, ao contrário de muitas representações já discutidas, não provoca a flutuação do fone [l], nem tão pouco a perda do nó raiz. Ele sofre, no item (b)²⁰⁰, um processo de vocalização.

A vocalização é um tipo de metaplasmo por transformação que consiste na “transformação de uma consoante em vogal: nocte > noite; regno > reino; multu > muito; absentia > ausência; facto > feito; acto > auto; capsa > caixa (BAGNO, 2012, p. 297, grifos

¹⁹⁹ Página 198.

²⁰⁰ Página 199.

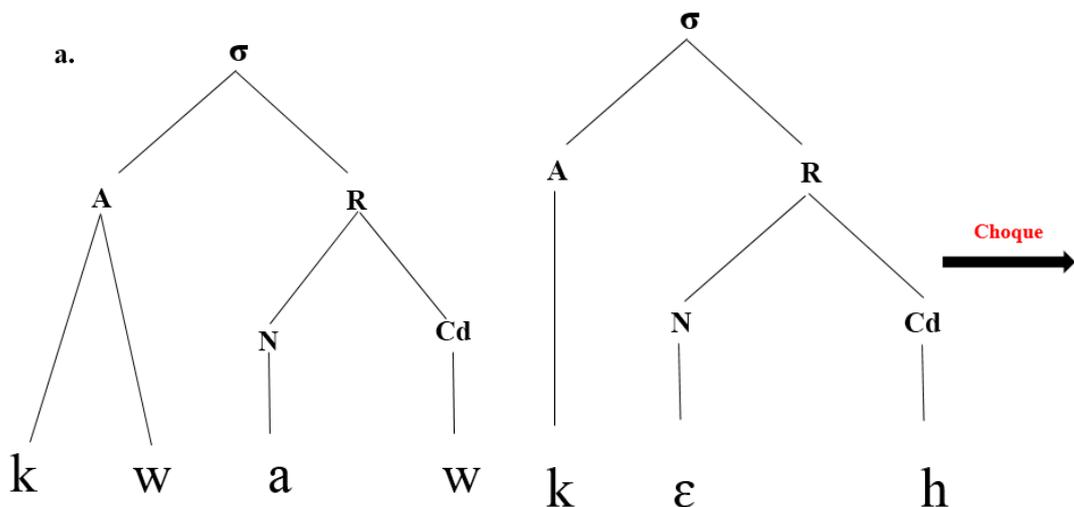
do autor). Isso implica dizer que, o fone [l] perde seus traços consonantais e assume os traços referentes a semivogal [w].

Após o processo de vocalização (item c)²⁰¹, o ataque da última sílaba perde o nó raiz; o que ocasiona, desta vez, na flutuação do segmento [s]. O falante, ainda que inconsciente, diante dessa flutuação, acopla (item d)²⁰² o segmento [s] a raiz anterior e permite, assim, que o já referido som exerça a função de coda da segunda sílaba. Por fim, o último processo ocorrente é o apagamento total da última raiz e suas respectivas sílabas.

O mesmo processo é verificável na imagem 59 (Falante JADS - ['fas] –fácil)²⁰³, isto é, a supressão também segue as mesmas etapas da palavra anterior.

- (a) Forma base;
- (b) Choque que acarreta na vocalização do arquifonema /L/;
- (c) Ressilabificação que ocasiona a flutuação do fone [s];
- (d) Anexação do fone [s] à posição de coda na sílaba anterior e apagamento do nó raiz seguinte e seus constituintes.

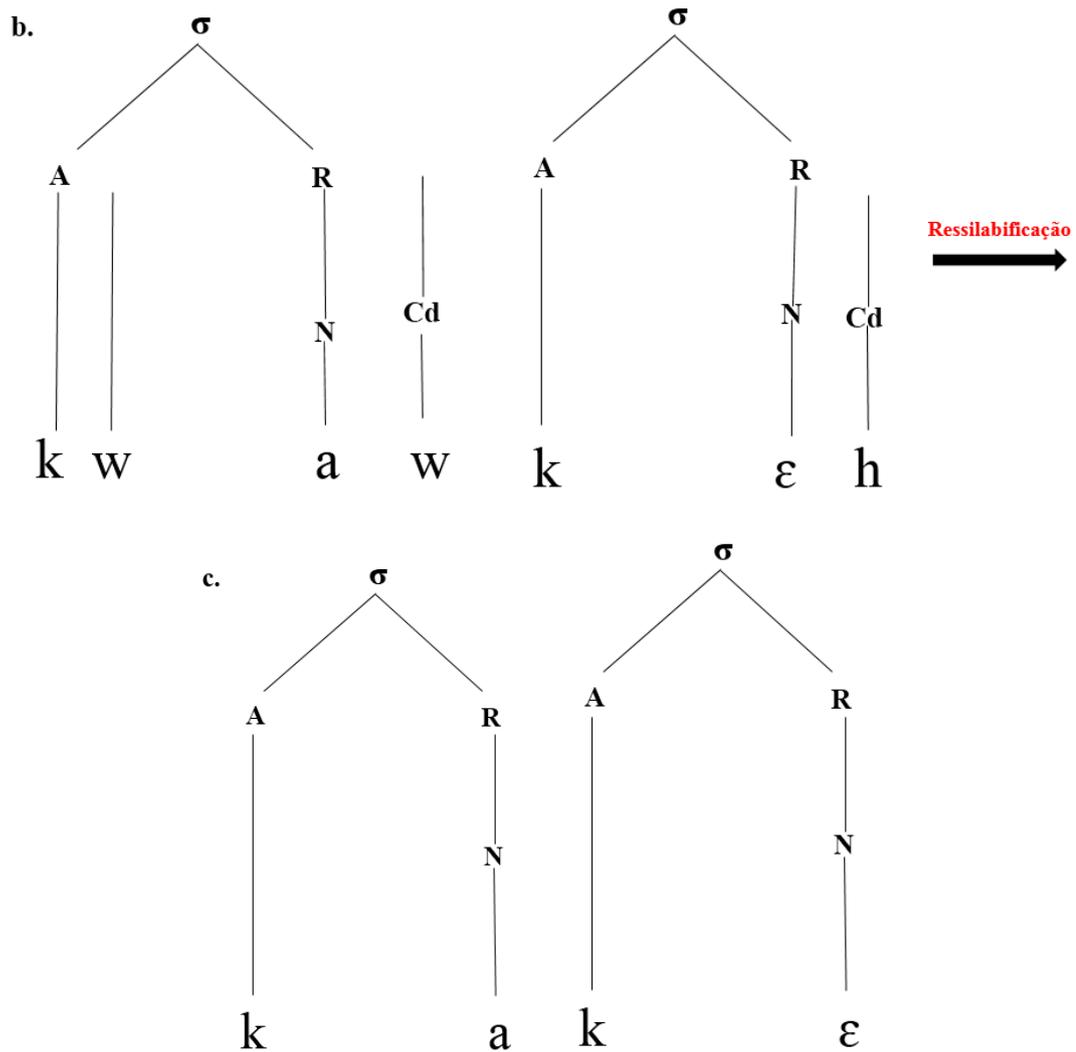
Diagrama 17 - Representação do fenômeno de monotongação – tritongo UAU (Falante ALDS)



²⁰¹ Página 199.

²⁰² Página 199.

²⁰³ Página 192.



Fonte: autora.

O tritongo acima reflete mudanças significativas de monotongação. Temos, inicialmente, a forma base (item a)²⁰⁴. A primeira sílaba é composta por dois ataques (consoante + semivogal), um núcleo (vogal) e uma coda (semivogal); a segunda sílaba é formada por uma ataque (consoante), um núcleo silábico (vogal) e uma coda (consoante). O item (b)²⁰⁵ mostra o resultado do conflito gerado entre o segundo ataque e a coda da primeira sílaba. Esse choque faz com que as duas semivogais [w] não permaneçam vinculadas ao nó raiz. Isso acarreta no processo de ressilabificação (item c)²⁰⁶, que, por sua vez, causa o apagamento das semivogais e a permanência do núcleo silábico [a].

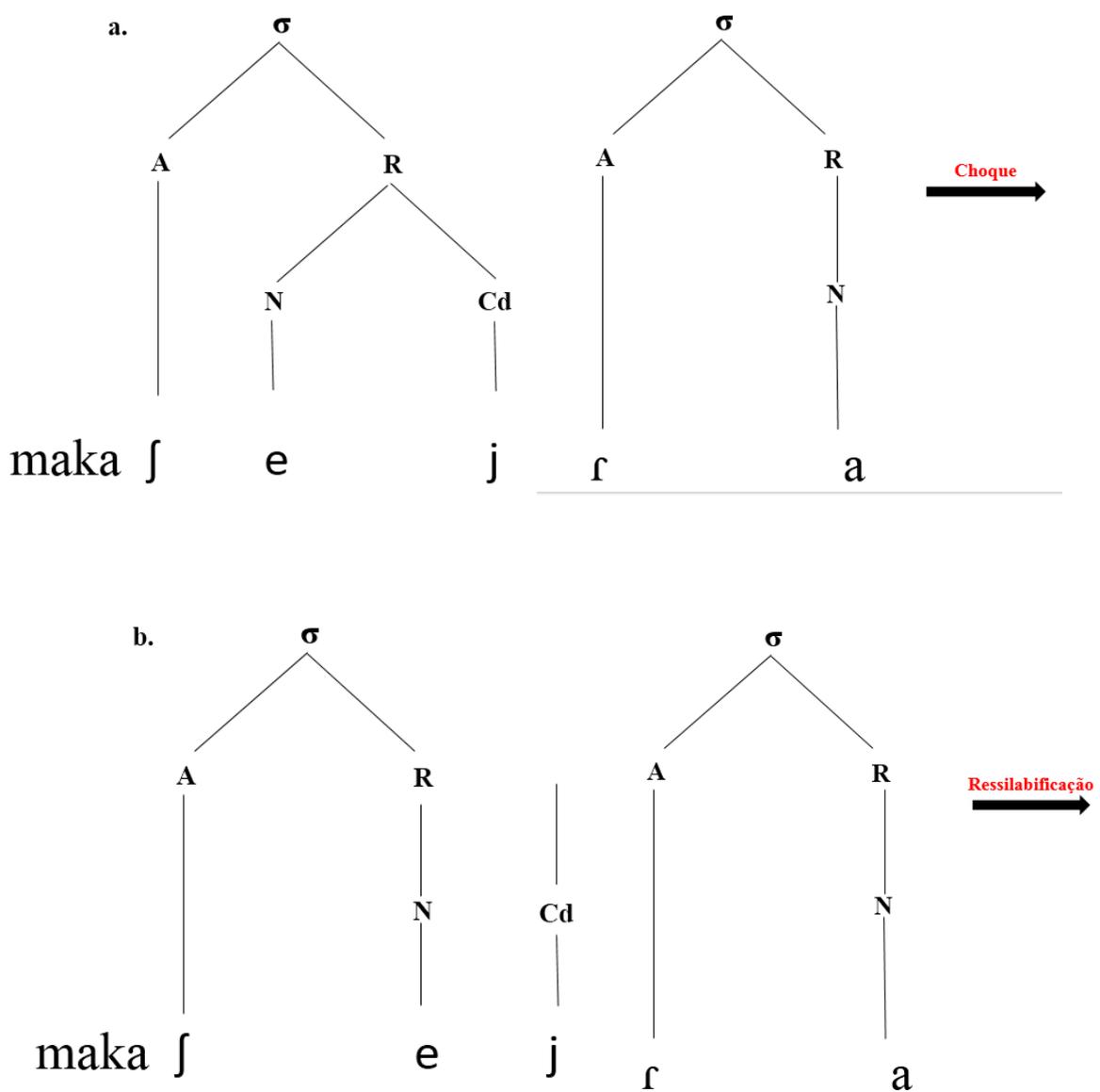
²⁰⁴ Página 201.

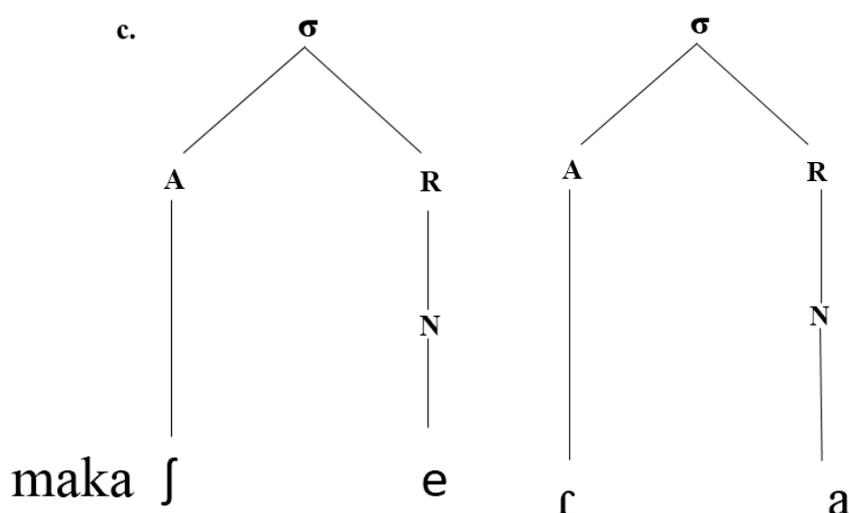
²⁰⁵ Página 201.

²⁰⁶ Página 201.

Vale acrescentar, a palavra sofre também o apagamento da consoante [h] na posição de coda da última sílaba. Esse processo já foi ressaltado durante as discussões sobre as supressões em verbos no infinitivo.

Diagrama 18 - Representação do fenômeno de monotongação – ditongo EI (Falante JFDS)





Fonte: autora.

Essa representação arbórea mostra o processo de monotongação do ditongo EI. No primeiro momento (item a)²⁰⁷, nós temos a forma fonética base [maka'fɛra]²⁰⁸. Logo em seguida, a vogal [e] e a semivogal [j] colidem, provocando a representação arbórea (b)²⁰⁹. Após o choque, a semivogal [j] perde o vínculo (flutuação) com o nó raiz. Tal flutuação e ausência de vínculo com outro nó raiz, faz com que o som seja totalmente suprimido, gerando, assim, a representação (c)²¹⁰.

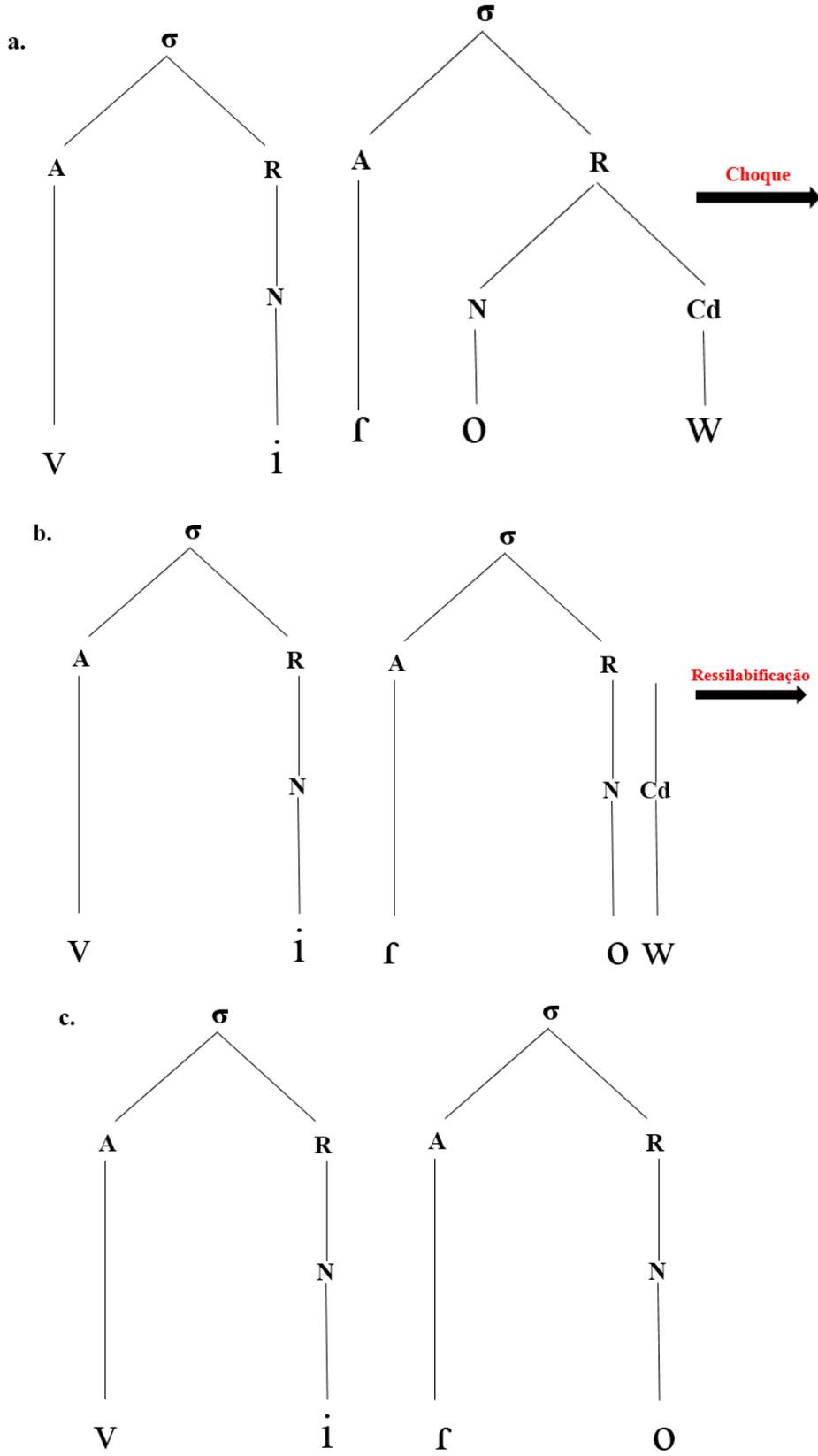
²⁰⁷ Página 202.

²⁰⁸ O mesmo processo de monotongação ocorrente na palavra [maka'fɛra] (Macaxeira) é verificável na palavra [brĩ,ka'dea] (brincadeira), proferida pelo falante SG (Imagem 63). Contudo, o falante suprime o segmento consonantal [r], diferente da palavra representada acima.

²⁰⁹ Página 203.

²¹⁰ Página 203.

Diagrama 19 - Representação do fenômeno de monotongação – ditongo OU (Falante JLFDS)

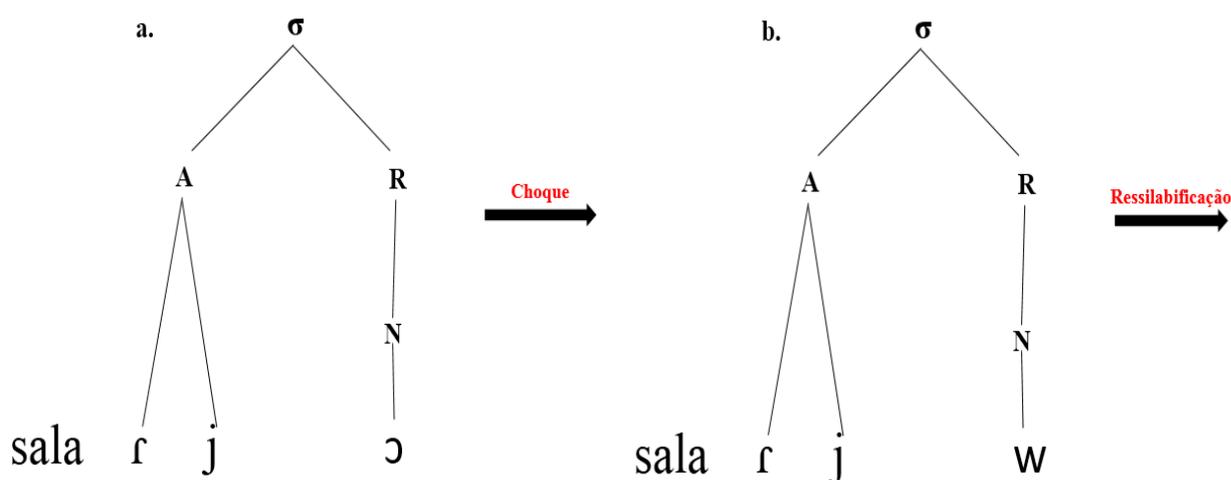


Fonte: autora.

Assim como os demais sistemas arbóreos, no caso de monotongação do ditongo OU, o item (a)²¹¹ se refere a representação fonética base. A primeira sílaba é constituída por ataque e rima (núcleo silábico) e a segunda por ataque e rima (núcleo silábico e coda). Há entre a vogal [o] e a semivogal [w] um choque que resulta na representação (b²¹²): modificação na última sílaba, posto que a semivogal (coda silábica) perde o vínculo com o seu nó raiz. No item (c)²¹³, é observável o total apagamento da semivogal [w] flutuante, o que nos leva a concluir que a supressão foi o recurso utilizado pelo falante para harmonizar a sílaba.

O mesmo processo é detectável na imagem 64 - [trãs,for'mos] (Falante MFDS)²¹⁴, imagem 66 - [,dej'fo] (Falante NCCDS)²¹⁵, imagem 69 ['otu,ru]²¹⁶ (Falante REDS)²¹⁷ e na imagem 70 - [,levo] (Falante JRCDS)²¹⁸.

Diagrama 20 - Representação do fenômeno de monotongação – ditongo IU (Falante RAE)



²¹¹ Página 204.

²¹² Página 204.

²¹³ Página 204.

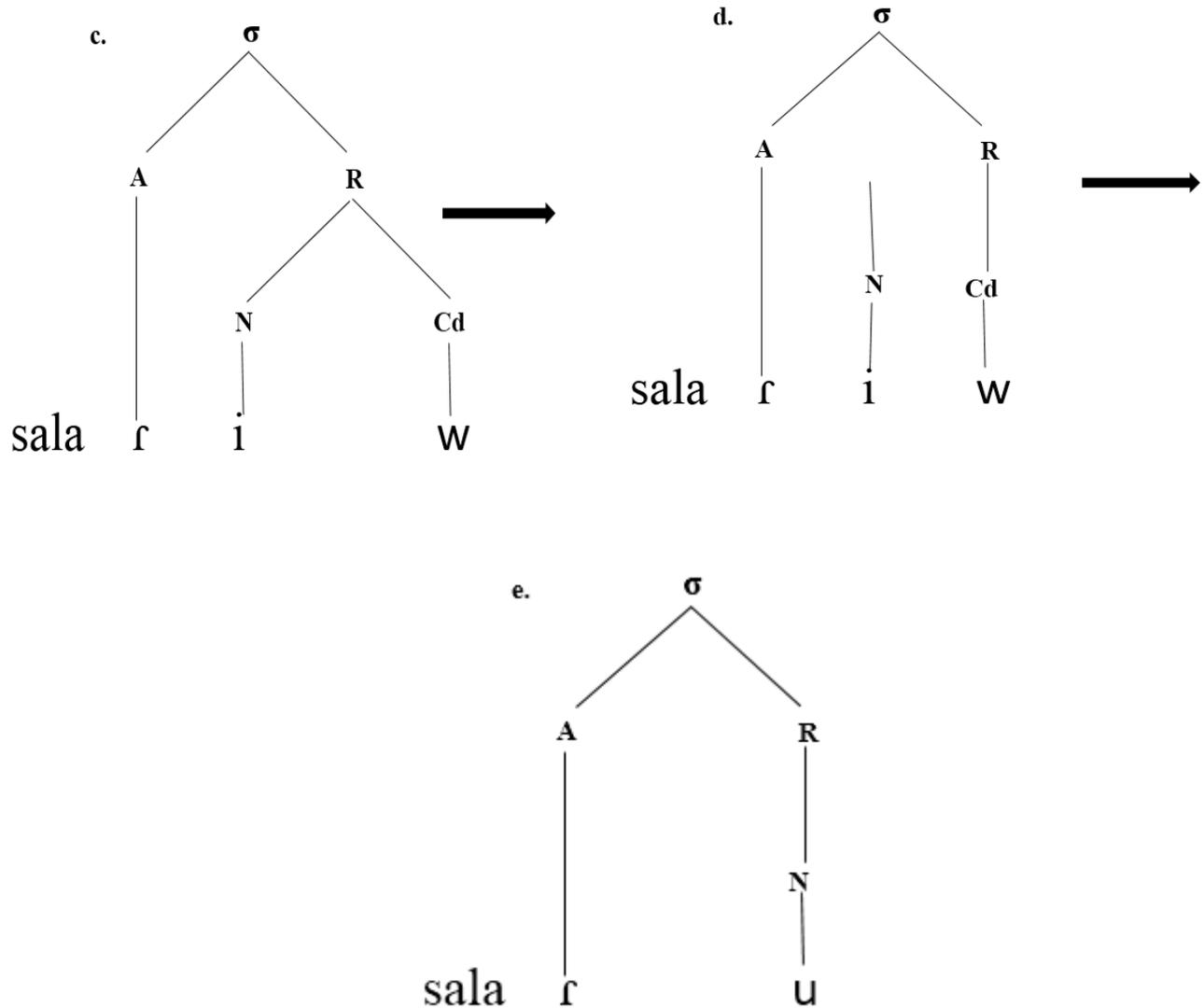
²¹⁴ Página 194.

²¹⁵ Página 195.

Além da supressão da semivogal [w], a palavra ['otu,ru] (Falante REDS) sofre um processo de Epêntese (Suarabácti). A Epêntese é um fenômeno classificado dentro do campo dos Metaplasmos por acréscimo, portanto, consiste na adição “[...] de um segmento sonoro no interior da palavra: stella > estrela; humile > humilde; úmero > ombro. (a) Uma modalidade particular de epêntese é o suarabácti (ou anaptixe), a intercalação de uma vogal para desfazer um grupo de consoantes: planu > prão > porão; blatta > brata > barata; [...] (BAGNO, 2012, p.296).

²¹⁷ Página 196.

²¹⁸ Página 196.



Fonte: autora.

O exemplo acima representa um caso de monotongação do ditongo IU. A princípio (item a)²¹⁹, temos a forma base constituída por dois ataques (consoante + semivogal) e uma rima (núcleo silábico). Em segunda instância, temos um choque entre a vogal [ɔ] da rima silábica e a semivogal [j] do ataque silábico anterior. A vogal (item b)²²⁰ sofre, por assimilação, um alteamento²²¹ em direção a semivogal [w], e como consequência os valores

²¹⁹ Página 205.

²²⁰ Página 205.

²²¹ Para compreender melhor esse processo de alteamento, é possível voltar a Imagem 33 (Vogais do Português brasileiro) e verificar a altura de cada vogal. A vogal [ɔ] assume uma posição mais baixa no quadro de vogais, enquanto a vogal [u], de onde provém a semivogal [w], assume uma posição mais alta.

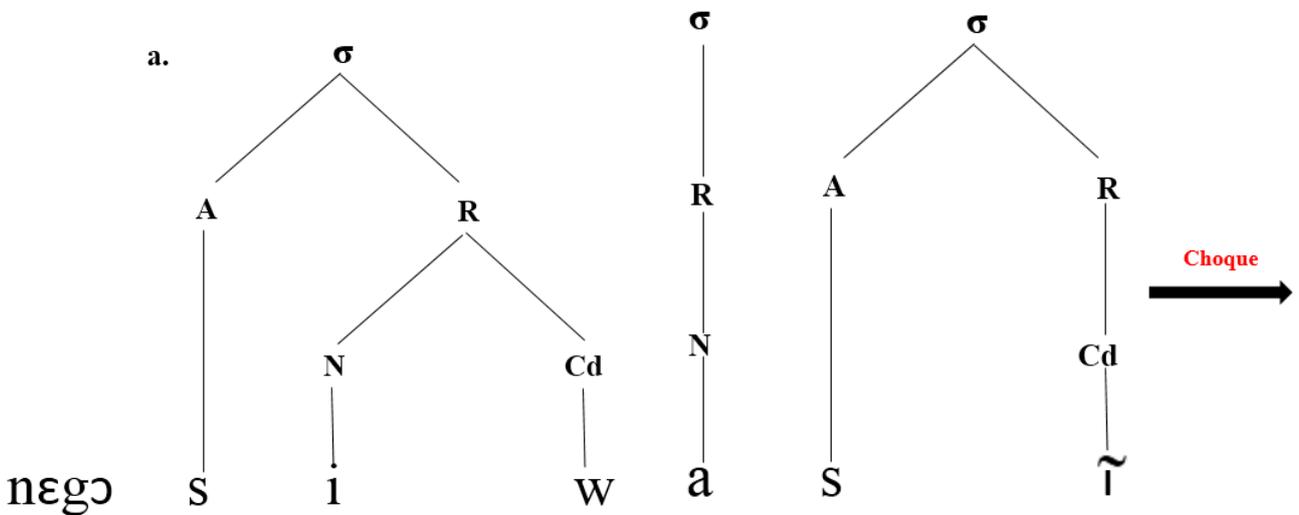
de vogal e semivogal se invertem (item c)²²², haja vista que uma semivogal não pode exercer a função de núcleo silábico²²³.

Diante disso, a estrutura silábica sofre profundas alterações, dado que nessa fase já não temos dois ataques silábicos, afinal a semivogal [j] após a transformação da vogal [ɔ] em semivogal [w] assume a posição de vogal [i] e de núcleo silábico da última sílaba. A vogal [ɔ] após a transformação em semivogal [w] assume a posição de coda silábica.

Por fim (item d)²²⁴, o núcleo silábico [i] perde a relação com o nó raiz e como consequência, ele é totalmente apagado (item e)²²⁵. Observe que o apagamento da vogal [i] faz com que a coda assuma a posição de núcleo da rima silábica, já que tal posição não pode ficar vazia e só pode ser ocupada por uma vogal, por isso, a transformação da semivogal [w] em vogal [u]. Em síntese, a posição perdida pela vogal [ɔ], é retomada, no último estágio, pela vogal [u].

De modo mais didático, o ditongo IU sofre os seguintes processos: [jɔ] > [jw] > [iw] > [u].

Diagrama 21 - Representação do fenômeno de monotongação – ditongo IU (Falante MWFDs)

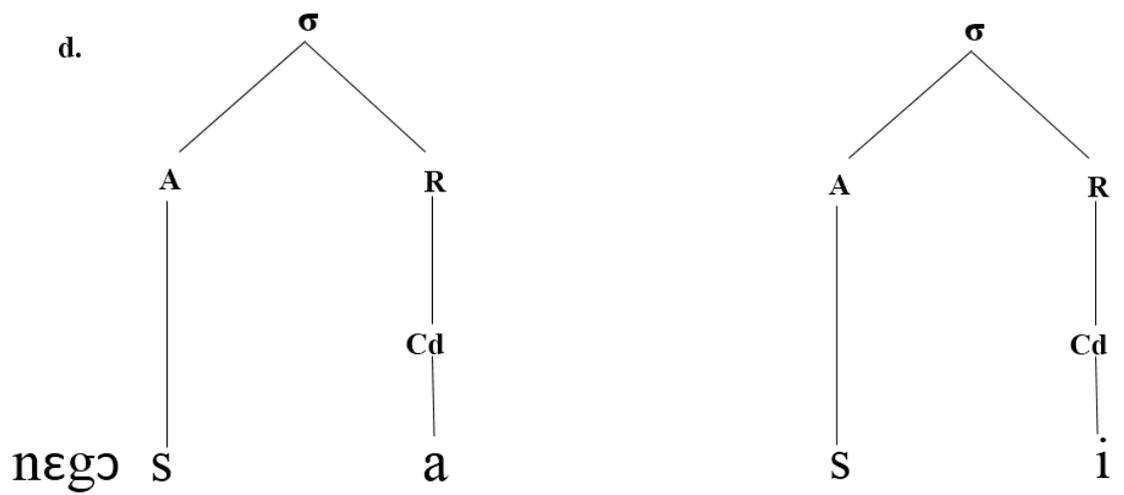
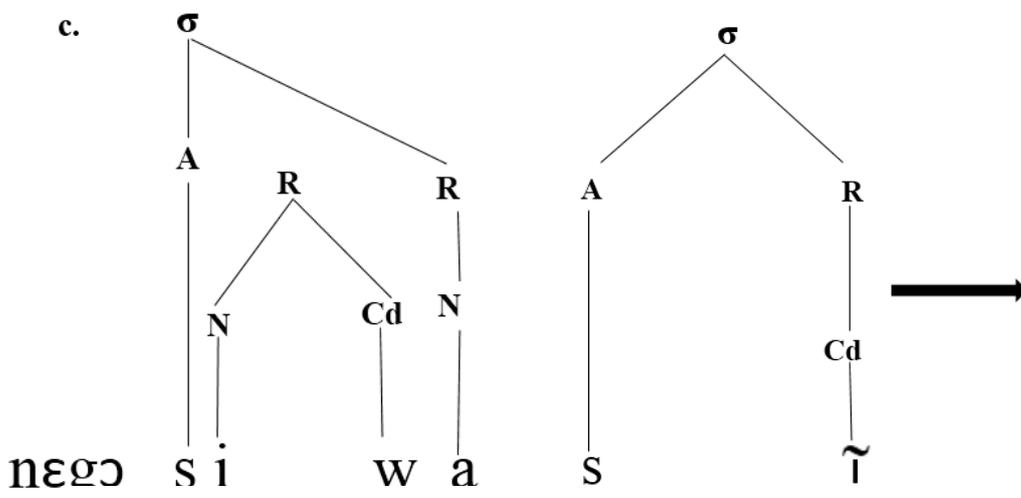
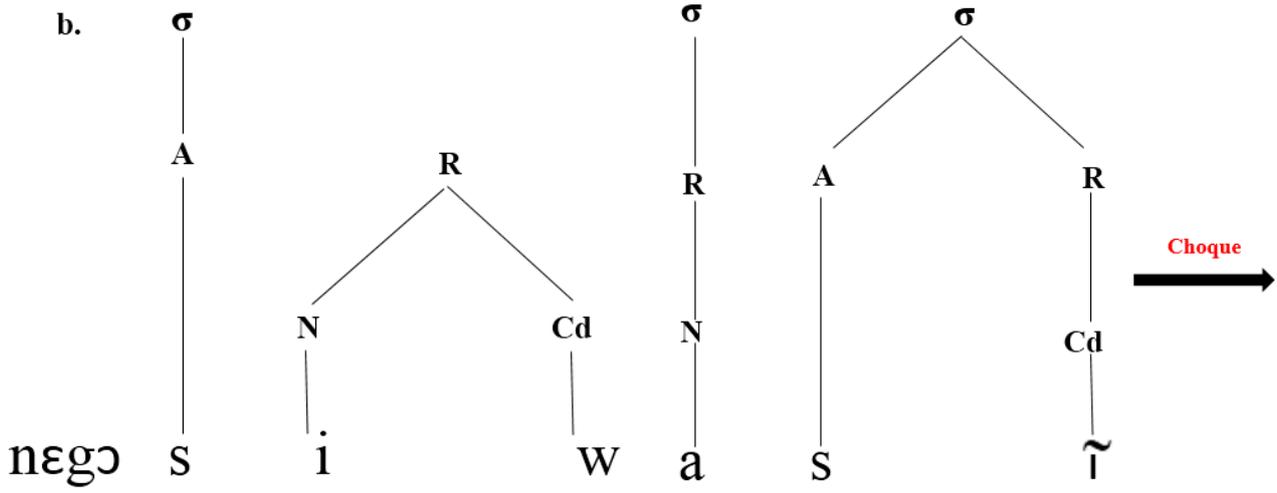


²²² Página 206.

²²³ A representação no item (b) seria, portanto, incoerente.

²²⁴ Página 206.

²²⁵ Página 206.



Vale destacar outra representação de monotongação do ditongo IU, posto que os mecanismos utilizados para efetuar essa variação difere do exemplo discutido anteriormente.

No item (a)²²⁶, temos a forma base, conforme o nosso ponto de partida. Essa forma entra em conflito mediante o choque entre a vogal [i] e a semivogal [w]. O choque causa uma quebra na relação entre toda a rima silábica e o nó raiz (item b)²²⁷. Por conseguinte, a quebra faz com que o falante, ainda que inconscientemente, busque um recurso capaz de harmonizar a falta de rima silábica. Para tanto, diante da flutuação de toda a rima [iw], ele funde (item c)²²⁸ o nó raiz seguinte com o nó raiz desfalcado [sa]. Em seguida (item d)²²⁹, o falante apaga toda a rima silábica não utilizada e desnasaliza²³⁰ o segmento vocálico [ĩ̃].

Após todas as representações arbóreas de monotongação e as discussões aqui realizadas, fazem-se necessário ressaltar os aspectos acústicos que nos levaram a assumir a redução dos ditongos coletados na pesquisa.

Como já foi ressaltado nas discussões sobre os casos de Apócope em verbos na 3ª pessoa do plural, é preciso ter em mente que as vogais são caracterizadas no espectrograma por uma energia cuja intensidade se sobrepõe a qualquer outro tipo de som e que elas divergem entre si conforme o posicionamento de F1 e F2 no espectro, afinal, “quanto mais alto o valor de F1, mais baixa a vogal [...] quanto mais posterior a vogal, mais baixa a frequência de F2 [...]” (SILVA, 2012, p.41-42). Além disso, as vogais, por serem todas vozeadas, apresentam barra de vozeamento (barra cinza-escuro na parte inferior do espectro).

No caso da imagem 58²³¹ (Falante ALDS), acreditávamos, a partir da percepção auditiva, que a palavra “difícil” teria sofrido uma redução do ditongo [iw] em [i], todavia a

²²⁶ Página 207. Antes do item (a), a representação sofre os mesmos processos [sa'laru] (Falante RAE). 1) Forma base constituída por dois ataques (consoante + semivogal) -[sj]- e por uma rima (núcleo silábico) – [ɔ]; 2) Choque entre a vogal [ɔ] da rima silábica e a semivogal [j] do ataque silábico anterior. A vogal sofre, por assimilação, um alteamento em direção a semivogal [w]; 3) Os valores de vogal e semivogal se invertem, ou seja, a semivogal [j] assume posição de vogal [i] e de núcleo silábico da sílaba [siw]. A vogal [ɔ], após a transformação em semivogal [w], assume a posição de coda silábica [siw]. Devido à extensão das construções arbóreas de todo o processo, optamos por iniciar a representação após a posição de núcleo e coda já estabelecidas, tendo em vista que tais transformações não interferem no processo de monotongação coletado nesse exemplo.

²²⁷ Página 208.

²²⁸ Página 208.

²²⁹ Página 208.

²³⁰ A desnasalização é a transformação de um segmento nasal em oral. (BAGNO, 2012, p.298).

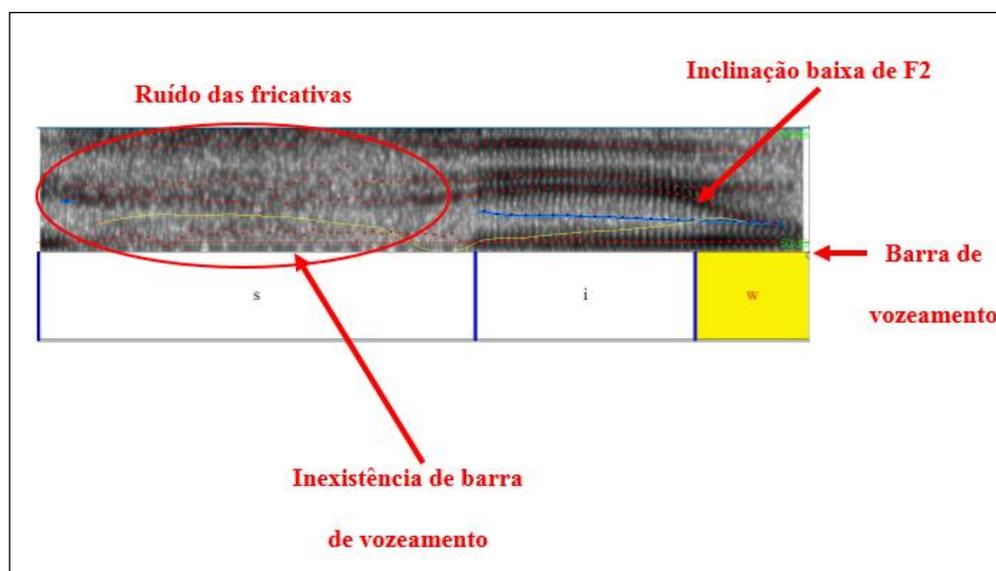
²³¹ Página 192. As mesmas características representam a imagem 59 (Falante JADS – palavra “fácil” – página 192).

verificação acústica no PRAAT demonstrou que a palavra sofre a supressão total da vogal e semivogal: [di'fisiw] > [di'fis].

Os elementos que nos levaram a essa conclusão foram detectados a partir da análise dos últimos segmentos sonoros das palavras (imagem 58 e 59²³²). Se observarmos tais segmentos, é notável a ausência de barra de vozeamento²³³, bem como é evidente a existência de ruídos típicos dos sons fricativos. Diante dessas características, é viável afirmar que a vogal e semivogal foram ambas suprimidas, restando apenas o som fricativo alveopalatal ou dental desvozeado [s].

Para melhor compreender tais distinções, segue abaixo um trecho, produzido pela pesquisadora, destacado com a presença do ditongo.

Imagem 71 - Trecho acústico [siw] da palavra difícil



Fonte: autora.

Ao compararmos esse exemplo de pronúncia realizada pela própria pesquisadora e a pronúncia realizada pelo falante ALDS, é clara a inexistência de qualquer outro som após a fricativa alveopalatal ou dental desvozeada [s].

Na imagem 60²³⁴ (Falante ALDS), a palavra “qualquer” perde a semivogal [w] anterior a vogal [a] e a semivogal [w] posterior a vogal [a]. Isso por que, como já ressaltamos em análises anteriores, devemos no atentar ao comportamento de F2 para comprovarmos a existência de uma semivogal. Caso F2 fuja da linearidade (alteamento ou abaixamento) já

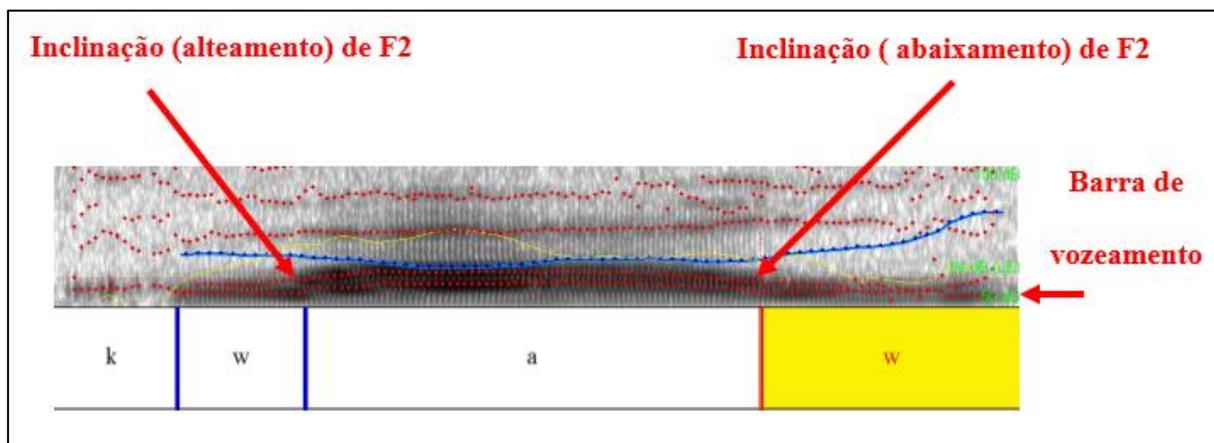
²³² Página 192.

²³³ Característica típica das vogais.

²³⁴ Imagem 60 (página 193). Diagrama 17 (página 201).

estabelecida durante a pronúncia da vogal, a semivogal se faz presente (BARBOSA e MADUREIRA, 2015).

Imagem 72 - Trecho acústico [kuaw] da palavra “qualquer”



Fonte: autora.

Nesse trecho [kwaw] da palavra qualquer, proferido pela própria pesquisadora, é possível notar a presença de uma semivogal após a oclusiva velar desvozeada [k]. Conforme a imagem 33²³⁵, esta semivogal faz referência a vogal homorgânica [u] e o pequeno alteamento (seta vermelha 1) em F2 revela o início da vogal [a], visto que ela não se insere no campo posterior (SEARA, NUNES e LAZAROTTO-VOLCÃO, 2011; CRISTÓFARO-SILVA, 2002) da caracterização vocálica, conseqüentemente F2 tende a subir (Silva, 2012). Em seguida, F2 baixa novamente (seta vermelha 2), como consequência da existência de semivogal [w] que dialoga com a vogal posterior [u].

Todas essas alternâncias (abaixamento\alteamento) de F2 não são localizadas na imagem 60 (Falante ALDS)²³⁶, afinal F1 e F2 estão caracterizados por uma estacionariedade (BARBOSA e MADUREIRA, 2015) que descarta qualquer possibilidade de existência sonora de semivogais.

Na imagem 61²³⁷ (Falante JFDS), é evidente o apagamento da semivogal [j].

Observe particularmente [...] que a vogal [e] não tem um padrão quase estacionário para F2. Para a delimitação do trecho correspondente a essa vogal, fortemente coarticulada com a semivogal [...], usamos como critério o esmaecimento de F1 por conta de menor energia pelo alçamento do sistema linguomandibular. (BARBOSA e MADUREIRA, 2015, p.274).

²³⁵ Características acústicas das vogais orais do Português brasileiro – Página 177.

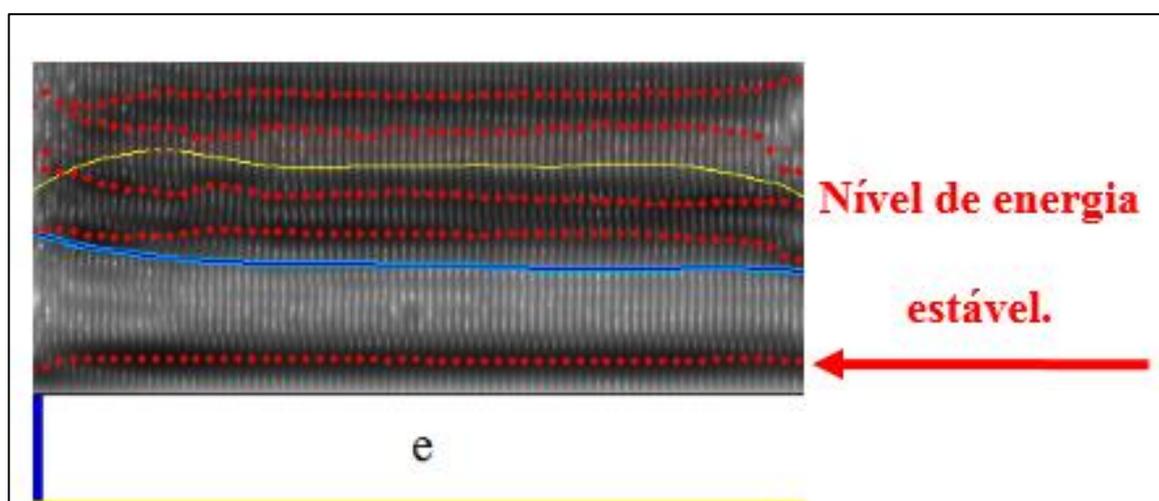
²³⁶ Página 193.

²³⁷ Página 193. As mesmas características são verificáveis na imagem 63 (Falante SG – Palavra “brincadeira”).

Conforme os autores acima, a distinção entre a vogal [e] e a semivogal [j] dá-se mediante o enfraquecimento da energia (F1) da semivogal, dado a necessidade de produzir o som [j] num posicionamento físico-articulatório mais alto, conforme as exigências da sua vogal homorgânica [i].

A imagem 61²³⁸ não carrega essas características, afinal durante a pronúncia vocálica [e], não há enfraquecimento da energia sonora da vogal em F1, isto é, a pronúncia é marcada por uma única tonalidade de cinza em F1. Portanto, nos cabe ressaltar a ausência de uma semivogal após a vogal base.

Imagem 73 - Trecho acústico da vogal [e] (Falante JFDS)



Fonte: autora.

Na imagem 62²³⁹ (Falante JLFDS) é nítido a ausência da semivogal [w], constituinte do ditongo [ow]. Acusticamente, para chegarmos à conclusão de tal ausência, utilizamos os mesmos mecanismo realizados na análise do tritongo UAU, ou seja, o modo como se comporta F2 definirá a presença ou não da semivogal.

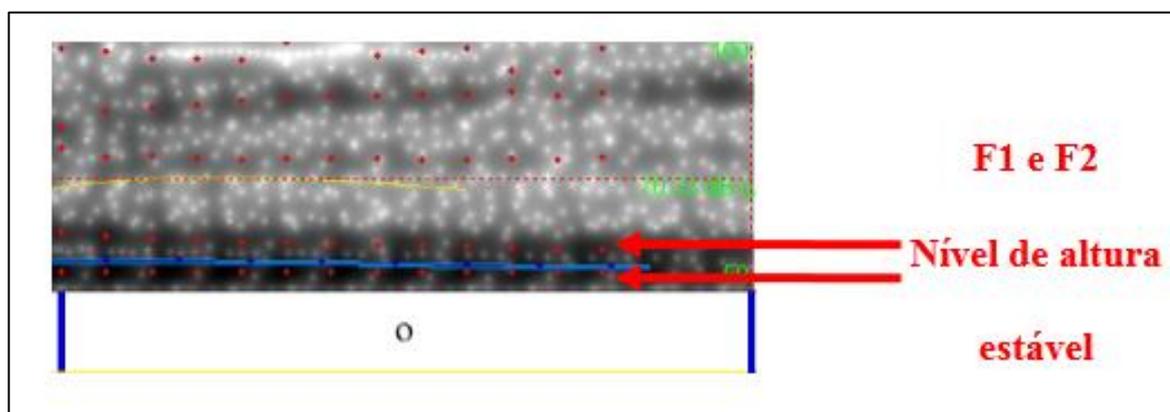
Conforme Barbosa e Madureira (2015), a vogal [o] é caracterizada por uma postura estacionária dos seus formantes (F1 e F2). Se essa postura é alterada por um levantamento ou abaixamento de F2, conseqüentemente a vogal apresenta uma “companhia” sonora: a

²³⁸ Página 193.

²³⁹ Página 193. O mesmo processo de monotongação é verificável nas imagens 64 (Falante MFDS – Palavra “transformou-se”), 66 (Falante NCCDS – Palavra “deixou”), 69 (Falante REDS – Palavra “outro”), 70 (Falante JRCDS – Palavra “levou”).

semivogal. Na imagem coletada, F1 e F2 seguem uma linearidade sem nenhuma mudança brusca, o que nos faz concluir, de fato, a inexistência de uma semivogal.

Imagem 74 - Trecho acústico da vogal [o] (Falante JLFDS)



Fonte: autora.

Numa das análises anteriores, destacamos o caso de uma redução do ditongo [iw] (imagem 58)²⁴⁰, todavia, foi concluído a inexistência tanto da vogal quanto da semivogal. Na imagem 67²⁴¹ (Falante RAE), essa redução de ditongo em monotongo é realmente verificável, posto que a análise acústica possibilitou detectarmos a supressão da vogal [i] e a permanência da semivogal [w]²⁴²

[...] A vogal [i] tem um padrão quase estacionário, especialmente para F2, que está relacionado ao ponto de articulação. Essa quase estacionariedade, [...], é manifesta pelo traçado de F2 com inclinação baixa ao longo da vogal. Durante a semivogal, [...] não há estacionariedade alguma[...] (BARBOSA e MADUREIRA, 2015, p.272).

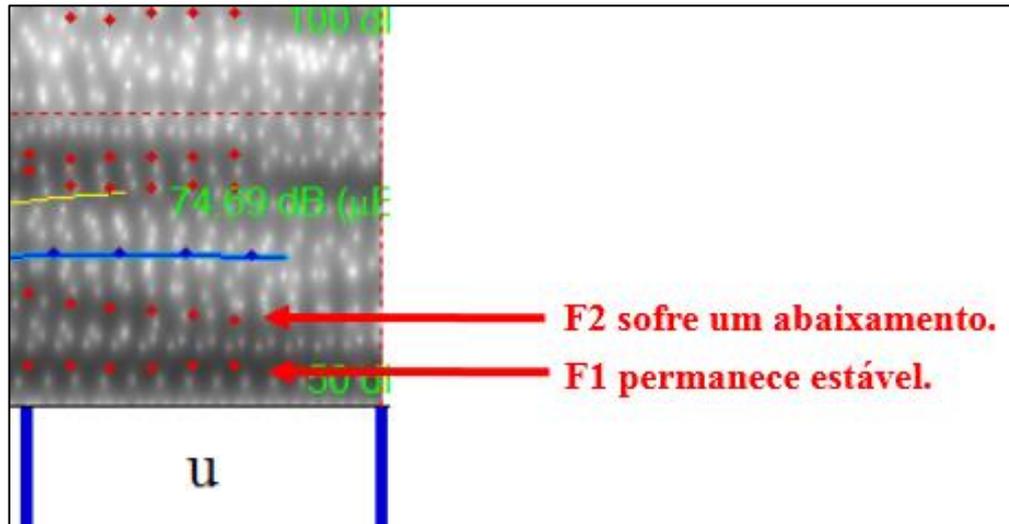
A partir do exposto pelos teóricos acima, já se torna possível descartar a existência de uma vogal [[i] na palavra salário, visto que o segundo formate da vogal que compõe a última sílaba não se encontra de modo estacionário, sem modificações direcionais.

²⁴⁰ Página 192.

²⁴¹ Página 195. O mesmo processo de monotongação é verificável na imagem 68 (Falante MDDDC – Palavra “salário” – página 195).

²⁴² Após o apagamento da vogal [i], ela assume o caráter de vogal [u].

Imagem 75 - Trecho acústico da vogal [u] (Falante RAE)

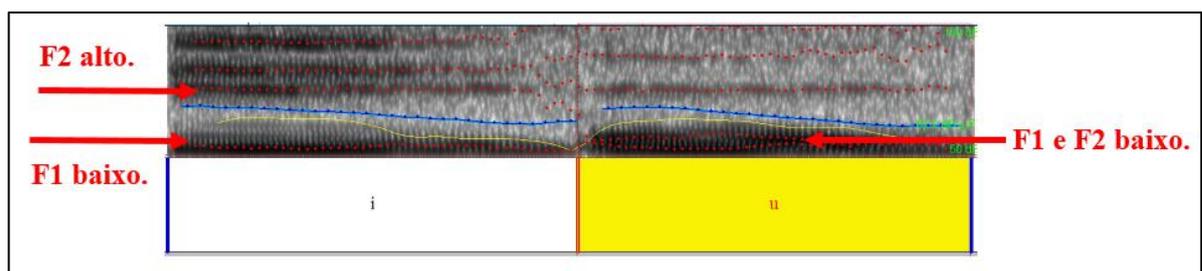


Fonte: autora.

Retomando o que foi discutido por Silva (2012, p.41-42), “quanto mais alto o valor de F1, mais baixa a vogal [...]. Quanto mais posterior a vogal, mais baixa a frequência de F2 [...]”. Retomando, também, o quadro de vogais do Português brasileiro proposto por Cristófar-Silva (2003, p.176), podemos fazer as seguintes deduções;

- A vogal [i] é alta, portanto deve apresentar F1 baixo;
- A vogal [u] é alta, portanto deve apresentar, também, F1 baixo;
- A vogal [i] é anterior. O que equivale a um posicionamento alto de F2;
- A vogal [u] é posterior. O que equivale a um posicionamento baixo de F2.

Imagem 76 - Trecho acústico da vogal [i] e da vogal[u]



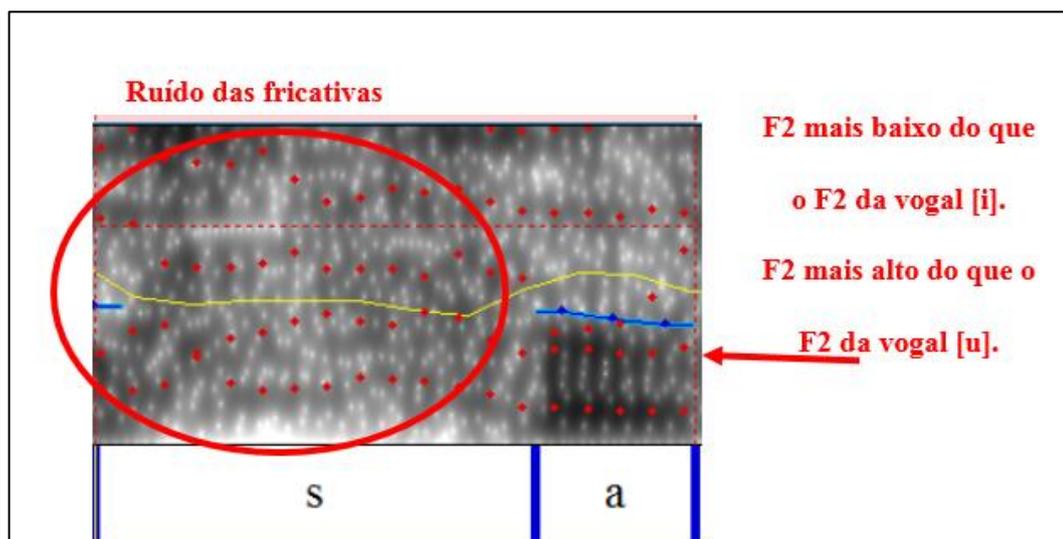
Fonte: autora.

Ao comparar as informações anteriores com a pronúncia seguinte (imagem 77 - produzida pela própria pesquisadora)²⁴³ e a imagem 75 (produzida pela falante RAE)²⁴⁴, a evidência de uma vogal [u] se efetua, em contraposição a ocorrência de uma vogal [i], tendo em vista que F1 e F2 na vogal [i] apresentam um distanciamento considerável não encontrado no dado coletado.

Na imagem 65²⁴⁵, um caso peculiar de representação do ditongo IU é efetuado. Ao analisarmos a pronúncia da palavra no PRAAT, verificamos a ausência da vogal [i] e da semivogal [w], ou seja, todo o ditongo (negócio assim) foi suprimido: [ne'gɔsiw asi] > [ne'gɔsasi].

Ao contrário da imagem 58, os processos de ressilabificação do vocábulo não terminaram no apagamento total das semivogais, e acoplamento da consoante [s]²⁴⁶ a raiz anterior, na posição de coda. Na verdade, a consoante permanece em sua posição de origem (ataque), haja vista que a raiz solitária, constituinte da rima- núcleo silábico [a] é fundida à raiz anterior. O que resulta na construção sonora: [ne'gɔsasi].

Imagem 77 - Trecho acústico da vogal [a] (Falante MWFDS)



Fonte: autora.

²⁴³ Página 215.

²⁴⁴ Página 214.

²⁴⁵ Imagem 65 (página 194) e diagrama 21 (página 207).

²⁴⁶ Na imagem 58 (página 192) e (diagrama 16 (página 198)), o [s] assume originalmente a posição de ataque silábico.

Acusticamente, basta retomar o quadro de vogais do PB proposto por Cristóforo-Silva (2003, p.176)²⁴⁷ e a imagem 33 (Características acústicas das vogais orais do Português brasileiro)²⁴⁸ para constatar que o posicionamento de F2 da vogal [a] é mais alto do que o posicionamento de F2 da vogal [u] e mais baixo do que F2 da vogal [i]. Além disso, o ditongo [iw] é marcado pela quase estacionariedade diante da vogal [i] (F2) e pela ruptura de estacionariedade diante da semivogal [w]. Tal ruptura não é representada na pronúncia de MWFDS.

Além do mais, a palavra não termina no ruído das fricativas, mas permanece com um som dotado de barra de vozeamento e solidez de formantes (F1 e F2), por isso a ideia de inexistência de qualquer vogal posterior também é incoerente.

Vale acrescentar que todos os casos de Monotongação são afetados pelo Princípio de economia linguística, tendo em vista que a pronúncia de um ditongo exige maior esforço articulatorio. Acreditamos, também, na interferência da estrutura silábica padrão (CV) do PB.

Oberve que em todos os casos²⁴⁹, os falantes pronunciam as palavras com estrutura silábica CV ou Ataque e Rima (núcleo), apagando, assim, a semivogal que funciona como coda ou segundo ataque.

4.3 ESTRATIFICAÇÃO SOCIAL DOS DADOS - QUANTIFICAÇÃO NO EXCEL

Ao longo da nossa discussão teórica foi discorrido sobre a quebra do paradigma estruturalista e gerativo, ocasionada pela nova concepção de língua da teoria sociolinguística, proposta por Labov (2008).

A partir das suas pesquisas em Martha's Vineyard e Nova Iorque, Labov (2008) defendeu que a língua não é explicável exclusivamente pelos mecanismos internos (pela sua estrutura), já que há forças externas (fatores sociais) que contribuem com a heterogeneidade sistemática da língua.

Em Martha's Vineyard, Labov (2008) descreveu inúmeros condicionadores sociais para as centralizações dos ditongos /ay/ e /aw/. Esses são: idade, localização geográfica, ocupação, etnia e sentimento de pertencimento a ilha. Em Nova Iorque, Labov (2008) também notou importantes condicionadores sociais para a pronúncia ou ausência do \r\ pós vocálico, como, por exemplo: a hierarquia social das lojas.

²⁴⁷ Página 126.

²⁴⁸ Página 177.

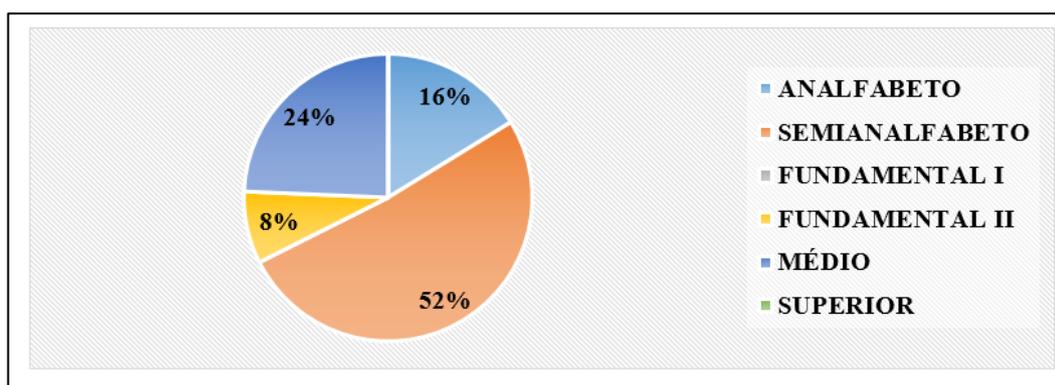
²⁴⁹ Exceto o caso do diagrama 16.

Na nossa pesquisa, assim como Labov (2008), estabelecemos fatores sociais para os casos de apócope e monotongação. Tais fatores²⁵⁰ são a escolaridade e a faixa etária dos doze falantes entrevistados.

4.3.1 Supressões fonéticas - casos de Apócope

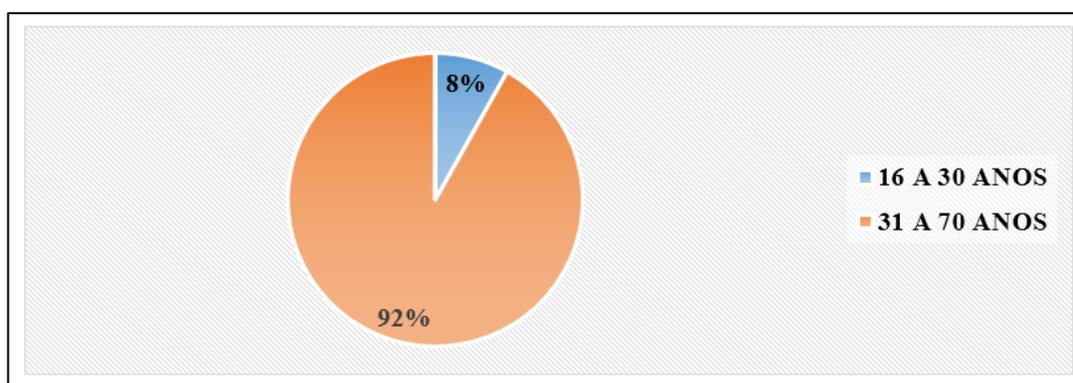
a) Apócope - Verbos no gerúndio²⁵¹

Gráfico 1 - ²⁵² Apócope em verbos no gerúndio – Critério: escolaridade



Fonte: autora.

Gráfico 2 - Apócope em verbos no gerúndio – Critério: faixa etária



Fonte: autora.

Para explicar o resultado do gráfico 1, é preciso mesclar as suas informações com as informações contidas no gráfico 2.

²⁵⁰ Além desses fatores, escolhemos o critério naturalidade não como um condicionador social, mas como um critério para a seleção de informantes.

²⁵¹ Exemplo: Plantando [,prã'tãnu] – falante ALDS.

²⁵² Não há ocorrências entre os falantes com fundamental I e superior, por isso não aparece nenhum dado no gráfico correspondentes a esses grupos.

A princípio, parece haver uma discrepância entre os dados, afinal esperava-se uma maior porcentagem de ocorrência entre os analfabetos e a segunda colocação hierárquica entre os semianalfabetos. Isso não ocorre, tendo em vista que os analfabetos ocupam o terceiro lugar em valor de ocorrência; o primeiro lugar é ocupado pelos semianalfabetos e o segundo lugar, pelos falantes de nível médio.

As três maiores porcentagens de apócope em verbos no gerúndio são compostos por falantes da segunda faixa etária (31 a 70 anos). O quarto lugar (Fundamental I) e os níveis escolares (Fundamental II e Superior) não representativos são compostos por falantes da faixa etária 1 (16 a 30 anos).

A faixa etária 1 corresponde ao menor valor de ocorrência (8%) e a ausência de valores (0%). Em contraponto, o primeiro, segundo e quinto nível escolar correspondem a faixa etária 2, cujo valor de ocorrência é o mais elevado (92%).

O fator escolaridade só afeta o nível mais alto de educação (superior), bloqueando os possíveis casos entre os falantes REDS e JRCDS²⁵³. Abaixo disso, não há interferências significativas, posto que a quebra da relação de ocorrências e hierarquia escolar destitui qualquer possibilidade dessa pressuposição.

Após a união das informações dos dois gráficos, podemos concluir que tanto a escolaridade quanto a faixa etária afetam os casos de apócope em verbos no gerúndio, todavia, a idade é o fator mais preponderante.

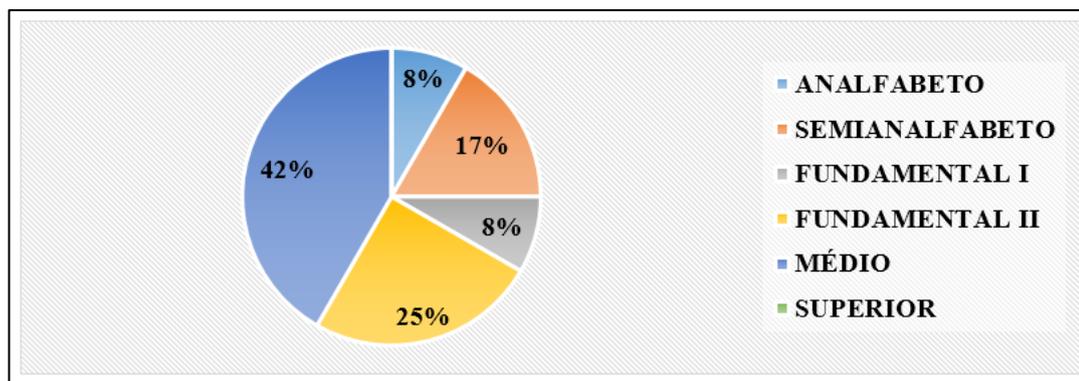
Estruturalmente, vale ressaltar mais uma vez que a redução do -ndo- em -no- faz parte de um processo chamado assimilação, que consiste numa “força que tenta fazer com que dois sons diferentes, mas com algum parentesco, se tornem iguais, semelhantes” (BAGNO, 2008, p. 77). Isto significa que, tanto o -n- quanto o -d- são pronunciados no mesmo ponto de articulação, ambos os sons são considerados dentais. Por haver esta semelhança, a assimilação transformou o -d- em -nn- e logo após em -n- por isso encontramos termos como falando x falanu.

Vale ressaltar também, mais uma vez, a escala de sonoridade como um fator interno importante para a seleção do apagamento do fonema /d/ e não do fonema /n/, já que o primeiro tem sonoridade 0 e o segundo tem sonoridade 1, portanto o mais sonoro permanece.

²⁵³ Para lembrar a relação dos falantes reds e jrlds com o nível superior volte ao quadro 11 (Estratificação social dos falantes – página 118).

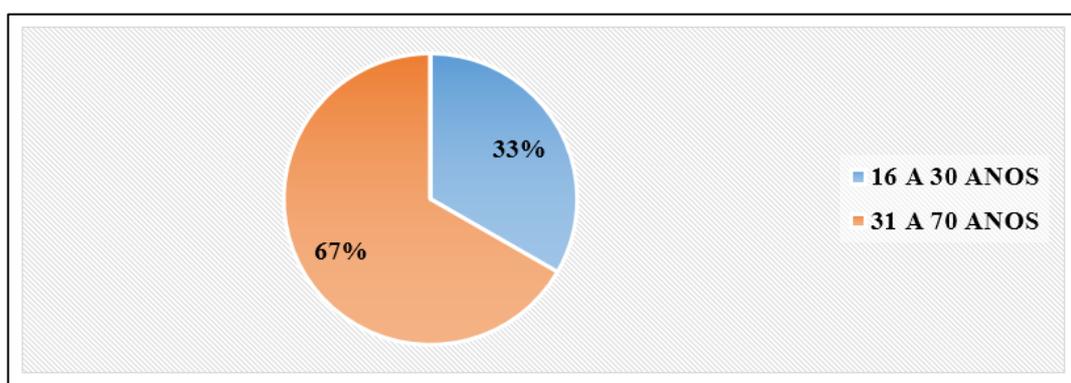
b) Apócope- Verbos na terceira pessoa do plural²⁵⁴

Gráfico 3 - ²⁵⁵ Apócope em verbos na terceira pessoa do plural – Critério: escolaridade



Fonte: autora.

Gráfico 4 - Apócope em verbos na terceira pessoa do plural – Critério: faixa etária



Fonte: autora.

Os casos de apócope em verbos na terceira pessoa do plural engloba quase todos os níveis de escolaridade, exceto o nível superior, cujo número de ocorrência é 0%. O nível analfabeto corresponde a 8%; o semianalfabeto corresponde a 17%; o nível fundamental I corresponde a 8%, o nível fundamental II corresponde a 25 % e o nível médio corresponde a 42%.

²⁵⁴Exemplo: brincarem [,brĩ'kari] – falante SG.

²⁵⁵Não há ocorrências entre os falantes com nível superior, por isso não aparece nenhum dado no gráfico correspondentes a esse grupo.

No gráfico 4, a faixa etária 2 (31 a 70 anos) constitui 67% das ocorrências dos casos de apócope em verbos na terceira pessoa do plural. A faixa etária 1 (16 a 30 anos), por sua vez, é bem menos representativa, afinal corresponde a 37% das ocorrências.

A perda da nasalidade²⁵⁶ dos verbos na terceira pessoa do plural é um fenômeno já existente na língua desde o Latim arcaico. No livro “A língua de Eulália”, Bagno (2008, p.136) menciona léxicos que sofreram apagamento ao longo da transformação do Latim nas línguas românicas (nesse caso, o Português).

Legumen > legume

Volumen > volume

Além desses, ele cita o verbo “cantaram” como um exemplo de apócope no português brasileiro atual, após as instaurações das línguas românicas.

Cantaram > cantaro ou cantaru

A partir da retomada do quadro 23 ao 32, é evidente que em todas as ocorrências de apócope em verbos na terceira pessoa do plural, o som suprimido é pós tônico e nasal. O recurso de desnasalação, como já foi ressaltado em outros momentos desse estudo, é utilizado pela língua há muito tempo, por isso nos deparamos com mudanças ao longo da história da Língua portuguesa, como por exemplo “luna > lũa > lua; corona > corõa > coroa; persona > pessoa > pessoa” (BAGNO, 2012, p.298).

É válido expor que “[...] a desnasalização é extremamente frequente, mesmo nas variedades urbanas de prestígio em contextos de interação menos monitorado, quando se trata de vogal nasal postônica [...]” (BAGNO, 2012, p.329).

Cantaram > cantaru

Fizeram > fizeru

Homem > homi

²⁵⁶ Bortoni-Ricardo (2004, p.97) chama esse fenômeno de supressão do travamento nasal.

Respalado em Bagno (2012), é coerente afirmar que a desnasalação de verbos na terceira pessoa do plural é um fenômeno comum no PB, até mesmo entre os falantes que utilizam as variedades de prestígio.

No quadro 9 (metaplasmo no Appendix), Castro (1991) cita casos de desnasalação, observáveis a partir da perda ortográfica da letra “m”.

Passim > passi

Idem > ide

É bem verdade que a maioria dos exemplos citados não pertencem à classe de verbos, todavia o mecanismo de transformação é o mesmo dos verbos coletados na nossa pesquisa, indicando, assim, uma expansão do fenômeno ao longo dos anos.

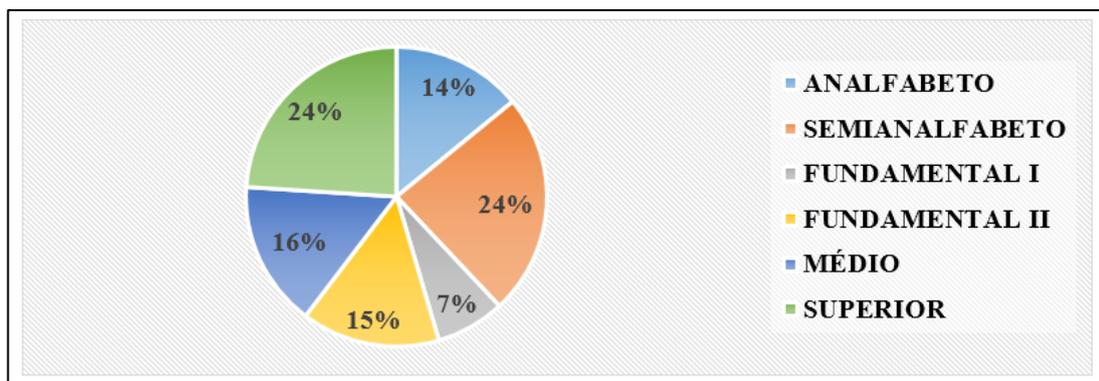
Após esse apanhado sobre os fatores internos e aspectos históricos, vale acrescentar os fatores externos. Nesse caso, para alcançarmos uma interpretação coerente dos gráficos 3 e 4, é preciso fazer uma leitura em conjunto, ou seja, faz-se necessário analisá-los simultaneamente.

Apesar da faixa etária 1 (16 a 30 anos) apresentar menor representatividade (33%), há um equilíbrio entre os dois fatores, dado que as menores ocorrências no nível escolar equivalem à faixa etária 1 (fundamental I – 8%) e 2 (analfabetos – 8%) e as maiores ocorrências também equivalem a faixa etária 1 (fundamental II – 25%) e 2 (médio - 42%).

A análise individual do gráfico 3 por número de ocorrência, no entanto, nos permite dizer que a escolaridade afetou de modo mais intenso, uma vez que os níveis mais elevados de escolaridade, apresentam o maior índice de ocorrência, gerando, assim, a pressuposição de que esse fenômeno, apesar de generalizado, ocorre com maior frequência entre os falantes mais familiarizados com a educação formal. Ao mesmo tempo, o nível escolar reduz essa frequência, caso seja o maior na hierarquia educacional, isto é, caso o nível seja o superior.

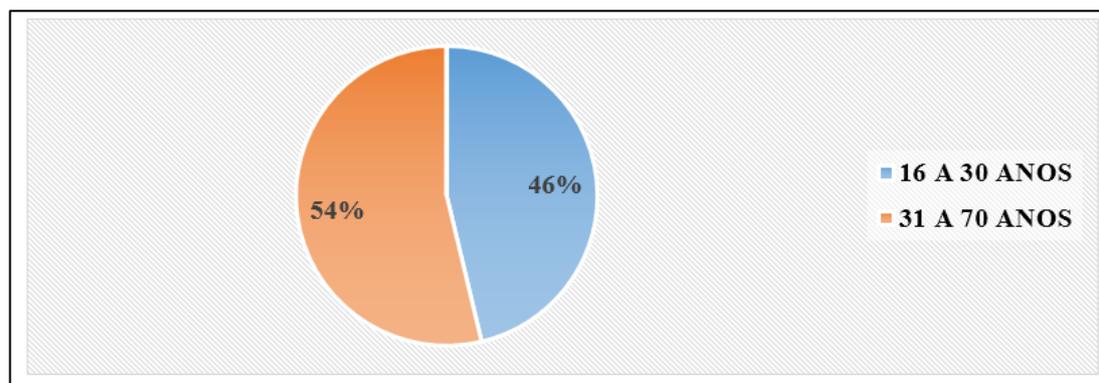
C) Apócope – Verbos no infinitivo (1ª Conjugação)²⁵⁷

Gráfico 5 - Apócope em verbos do infinitivo na 1ª conjugação – Critério: escolaridade



Fonte: autora

Gráfico 6 - Apócope em verbos do infinitivo na 1ª conjugação – Critério: faixa etária



Fonte: autora

Conforme o gráfico 5, as ocorrências de apócope em verbos no infinitivo da primeira conjugação atingiram todas as estratificações sociais concernentes à escolaridade.

O nível analfabeto corresponde a 14% das ocorrências; o nível semianalfabeto corresponde a 24%; o nível fundamental I corresponde a 7%; o nível fundamental II corresponde a 15%; o nível médio corresponde a 16% e o nível superior corresponde a 24%.

Consoante o gráfico 6, há um equilíbrio entre as duas faixas etárias, dado que a primeira 1 (16 a 30 anos) corresponde a 46% e a segunda (31 a 70 anos) corresponde a 54%.

²⁵⁷Exemplo: colocar [kɔlɔ'ka] – falante JFDS.

Como é possível perceber não há uma diferença percentual significativa, contudo, o número de ocorrências entre os mais velhos é um pouco maior.

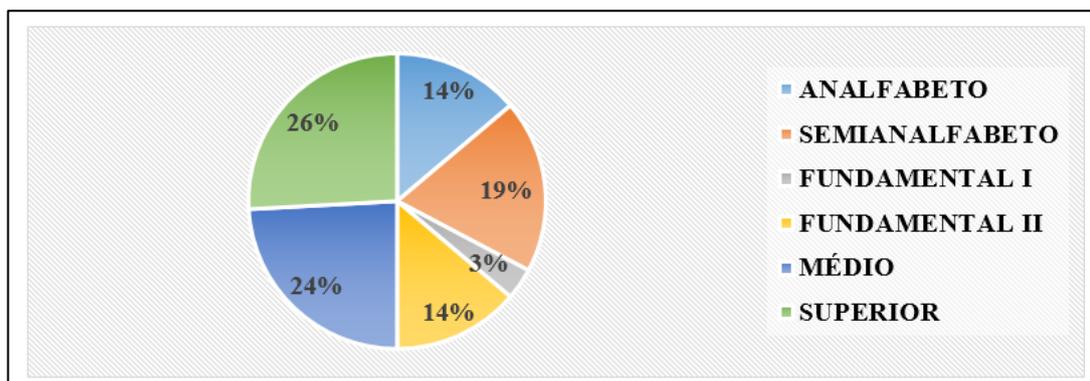
A leitura dos gráficos permite concluir que a supressão do fonema /r/ em verbos no infinitivo (1ª conjugação) é um fenômeno comum entre as duas estratificações sociais escolhidas. “A perda do /r/ final nos infinitivos [...] é um traço gradual” (BORTONI-RICARDO, 2004, p.56), ou seja, é um traço que está distribuído na fala de todos os brasileiros, sem estigmatizações ou restrições quanto à escolaridade, faixa etária, etc. No gráfico 5, por exemplo, o número percentual de ocorrências entre falantes de nível superior e falantes semianalfabetos é o mesmo. Isso comprova que a queda do /r/ é um fenômeno já generalizado.

“Em todas as regiões do Brasil, o /r/ pós-vocálico, independentemente da forma como é pronunciado, tende a ser suprimido, especialmente nos infinitivos verbais: correr > corrê; almoçar > almoçá; desenvolver > desenvolvê; sorrir > sorri” (BORTONI-RICARDO, 2004, p.85). Não importa as variações fonéticas, nem tão pouco o posicionamento geográfico, dado que a queda do /r/ pós-vocálico é um fenômeno tão recorrente que independe de contextos sociais específicos.

Em síntese, é presumível que a apócope em verbos no infinitivo (1ª conjugação) é muito mais afetada pelo princípio de economia linguística e estrutura silábica do que por condicionadores externos.

d) Apócope – Verbos no infinitivo (2ª conjugação)²⁵⁸

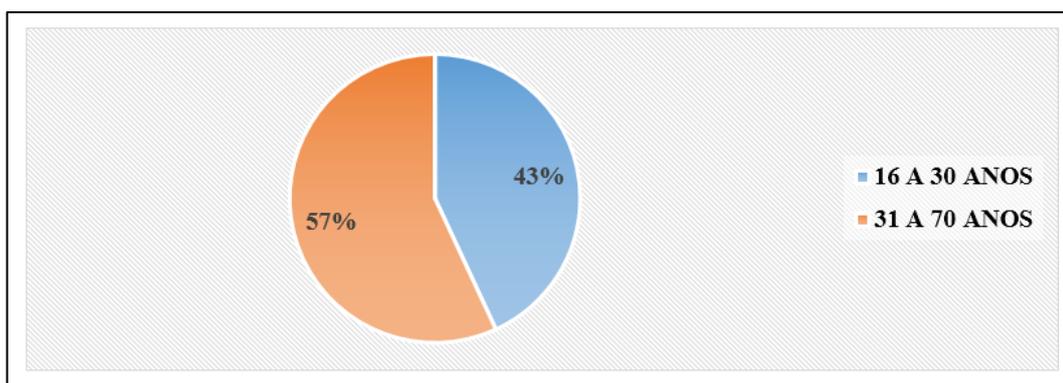
Gráfico 7 - Apócope em verbos do infinitivo na 2ª conjugação – Critério: escolaridade



Fonte: autora.

²⁵⁸Exemplo: querer [ke're] – falante NCCDS.

Gráfico 8 - Apócope em verbos do infinitivo na 2ª conjugação – Critério: faixa etária



Fonte: autora.

Em conformidade com o gráfico 7, os casos de apócope em verbos no infinitivo (2ª conjugação) preenchem todos os espaços de níveis escolares, dado que há ocorrências desde o nível analfabeto até o nível superior. Foi detectado 14% de ocorrências entre os analfabetos; 19% entre os semianalfabetos; 3% entre os falantes com fundamental I; 14% entre os falantes com fundamental II; 24% no nível médio e 26% no nível superior.

O gráfico 8 revela um equilíbrio entre a faixa etária 1 (16 a 30 anos) e a faixa etária 2 (31 a 70 anos). A primeira é constituída por 43% das ocorrências e a segunda é constituída por 57%.

As mesmas conclusões dos gráficos 5 e 6 são verificáveis nos gráficos 7 e 8, ou seja, não há uma interferência significativa das estratificações sociais, dado que há casos em todos os níveis escolares. Não há, também, grandes diferenças entre os mais jovens e os mais velhos.

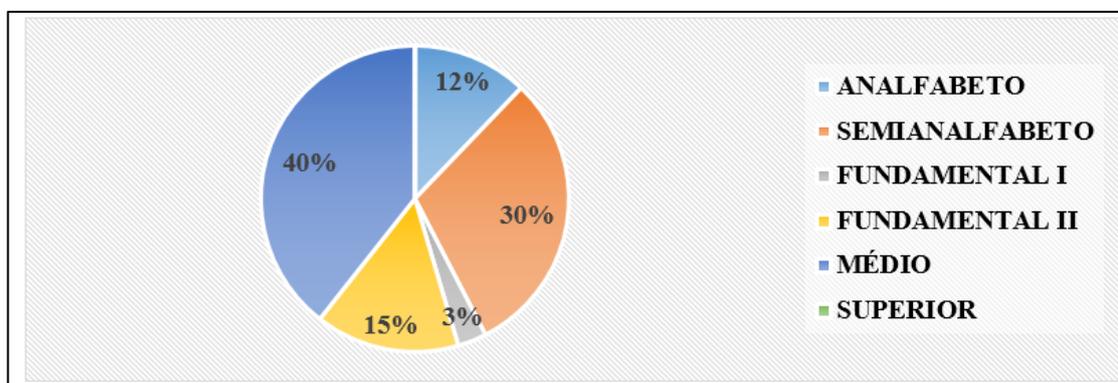
Em síntese, é valido ressaltar mais uma vez que a supressão do /r/ em verbos no infinitivo, independente da conjugação, é algo comum e bastante ocorrente na nossa língua.

Assim como os casos de Apócope em verbos no infinitivo da 1ª conjugação, acreditamos que este é um fenômeno afetado consideravelmente por fatores internos (estrutura silábica e Princípio de economia linguística), contrapondo-se aos fatores externos pouco significativos.

4.3.2 Supressões fonéticas - casos de Monotongação

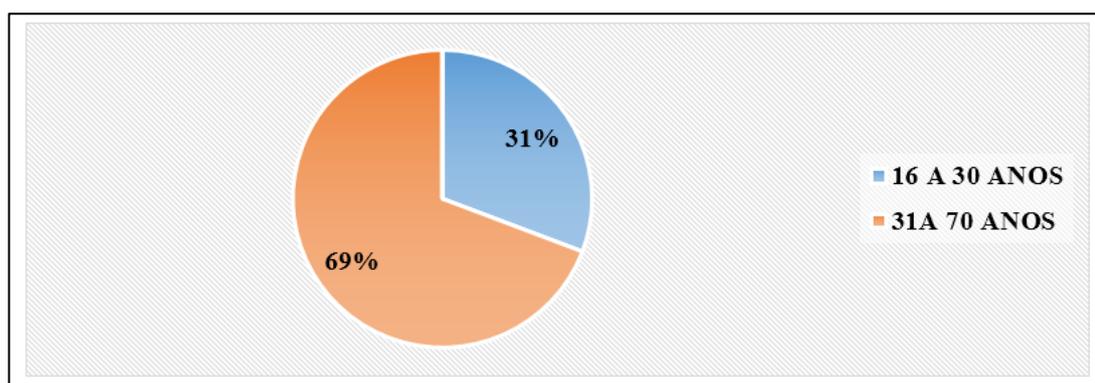
a) Ditongo OU²⁵⁹

Gráfico 9 - ²⁶⁰ Monotongação do ditongo OU – Critério: escolaridade



Fonte: autora.

Gráfico 10 - Monotongação do ditongo OU – Critério: faixa etária



Fonte: autora.

Os gráficos 9 e 10 tratam das reduções ou monotongação do ditongo [ow]. As explicações sobre as imagens do PRAAT (tópico 4.2.2.) apontam para o caráter gradual desse tipo de monotongação, para a interferência do Princípio de economia linguística, para a relação de assimilação entre o ditongo latino [aw] e o ditongo português [ow], para o avanço,

²⁵⁹ Exemplo: levou [,le'vo] – falante JRCDS.

²⁶⁰ Não há ocorrências entre os falantes com nível superior, por isso não aparece nenhum dado no gráfico correspondentes a esse grupo.

na oralidade do apagamento da semivogal [w] e, conseqüentemente, para a permanência exclusiva da vogal [o].

Os quadros 61 ao 72 demonstram que a vogal do ditongo é sempre o ápice da sílaba tônica e que não há restrições quanto ao posicionamento silábico e seus referidos antecessores ou sucessores, isto é, a monotongação acontece tanto no início do léxico quanto no final e não há uma consoante específica que cause tal monotongação. Ela ocorre depois do fonema /p/, /v/, /g/, /s/, /m/ entre outros e ocorre antes do fonema /t/, /c/, /p/, etc.

No gráfico 9, as ocorrências de monotongação preenchem todos os níveis escolares, exceto o nível superior. Há 12 % de ocorrências entre os analfabetos, 3% no nível fundamental I, 15% no nível fundamental II e 40% no nível médio. Como é possível concluir, as maiores ocorrências situam-se no nível médio e semianalfabeto e a menor ocorrência situa-se no nível fundamental I.

No gráfico 10, é observável a maior ocorrência de reduções entre os falantes da faixa etária 2 (31 a 70 anos) e o menor valor entre os falantes da faixa etária 1 (16 a 30 anos).

Ao passo que observamos o gráfico 9 e 10 concluímos que a monotongação do ditongo [ow] é afetado em primeiro lugar pelo fator faixa etária e em segundo lugar pelo fator escolaridade.

O fator faixa etária explica as maiores ocorrências entre os falantes semianalfabetos e falantes de nível médio e indica maiores possibilidades de ocorrências entre os mais velhos. O fator escolaridade, por sua vez, explica o travamento de ocorrências entre os falantes com o maior nível educacional (superior).

A regra de monotongação do /ou/ está generalizada na língua oral (BORTONI-RICARDO, 2004, p.96). [...]. A regra está tão avançada que praticamente não pronunciamos o ditongo /ou/. Até em sílabas tônicas finais, que são mais resistentes à mudança, reduzimos este ditongo (BORTONI-RICARDO, 2004, p.95).

A citação acima confirma os dados coletados, posto que todos os ditongos reduzidos, na pesquisa, constituem a sílaba tônica do léxico, apesar de não ocorrer totalmente em posição final. Todavia, essa pequena diferença prova a maleabilidade estrutural do ditongo e sua respectiva monotongação, conseqüentemente, reforça o caráter generalizado que ele assume no Português brasileiro.

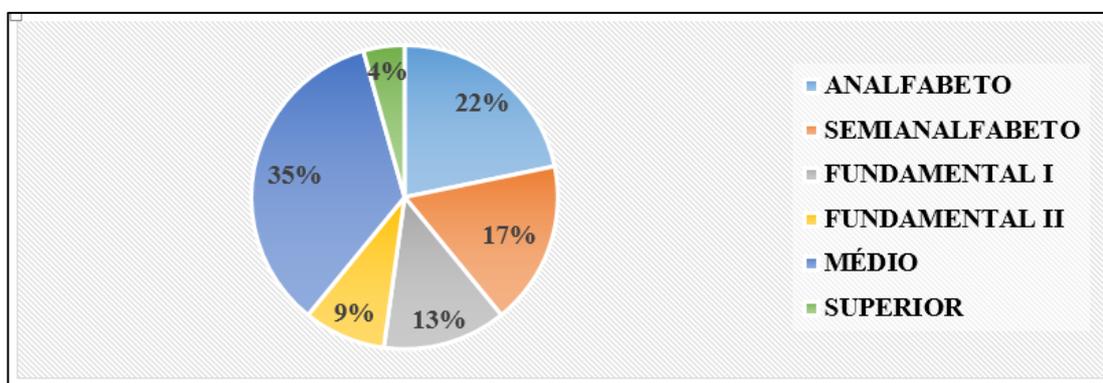
Não podemos esquecer que, ao menos na nossa pesquisa, apesar da generalização, o fenômeno não conseguiu atingir o nível superior. Isso se explica mediante o que Bagno (2012) chama de fala monitorada.

“O ditongo ou é sempre pronunciado [o] em todas as variedades e independente do contexto fonético em que se encontra [...]. A pronúncia do ditongo ou só ocorre em situações de fala monitorada [...]” (BAGNO, 2012, p.321). Mais uma vez é mencionado a generalização do fenômeno, contudo, nos chama atenção o fato de que o ditongo pode ser pronunciado, desde que seja em contextos monitorados, ou seja, em contextos de “policiamento” linguístico pelo próprio falante acerca do uso da variante padrão.

Isso nos ajuda a entender o porquê da ausência de reduções do ditongo [ow] pelos falantes de nível superior, já que acreditamos que eles apresentaram uma consciência linguística, no momento da entrevista, sobre a variante padrão [ow] e não padrão [o]. Consciência, esta, não detectável nos demais. De qualquer modo, a escolaridade interfere, pois o nível mais elevado permitiu que os falantes tivessem acesso à consciência linguística sobre a variante e que os demais não o fizesse.

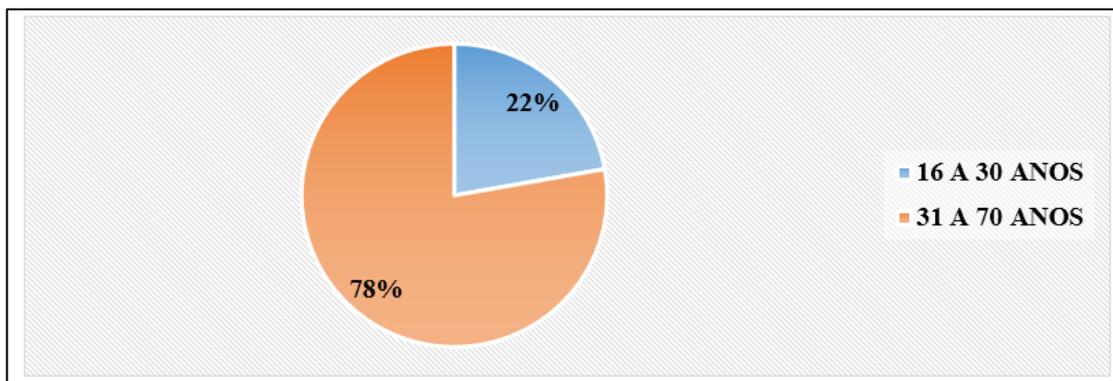
a) Ditongo EI²⁶¹

Gráfico 11 - Monotongação do ditongo EI – Critério: escolaridade



Fonte: autora.

²⁶¹ Exemplo: macaxeira [maka'jera] - falante MWFDS.

Gráfico 12 - Monotongação do ditongo EI – Critério: faixa etária

Fonte: autora.

Os dados do gráfico 11 revelam que todos os níveis escolares são preenchidos. Há 22% de casos de monotongação entre os analfabetos, 17 % entre os semianalfabetos, 13% entre os falantes com nível fundamental I, 9% entre os falantes com nível fundamental II, 35% entre os falantes com nível médio e 4% entre os falantes com nível superior.

Os dados do gráfico 12 revelam que a monotongação é mais recorrente entre os mais velhos (31 a 70 anos – 78% de ocorrências) e menos acentuada entre os mais jovens (16 a 30 anos – 22% de ocorrências).

De acordo com as observações, notamos que a redução do ditongo [ej] não é afetado pelo fator escolaridade, mas pela faixa etária. As menores ocorrências entre os falantes com nível fundamental I, fundamental II e superior e as maiores ocorrências entre os falantes analfabetos, semianalfabetos e falantes de nível médio não se justifica pelo nível escolar, mas pela idade desses falantes. O fator faixa etária indica maiores possibilidades de ocorrências entre os mais velhos e menores possibilidades de ocorrências entre os mais jovens.

Estruturalmente, mais uma vez entra em cena a assimilação, o Princípio de economia linguística e a estrutura silábica como fatores internos significativos para o apagamento da semivogal [j].

A assimilação é causada devido a semelhança entre a vogal /e/ e a vogal /i/, homogênicamente da semivogal [j].

O Princípio de economia linguística reduz o esforço linguístico ocasionado pela pronúncia de uma vogal e uma semivogal.

A estrutura linguística, por conseguinte, por meio do apagamento transforma estruturas silábicas CVV em CV e como já foi mencionado anteriormente, fundamentado em Bagno (2012, p.330), os falantes do Português brasileiro preferem sílabas CV.CV, ou seja, preferem construções silábicas sem coda.

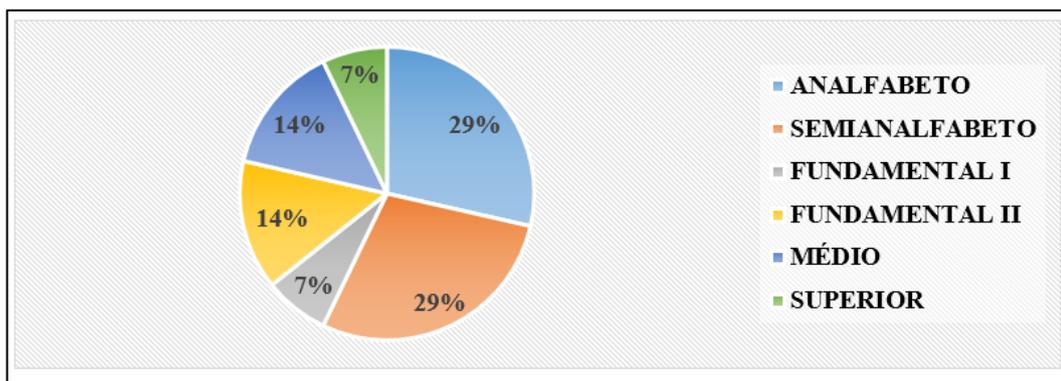
Ao compararmos o ditongo [ow] e o ditongo [ej] é notável algumas restrições nesse último. Tal afirmação se efetua através da análise dos quadros 73 ao 84, posto que observamos alguns contextos específicos para a sua redução. “Parece que a monotongação só acontece quando o ditongo EI aparece diante das consoantes J, X e R [...]” (BAGNO, 2008, p.89).

A apreciação dos quadros 73 ao 84 permitem confirmar a ideia acima defendida por Bagno (2008), visto que, no conjunto de vocábulos coletados, o ditongo [ej] é seguido pela consoante R, exceto o vocábulo “cheia”, pronunciado uma vez que por RAE e uma vez por JFDS.

É válido acrescentar que a referida monotongação desse ditongo, na pesquisa, ocorre somente em sílabas tônicas, contrariando a afirmação de Bortoni-Ricardo (2004) acerca do ditongo [ej]. Segundo ela, a redução do já referido ditongo se efetua muito mais em sílabas átonas, dado que “as sílabas tônicas tendem a ser mais resistentes a mudanças fonológicas” (BORTONI-RICARDO, 2004, p.56). Tal resistência, mencionada pela autora, não se efetuou na nossa pesquisa.

a) Ditongo IU²⁶²

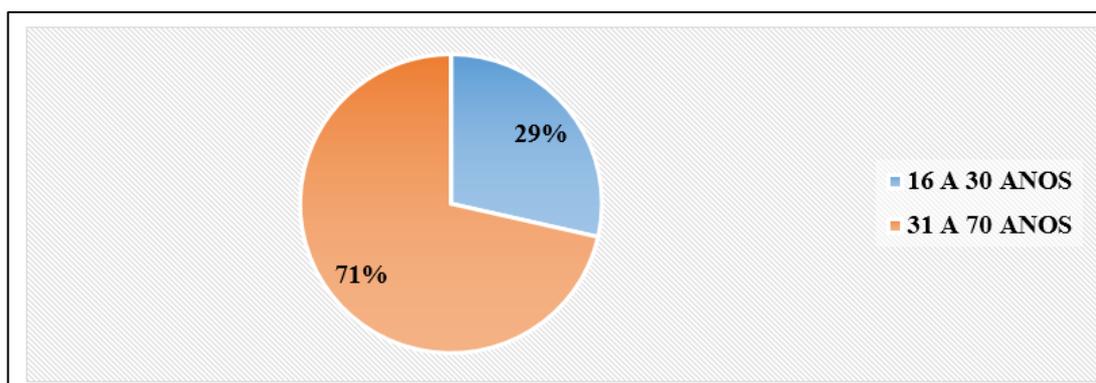
Gráfico 13 - Monotongação do ditongo IA ou IU – Critério: escolaridade



Fonte: autora.

²⁶² Exemplo: salário [,sa'laru] – falante RAE.

Gráfico 14 - Monotongação do ditongo IA ou IU– Critério: faixa etária



Fonte: autora.

O gráfico 13 revela que há casos de monotongação do ditongo IU em todas as estratificações, posto que há 29% de ocorrências entre os analfabetos; 29% de ocorrências entre os semianalfabetos; 7% de ocorrências entre os falantes com nível fundamental I; 14% entre os falantes com nível fundamental II; 14% entre os falantes com nível superior e 7% entre os falantes com nível superior.

O gráfico 14 desvela a predominância de monotongação do ditongo IU na faixa etária 2 (31 a 70 anos – 71%) e menor porcentagem na faixa etária 1 (16 a 30 anos – 29%).

Socialmente, os gráficos apontam que esse fenômeno ocorre em todos os níveis escolares, contudo, os maiores percentuais de casos encontram-se entre os analfabetos e semianalfabetos.

Ao cruzar os dados dos dois gráficos, é notável que os menores percentuais de ocorrências estão interligados aos maiores níveis educacionais e menor faixa etária (16 a 30 anos). Os maiores percentuais, por seu turno, estão interligados aos menores níveis educacionais e maior faixa etária (31 a 70 anos).

As afirmações anteriores nos faz concluir que os dois fatores são igualmente relevantes para a distribuição do fenômeno.

Estruturalmente, para compreender o ditongo [iw], é preciso levarmos em conta que “em quase todas as variedades do português brasileiro, as vogais /e/ e /o/, quando ocorrem em sílabas átonas, antes ou depois da sílaba tônica são pronunciados /i/ e /u/, respectivamente” (BORTONI-RICARDO, 2004, p.80).

É preciso ter em mente também que “o /l/ em posição pós-vocálica final em português brasileiro pode ser realizado como uma consoante lateral /l/ ou como a vogal /u/. No Sul do Brasil, ainda encontramos a variante /l/, mas a variante /u/ está generalizada no português brasileiro contemporâneo” (BORTONI-RICARDO, 2004, p.93).

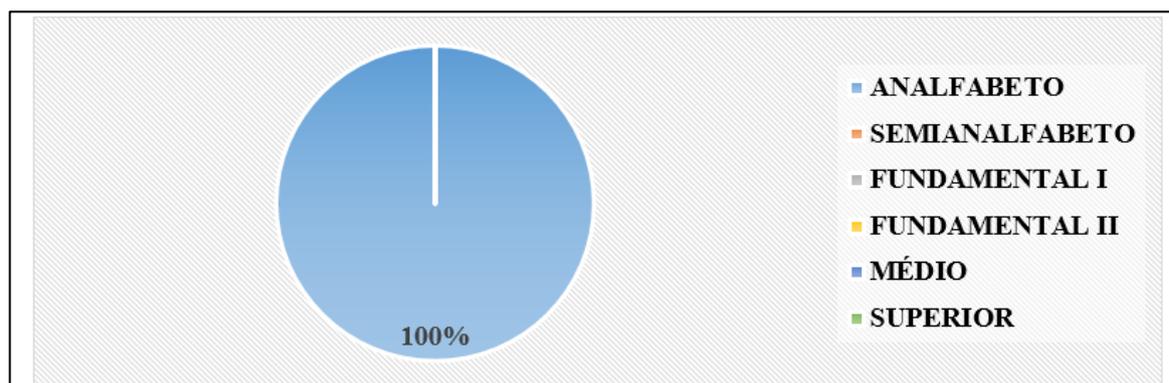
O alteamento de /e/ e /o/ em sílaba átona acarretou ditongo [iw], presente nas palavras “meio”, “negócio”, “cheio”, “balaio” e “salário” e o /l/ em posição pós-vocálica final não é pronunciado pelos falantes do Sítio Arisco, em seu lugar permanece a vogal /u/. Essa transformação gera o ditongo [iw] nas palavras “difícil” e “fácil”.

É válido mencionar as informações acima, posto que essas características fonéticas explicam o modo como foi conduzida as monotongações em tais contextos.

Além disso, como em todos os ditongos mencionados, esse também é afetado pelo Princípio de economia linguística que torna muito mais cômodo fisicamente a pronúncia de um elemento e não dois (vogal e semivogal).

d) Ocorrências raras²⁶³

Gráfico 15 - ²⁶⁴ Monotongação (ocorrências raras) – Critério: escolaridade

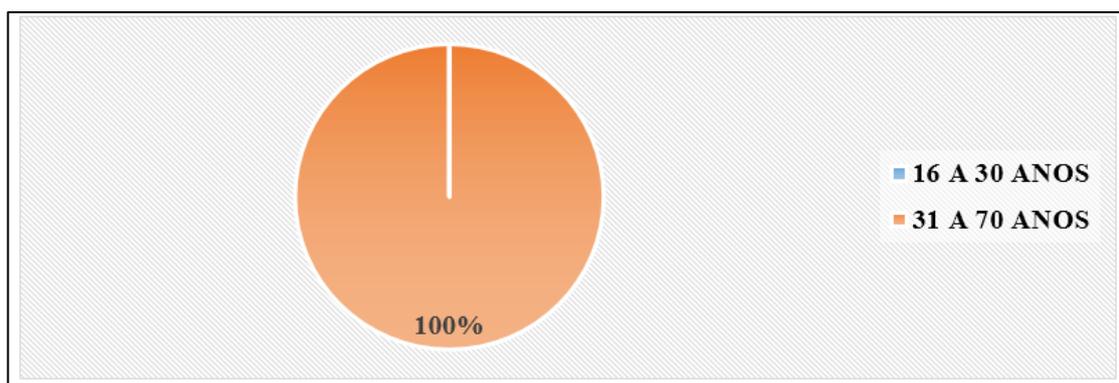


Fonte: autora.

²⁶³ Exemplo: quando ['kõdu] – falante ALDS.

²⁶⁴ Não há ocorrências entre os falantes semianalfabetos, com fundamental I, com fundamental II, com médio e com o superior, por isso não aparece nenhum dado no gráfico correspondentes a esses grupos.

Gráfico 16 - Monotongação (ocorrências raras) – Critério: faixa etária



Fonte: autora.

Os gráficos 15 e 16 tratam de monotongações raras, ou seja, monotongações pouco ocorrente entre os falantes. As ocorrências são restritas ao falante ALDS (quadro 97) com a redução do ditongo [wa] e o tritongo [waw].

As observações dos gráficos revelam que esses tipos de monotongações são afetadas apenas pelo fator escolaridade, posto que, outros falantes com a mesma idade de ALDS (faixa etária 2 - 31 a 70 anos) não efetuaram tais monotongações. O que causa a ocorrência ou não do fenômeno é o nível educacional do falante, isto é, caso o falante não esteja no menor nível, que é a própria ausência de educação formal, a redução não acontece.

Aspectos internos nos levam a afirmar que a redução do tritongo [waw], assim como o ditongo [iw], é afetado pela pronúncia vocalizada [u] do /l/ pós vocálico, já que a ocorrência do tritongo se refere ao léxico “qualquer” [,ka'kɛ].

Na palavra “qualquer”, como mencionado no diagrama 17, a palavra sofre o apagamento das duas semivogais [w] e permanência do núcleo silábico. Na palavra “quando” [ˈkõdu], referente a monotongação do ditongo [wa], também ocorre o apagamento da semivogal [w], contudo, há um alteamento da vogal nasal /ã/ para a vogal /õ/, ou seja, a transformação do segmento acontece, porém, o autosegmento nasal permanece.

Vale afirmar que tais processos são afetados pelo Princípio de economia linguística que apaga as semivogais por motivos de comodidade articulatória.

5 SÍNTESE GERAL

A nossa pesquisa foi norteada em quatro temáticas: *a Fonética\Fonologia* (Saussure, 2012; Trubetzkoy, 1973; Jakobson e Halle (1980), Chomsky e Halle, 1979 e novas teorias: Fonologia autosegmental, Geometria de traços e Teoria da sílaba) *a Sociolinguística variacionista, a gramática histórica e os metaplasmos*²⁶⁵. Tais temáticas serão sintetizadas, de modo que fique claro ao leitor a importância de cada discussão para o nosso objeto de estudo.

No campo da Fonética\Fonologia, o estruturalismo de **Saussure (2012)** solidifica cientificamente o nosso objeto de estudo (Apócope e Monotongação).

O teórico construiu a Linguística enquanto ciência através de uma visão altamente estrutural e interna da língua, alvo de críticas até hoje. Todavia, sem essa visão, talvez os estudos linguísticos ainda estivessem restritos as pesquisas filológicas²⁶⁶ e a estrutura linguística jamais teria a relevância que lhe cabe. Diante disso, concordamos em parte²⁶⁷ com o teórico, por isso defendemos a relevância dos mecanismos estruturais (internos) para as variações fonéticas e fonológicas na língua.

Como já foi ressaltado, concordamos com Saussure (2012) em alguns aspectos. Por outro lado, em alguns aspectos, discordamos do teórico. A título de exemplo, ao contrário de Saussure (2012), acreditamos que a fala é tão importante e científica quanto a língua, por isso a dedicação aos fenômenos de Apócope e Monotongação. Acreditamos também que a fala não é apenas um processo físico e individual, pois, além desses processos, ela é perpassada pelo social, por isso a escolha da Sociolinguística variacionista como um dos pilares da nossa fundamentação teórica.

Vale acrescentar que, nos contrapomos também a ideia de homogeneidade da língua (SAUSSURE, 2012), pois, acreditamos que tanto a língua quanto a linguagem são dotadas de heterogeneidade, caso contrário o nosso objeto de estudo seria inviável. Em contrapartida, concordamos com o genebrino acerca da noção de valor, porque a ideia de que é preciso haver uma relação entre dois elementos para que eles possam significar é constantemente retomada pelas discussões fonéticas\fonológicas posteriores.

Outro conceito revisitado pelas discussões posteriores é a dicotomia significado X significante, como um recurso que delimita o que pertence ao campo fonético (substância do

²⁶⁵ Os metaplasmos são organizados em um subtópico da Gramática histórica.

²⁶⁶ Não é o nosso objetivo desqualificar a importância da Filologia e dos seus respectivos profissionais. Até por que, em alguns momentos da pesquisa, recorreremos a tais estudos. O nosso objetivo consiste, apenas, em defender a importância do estruturalismo para um novo paradigma de estudos linguísticos.

²⁶⁷ Em parte, pois acreditamos na interferência de fatores externos nas variações fonéticas e fonológicas.

signo) e o que pertence ao campo fonológico (forma do signo) e, conseqüentemente, ela acaba se tornando um eixo relevante para a pesquisa.

As noções de arbitrariedade e linearidade dos signos linguísticos também são pertinentes no nosso estudo, seja para concordar ou discordar dos conceitos. Ao longo desse estudo, nos tornamos favoráveis a ideia de arbitrariedade, tendo em vista que não há uma relação lógica que defina o modo como o significado linguístico será representado pelo significante (pela cadeia de sons). Em contraponto, discordamos da ideia de linearidade do signo linguístico, justificável pelas discussões das teorias fonéticas e fonológicas modernas.

A sua dicotomia Sincronia X Diacronia também foi útil para o nosso estudo, pois, funcionou como direcionamentos para a explicação dos casos de Monotongação e Apócope, por intermédio das relações entre os segmentos dentro do próprio sistema ou por intermédio das evoluções dos segmentos ao longo do tempo.

Além disso, Saussure (2012) aborda ideias fonéticas ainda pertinentes nos dias atuais e conseqüentemente úteis para essa pesquisa, como, por exemplo, a concepção de vibração ou não das cordas vocais, conforme a abertura ou fechamento da glote; a relação da cavidade nasal com a úvula; as descrições sobre o grau de abertura das vogais; as descrições sobre os sons oclusivos, líquidos e vibrantes.

Nas discussões de **Trubetzkoy (1973; 1981)**, a noção de valor foi retomada para explicar o que pertence ao campo fonético ou ao campo fonológico. Suas ideias no auxiliaram a compreender que o nosso objeto de estudo lida com particularidades não distintivas, já que atua apenas no plano fonético e não altera o significado linguístico, mediante uma oposição fonológica.

Além do mais, as suas regras para a definição de fonemas foram imprescindíveis para a pesquisa, pois, permitiram compreender que lidamos com sons que compartilham o mesmo contexto fônico, mas a substituição de um pelo outro não altera o sentido da palavra.

Outro conceito abordado por Trubetzkoy (1973), dotado de importância para a nossa pesquisa, condiz ao arquifonema, já que lidamos com alguns dados fonéticos que perdem a sua qualidade distintiva em contextos específicos, como, por exemplo, o arquifonema \R\ em verbos no infinitivo.

Jakobson e Halle (1980) reforçam a ideia de linearidade, proposta por Saussure (2012) e, a partir dela, adentram no campo dos traços distintivos. Já ressaltamos anteriormente que não concordamos com a noção de linearidade, todavia as discussões sobre os traços são indiscutivelmente congruentes, pois, retomam o valor linguístico, mencionados por Saussure (2012) e por Trubetzkoy (1973). O valor consiste numa distinção linguística que só é possível

mediante a afirmação ou negação de propriedades de uma mesma categoria, ou de categorias distintas.

Conforme essas afirmações, mais uma vez temos o nosso objeto de estudo solidificado e inserido no plano fonético, tendo em vista que, apesar de o valor perpassar os fones, ele é meramente descritivo e não distintivo.

É interessante, também, a preocupação dos autores em organizar o lugar dos traços na língua, numa relação hierárquica (de baixo para cima): traços, fonemas, sílabas e formas livres. Ao mencionarem a sílaba, eles possibilitaram a expansão do nosso horizonte analítico, já que passamos a nos preocupar com a interferência da sílaba nas variações detectadas.

Além do mais, é significativa as suas classificações acústicas e articulatórias dos traços distintivos, organizadas em traços prosódicos e traços inerentes. No primeiro traço, é verificável o tom (altura e entonação), a intensidade (força) e a quantidade (duração da voz) e, no segundo, os traços de tonalidade e de sonoridade.

As descrições são ainda mais aprofundadas com o quadro de classificação dos traços de sonoridade e de tonalidade do Português brasileiro. No primeiro, conceitua-se acusticamente e articulatoriamente o que é som vocálico e não vocálico, consonantal e não consonantal, denso e difuso, sonoro e surdo, nasal e oral, interrupto e contínuo, estridente e doce. No segundo, define-se acusticamente e articulatoriamente o que é um som grave e agudo.

Na nossa análise dos dados, essas descrições foram retomadas como argumentos para explicar os casos de Apócope e Monotongação, em conjunto com as descrições de Chomsky e Halle (1979) e de outros teóricos (BARBOSA e MADUREIRA, 2015; BAGNO, 2008; CAVALCANTE, SILVA e RASO, 2015, entre outros).

As classificações, na totalidade, são pertinentes para a análise do corpus coletado, tendo em vista que os critérios acústicos e articulatórios dialogam com as nossas transcrições e interpretações no PRAAT.

Chomsky e Halle (1979) representam uma ruptura teórica com o estruturalismo, tendo em vista que o gerativismo versa sobre temáticas não abarcadas pela corrente estruturalista, bem como assume um objeto de estudo diferenciado.

As leituras, releituras e interpretações da corrente gerativa, permite compreender que as variações fonéticas são organizadas e selecionadas mediante regras ditadas pela gramática universal, ou seja, até mesmo as variações fonéticas respondem a uma organização universal, que determina quais fonemas podem ser alvo de variações alofônicas e sob quais contextos.

A gramática universal consiste num conjunto de princípios e parâmetros responsáveis pelo desenvolvimento linguístico de qualquer ser humano. Os princípios carregam as leis universais e o parâmetros, as particularidades de cada língua.

Diante disso, os casos de Apócope e monotongação são influenciados por princípios e são resultados de parâmetros, tendo em vista que os léxicos coletados seguem regras universais e, ao mesmo tempo, são modificados conforme as experiências sociolinguísticas de cada falante.

Outro conceito significativo é a representação fonética. Chomsky e Halle (1979) afirmam que a representação fonética é uma espécie de matriz bidimensional, cujas dimensões são formadas por segmentos e por traços. Nessa perspectiva bidimensional, os traços estão interligados aos segmentos, numa relação de dependência e numa temporalidade linear.

Eles descrevem essas representações em dois níveis: o profundo e o superficial. O primeiro nível é ocupado pela Fonética e o segundo nível, pela Semântica e, conseqüentemente, pela Fonologia. Tendo em vista que lidamos com variações fonéticas e não fonológicas, fica claro que os casos de Apócope e monotongação situam-se no nível superficial da língua.

Vale acrescentar a rica classificação²⁶⁸ gerativa dos fonemas portugueses, descritos no quadro 3. Nele, nos deparamos com conceitos básicos (posição neutra e vibrações das cordas vocais), traços de classe maior (sons soantes e não soantes, vocálicos e não vocálicos, consonantal e não consonantal, coronal e não coronal, anterior e não anterior, alto e não alto, baixo e não baixo, posterior e não posterior, arredondado e não arredondado, distribuído e não distribuído, nasal e não nasal, contínuo e não contínuo, tenso e não tenso), traços de fonte (sonoro e não sonoro, estridente e não estridente) e traços prosódicos (acento, tom e intensidade).

Algumas dessas descrições foram retomadas para auxiliar nas análises e explicações dos casos de Apócope e Monotongação, em conjunto com as descrições de Jakobson e Halle (1980) e de outros teóricos (BARBOSA e MADUREIRA, 2015; BAGNO, 2008; CAVALCANTE, SILVA e RASO, 2015, entre outros).

No campo das novas teorias, a **Fonologia Autossegmental** nos ajudou a analisar alguns dados, a partir da não linearidade dos traços, da quebra da ideia de representações fonológicas como algo bidimensional.

²⁶⁸ A classificação utiliza apenas o critério articulatorio.

A partir da linearidade, Saussure (2012) trata o significante como algo que se desenvolve numa única dimensão espacial e temporal (um som por vez e cada qual no seu tempo). Chomsky e Halle (1979) retomam essa noção linear ao definir a representação fonética como o encontro entre os segmentos e os traços numa linha temporal sequencial e num espaço imutável.

A perspectiva não linear da Fonologia autosegmental gera a multidirecionalidade dos segmentos, ou seja, os traços e os segmentos não são organizados em um só nível, mas em camadas. Além disso, ela defende o rompimento com a bijetividade entre os traços e os segmentos e permitiu, conseqüentemente, que pudéssemos explicar a influência de autosegmentos de um segmento em outros segmentos, como, por exemplo, na pesquisa, detectamos a influência do autosegmento oral $[\epsilon]$ - $[\tilde{v}\tilde{i}'\epsilon ru]$ no segmento $[u]$ - $[\tilde{v}\tilde{i}'\epsilon \tilde{u}]$ - $[\tilde{v}\tilde{i}'\epsilon ru]$. Esse exemplo explica, também, a permanência de um segmento, mesmo diante da perda de um autosegmento: $[\tilde{v}\tilde{i}'\epsilon \tilde{u}] > [\tilde{v}\tilde{i}'\epsilon ru]$.

Com a **Geometria dos traços**, conseguimos organizar os traços e os segmentos em uma espécie de “árvore” (diagramas arbóreos), que explicam as camadas mencionadas pela fonologia autosegmental, a partir da noção de multidirecionalidade.

Na primeira camada, há o segmento fonológico; na segunda camada, há o nó raiz; na terceira camada, há os nós secundários e na quarta camada, há os traços. Cada alteração na camada inferior provoca uma alteração na camada superior ou vice-versa, numa espécie de efeito “dominó”. Esse é o caso das representações flutuantes, no qual um nó raiz ou unidade tempo são apagados, provocando processos de elisão e ressilabificação.

Em todos os casos de Apócope e Monotongação, explicamos as variações, do ponto de vista estrutural, a partir de diagramas arbóreos que tomam como base esses processos discutidos pela Geometria dos traços.

Na **Teoria da sílaba**, foram constatadas três categorias de representações silábicas, conforme os apontamentos de Keller (2010) e Alves (2017). No primeiro modelo, a sílaba não apresenta uma estrutura interna: modelo silábico de Kaln (1976) e o modelo silábico de Clements e Keyser (1983); no segundo modelo, a sílaba já apresenta estrutura interna: modelo silábico de Selkirk (1982); no terceiro modelo, a sílaba é constituída por unidades de peso: modelo silábico de Hyman (1985).

Na nossa pesquisa, utilizamos a estrutura para o Português brasileiro, abordada por Bisol (1999). Tal estrutura se aproxima do modelo silábico de Selkirk (1982), ou seja, temos uma sílaba marcada por uma estrutura interna que liga os segmentos a base. Em Selkirk

(1982), a sílaba é composta por onset e rima (pico e coda) e, em Bisol (1999), a sílaba é constituída por ataque e rima (núcleo e coda). Além do modelo silábico, a teoria da sílaba nos auxiliou a compreender algumas restrições para a ocupação desses espaços (onset, núcleo da rima e coda).

Vale ressaltar que, a partir da teoria, foi possível utilizar o Princípio de Sequência de Sonoridade (PSS), a Lei de contato silábico e o Princípio de licenciamento prosódico nas análises.

A **Sociolinguística variacionista** funciona como um aporte teórico para o estudo da oralidade sob o viés social (externo), para a ruptura da exclusividade estrutural como o único fator possível para explicar a variação.

A pesquisa realizada por Labov (2008) em Martha's Vineyard (Massachusetts) e a pesquisa realizada em lojas de Nova Iorque demonstraram que as variações, além da estrutura, são justificáveis por variáveis sociais, como a idade, os grupos ocupacionais, os grupos étnicos, a classe ou prestígio social, o sentimento indentitário, etc.

Esses dados, nos levaram a escolher as estratificações sociais da nossa pesquisa (a faixa etária e a escolaridade), de modo que pudéssemos, assim como Labov (2008) analisou a influência das suas variáveis para a centralização dos ditongos \ay\ e \aw\ em Massachusetts e para a presença ou ausência do \r\ pós vocálico nas lojas de Nova Iorque, analisar a influência da idade e da escolaridade nos casos de Apócope e Monotongação.

Labov (2008) resalta que o objeto de estudo da Sociolinguística é a língua usada pelas pessoas cotidianamente (a língua em contextos de reais), por isso escolhemos trabalhar com dados fonéticos coletados em entrevistas, de modo que pudéssemos nos aproximar desse uso.

Além disso, algumas afirmações básicas da Sociolinguística foram fundamentais para a compreensão e uso adequado da teoria, a citar:

- A língua é constituída por uma heterogeneidade estruturada e é dotada de mudanças e variações;
- Toda mudança é uma variação, mas nem toda variação é uma mudança;
- A mudança e variação estão interligadas ao eixo social e ocorrem continuamente;
- A variação é formada por variáveis e variantes, por variáveis linguísticas (internas) e variáveis sociais.

A **Gramática histórica** funciona como um aporte teórico para o conhecimento histórico da Língua portuguesa, com principal enfoque na compreensão dos metaplasmos.

É necessário recorreremos aos metaplasmos para alcançar o nosso objeto (apócope e monotongação). Por conseguinte, precisamos ter em mente que os metaplasmos são mudanças fonéticas que acontecem dentro de um longo trajeto temporal, que não pode ser ignorado. Isso, portanto, justifica o uso da gramática histórica como um modo de resgatar diacronicamente outros estágios da língua e de detectar os metaplasmos.

A formação da Língua portuguesa segue uma linha cronológica e uma hierarquia que envolvem inúmeras mudanças, posto que o Português descende das Línguas românicas que são frutos de transformações linguísticas no Latim e que, provavelmente é fruto de mudanças no Indo-europeu. Essas mudanças linguísticas foram ocasionadas por relações de poder: invasões, conquistas, reconquistas e contatos entre os povos.

O Latim, por exemplo, passou por diversos processos de transformações até a constituição das línguas românicas. Na versão escrita, as transformações geraram três fases distintas: o latim arcaico, o clássico e o imperial. Além das diferenças entre as fases do latim escrito, ainda havia uma diferença expressiva entre o Latim escrito e o Latim oral (Latim vulgar). Do mesmo modo, o Latim oral também sofreu transformações internas que resultaram nos romances e, posteriormente, nas línguas românicas.

Como é possível notar, quando falamos de Língua portuguesa, estamos falando de uma língua românica que deriva do Latim vulgar, de uma língua que foi gerada a partir de mudanças lexicais, sintáticas, fonéticas, etc.

As mudanças fonéticas são denominadas por Botelho e Leite (2005) de metaplasmos, e dão início a nossa síntese da última temática.

O desenvolvimento do tópico dos **metaplasmos** foi primordial para as discussões sobre Apócope e Monotongação, pois, permitiram que compreendêssemos os fenômenos dentro da globalidade das transformações fonéticas, dentro das diversas classificações (Metaplasmos por adição\MA, metaplasmos por supressão\queda ou subtração\MS, metaplasmos por substituição ou permuta\MP, metaplasmos por transformações\MTR e metaplasmos por transposição\MT).

O tópico torna claro a concepção de que o nosso objeto de estudo lida primeiramente com metaplasmos por supressões. Todavia, não estamos falando de qualquer supressão, mas de um apagamento sonoro no fim do vocábulo ou do apagamento da semivogal de um ditongo.

Vale acrescentar que, os casos de apócope e monotongação dialogam com outros metaplasmos, como, por exemplo, seguindo a lógica das definições propostas pelos teóricos, a assimilação ocorrente entre o fonema \d\ e o fonema \n\ em verbos no gerúndio é um MP e a

desnasalação ocorrente em verbos na terceira pessoa do plural é um MTR. Isso explica a não restrição das discussões aos metaplasmos por subtração ou aos fenômenos particulares de Apócope e Monotongação, dado que um mesmo fenômeno é, muitas vezes, perpassado por eventos distintos.

Além das classificações e definições, essa última temática traz alguns dados sobre os casos de metaplasmos no percurso entre o Latim e as línguas românicas, entre o Português antigo e o português atual. A título de exemplo, temos o rotacismo, a monotongação, sonorização, síncope, haplologia, consonantizações, palatizações, entre outros. Tais dados complementam as discussões teóricas sobre mudanças linguísticas, abordadas no tópico 2.3.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo partiu de dos seguintes questionamentos:

1). *Quais são os fenômenos ocorrentes no Sítio Arisco – Lagoa de Dentro\PB, dentro do recorte da nossa pesquisa?*

Conforme a análise dos dados, lidamos com casos de Apócope em verbos no Gerúndio, em verbos na terceira pessoa do plural e verbos no infinitivo (1.^a e 2.^a conjugação). Lidamos, também, com casos de Monotongação do ditongo OU, do ditongo EI, do ditongo IU e algumas ocorrências raras (ditongo UA e tritongo UAU).

2). *Como se efetuam as variações fonéticas da comunidade?*

Para responder esse questionamento, é preciso obter outras respostas acerca do objetivo geral e dos objetivos específicos.

A nossa pesquisa, como já foi mencionado nas considerações iniciais, tem como objetivo *descrever as variações fonéticas do Sítio Arisco – Lagoa de Dentro\PB*. Tem como objetivos específicos *analisar as propriedades acústicas\articulatórias do som, detectar quais mecanismos internos ocasionam os metaplasmos por Apócope e Monotongação e detectar quais mecanismos externos, dentro do recorte da pesquisa, são mais significativos para as ocorrências dos fenômenos*.

O nosso objetivo geral foi alcançado, tendo em vista que descrevemos as variações²⁶⁹ fonéticas do Sítio Arisco - Lagoa de Dentro\PB, através das transcrições fonéticas\fonológicas, das representações no PRAAT, dos diagramas arbóreos e dos aportes teóricos.

Alcançamos, também, os nossos objetivos específicos, afinal, o uso do PRAAT tornou possível a análise acústica do som e as transcrições fonéticas\fonológicas (tópico 4.1.1²⁷⁰ e 4.1.2²⁷¹) possibilitou a análise articulatória.

Além disso, conseguimos detectar os mecanismos internos e externos, responsáveis pelos casos de Apócope e Monotongação. Para compreender os mecanismos internos, utilizamos como aporte teórico a Fonética\Fonologia estruturalista (SAUSSURE, 2012; TRUBETZKOY,1973,1981; JAKOBSON e HALLE, 1980), a Fonética\Fonologia gerativa (CHOMSKY E HALLE, 1979), as novas teorias (Fonologia autosegmental, Geometria dos traços e Teoria da sílaba), a Gramática histórica (CARDEIRA,2006; COUTINHO, 1976, etc.)

²⁶⁹ Variações dentro do recorte da nossa pesquisa.

²⁷⁰ Página 132.

²⁷¹ Página 144.

e o subtópico sobre os Metaplasmos (BAGNO, 2007; COUTINHO, 1976, etc.). Para compreender os mecanismos externos, utilizamos a Sociolinguística variacionista (LABOV, 2008; WEIREICH, LABOV e HERZOG, 2006, etc.).

Em **verbos no gerúndio (diagrama 10²⁷²)**, as imagens do PRAAT e os diagramas arbóreos propiciaram a conclusão de que esses verbos sofrem um apagamento do fonema /d/ e permanência do fonema /n/, como, por exemplo, (vivendo) > [vi'vẽnu] /vi'veNnu⁺/. Mais detalhadamente, a terminação *ndo* é marcada por um choque entre o fonema /n/ (posição de coda) e o fonema /d/ (posição de ataque), que resulta na acoplação do fonema \n\, após a flutuação devido à perda do nó raiz base, a raiz seguinte (posição de ataque) e no apagamento total do fonema /d/.

O fenômeno é justificado, internamente, pela estrutura silábica do Português brasileiro que nega a entrada de sons oclusivos em posição de segunda consoante do ataque silábico, pelo processo de ressilabificação, pela assimilação²⁷³ e pela escala de sonoridade²⁷⁴.

Acusticamente, comprovamos essas informações através da queda de energia em alguns frequências, da menor amplitude das ondas sonoras (quando comparadas a fonemas vocálicos), da maior amplitude das ondas sonoras (quando comparadas a fonemas oclusivos), da ausência de espaço totalmente branco no PRAAT e de barra de explosão.

Quanto aos mecanismos externos, concluímos, através de dados quantificados no Excel, que o fator escolaridade e a faixa etária afetam os casos de apócope em verbos no gerúndio, porém, o nível escolar é menos preponderante. O primeiro fator só afeta significativamente o nível superior, pois, bloqueia os possíveis casos entre os falantes REDS e JRCDS. Em contrapartida, o segundo fator afeta a idade mais elevada, porquanto apresenta menor nível de ocorrência na faixa etária 1 (16 a 30 anos) e maior nível na faixa etária 2 (31 a 70 anos). De modo geral, podemos afirmar que os casos de Apócope em verbos no gerúndio ocorrem com maior frequência entre falantes mais velhos, independente da escolaridade.

Em **verbos na terceira pessoa do plural (diagrama 11²⁷⁵, 12²⁷⁶ e 13²⁷⁷)**, as imagens do PRAAT e os diagramas arbóreos demonstraram que esses verbos, em sua maioria, sofrem

²⁷² Página 161.

²⁷³ Os fonemas /n/ e /d/ compartilham o mesmo lugar de articulação (alveolar/dental) e a mesma caracterização quanto à laringe (ambos são sons sonoros\vozeados).

²⁷⁴ Os fonemas oclusivos são dotados de “0” em sonoridade, em contraponto, os fonemas nasais são dotados de sonoridade “1”. Isso nos leva a concluir que a tendência é o apagamento do fonema com menor nível de sonoridade em sílabas posteriores ao ápice silábico, por isso a preservação do fonema/n/ e supressão do fonema /d/.

²⁷⁵ Página 170.

²⁷⁶ Página 173.

²⁷⁷ Página 175.

o acréscimo da semivogal [w] ou [j] na última sílaba. Logo em seguida essa semivogal [w] ou [j] epentética entra em conflito com o núcleo silábico e faz com que ele seja apagado, assumindo o seu papel²⁷⁸. Em alguns casos²⁷⁹ (JFDS e NCCDS), a vogal não é apagada, mas a semivogal [w]. Esse processo de apagamento é detectável em estágios anteriores da língua (desde o Latim até as Línguas românicas), como um recurso para a desnasalação.

Dentro do viés acústico, os casos de apócope em verbos na terceira pessoa do plural são justificados pela comparação entre as características acústicas das vogais nasais [ã] [ũ] e [ɛ̃] e das vogais orais [a], [ɛ] e [i], pelos tons mais escuros dos espectros (quando comparado as consoantes), pela análise dos formantes vocálicos²⁸⁰, pela mudança de percurso de F2 nas vogais nasais²⁸¹ e pelo não enfraquecimento de formantes.

De acordo com as estratificações sociais, os dados do Excel demonstraram que a escolaridade é o fator mais dominante, dado que os maiores níveis de ocorrências estão entre os falantes com maior nível escolar, com exceção dos falantes do nível superior. Vale acrescentar que, apesar de menor destaque, o fator faixa etária indica maior ocorrência entre os falantes mais velhos (31 a 70 anos).

Em **verbos no infinitivo (1.^a e 2.^a conjugação) (diagrama 14²⁸² e 15²⁸³)**, as imagens do PRAAT e os diagramas arbóreos evidenciaram que há uma supressão do arquifonema \R\, independente do léxico. Em um primeiro momento, o núcleo silábico (vogal) entra em conflito com a coda silábica (arquifonema R); posteriormente, o choque entre os dois sons causa a flutuação do fone [h] ou arquifonema \R\ que, num processo de ressilabificação, é totalmente apagado.

Estruturalmente, a supressão em verbos no infinitivo (1.^a e 2.^a conjugação) é esclarecida mediante o padrão silábico do português brasileiro que tende a priorizar a estrutura consoante (C) e vogal (V) e o Princípio de economia linguística que determina o menor esforço articulatorio da sílaba CV, se comparada a sílaba CVC.

²⁷⁸ Ao assumir a posição de núcleo silábico, a semivogal passa a ser uma vogal nasal que, por influência de autosssegmentos de outras vogais, sofre desnasalação.

²⁷⁹ O efeito de desnasalação continua.

²⁸⁰ F1 representa o inverso da altura da vogal, portanto é esperável que as vogais altas [i] e [u] detenham o valor mais baixo de F1; que a vogal baixa [a] apresente a posição mais alta de F1 no espectro; que as vogais médias-altas [e] e [o] fiquem em posições aproximadas de [i] e [u] e, por fim, que as vogais médias-baixas [ɛ] e [ɔ] ocupem posições de F1 próximas a [a]. Em F2, a frequência mais baixa da vogal [ɔ], [o] e [u] revelam que elas são posteriores, em oposição as demais anteriores.

²⁸¹ Os sons vocálicos orais são marcados pela linearidade do percurso de F2.

²⁸² Página 187.

²⁸³ Página 188.

Para comprovar acusticamente a queda do \R\ nos infinitivos, avaliamos a ausência de ruído acústico das fricativas, a alta definição das ondas sonoras, a presença de barra de sonoridade, a energia intensa do espectrograma e o posicionamento de F1 e F2.

As estratificações sociais, representadas no Excel, mostram que não há interferência significativa nas supressões de verbos no infinitivo (1.^a e 2.^a conjugação), dado que não há diferenças percentuais expressivas entre uma faixa etária e outra, entre os diferentes níveis escolares. Tais dados nos leva a afirmar que o fenômeno é afetado por condicionadores internos (estrutura silábica e Princípio de economia linguística).

Os casos de **monotongação**, segundo as imagens do PRAAT e os diagramas arbóreos, são marcados pela desconstrução de ditongos, por intervenção do apagamento da semivogal ou vice-versa.

Na **ditongo OU [ow]** (diagrama 19²⁸⁴) e do **ditongo EI [ej]** (diagrama 18²⁸⁵), é constatável um choque entre a vogal [o] e a semivogal [w], entre a vogal [e] e a semivogal [j]. Tal choque ocasiona a desvinculação das semivogais com os seus nós raízes e os seus totais apagamentos.

O **ditongo IU [iw]** apresenta três resultados estruturais. **No primeiro resultado (diagrama 16²⁸⁶)**, o ditongo [iw] é resultado de uma transformação dos sons [il]. A princípio, o arquifonema \L\ entra em conflito com a vogal [i] e como consequência sofre um processo de vocalização [w]. Por conseguinte, o choque²⁸⁷ não apaga apenas a semivogal [w], mas toda a extensão do ditongo [iw], durante a ressilabificação. **No segundo resultado (diagrama 20²⁸⁸)**, o ditongo [iw] é resultado de uma transformação dos sons [jɔ]. Num primeiro momento, a semivogal [j] e a vogal [ɔ] entram em conflito, causando o alteamento da vogal [ɔ] para a semivogal [w]. Esse alteamento gera a inversão dos valores semivocálicos²⁸⁹ e, em última instância, a vogal [i] é apagada e a semivogal [w] exerce a função de vogal [u], conforme a ressilabificação. **No terceiro resultado (diagrama 21²⁹⁰)**, o ditongo [iw] sofre processos semelhantes aos processos do segundo resultado, porém todo o conjunto vocálico [iw] é apagado e não apenas a vogal.

²⁸⁴ Página 204.

²⁸⁵ Página 202.

²⁸⁶ Página 198.

²⁸⁷ Articulatoriamente, acreditávamos que havia ocorrido uma monotongação, todavia, acusticamente, a supressão excede o ditongo. É, sem súvida, um resultado não esperado. Teoricamente, esse fenômeno não é uma monotongação, mas uma apócope simples. Por motivos didáticos, preferimos manter o fenômeno dentro do tópico de monotongação.

²⁸⁸ Página 205.

²⁸⁹ A vogal passa a ser o som [i] e a semivogal passa a ser o som [w].

²⁹⁰ Página 207.

No **tritongo UAU [waw]** (**diagrama 17**²⁹¹), há um choque entre as duas semivogais [w]. O conflito entre as semivogais ocasionam a perda do acesso ao nó raiz e o total apagamento de ambas, ao longo da ressilabificação.

De modo geral, podemos dizer que todos os casos de monotongações são influenciados pelo mecanismo interno do Princípio de economia linguística, que tende a reduzir o ditongo e tritongo, em prol do menor esforço articulatório. Alguns casos passam por outros processos, como, por exemplo, a vocalização do arquifonema \L\, a assimilação entre o ditongo latino [aw] e o ditongo português [ow] e, posteriormente, na oralidade, a assimilação entre o fonema [ɔ] e o fonema [w].

Na perspectiva acústica, as monotongações foram comprovadas mediante a grande intensidade de energia vocálica nos espectros, a ausência de enfraquecimento de energia em F1, a linearidade ou estacionariedade de F1 e F2, o posicionamento de F1 e F2 e a presença de barra de vozeamento. Além dessas características, para explicar o **diagrama 16**²⁹², observamos a presença de ruídos (típico das fricativas) e a ausência de barra de vozeamento, como comprovação do apagamento total do ditongo [iw].

Segundo as estratificações sociais, podemos concluir que o **ditongo OU [ow]** é afetado em primeiro lugar pela faixa etária e, em segundo lugar, pela escolaridade. O primeiro fator indica maiores possibilidades entre os mais velhos e explica as maiores ocorrências em discursos de falantes semianalfabetos e de falantes com nível médio. O segundo fator explica o travamento de ocorrências entre os falantes com nível superior.

No que concerne ao **ditongo EI [ej]**, concluímos que o fator escolaridade não ocasiona o fenômeno, mas a faixa etária. As menores ocorrências entre os falantes com nível fundamental I, fundamental II e superior, e as maiores ocorrências entre os falantes analfabetos, semianalfabetos e falantes de nível médio não se justifica pelo nível escolar, mas pela idade desses falantes. O fator faixa etária indica maiores possibilidades de ocorrências entre os mais velhos e menores possibilidades de ocorrências entre os mais jovens.

Os dados quantitativos do Excel demonstram que o **ditongo IU [iw]** é marcado pelo fator faixa etária e pelo fator escolaridade, com igual destaque. O menor número de ocorrência está entre os falantes com maiores níveis educacionais e menor faixa etária. O maior número de ocorrência, está entre os falantes com menores níveis educacionais e com maior faixa etária.

²⁹¹ Página 201.

²⁹² Página 198.

Quanto as **ocorrências raras**, os dados do Excel evidenciaram que as reduções do ditongo UA [wa] e tritongo UAU [waw] são influenciadas apenas pelo fator escolaridade, tendo em vista que o fenômeno só foi detectado no discurso de um falante analfabeto (ALDS).

Em síntese, os casos de Apócope e Monotongação são constituídos pelos seguintes mecanismos internos: Princípio de economia linguística, assimilação, escala de sonoridade, estrutura silábica do Português brasileiro, desnasalção, vocalização do arquifonema \L\ e alteamento de vogais.

São constituídos, também, pelos mecanismos externos faixa etária e escolaridade, com a seguinte distribuição: **Apócope em verbos no gerúndio** (+ fator faixa etária \ - fator escolaridade); **Apócope em verbos na terceira pessoa do plural** (- fator faixa etária \ + fator escolaridade); **Apócope em verbos no infinitivo – 1.^a e 2.^a conjugação** (fatores internos); **Monotongação do OU [ow]** (+ fator faixa etária \ - fator escolaridade); **Monotongação do ditongo ditongo EI [ej]** (apenas o fator faixa etária); **Monotongação do ditongo IU [iw]** (+ fator faixa etária \ + fator escolaridade) e **ocorrências raras** (apenas o fator escolaridade).

De modo geral, para os casos de Apócope, a faixa etária e a escolaridade influenciam o fenômeno harmonicamente, já que temos um tipo de apócope predominantemente afetado pela idade e outro tipo, afetado predominantemente pela escolaridade. Para os casos de Monotongação, o fator faixa etária prevalece, uma vez que há um tipo de monotongação predominantemente influenciado pela idade, um caso influenciado exclusivamente pela idade, um caso predominantemente influenciado pela escolaridade e um caso influenciado harmonicamente pelos dois fatores.

Conforme os três parágrafos anteriores, é coerente reafirmar que conseguimos atingir os dois últimos objetivos específicos, posto que ficou claro quais são os mecanismos internos que ocasionam os metaplasmos por Apócope e monotongação e quais mecanismos externos foram mais significativos para a distribuição das ocorrências de cada fenômeno.

Consoante os esclarecimentos do objetivo geral e específicos, conseguimos obter a resposta do nosso segundo questionamento, a partir da compreensão de que as variações fonéticas na comunidade se realizam mediante mecanismos internos (estruturais) e externos (sociais). Em alguns casos os mecanismos externos não interferem, em outras situações um fator social interfere de modo intenso ou, ainda, um fator social interfere de modo tênue.

Todas as discussões permitiram confirmar algumas das nossas hipóteses, tendo em vista que, de fato, os casos de Apócope em verbos no infinitivo são caracterizados por um tendência em transformar as sílabas finais em sons vocálicos orais, através da supressão do

arquifonema \R\; os casos de Apócope em verbos na terceira pessoa do plural confirmam a ideia de que alguns segmentos nasais caminham para um apagamento e oralização no português brasileiro falado e os verbos no gerúndio realmente tem o fonema /d/ apagado.

As discussões permitiram, também, refutar a hipótese de que os casos de monotongação caminham para um processo de “destongação” na oralidade. Na verdade, a monotongação já é, em sua maioria, um fenômeno efetuado²⁹³ na oralidade da comunidade, intensificada ou atenuada conforme as estratificações sociais abordadas na pesquisa.

Outra hipótese refutada é a ideia de que todos os fenômenos coletados são marcados intensamente pelo fator escolaridade, afinal a análise no Excel mostra o oposto. Alguns fenômenos são influenciados muito mais pela faixa etária, outros são influenciados por ambos os fatores, na mesma proporção. Há, ainda, casos em que os fenômenos não são marcados pela escolaridade ou não são marcados por nenhuma das estratificações sociais escolhidas.

Em resumo, finalizamos esse estudo com a expectativa de que essa pesquisa possa contribuir com novas reflexões científicas no campo da Fonética\fonologia acústica\articulatória, da Sociolinguística variacionista e da descrição linguística.

²⁹³ Exceto as ocorrências raras.

REFERÊNCIAS

- ALVES, V.K. **Teoria da Sílabas**. In: HORA, D; MATZENAUER, C.L. **Fonologia, fonologias: uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2017.
- AMARAL, M.P. do. A síncope em proparoxítonas: uma regra variável. In: BISOL, L; BRESCANCINI, C (Orgs). **Fonologia e Variação: recortes do Português Brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- ARAÚJO, A.A. **Uma fotografia sociolinguística da redução do gerúndio com base nos dados do Atlas Linguístico do Brasil**. Revista (Com) tetos Linguísticos, Espírito Santo, v. 10, n.16, p.8-23, 2016. Disponível em <<http://www.periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/13700/10799>>. Acesso em: 25 de nov. de 2018.
- BAGNO, M.A **língua de Eulália: novela sociolinguística**. 16.ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- _____. **Gramática pedagógica do Português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- _____. **Dicionário crítico de Sociolinguística**. 1.ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.
- BARBOSA, P.A; MADUREIRA, S. **Manual de fonética experimental: aplicações a dados do português**. São Paulo: Cortez, 2015.
- BARROS, D.S.da.C. **Do latim ao português: estudo diacrônico sobre as vogais**. Revista de estudos clássicos e tradutórios. Juiz de Fora, v.2, n.2, p. 102-116, 2014. Disponível em: <<https://ronai.ufjf.emnuvens.com.br/ronai/article/view/18>>. Acesso em: 31 de Out. de 2018.
- BASSETO, B. F. **Elementos da filologia românica: história externa das línguas**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.
- BECHARA, I. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed.rev. ampl e atual. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BISOL, L. **O Sândi e a Ressilabação**. Revista Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 31, n. 104, p. 159- 168, 1996.
- _____. A sílaba e seus constituintes. In: NEVES, M. H. de M. (org.). **Gramática do português falado**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1999, p. 701-742.
- _____. (Org.). **Introdução a estudos de fonologia do Português Brasileiro**. 4ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.
- BISOL, L; BRESCANCINI, C (Orgs). **Fonologia e Variação: recortes do Português Brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- BLEVINS, J. The syllable in Phonological Theory. In: J. Goldsmith (ed). **The Handbook of Phonological Theory**. London: Blackwell, 1995, p.207-243.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística nasala de aula**. São Paulo: Parábola editorial, 2004.

BOTELHO, J. M.; LEITE, I. L. **Metaplasmos contemporâneos** – um estudo acerca das atuais transformações fonéticas da Língua Portuguesa. In: II Congresso de Letras da UERJ

– São Gonçalo (II CLUERJ- SG), 2005, São Gonçalo. Anais do II CLUERJ- SG. Disponível em <<http://www.filologia.org.br/cluerjsg/anais/ii/completos/comunicacoes/isabellelinsleite.pdf>> Acesso em 24 de Abril de 2015.

CALLOU, D; LEITE, Y. **Iniciação à fonética e à fonologia**. 11. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

CAGLIARI, G. M; CAGLIARI, L. C. Fonética. In: MUSSALIM, Ana Christina Bentes. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo, Cortez: 2007.

CÂMARA JR. J. M. **História e estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

_____. **Estrutura de língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2004.

CARDEIRA, E. **O essencial sobre a história do Português**. Lisboa: Caminho, 2006.

CASTILHO, A. T. de. **Como, onde e quando nasceu a Língua Portuguesa?** In: Museu da Língua Portuguesa. 2009. p. 01- 41. Disponível em: < <http://www.estacaodaluz.org.br> >. Acesso em: 25 de Out. de 2018.

_____. **Como as línguas nascem e morrem?** In: Museu da Língua Portuguesa. 2009, p. 01-21. Disponível em: < <http://www.estacaodaluz.org.br> >. Acesso em: 25 de Out. de 2018.

CASTRO, I. **Curso de história da Língua Portuguesa**. Lisboa: Universidade Aberta, 1991.

CAVELT, L.I. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola, 2002.

CEDEÑO, R. A. N; MORALES-FRONT, A. **Fonología generativa contemporánea de la lengua española**. Washington DC: Georgetwon University Press, 1999.

CLEMENTS, G. N. **The Geometry of Phonological Features**. Phonology Yearbook 2. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1985.

CLEMENTS, G. N.; HUME, E.V. The internal organization of speech sounds. In: GOLDSMITH, J. (Ed.). **The handbook of phonological theory**. Cambridge, MA: Blackwell, 1995 p.245-306.

COELHO, Izete Lehmkuhl [et al]. **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.

CHOMSKY, N; HALLE, M. **Principios de fonología generativa**. Traducción de José Antonio Millán. Madrid: Fundamentos, 1979.

COLLISCHONN, G. Teoria da sílaba. In: BISOL, L (Org.). **Introdução a estudos de fonologia do Português Brasileiro**. 4ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

COSTA, M.A. Estruturalismo. In: MARTELOTTA, M.E (org). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2017.

CUNHA, A.F. D. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, M.E (org). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2017.

CUNHA, C; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 5ª ed. Rio de Janeiro: LexiKon, 2008.

CUNHA e SOUZA, H.F. **O português kiriri: aspectos fônicos e lexicais na fala de uma comunidade do sertão baiano**.2011. 200 pág. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de pós-graduação em língua e cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador. Disponível em <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/8507>>. Acesso em: 20 de nov. de 2018.

CRISTÓFARO-SILVA, Thaís; **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. 7ª ed. São Paulo: Contexto, 2003.

DIAS, E.F; HIGINO, J.L.F. **Gramática histórica**. Montes Claros, MG: Unimontes, 2015.

DUBOIS, J, et al. **Dicionário de linguística**. São Paulo: Cultrix, 2006.

FARACO, C. A. **Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

GOLDSMITH, J. **Autosegmental Phonology**. Cambridge, MA, 1976. Tese (Doutorado)_-MIT. Bloomington: IULC, 1976.

HAYES, B. **Metrical Stress Theory: Principles and Case Studies**. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

HYMAN, L.M. **A theory of Phonological Weight**. Dordrecht: Foris, 1985.

HOOPER, J.B. **The Syllable in Linguistic Theory**. Language.48, 1972.

HORA, D.D; VOGLEY, A. Fonologia Autosegmental. In: HORA, D; MATZENAUER, C.L. **Fonologia, fonologias: uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2017.

JAKOBSON, R. HALLE, M. **Fundamentos del lenguaje**. Trad. C.PIERA. 3ª ed. Madrid: Ayuso, 1980.

JUBRAN, S.A.A.C. **Árabe e Português: fonologia contrastiva com aplicação de tecnologias informatizadas**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo\Fapesp\CEAR, 2004.

KELLER, T. **O papel da sonoridade no mapeamento das sequências consonantais**. Porto Alegre, 2010. Tese (Doutorado em Letras) UFRGS.

KENEDY, E. Gerativismo. In: MARTELOTTA (org). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2017.

KENT, R.D; READ, C. **Análise acústica da fala**. Tradução de Alexsandro Rodrigues Meireles. São Paulo: Cortez, 2015.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LABOV, W. **Sociolinguística: uma entrevista com William Labov**. Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL. Vol. 5, n. 9, agosto de 2007. Tradução de Gabriel de Ávila Othero. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].

LAMPRECHT, R.R. **Aquisição fonológica do Português: um perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia.** Porto Alegre: Artmed, 2014.

_____. (Org). **Aquisição da linguagem: estudos recentes no Brasil.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.

LEE, S.H. Fonologia Gerativa. In: HORA, D; MATZENAUER, C.L (Orgs). **Fonologia, fonologias: uma introdução.** São Paulo: Contexto, 2017, p. 31-46.

LIBERALI, F.C; LIBERALI, A.R.A. **Para pensar a metodologia de pesquisa nas ciências.** Revista das Faculdades Integradas Coração de Jesus. Santo André, SP, v.1, n.1, p.17-33, jun./dez. 2011. Disponível em <<http://www.fainc.com.br/interfainc/revista/inter01.pdf>>. Acesso em 10 de Out. de 2017.

LIMA, F. B. **Comunidade quilombola Caiana dos crioulos: um estudo sócio-variacionista.** 2014. 289 pág. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de pós-graduação em letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

LOPES, E. **Fundamentos de Linguística Contemporânea.** 4ª ed., São Paulo: Cultrix, 1980.

LYONS, J. **Introdução à Linguística Teórica.** Tradução Rosa Virgínia Mattos e Silva e Hélio Pimentel. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1979.

MASIP, V.V. **Gramática histórica: portuguesa e espanhola: um estudo sintético e contrastivo.** São Paulo: EPU, 2003.

_____. **Fonologia, fonética e ortografia portuguesa.** 1. ed. Rio de Janeiro: EPU, 2014.

_____. **Fonética e Fonologia portuguesas: um modelo didático laboratorial.** Linha D'Água, São Paulo, v.28, n.1, p.173-192. 2015. Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/89281>>. Acesso em 01 de Jan. de 2019.

MATZENAUER, C.L. Bases para o entendimento da aquisição fonológica. In: LAMPRECHT, R.R. **Aquisição fonológica do Português: perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia.** Porto Alegre: Artmed, 2014.

MATZENAUER, C.L; MIRANDA, A.R.M. Teoria dos traços. In: HORA, D; MATZENAUER, C.L. **Fonologia, fonologias: uma introdução.** São Paulo: Contexto, 2017.

MENDONÇA, C. S. I. **A Sílabas em Fonologia.** Working Papers em Linguística, UFSC, n.7. 2003, p.21-40.

MILLAN, J.A; CALVO, P. Introduccion. In: CHOMSKY, N; HALLE, M. **Principios de fonología generativa.** Traducción de José Antonio Millán. Madrid: Fundamentos, 1979, p.11-19.

MIOTO, C; SILVA, M.C.F; LOPES, R. **Novo manual de sintaxe.** 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2016.

MOLLICA, M.C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, M.C; BRAGA, M.L (Orgs). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação.** 4. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

NARO, A. J. O dinamismo das línguas. IN: MOLLICA, M. C; BRAGA, M. L. (orgs.). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. 3. ed São Paulo: Contexto, 2007.

NASCIMENTO, E.R. **As múltiplas faces da língua**: um estudo sociovariacionista no Sítio Arisco-Lagoa de Dentro-PB. 2015. 74f. Trabalho de conclusão de curso, Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira.

OCA, D.R.M, de. **Manual para el análisis fonético acústico**. Santiago, Chile: Editora Pfeiffer: 2011.

PRETI, D. **Sociolinguística**: os níveis de fala: Um Estudo Sociolinguístico do Diálogo na Literatura Brasileira. 9 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

SALLES, R. **O legado de Babel**: as línguas e seus falantes: dicionário descritivo das línguas indo-europeias. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1993, p.277-310.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. Organização Charles Bally e Albert Sechehaye; com a colaboração de Albert Riedlinger. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 28ª ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SELKIRK, E. The syllable. In: HULST, H; SMITH, V.D (eds). **The Structure of Phonological Representations**. Part II. Foris, Dordrecht, 1982, pp.337-83.

SILVA, R. O. **Características acústicas e articulatórias das vogais postônicas na variedade do Português Brasiliense**. 2012. 151 f. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Linguística, Línguas Clássicas e Português. Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

SILVEIRA, R.C. P. **Estudos de fonética do idioma português**. São Paulo: Cortez, 1982.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1986.

_____. **Tempos linguísticos**. São Paulo: Ática, 1990, p. 93-105.

TEYSSIER, P. História da Língua Portuguesa. Tradução de Celso Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

TRUBTZKOY, N.S. **Principios de Fonología**. Traducción de Delia García Giordano & Luís J. Prieto. Madrid: Editora Cincel, 1973.

_____. A Fonologia atual. Trad. R. A. Figueira. In: DASCAL, M. (Org). **Fundamentos metodológicos da linguística**. Fonologia e Sintaxe. V.2 Campinas: 1981, p.15-35.

VIDOS, B. E. **Manual de linguística românica**. Tradução de José Pereira da Silva. Rio de Janeiro: EduERJ, 1996.

WEEDWOOD, B. **História concisa da linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

WEINREICH, U; LABOV, W; HERZOG, M.I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

APÊNDICE A - FICHA DO INFORMANTE²⁹⁴

<p>UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO-UFPE</p> <p>LINHA DE PESQUISA: Descrição e análise estrutural e histórica de línguas</p> <p>TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: METAPLASMOS POR SUPRESSÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: CASOS DE APÓCOPE E MONOTONGAÇÃO NO SÍTIO ARISCO – LAGOA DE DENTRO\PB</p> <p>PESQUISADORA: EDNA RANIELLY DO NASCIMENTO FERNANDES</p> <p>ORIENTADOR: Dr. VICENTE MASIP VICIANO</p>
1. NOME:
2. SEXO:
3. IDADE:
4. NATURALIDADE:
5. NOME DA LOCALIDADE ONDE MORA:
6. QUANTO TEMPO MORA NA ZONA RURAL:
7. NÍVEL DE ESCOLARIDADE:
8. ESTADO CIVIL:

²⁹⁴ Apêndice aprovado pelo Comitê de ética da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE.

APÊNDICE B²⁹⁵ - QUESTIONÁRIO DAS ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO-UFPE

LINHA DE PESQUISA: Descrição e análise estrutural e histórica de línguas

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: **METAPLASMOS POR SUPRESSÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: CASOS DE APÓCOPE E MONOTONGAÇÃO NO SÍTIO ARISCO – LAGOA DE DENTRO\PB**

PESQUISADORA: EDNA RANIELLY DO NASCIMENTO FERNANDES

ORIENTADOR: Dr. VICENTE MASIP VICIANO

EIXO 1: HISTÓRIA

- 1-Você conhece a história desta localidade?
- 2-Você consegue explicar o motivo pelo qual, esta localidade foi denominada de Sítio Arisco?
- 3-Segundo alguns moradores, é comum chamar, atualmente, o Sítio Arisco de Bairro São José. Porque houve esta mudança?

EIXO 2: ECONOMIA

- 1- Você trabalha com a agricultura? Sim () Não (). O que você planta? Qual é a finalidade do cultivo?
- 2- Cria algum tipo de animal. Especifique-o.
 - 1-Qual é a sua renda?
- 3-Em algum momento, a sua renda foi inferior a atual? Sim () Não (). Como foi essa experiência?
- 4- Você já viajou para outra localidade em busca de emprego? O que o levou a tomar esta decisão? Qual era a sua função? Quais eram as condições de vida neste lugar?
- 5-Que sugestão você daria para melhorar a economia da população?

²⁹⁵ Apêndice aprovado pelo Comitê de ética da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE.

EIXO 3: RELIGIÃO

- 1- Qual é a sua religião?
- 2- Existe alguma igreja nesta localidade? Sim () Não ().
- 3- Na localidade, são realizadas algumas ações sociais promovidas pela igreja? Sim () Não (). Quais e como elas ocorrem?

EIXO 4: CULTURA

- 1- Você conhece a lenda da grande cobra que vive no fundo da Lagoa? Sim () Não ().
Relate-me um pouco sobre ela.
- 2- Você conhece outras lendas? Sim () Não (). Quais?
- 2- Como a população do Sítio Arisco ou Bairro São José comemoram a festa junina?

EIXO 5: INFRAESTRUTURA

- 1- O açude deste local é suficiente para suprir as necessidades da população? Sim () Não ().
Justifique.
- 2- A prefeitura promove alguma ação que contribui para a extinção da escassez de água no Sítio Arisco? Sim () Não (). Qual?
- 3- Quais as ações que poderiam ser realizadas para melhorar o sistema de abastecimento de água no local? Existe algum projeto sobre esta temática?
- 4- Como é a estrada principal que dá acesso ao local via Lagoa de Dentro? Você acha que algo deveria ser feito para melhorá-la? Sim () Não (). Justifique.
5. Sempre houve energia no Sítio Arisco? Sim () Não (). Descreva.

EIXO 6: PRECONCEITO

- 1- Algumas pessoas do centro urbano apresentam certo “preconceito” com esta região. Você

concorda com esta afirmação? Sim () Não (). Explique.

2- Você, em algum momento, já sofreu preconceito por morar nesta localidade? Explique se possível.

3- Já sofreu outros tipos de preconceito? Sim () Não () Cite-os.

EIXO 7: SAÚDE

1- Existe alguma unidade de saúde no Sítio Arisco? Sim () Não ().

2- Como ocorre o atendimento à população?

3- Existe alguma praga que assola ou assolou a região? Sim () Não (). Como se procedeu ou está se procedendo o tratamento? A unidade de Saúde tomou alguma atitude para o combate de tal praga?

EIXO 8: VIOLÊNCIA

1- Qual é o índice de violência na localidade?

2- Você acha que o “trecho” Lagoa de Dentro/ Sítio Arisco é propício à violência? Sim () Não (). Por quê?

3- Houve algum acontecimento violento que marcou este lugar? Sim () Não (). Relate-o.

EIXO 9: BRINCADEIRAS

1- Quais são as principais brincadeiras realizadas pelas crianças da comunidade?

2- As brincadeiras atuais são iguais as de antigamente? Sim () Não (). Justifique.

3. Antigamente, todas as crianças brincavam juntas, ou havia separação por sexo e faixa etária?

EIXO 10: EDUCAÇÃO

1. Quantas escolas existem no Sítio Arisco?

2. Os alunos precisam pegar algum transporte para chegar à escola? Sim () Não (). Descreva,

se possível, este processo.

3. Você frequentou alguma escola? Sim () Não () Há quanto tempo deixou de frequentá-la? Você sente alguma carência por não ter estudado mais? Gostaria de voltar a estudar novamente?

EIXO 11: FAMÍLIA

1. Quantas pessoas moram em sua casa? Quantas crianças?
2. A renda é suficiente para manter a sua família? É necessário, que as crianças trabalhem juntamente com os pais, para manter a casa?

EIXO 12: LAZER

1. Existe alguma atividade de lazer neste local? Sim () Não (). Quais?
2. O que você acha que deveria ser "implementado" no local, para o lazer da população? Como deveria ser realizado?

EIXO 13: LEITURA

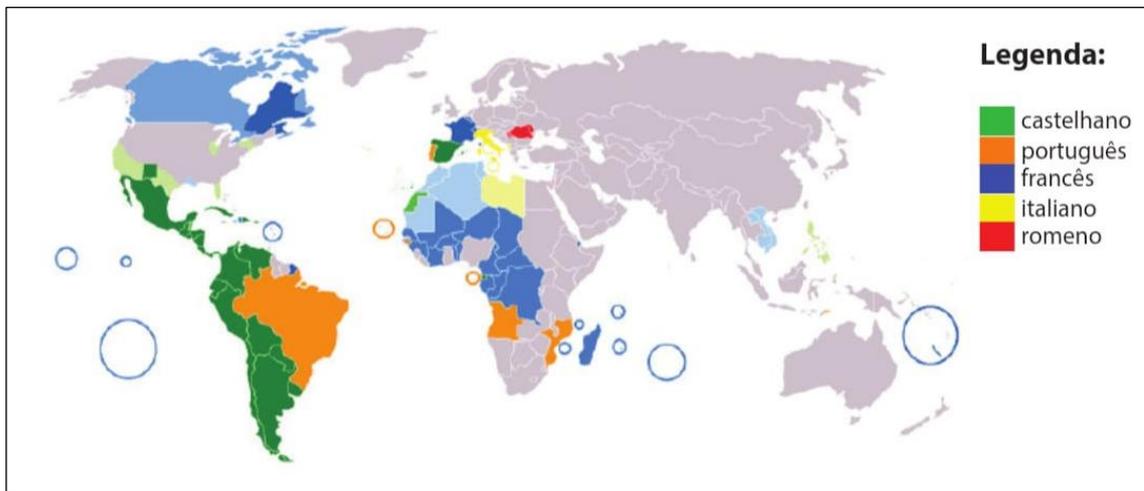
1. Você sabe ler? Sim () Não ().
2. Qual é a sua relação com o livro?
3. Existe alguma ação que poderia ser realizada para melhorar a leitura da população? Quais?

EIXO 14: MÚSICA E RITMO

1. Qual é o ritmo predominante no local? Por quê?
2. Qual é o cantor (a) que você mais se identifica? Explique.
3. Qual é a diferença entre as músicas de antigamente e as atuais? Quais você “curti” mais.

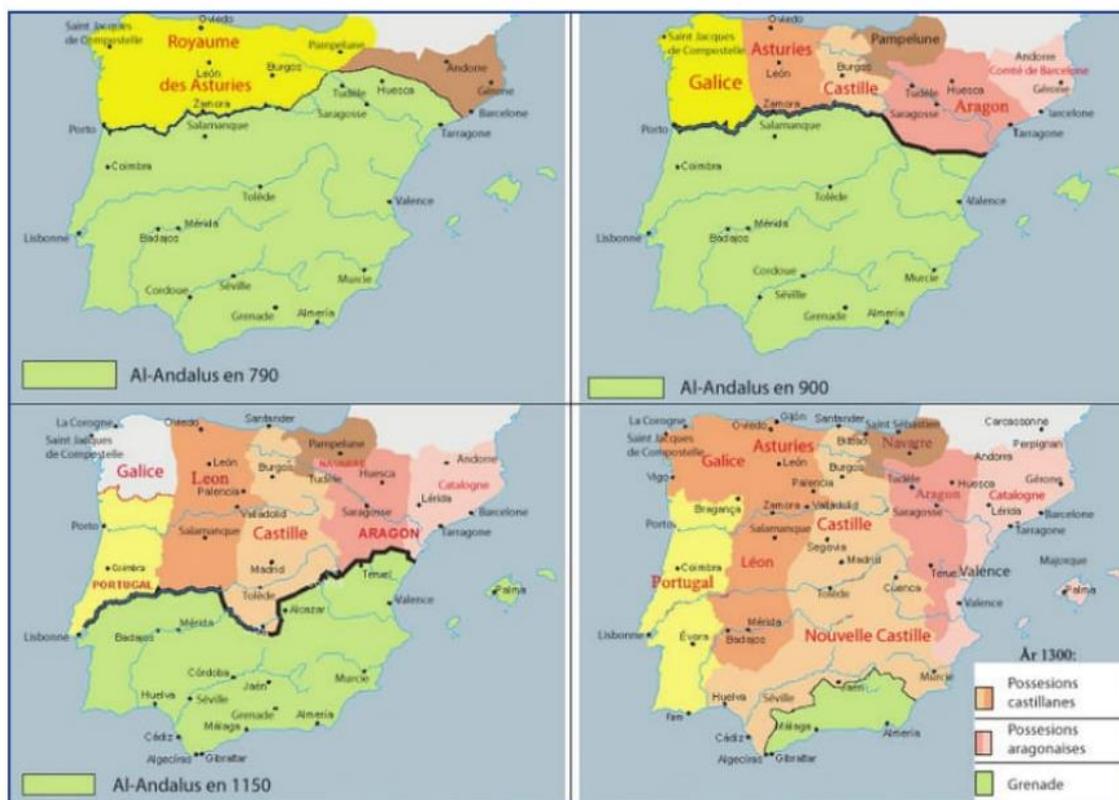
EIXO 15: NATURALIDADE

- 1- Há quanto tempo você mora neste local?
- 2- O que o levou a viver neste lugar?
- 3- Você gosta desta localidade? Sim () Não (). Justifique.
- 4- Relate-me os pontos positivos e negativos do Sítio Arisco.

ANEXO A – MAPA: DISTRIBUIÇÃO DAS PRINCIPAIS LÍNGUAS ROMÂNICAS

Fonte: Dias e Higinio (2015. p.11).

ANEXO B – MAPA: CRONOLOGIA DA RECONQUISTA



Fonte: Dias e Higinio (2015, p.15).